Cândido M. S. Rondon



Cândido Mariano da Silva Rondon

ÍNDIOS DO BRASIL
DAS CABECEIRAS DOS RIOS XINGU, ARAGUAIA E OIAPOQUE

TOMO II

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL | 254-B

SENADO FEDERAL 

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como marechal Rondon (Santo Antônio de Leverger, MT, 5 de maio de 1865 – Rio de Janeiro, Distrito Federal, 19 de janeiro de 1958), foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro, famoso por sua exploração do Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental e por seu apoio às populações indígenas brasileiras. Descendente de portugueses e espanhóis miscigenados com guanás, indígenas da região, por parte do pai, e da mãe descendente de bororos e terenas.

Um dos maiores sertanistas brasileiros, senão o maior e mais famoso, integrou-se inteiramente à sua formação militar desde a adolescência, galgando na carreira todos os postos, até o mais elevado, marechal.

Pela segurança e competência com que construiu, pelas selvas de Mato Grosso, as linhas telegráficas brasileiras, foi encarregado de estendê-las pela Amazônia adentro. Descobriu o rio Juruema (afluente dos Tapajós) e estabeleceu contato estreito com os nambiquaras. Em 1909 iniciou sua mais longa expedição, até o rio Madeira.

Acompanhou o militar e político norte-americano Theodore Roosevelt em busca do chamado rio da Dúvida (hoje rio Roosevelt).

Rondon foi quem concebeu a criação do Serviço Nacional de Proteção aos Índios, do qual foi o primeiro presidente.

Cândido Mariano da Silva Rondon morreu aos 92 anos, em janeiro de 1958, no Rio de Janeiro, deixando uma legenda de glória em relação a possíveis confrontos com os índios:

**"Morrer se for preciso;
matar, nunca!"**

A história deste livro tem uma ligação muito forte com a família de Kurt Krakauer, autor das ilustrações de capa de *Os índios do Brasil*. Judeus refugiados da Segunda Guerra obtiveram cidadania brasileira por interseção direta do marechal Rondon, pelo envolvimento desinteressado na elaboração desta obra.

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Obras sobre a Amazônia e o Centro-oeste publicadas pelo Senado Federal

- Cândido Mariano da Silva Rondon. *Missão Rondon*.
- Alfred Russel Wallace. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*.
- Marcos Carneiro de Mendonça. *A Amazônia na era pombalina*.
- Nelson de Figueiredo Ribeiro. *A questão geopolítica da Amazônia, da soberania difusa à soberania restrita*.
- Paul Walle. *No Brasil, do rio São Francisco ao Amazonas*.
- Euclides da Cunha. *Um paraíso perdido: ensaios amazônicos*.
- Gilberto Paim. Amazônia ameaçada. *Da Amazônia de Pombal à soberania sob ameaça.*
- Jarbas Passarinho. *Amazônia, patrimônio universal?*
- A. Gonçalves Dias. *Viagem pelo rio Amazonas: cartas do "Mundus Alter".*
- Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg. *Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão.*
- Raimundo Morais. *O meu dicionário de cousas da Amazônia.*

Cândido M. S. Rondon



Ilustração de Kurt Krakauer
* Dezembro, 1921 – Agosto, 2007

Índios do Brasil

Edições do Senado Federal – Vol. 254-B

Índios do Brasil

das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque

Volume II

Cândido Mariano da Silva Rondon



Brasília – 2019

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 254-B

Organização e Revisão: Joaquim Campelo Marques
Editoração eletrônica: Cintia Barbosa dos Santos,
Ingrid Viviane Rodrigues Martins Machado e
Renata Gomes Chilano Decaro
Ilustração de capa: Kurt Krakauer

Projeto gráfico: Serviço de Multimídia do Senado Federal (Semid)

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
cedit@senado.gov.br
http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm

ISBN (obra completa): 978-85-7018-949-3
ISBN: 978-85-7018-951-6

Rondon, Marechal, 1865-1958.
Índios do Brasil / Cândido Mariano da Silva Rondon. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.
3 v. : il. 328 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 254 A-C)

Conteúdo: v. 1. Índios do Brasil do centro, noroeste e sul do Mato Grosso – v. 2. Índios do Brasil das cabeceiras do Rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque – v. 3. Índios do Brasil do norte do Rio Amazonas.

1. Índios, Brasil. 2. Índios, usos e costumes, Brasil. 3. Arte indígena, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 980.41

Sumário

Índios do Brasil

SOB ESTE TÍTULO começarão a ser publicadas, oficialmente, as fotografias dos nossos índios e de assuntos que lhes dizem respeito, obtidas no sertão do Brasil por vários serviços em que colaboramos e por outros cuja direção nos foi confiada, em épocas diversas, desde 1890 até o presente momento.

Do numeroso arquivo que vimos religiosamente amealhando, através de mais de meio século de intenso trabalho, em que tão ajudado fui por uma plêiade de oficiais do Exército e pessoal civil, todos vibrantes de entusiasmo cívico pela Causa Indígena, pelo progresso de nossa pátria e pelo bem da Humanidade – teremos oportunidade de escolher a mais expressiva documentação daquela espécie, iniciando a reprodução das fotografias que constituirão os três primeiros volumes desta importante e valiosa coletânea.

O *1º volume* conterá fotografias dos índios do Centro, do Noroeste e do Sul de Mato Grosso, distribuídos pelos seguintes grupos ou tribos, relacionados em ordem alfabética:

1 – Anuzê
2 – Ariqueme
3 – Ariti (Pareci)
4 – Bororo
5 – Cabixi
6 – Cadiuveo
7 – Caiuá
8 – Canoê
9 – Caripuna
10 – Caxiniti
11 – Cozárini
12 – Guató
13 – Ipoteuate
14 – Iranche
15 – Jaru
16 – Mamaindê
17 – Maçacá
18 – Navaitê
19 – Nenê
20 – Nhambiquara
21 – Parintintim
22 – Parnauate (Tupi)
23 – Pirarrã
24 – Quepiquiriuate
25 – Quiapure
26 – Rama-rama
27 – Salamãe
28 – Tacuatepe
29 – Tagnani
30 – Tauitê
31 – Terena
32 – Uaimaré
33 – Uamandiri
34 – Umutina
35 – Urumi
36 – Urupá

O *2º volume* será dedicado aos índios das cabeceiras do rio Xingu e dos vales deste rio e de seu formador – o Ronuro – bem assim dos rios Araguaia e Oiapoque, aí figurando os seguintes grupos ou tribos:

Rios Xingu, Ronuro e Teles Pires (Antigo Paranatinga)

1 – Anauquá
2 – Aueti (Tupi)
3 – Bacairi (Caraíba)
4 – Cajabi
5 – Camaiurá (Tupi)
6 – Meinaco
7 – Suía (Jê)
8 – Trumai
9 – Ualapiti
10 – Uaurá

Rio Araguaia

Carajá

Rio Oiapoque

1 – Banaré
2 – Caripuna
3 – Galibi
4 – Iarupi
5 – Oiampi
6 – Paricura

O *3º volume* abrangerá as tribos e grupos dos vales do rio Trombetas e seu afluente Cuminá: rios Jari, Negro e Branco e seu afluente Uraricoera (é) a saber:

Rio Cumiiná – Rio Jari

1 – Aparaí
2 – Pianacotó
3 – Tirió do Grupo Rangu-Piqui

Rio Uraricoera – Rio Branco

1 – Macu
2 – Macuxi
3 – Maiongom
4 – Taurepã
5 – Uapichana
6 – Xirianã

Rio Uaupés (afluente do rio Negro)

1 – Baré
2 – Deçana
3 – Tariano
4 – Tocano
5 – Tuiuca
6 – Uanana

Provém esta documentação fotográfica das comissões a que vamos referir-nos, o mais sumariamente possível.

São elas: todas as Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas no Estado do Mato Grosso, desde a primeira (1890), que ligou este estado à rede geral brasileira e que teve como emérito engenheiro-chefe o então major Gomes Carneiro, de quem nos honramos de ter sido ajudante e a quem substituímos nessa chefia, quando o grande soldado de dirigiu ao Estado do Paraná, para ali escrever uma das mais brilhantes páginas da nossa história militar, no cerco da Lapa, onde o herói invencível caiu morto, com as armas na mão, para só assim descansar da luta, depois de inscrever seu nome entre os dos nossos mais gloriosos generais!

Além deste primeiro contingente com que a República beneficiou nosso estado natal, desvanecemo-nos de haver chefiado todas as demais comissões que se encarregaram de estender até as principais cidades, vilas e fronteiras, a rede telegráfica terrestre de Mato Grosso, inclusive a última delas

(Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas) e de maior vulto e larga projeção em outros setores de atividade e progresso, aí compreendido o grave "Problema Indígena", que tivemos de resolver, ao penetrar nas zonas de sertão em que os nossos índios viviam livres do contato dos civilizados, tantas vezes prejudiciais à sua paz e à sua independência.

Ao terminarem os trabalhos desta última (1916) havíamos dotado Mato Grosso de 4.502,502 km de linhas telegráficas, assim então distribuídas:

1º Distrito Telegráfico –	1.283,639 km com 16 estações
2º Distrito Telegráfico –	1.433,195 km com 14 estações
3º Distrito Telegráfico –	1.785,668 km com 25 estações
SOMA..........................	4.502,502 km com 55 estações

Concomitantemente executáramos explorações e levantamentos que ascenderam a 50.000 km, aí incluídos os de vários cursos d'água da vasta área a que Roquette Pinto emprestou a denominação de *Rondônia*. Deste total destaco propositadamente a parcela que tocou ao período de 1907 a 1909, assim discriminado:

Expedição de 1907..................	1.781 km
Expedição de 1908.................	1.653 km
Expedição de 1909.................	2.232 km
SOMA..................................	5.666 km

Finalmente, apresentamos uma documentação captada pela extinta Inspetoria de Fronteiras (1934/8), cuja direção nos fora também confiada.

Pois bem, os álbuns fotográficos que ora nos foi permitido publicar, graças ao apoio do governo e à decisiva opinião de órgãos administrativos que os examinaram antes e os julgaram merecedores desta divulgação, abrangem todos esses trabalhos, ininterruptamente, desde 1890 até 1938. Cabem aqui, a propósito, os nossos agradecimentos ao presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (D.A.S.P.), em boa hora criado e confiado à competência do Sr. Luís Simões Lopes, bem assim às autoridades dos Ministérios da Agricultura e da Fazenda; àquele presidente, principalmente, que, convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, compareceu prontamente e decidiu empenhar seu incontestável prestígio administrativo para que se transformasse em simpática realidade a vibrante e esclarecida proposta do ilustre vice-presidente do C.N.P.I., Dr. Edgard Roquette Pinto, quem primeiro aventara tal medida, por necessária e inadiável.

*

Deste exórdio que nos esforçamos em reduzir ao mínimo de palavras, se depreende que possuímos fotografias que foram batidas no meio das selvas há mais de 50 anos, isto é, ao tempo em que a arte fotográfica não havia atingido o adiantamento que hoje apresenta e que entanto simplifica o volume e o peso do material a isto destinado, assim como os processos de obtenção dos negativos e sua impressão em positivo, com as facilidades das ampliações, ora tão aperfeiçoadas.

Além disso, cumpre lembrar o esforço que, na maioria dos casos, representa a documentação fotográfica através dos sertões brutos. Pesados pacotes, então, de chapas de vidro que escapavam de se desfazerem em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia de cachoeiras e corredeiras, onde

tantas canoas, materiais e vidas preciosas ficaram para sempre sepultados, era quase por milagre que chegavam aos nossos gabinetes fotográficos nas cidades!

Ainda mais, fora preciso numerosas vezes que os artistas fotógrafos carregassem eles próprios os pesados e preciosíssimos negativos e outros materiais indispensáveis, imitando dedicações estoicas como aquela de um Alípio de Miranda Ribeiro, de físico frágil, mas de sublimada energia moral para suportar às próprias costas os espécimes zoológicos por ele coligidos no sertão, quando não havia mais animais de carga, nem soldados e civis disponíveis para esse transportes de carga – absolutamente considerada secundária – no crítico momento em que as hostilidades do meio ameaçavam a própria vida dos expedicionários!

Nenhum exagero, portanto, representa o afirmar, neste bosquejo incolor, mas expressivamente verídico, que muitas destas fotografias agora folheadas tranquilamente em ambientes civilizados e oferecidas aos estudiosos da ciência e aos concidadãos que se interessam pelas coisas essencialmente brasileiras e olham com simpatia o "problema do índio", custaram muita abnegação, muito esforço patriótico, muito suor, muito cansaço e quiçá também o sangue e a vida de patrícios nossos, para que ora as pudéssemos contemplar e comentar, acomodados em compartimentos confortáveis.

*

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes, encontram-se fotografias de índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos bandeirantes – como é o caso típico dos aritis, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de parecis pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Ariti", conforme verificamos, estudando a sua língua e os seus costumes – assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os nhambiquaras, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que transcrevemos a fls. 49 de nosso modesto trabalho: "'Etnografia' – Anexo nº 5 – Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas", no qual tratamos resumidamente dos aritis e dos nhambiquaras (edição há muito inteiramente esgotada).

*

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se for preciso; matar, nunca!"

Estão nestas condições os quepiquiriuates; os dois grupos tupis: parnauate e tacuatepe; os umutinas, os pirarrãs (parintintins); os pianacotós e rangu-piquis; maiongons; xirianãs; urumis; ariquemes; jarus; urupás.

*

Não foram isentas de perigo, como já insinuamos, as nossas incursões em território de várias Nações Brasilíndias, como vamos ligeiramente recordar, citando alguns casos concretos:

a) A Expedição ao rio Jaci-Paraná (1909) foi atacada por um grupo de índios caritianas, do que resultou a morte de um remador e ferimentos do médico da turma e da nossa Marinha, dr. Paulo Fernandes dos Santos, e de outro remador. De várias publicações – entre as quais citamos com prazer os livros da autoria do atual secretário do C.N.P.I., cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães: *Impressões da*

Comissão Rondon e *Pelos sertões do Brasil* – consta minuciosamente a descrição deste episódio, em que os índios caritianas, confundindo o médico com um seringueiro Minervino, que os atacara, a bala, no rio Branco do Jaci-Paraná, promoveram essa represália, dirigindo-a exclusivamente contra a pequena canoa que conduzia a mira graduada para as visadas do levantamento, a luneta Lugeol e a bússola, embarcação em que viajava o dr. Paulo. Não ofenderam em nada, quer o grande batelão da vanguarda, quer a última canoa em que iam os engenheiros-militares: o saudoso cap. M. T. Costa Pinheiro e o então 1º ten. Amílcar A. Botelho de Magalhães.

b) Eu próprio e as minhas turmas de exploração de 1907 e 1908 fomos duas vezes violentamente agredidos a flechadas, pelos altivos guerrilheiros nhambiquaras, às margens do famoso rio Juruena. Nos livros acima citados e no 1º volume do meu Relatório Geral (Publicação nº 1 da Com. L. T. Estr. Mato Grosso ao Amazonas) estão descritos estes dois episódios, dos quais, infelizmente, não provieram nem ferimentos nem mortes!

c) No curso da "Expedição de 1909" tivemos de acudir apressadamente ao soldado Rosendo, flechado por nhambiquara, atocaiado na mata da Canga, por trás do tronco secular que fez jus ao cognome de "pau gigante", com que ficou conhecido entre os expedicionários.

d) Os então 1º ten. Nicolau Bueno Horta Barbosa – o dedicado ajudante e provecto engenheiro-militar, primaz na constância de sua colaboração nos trabalhos do sertão, o qual ainda hoje, como tenente-coronel da reserva do Exército, convocado, presta serviços inestimáveis como chefe da Inspetoria de S. Paulo e do sul de Mato Grosso – e aspirante a oficial Tito de Barros – ora oficial superior da mesma reserva – ambos no exercício de funções concernentes à construção da linha telegráfica entre as estações e Juruena e Nhambiquaras, foram flechados pelos índios desta última denominação, em pleno peito. Fiel ao nosso lema, o tenente Nicolau, comprimindo o ferimento donde brotava abundante, tão generoso sangue brasileiro, não consentiu de modo algum que perseguissem nem atirassem contra os selvícolas e, ao contrário, mandou empilhar presentes, destinados aos agressores, no próprio local em que eles o hostilizaram!

e) A turma exploradora do rio Ananás, cujos trabalhos foram iniciados em 1º de março de 1915, sob a chefia do 2º ten. Francisco Marques de Sousa, foi rudemente combatida por índios que supomos pertencer à tribo dos araras, que, de surpresa, a atacaram no dia 29 de maio daquele ano, vitimando o abnegado oficial e o hábil fabricante de canoas Tertuliano Ribeiro de Carvalho, carpinteiro e capataz da referida turma.

*

Bastam estes exemplos, supomos, para comprovar a afirmativa que avançamos e a aplicação que têm tido, no domínio da prática, os métodos que – fiéis aos conselhos do grande estadista José Bonifácio de Andrada e Silva – adotamos nas nossas relações com as tribos indígenas de nossa pátria.

*

Além das fotografias que interessam ao índio e seus costumes, incluímos algumas que reproduzem aspectos notáveis dos sertões que palmilhamos, como os saltos e as cachoeiras, morros, matas, etc., bem assim as de estações telegráficas e outras construções que ali realizamos.

Particularmente, quanto a certas tribos e grupos ameríndios, teremos ainda oportunidade de expor, ao abrir os álbuns em que eles figuram, o mais sinteticamente possível, passagens que interessam a nossa atuação perante eles e referir episódios característicos, ocorridos no decorrer de providências para anular a sua aversão aos civilizados.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro, 10 de março de 1944.

Cândido Mariano da Silva Rondon
General, presidente do C.N.P.I.

Outras tribos do II volume dos álbuns Índios do Brasil

ALÉM DAS APRECIAÇÕES já feitas a propósito da vida e dos costumes de vários grupos e tribos indígenas, cujos indivíduos e cenas de seus ritos figuram no II Volume dos álbuns fotográficos: *Índios do Brasil* (Publicações de nº 97 a 99 inclusive) – faltam-nos tratar, embora perfunctoriamente, dos que se seguem:

1-2 – Índios carajás e javaés do rio Araguaia.

3-4 – Índios canelas e guajajaras – de Barra do Corda, no Maranhão.

5 – Índios gaviões, do rio Tocantins, entre Piabanha e Carolina, que ficam à margem deste importante caudal – aquela, em pleno Estado de Goiás e esta no Maranhão.

6-7 – Índios benarés ou banarés e Iarupi – do rio Oiapoque.

8 – Os paricurás do rio Urucaua.

9 – Os caripunas do rio Curupi ou Curipi.

10 – Os galibis, do rio Uaçá.

11 – Os crenaques do Espírito Santo.

12 – Auetis ou Auetês
13 – Camaiurás
14 – Meinacos
15 – Suiás
16 – Trumães
17 – Ualapitis
18 – Uaurás

} Todos do vale do rio Xingu e do Estado de Mato Grosso.

De conformidade com a resolução tomada pelo exmº sr. general Cândido M. S. Rondon, presidente deste Conselho, as notas mais essenciais sobre os carajás e javaés serão organizadas pelo sr. conselheiro dr. Boaventura Ribeiro da Cunha, digno descendente de selvícolas das regiões banhadas pelo Araguaia, distinto professor do Externato Pedro II e que conviveu longamente com estas tribos, colhendo vocabulários; colecionando e interpretando lendas e ritos de suas religiões, e tradições ancestrais; apanhando a letra de seus cânticos e fazendo-os reproduzir em coros, por grupos de alunos deste Instituto nas festas cívicas realizadas nesta Capital – notas que vão adiante publicadas.

Semelhantemente, confiou o exmº sr. general Rondon à reconhecida capacidade técnica do dr. José Malcher da Gama, a organização das notas relativas às demais tribos acima citadas sob número 3 a 10, inclusive notas que também constam da presente exposição e que vão assinadas pelo operoso e dedicado Inspetor da I. R. 2, com sede na capital do Estado do Pará.

Finalmente, tocou-me nesta distribuição de matéria tão interessante, trazer para estas páginas algo concernente às tribos dos gaviões (nº 5) e dos crenaques (nº 11), bem como às dos xingus (nº 12 a nº 18, inclusive), segundo as nótulas que se seguem.

A zona que já assinalamos para o habitáculo da tribo dos índios gaviões – descendente da grande nação primitiva dos jês, a que pertencem também os botocudos, segundo a classificação do sr. general Rondon, em seu importante trabalho, inserto na Publicação nº 92 – compreende as margens do Rio Tocantins e abrange uma larga faixa territorial entre os paralelos de 7º e 10º de latitude sul, dentro da qual se contam inúmeras povoações interiores do nordeste goiano e do ocidente maranhense.

O desconhecimento da verdadeira índole destes injustiçados brasilíndios como aliás é comum em tantos outros casos, bem como as tremendas injustiças, de que são vítimas e que, naturalmente, incrementam reações e revides, são as principais causas do temor que os índios dessa tribo despertam nessas populações sertanejas.

Entretanto, como concluíram cientistas estudiosos e sensatos viajantes daqueles sertões, contradizem formalmente a fama de selvajaria que se lhes atribui gratuitamente as judiciosas observações que colheu, em contato com eles, em plena selva, o saudoso e provecto engenheiro militar Pedro Ribeiro Dantas*, – quer no Maranhão, onde dirigiu a antiga Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios, quer em Goiás, ao tempo em que chefiou uma expedição aos rios Araguaia, das Mortes e Xingu, como oficial da Comissão Rondon.

Os índios gaviões não usam canoas e não conhecem embarcações, conquanto suas tabas se estendem por terras ribeirinhas. Em certa época do ano, costumam atravessar a mesopotâmia Tocantins-Araguaia, justamente no ponto em que os dois cursos d'água se aproximam de cerca de 100 km contados sobre o paralelo de 8º30' aproximadamente, o qual incide o Araguaia no ponto em que se alteia Conceição. Tais excursões visam principalmente a caça das tartarugas e de seus ninhos de ovos, nas praias arenosas do Araguaia.

Pois bem, para que se faça uma ideia nítida das boas tendências desses amerabas, vamos transcrever um episódio narrado pelo sr. general Rondon em sua conferência pronunciada, perante o Congresso da Geografia reunido em Belo Horizonte, no ano de 1920.

"…. Ora, em outubro de 1917, o capitão Pedro Dantas vinha de Conceição, com algumas canoas e um batelão, navegando águas acima. As suas tripulações tinham como certo que não poderiam escapar a um encontro com os gaviões, e temiam essa eventualidade, como se fosse o risco mais calamitoso de quantos jamais as pudesse ameaçar.

"No meio de tão graves apreensões entrou a minúscula flotilha numa corredeira, onde as águas enfurecidas entorpeciam-lhe a marcha e faziam redobrar a faina dos já fatigados barqueiros.

"De repente, da margem próxima, levanta-se enorme brado, formado de muitas vozes humanas unidas em um só grito; e as praias de areia branca cobrem-se de largas manchas rubras, movediças e agitadas como ondas erguidas num mar tempestuoso. E as matas, que despejavam essas manchas na alvura das praias, alimentam-nas incessantemente, fazem-nas crescer, estender-se até que os intervalos entre duas, três e mais, desaparecem, tornando-as uma vaga avermelhada, contínua e ululante.

"Eram os gaviões, os temidos gaviões daqueles sertões!

---

* Anos depois falecido, bem moço ainda, no posto de major da arma de Engenharia.

"Mas, o coração do distinto oficial, a quem eles davam a vista de tão magnífico espetáculo, desconhece o medo e nunca perde a confiança na índole, fundamentalmente bondosa, dos, como ele, filhos desta terra querida. Ao batelão em que se achava embarcado, mandou atracar uma das menores canoas e para ela se passou, com alguns machados e outras ferramentas, de que, dada a boa vontade do momento, a expedição pôde, sem inconveniente, privar-se; além de várias peças de roupa apressadamente cedidas pelos camaradas e barqueiros. Isso feito, dá ordem aos três homens que estão com ele na canoa, que aproem e remem para a praia!

"Temeridade? .... Talvez; porém, mais certo ainda é que se diga generosidade, e generosidade de peito brasileiro, aplicada em que se confraternizar com brasileiros, qualquer que seja o céu que os tenha visto nascer, qualquer que sejam as crenças que lhes povoem os cérebros, e até mesmo, qualquer que seja a língua em que exprimam o seu amor por algum torrão do Brasil e o seu embevecimento pelos astros que embelezam o nosso firmamento profundo, altíssimo e luminoso.

"A canoa aproximava-se das praias avermelhadas de homens nus, possessos do terrível furor guerreiro; e os que iam nela, só levavam instrumentos de paz e trabalho; arma, nenhuma!

"Isto se dava num dos mais ásperos e bravios sertões do Brasil, no ano de 1917, entre brasileiros descendentes dos invasores e conquistadores subsequentes a Cabral, e brasileiros da raça primária, subjugada, conquistada e quase aniquilada.

"No mesmo instante, lá na Europa, o canhão reluzente, alimentado com infinitos cuidados, como um deus implacável e exigente, estrugia raivoso; e o incêndio, os gazes, as águas e até o céu, derramavam a morte, a destruição gigantesca, sobre cidades, populações e países; e milhões de bocas famintas vomitavam maldições, imprecações, de ódios seculares!

"Oh! Brasil, Pátria idolatrada! Quem pode deixar de te adorar quando uma vez te viu tal qual tu és, despido das deformidades sobre ti lançadas pelos véus de uma literatura vesga, sem alma, que de ti fala sem te conhecer; de uma ciência falsa e leviana, que te julga sem te compreender; e de uma fé impotente, que malsina sem te amar em toda a plenitude de tua vigorosa juventude, em marcha ascendente para o estado de equilíbrio e de unidade, que há de caracterizar a tua maturidade?

"Os índios, ardendo de impaciência, já entram pela água, como se quisessem ir ao encontro da canoa. Alguns, mais afoitos, lançam-se a nado e aproximam-se dela. O capitão Dantas e seus companheiros, veem-se obrigados a entregar ali mesmo alguns machados e facões, na esperança de diminuir a chusma dos que pretendiam entrar na embarcação. Porém, o número dos que porfiam por serem os primeiros, recresce a cada instante; e todos agarram-se nas bordas do insignificante barco, que, cedendo ao peso, emborca e despeja no rio homens e cargas.

"Os índios, a essa vista, ficam desolados. Ajudam a repor a embarcação a nado; para ela sobem, de novo, o oficial e seus homens.

"A gente era muita, e os presentes quase nada. Volta o oficial ao batelão; pede, roga a todos que vê, que se desfaçam de tudo quanto possuem, contanto que haja alguma coisa mais para dar aos índios, que continuam a vozeria na praia.

"Reúne-se novo carregamento. Milagre inaudito, porém não superior às forças de brasileiros; das mãos de homens rústicos, necessitados de tudo, obtêm-se dádivas e mais dádivas! Mas se até houve quem tirasse a roupa que vestia e a entregasse! E isso em pleno sertão, onde não havia como adquirir outra que a substituísse.

"Com a carga preciosa, o capitão embica outra vez para a praia; já próximo repete-se a cena anterior; a canoa é alagada. Porém, agora pisam todos a terra firme e entram no meio da multidão que os acolhe como amigos. Os índios também presenteiam; o capitão Dantas ganha um bonito arco.

"Ali estavam, pois, os gaviões, e, entre eles, alguns desses barqueiros do Araguaia, parte dessa população de civilizados que se retrai de pavor ouvindo e contando histórias imaginadas para retratar a índole feroz do mísero selvícola!

"Mas, tão odioso epíteto de feroz, quando afinal, o deixaremos de encontrar ligado aos nomes das nações de selvícolas de nossa pátria?

"Injustamente se o aplicava não faz muitos anos, aos caigangues de São Paulo, que, no entanto, há já quase nove anos se revelam tão humanos, desde que a Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios deu o exemplo de os procurar, por processos humanos; o mesmo se dizia dos jauaperis, do Amazonas; dos botocudos, de Santa Catarina; dos barbados, dos nhambiquaras e de muitos outros de Mato Grosso, que todos são agora nossos amigos, pois nós os fomos buscar como amigos e os tratamos como irmãozinhos, cujas forças ainda se estão ensaiando, e não como feras ou homens degredados.

"Nem mesmo os valorosos filhos deste glorioso Estado, nascido nas florestas do rio Doce, os dizimados aimorés, nem mesmo eles poupados, mas tiveram que carregar, durante séculos, e talvez ainda carreguem, o terrível labéu de ferozes.

"No entanto, em 1911, ao alvorecer do Serviço de Proteção, bastou a boa vontade, o civismo, a fé viva na identidade da natureza humana do índio com a nossa, bastou existir isso na alma de um brasileiro, o engenheiro militar Antônio Estigarríbia Martins, para que, sem maior demora se verificasse mais uma vez a enorme injustiça da acusação. De fato, naquele ano, eles aceitaram a amizade que lhes foi oferecer o então tenente Estigarríbia, ido para tal fim às suas formidáveis florestas, com aquele espírito e aquela resolução de que vos procurei dar uma ideia contando os encontros do capitão Dantas com os carajás e os gaviões; e desde então, até este momento, jamais eles quebraram as suas promessas de paz; ao contrário, as têm praticado nas relações constantes, ininterruptas, que mantêm com os empregados da Inspetoria do Serviço de Proteção.

"Nós, que os fomos procurar no fundo das florestas para pedir-lhes que depusessem o arco vingador, nós, sim, estamos em dívida para com eles, porque ainda neste momento não lhes demos o apoio da lei que visávamos, com a nossa intervenção, substituindo ao das armas, para assegurar-lhes a propriedade da terra em que assentam as suas malocas e as suas lavouras, e onde procedem a suas caçadas.

"Tão grave anomalia, parece, no entanto, que desaparecerá, em breve, ou antes, devemos considerá-la desde já como desaparecida, porque o governo de Minas acolheu com benevolência os pedidos do Serviço de Proteção e prometeu reservar na margem esquerda do rio Doce, subindo o Eme, terras bastantes para nelas viverem os atuais e futuros filhos da tribo dos crenaques, última relíquia da outrora pujante nação dos aimorés."

*

Quanto aos numerosos grupos indígenas espalhados pelo vasto leque de formadores do rio Xingu, já fizemos referências aos *anauquás*, ou *anahuquás*, ou ainda *nahuquás*, como grafou o general Rondon, na sua classificação linguística, onde considera esta tribo filiada ao ramo CARAÍBA ou CARIBE. Além destes índios, o dr. Edgard Roquette Pinto, assinala em seu importante livro, *Rondônia*, mais os seguintes, que figuram na sua "carta etnográfica"; *Arumá – Caiamo – Calapalo – Cuicuro – Custenau – Jaruma – Manitsauá – Naracuti* – assim como também inclui, na dita carta, todos os grupos já citados por nós linhas atrás.

Ao que nos consta, as primeiras informações de caráter científico publicadas sobre as tribos selvícolas no vale do Xingu, provieram das duas expedições de Von den Steinen, há cerca de meio século da era atual; expedições essas que se internaram em Mato Grosso em busca das cabeceiras daquele grande afluente do Amazonas e que exploraram e desceram os seus formadores: Batovi ou Tamitatoala e Jatobá-Ronuro-Steinen, da primeira vez, e Curisevu-Culuene, da segunda, para depois descerem o Xingu propriamente dito, até sua foz.

Posteriormente a Comissão Rondon, retomando os trabalhos de exploração e levantamento dos formadores do Xingu, assim como as pesquisas de ordem etnográfica e social, pela procura sistemática das diversas tribos ali existentes, captação cuidadosa de sua amizade e simpatia, assim como, em

auxílio de sua cultura pelo contato civilizado e pelo fornecimento de material e instrumentos de trabalho mais adiantados, tem enviado àqueles longínquos sertões várias expedições.

Em 1920 chefiou uma delas o capitão Ramiro Noronha, distinto oficial da Comissão Rondon, atual coronel do Exército e ora prestigioso governador do Território de Ponta Porã. O fundador do notável Posto Simões Lopes, cuja designação constituiu justa homenagem do general Rondon e do Serviço de Proteção aos Índios ao saudoso ministro da Agricultura, dr. Ildefonso Simões Lopes, e onde estão desde então nucleados os bacairis, na sua maioria, assim como selvícolas de outras tribos do Paranatinga e Teles Pires (Cajabi ou Caiabi) e do vale do Xingu – explorou e levantou as cabeceiras do Culuene; por este curso d'água, explorando-o e regressando, no desempenho de iguais trabalhos, pelos mais importantes de seus afluentes, o Curisevu, para remontar ao chapadão do Paranatinga. Durante esta longa travessia, manteve sempre contato amistoso com todas as tribos por onde passou, distribuindo-lhes brindes, especialmente levados para tão humanitário quanto utilíssimo fim, pertinente à evolução social dos nossos índios. Colheu também vocabulários de todos esses grupos indígenas, cujas malocas visitou pessoal e pacientemente. Destes vocabulários, serão agora publicados os que não se extraviaram na voragem da crise que assoberbou a Comissão Rondon em 1930 e da qual resultou a inutilização iconoclasta e o extravio de documentos inéditos, trazidos do sertão com tanto esforço e dedicação!

Em 1924, outra expedição chefiada pelo capitão Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos, agora coronel da Reserva de 1ª classe do Exército e ex-diretor do Serviço de Proteção aos Índios, explorou e levantou, descendo-os, em duas turmas, os rios Ronuro e Jatobá até as três fozes formadoras do Xingu (Steinen, Tamitatoala e Culuene); para regressar, ao arrepio das correntes, pelos rios Culuene, Curisevu e subafluente Arame. No desempenho de sua dupla missão, Vasconcelos imiscuiu-se prazerosamente nos grupos indígenas dos *auetis, camaiurás, meinacos, suiás, ualapitis* e *uaurás,* visitando-os em suas próprias malocas e brindando-os com as nossas utilidades civilizadas.

Esta histórica expedição está descrita, com vivo colorido, em tópicos dedicados aos usos e costumes dos nossos selvícolas, na Publicação nº 90, da Comissão Rondon, a sair do prelo brevemente, sob os auspícios deste Conselho. Nela está incluído o relatório dos serviços fotocinematográficos e foto-antropométricos da expedição, os quais estiveram a cargo do capitão Luís Tomás Reis.

"Finalmente, uma equipe cinefotográfica sob a direção do sr. Harald Schultz, com finalidades etnográficas, sob a orientação técnica do sr. general Rondon, em três anos consecutivos (1942-1943-1944) fez incursões pelo vale do Xingu, utilizando-se dos rios Curisevu e Culuene, para sua descida e para o regresso, pelas mesmas vias fluviais. Levada sua aparelhagem até o Posto Simões Lopes, pela deficiente estrada de rodagem que liga Cuiabá ao chapadão do Paranatinga e iniciados os trabalhos de penetração, regressou Schultz a Cuiabá, a fim de se dirigir ao alto Paraguai e ali prosseguir nos estudos de que o encarregara o sr. general Rondon junto à tribo dos umutinas, ficando o seu lugar-tenente, o cinematografista Nilo de Oliveira Veloso, responsável pela turma do Xingu. Foram assim visitadas várias aldeias e estiveram os nossos serventuários em contato com os índios *camaiurás, meinacos, anauquás, cuicuros, trumães, auetis, uaurás* e *ualapitis.*

"Foram colhidos, por Nilo, pequenos vocabulários dos *camaiurás, meinacos, anauquás* e *ualapitis*, e trazidos do sertão inúmeros artefatos indígenas, todos relacionados, com a designação da tribo de que provinham, do nome indígena e da sua aplicação.

"Só na incursão de 1943, esta subturma fotocinematográfica produziu a seguinte documentação, recolhida aos arquivos da equipe cinefotográfica, provisoriamente instalados em porões do Instituto Benjamim Constant e ora sob a autoridade do diretor do Serviço de Proteção aos Índios:

"4.000 metros de filmes comuns
"150 metros de filmes em tecnicolor c/16/mm
"2.000 fotografias em negativos

"300 fotografias em colorido natural
"50 discos com gravações de sons, inclusive de vocabulários

Embora a semelhança dos costumes de todas essas tribos do Xingu pareçam irmanar os seus tipos étnicos, já pela quase uniformidade da estatura média (exceto talvez as mulheres dos anauquás, as quais apresentam geralmente estaturas mais elevadas) ou pouco acima da mediana; a maneira pela qual costumam cortar os cabelos, lisos e grossos, como de todos os selvícolas; os dispositivos de seus ranchos nas diferentes aldeias; e outras minudências; o estudo de suas línguas revela desde logo notáveis divergências, conforme a filiação que a estes grupos atribui a classificação do general Rondon e que abaixo exibo:

Os *anauquás* (*anahuquá* ou *nahuquá*) – filiam-se aos CARAÍBAS.

Os *auetis* (ou *autê*, segundo Roquette Pinto) e os camaiurás – filiam-se aos TUPI-GUARANIS.

Os *meinacos*, os *ualapitis* (ou *uaulapitis* ou *jaulapitis*, conforme prefere Roquette) e os *uaurás*, têm origens nos ARUAQUES.

Os *suiás* – estão classificados entre os JÊS como os BOTOCUDOS.

Conquanto as alianças e as lutas sejam inerentes a quaisquer coletividades humanas, organizadas em povos e nações, não importando o grau de civilização a que tenham atingido, na zona do Xingu reina entre tão numerosas tribos habitualmente a harmonia. Visitam-se periodicamente os diversos clãs e uns comparecem e tomam parte em festins que outros promovem; assim como vivem em comércio caracteristicamente primitivo (em que pese às doutrinas de Augusto Comte, fundador do Positivismo...), em constantes trocas de mercadorias; assim, os camaiurás, cujo habitáculo se caracteriza pela existência de extensos mangabais, fornecem os seus vizinhos de grandes carregamentos de mangabas, no tempo da colheita destes frutos silvestres; os uaurás são ali em toda aquela vasta redondeza os únicos que trabalham em artefatos de cerâmica, são os grandes industriais das panelas de barro cozido, com cujos produtos adquirem tudo quanto os demais povos xinguenses lhes possam oferecer à venda; os anauquás, valem-se dos perfumosos e saborosos pequis, que colhem das dadivosas árvores abundantes nas terras de seus domínios; os cuicuros levam ao mercado ambulantes dessas trocas de mercadorias, os ornamentos e os instrumentos feitos de conchas que afiam como navalhas, furam e dão formas artísticas, num paciente trabalho, mediante o atrito sobre pedras apropriadas. Quase todas as alianças visam o defenderem-se dos constantes ataques dos aguerridos caiapós e cajabis dos rios Paranatinga – S. Manuel ou Teles Pires, na conformidade da moderna cartografia da Comissão Rondon. Para fugirem a estes ataques foi que, por exemplo, os trumás, anteriormente aldeados às margens do Curisevu, internaram-se mais e foram estabelecer-se em terras banhadas pelo Culuene, onde, com todas as formalidades das respectivas chancelarias... assinaram um solene tratado de aliança com os camaiurás (1944)!

Foi nesse vale do Xingu que pereceram tragicamente, por desentendimento com os aborígines, o coronel Fawcett, do Exército da Inglaterra, seu filho Jack e o conde de Winton, quem se propunha a decifrar o enigma do desaparecimento do Fawcett e trazê-lo do sertão, vivo ou morto!

Em consequência, foi a mesma zona objeto de pesquisas incessantes, a última das quais constituiu a sensacional reportagem desenvolvida pelo jovem jornalista brasileiro Edmar Morel, que, ao regressar daquelas longínquas paragens, exibiu o filme de sua importante e especialíssima aventura e publicou o livro intitulado: *E Fawcett não voltou!* Entre outras de suas afirmativas, cumpre registrar a que se refere ao cacique Izarari, chefe supremo dos calapalos e que, por morte de Ialoique, tuxaua dos anauquás, o substituíra na elevadíssima função internacional de *Chefe Supremo das Tribos Xinguenses!*

Este fato confirma as observações que acabamos de expender, a propósito das tendências pacíficas desses selvícolas e da colaboração que mutuamente prestam uns aos outros, a ponto de sancionarem a eleição dum grande chefe provindo de qualquer dos grupos.

Daremos agora uma pálida ideia sobre a construção de suas habitações e sobre seus alimentos preferidos, trasladando para cá tópicos do relatório do cinematografista Nilo Veloso, atinente ao ano de 1943 e no qual descreve a aldeia dos camaiurás por ele visitada.

"... Quatro grandes casas de formas ovais, construídas em círculo, tendo a maior 30 metros de comprimento, 25 de largura e 25 de altura, toda coberta de buriti, cobertura que se prolonga até o chão e assim dispensa a construção de paredes. Dois grandes esteios servem de sustentáculos; em volta mourões de 1,50 m de altura; ripas feitas de varas, umas transversais e outras longitudinais amarradas entre si com cipós, formam o grande teto em forma de abóbada; nos esteios centrais são amarradas as redes, sendo a outra extremidade presa aos mourões; entre os mourões, ou seja, no centro da casa, há um espaço destinado ao trabalho da mandioca, para o preparo de beijus, farinha, etc. Vivem nestas casas 40 a 50 pessoas. Quando uma rede é colocada acima da outra, demonstra que ali dorme um casal; sendo a rede superior de tecido fechado, então o seu dono é um capitão.

"... Alimentam-se bastante durante toda a noite e, quase sempre, o peixe que é flechado durante o dia é assado e servido durante a noite. Panelas enormes, fervem constantemente a água da mandioca, para apurar o polvilho, e assim as casas ficam bastante quentes e esfumaçadas, pois as duas únicas portas que possuem são fechadas logo que o sol se põe. Uma coruja criada pelos índios encarrega-se da destruição dos insetos. Cabaças com pequi, cestos com artefatos pendem do teto.

"... Usam os índios flechas especiais para pescar e preferem as baías para suas pescarias. Grandes cercas são feitas, a fim de encurralar os cardumes. À noite eles enchem as canoas com palhas e acendem grandes archotes para atrair os peixes, que são assim facilmente flechados. Não usam o sal e preferem o peixe assado, o que fazem depois de aberto e limpo. Usam conchas para este preparo do peixe.

"O peixe é assado diretamente sobre as brasas ou entre dois paus fincados no solo. Excluem de sua alimentação pelos motivos já expostos, a pirarara e também o jaú. A mulher em estado de gravidez não come a piranha de cabeça vermelha e seu marido também se abstém daquele peixe durante o período de gestação da esposa, pois dizem fazer mal ao feto. Nenhum animal de pelo (capivara, porco, etc.) faz parte de sua alimentação. A farinha, o peixe, as aves, o mel, o gafanhoto, a formiga saúva, são grandemente apreciados pelos índios camaiurás. Têm uma preferência especial pela carne do macaco e perdem dias em caçadas deste animal; contudo, não comem o bugio. Entre as frutas, comem em grande quantidade mangabas."

Trasladaremos mais os seguintes trechos, do mesmo relatório, referentes ao casamento entre os camaiurás:

"O casamento é geralmente tratado pelos pais, enquanto a menina é pequena. Os pais do noivo dão ao pai da noiva, nessa ocasião, colares, panelas de barro, etc. Quando a menina passa a ser mulher, os cabelos são cortados, em forma de franja, e a futura esposa é recolhida, até que os cabelos cresçam e atinjam os lábios. Representantes das outras tribos são convidados para a festa. Peixe, beiju, mingaus de mandioca são servidos. Ao cair do sol as mulheres dançam o MARICUMATE. Todas pintam-se com urucum e ornam-se com listas em cores, onde predomina o preto. Têm uma faixa de cor amarela, feita de algodão, abaixo do ventre. Os braços entrelaçados, em passos lentos, ora para a frente, ora para trás, vão as mulheres cantando a uma só voz, uma infinidade de canções que, segundo me informou o cap. Maricá, lembram o casamento de cada uma.

"Terminada a dança, as redes dos nubentes, são armadas, uma sobre a outra. O homem deita-se na rede de cima, e a mulher na outra. Feito isto o *Capitão* solta o laço da rede superior, deixando-a cair. Está terminada a cerimônia. Em geral o casal passa a fornecer ao sogro toda a lenha de que precisa, e a trabalhar na roça, até que venha a nascer o primeiro filho ou filha. Se, no entanto, o casal não vier a ter filhos, depois de três anos, fica o homem com o direito de casar com mais uma mulher, a fim de que aumente a tribo. É comum o casamento de indivíduos dum grupo com os de outro, entre as diversas tribos do Xingu.

"Os camaiurás tratam de maneira fidalga seus hóspedes. Oferecem-lhes de tudo o que de melhor possuem. Mas não finda aí a sua hospitalidade. Ao centro da aldeia colocam duas grandes palmas de buriti e sobre elas bolos feitos com massa de mandioca. Depois o índio mais velho de cada casa traz o melhor e maior peixe pescado e o deposita ali. O nome do hóspede é então pronunciado, em volta alta, pelo capitão."

Ao passar à altura da aldeia dos índios meinacos, soube Nilo que ali se iam realizar os funerais do cacique Maiúta e apressou-se em assisti-los e documentá-los em filme e em fotografia. Daremos ainda uma vez a palavra a este nosso esforçado auxiliar, para fixar nesta exposição as formalidades que presenciou, a partir do dia 15 de outubro de 1944.

Realizavam-se os funerais do capitão Maiúta.

"Assim que se verifica o óbito, o corpo é enrolado na rede, juntamente com arcos e flechas, e os ornamentos que possuía o morto. Duas pessoas cavam a sepultura, que consta de dois buracos em forma de círculos, ligados um ao outro por uma abertura subterrânea. Os pés são os primeiros a descerem para a sepultura. Uma vez fechada, reúnem-se os parentes, durante quatro dias, às 10 horas, mais ou menos, e abraçados, choram e cantam.

"Quando o morto é casado a ausência da esposa se faz sentir; ouvem-se, no entanto, as lamentações que emite do interior da sua casa.

"No quinto dia, o irmão ou parente mais próximo, vai a cada casa e traz, pelo braço, os amigos mais íntimos do morto. Colocados em fila e sentados, aguardam o capitão. Este chega então e senta-se atrás da fila. Se o morto tem filho ou filha, um destes ocupa o lugar que fica em frente à sepultura.

"Começa então a cerimônia. Um canto triste invade todo o ambiente. O irmão do morto inicia, com duas conchas, o corte do cabelo de cada pessoa. O capitão agita uma porção de guizos, feitos com cocos de babaçu. Depois, todos são pintados com pequi e urucum, a começar pela filha do morto. Terminada esta pintura, panelas previamente cheias d'água são despejadas sobre a cabeça de cada um. A viúva, que se conservara no interior da casa, tem também que cortar os cabelos e só voltará a aparecer na aldeia, quando os cabelos atingirem o comprimento usual. O meinaco é supersticioso; assim, acredita que todas as mortes têm sempre origem no feitiço!"

Durante uma semana em que Nilo acompanhou as solenidades fúnebres do tuxaua, observou que o sistema das habitações entre os meinacos, sua alimentação, seus esportes, sua maneira de comerciar, sua vida social, sua organização de governo, seus hábitos e costumes, enfim, muito se assemelham aos dos camaiurás – em tudo o que é possível apreender durante tão curtas permanências em suas tabas.

Com elogiável curiosidade, assistiu o mesmo serventuário ao processo de construção duma canoa de casca de jatobá, do tipo das que usam todos os índios determinadas épocas do ano, quando aquela gigantesca árvore *dá a casca* – segundo a expressão vulgar entre os especialistas em enxerto de vegetais:

".... Assistimos ao trabalho para retirar a casca do jatobá, a fim de com ela fabricarem canoas.

"A golpes de facão é desenhada na árvore a canoa. Pequenos pedaços de paus, de acordo com a largura desejada. Colocados em posição, é a casca de jatobá cheia de palha e feito fogo. Pela ação do fogo a casca comprime-se até o ponto em que os paus, adrede colocados, obrigam-na a tomar a forma desejada.

"Os índios que se dedicam a este trabalho, não tomam nunca parte na pesca, mister aos outros atribuído. Possuem sete casas construídas em círculo. Sua aldeia fica distante da margem do rio Curisevu 18 quilômetros, mais ou menos. (Entre estes índios encontramos plantação de cana-de-açúcar, cujas mudas foram trazidas dos Posto Batovi, do S. P. I.)."

C. N.P.I – Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1945.

Amilcar Armando Botelho de Magalhães
Coronel secretário do C.N.P.I

Tribos do rio do Sangue

UANDO AS EXPLORAÇÕES do general Rondon penetram no grande leque dos formadores do rio Tapajós (entre meridianos de 54º e 60º W de Greenwich), foram ali e nas circunvizinhanças descobertos e postos na carta do Brasil pela primeira vez onze rios novos, assim como retificadas as posições de outros cujos cursos não correspondem à realidade, muitos deles figurando erradamente como contribuintes de determinada bacia hidrográfica, quando de fato pertenciam a outra. O rio do Sangue estava enquadrado neste último grupo. Aliás o notável geógrafo Ricardo de Almeida Serra (falecido em 1809), em suas memórias, expôs com a habitual correção que o caracterizava as dúvidas surgidas quanto ao coletor do rio que modernamente tomou o nome de rio do Sangue.

E a carta de Pimenta Bueno (1879) que consubstanciou todos os trabalhos geográficos relativos ao Brasil até a época (principalmente a carta do barão de Melgaço e a de Castelnau), figurava o Sangue como contribuinte do Arinos.

Para autenticar a verdadeira posição deste importante curso d'água, Rondon organizou uma turma de exploração e deu instruções ao respectivo chefe, nesse tempo 1º-tenente Vicente Vasconcelos (hoje no posto de coronel e ex-diretor do Serviço de Proteção aos Índios), que, em maio de 1915, desceu este curso d'água e efetuou o seu levantamento. Após o percurso de 425,400 km verificou-se então que o Sangue deságua no Juruena, contribuindo, na época referida, com 457,516 m³ para engrossar o volume do seu coletor.

Nesse percurso o ten. Vasconcelos foi surpreender aldeamentos indígenas, de cuja existência ainda não se suspeitava e que, de acordo com as apreciações feitas a propósito, pelo grande sertanista que é hoje o general Rondon, constituem tribos que não podem ser consideradas como pertencentes à grande nação nhambiquara, como a princípio supusera aquele oficial.

Nesse encontro, mais uma vez, o oficial da Comissão Rondon pôs em evidência a forma humanitária que constituía a norma da atitude característica daquela notável Comissão e do seu eminente chefe em relação aos "legítimos donos da terra brasileira" no expressivo dizer do estadista do Império, dr. José Bonifácio de Andrada e Silva.

Eis como expus esses encontros no meu livro: *Pelos sertões do Brasil* (fls. 78/79):

"Ocorrência sobre todas importante foi a do encontro do tenente Vasconcelos com alguns grupos de índios da tribo moradora no curso médio e no inferior do rio do Sangue (afluente da margem direita do Juruena e o mais volumoso afl. depois do Arinos). Só depois de passada a foz do Sacuriú-iná, teve o distinto oficial ensejo de verificar que habitavam no Sangue numerosos índios. O dia 9 de junho (1915) ofereceu uma nota importante. Foi nessa data que vimos o primeiro índio!... Em uma curva do rio, trepado em uma árvore seca, caída sobre a margem, ei-lo de flecha em punho, distraído a pescar. Não tive o prazer de o ver, nem mesmo de longe, pois o barulho que faziam as nossas embarcações

– [são palavras do próprio tenente Vasconcelos em seu relatório] – e com o grito que deu o Antônio Correia, proeiro da canoa da mira, para chamar a minha atenção, foi o índio despertado e internou-se célere na mata. No ponto em que ele foi visto, desci em terra, bati as imediações, mas nada vi, a não serem varinhas quebradas aqui e acolá.

"Pouco antes havíamos encontrado um pouso velho de índios, cujas varas haviam sido cortadas a faca cega; no dia imediato vimos um capoeirão, também antigo, cujos paus haviam sido cortados a machado de pedra."

Foi este o primeiro encontro assinalado, antes ainda de chegar a expedição ao Cravari; mas depois de passada a foz deste afluente, deu-se outro, também relatado pelo ten. Vasconcelos, mais ou menos como abaixo refiro:

"Enquanto prosseguira na descida do rio, procedendo a sua exploração e ao respectivo levantamento, ia o oficial observando que se amiudavam os sinais da existência de índios, ao longo das margens. Nesses vestígios apareceram com frequência incontestáveis provas de que os índios faziam uso de ferramentas dos civilizados. No dia 19 de junho os expedicionários bivacaram à margem direita, aproveitando-se de um antigo pouso de caçadas e pescarias em que recentemente haviam estado os selvícolas. Por trás desse recanto sombrio e de um aspecto encantador, havia uma lagoa poética, onde abundavam aves de toda a espécie e animais de pequeno porte. Bandos de patos, em rumorosa revoada, ariscos e céleres, abandonavam a tranquilidade daquele bucólico esconderijo, em busca de outras paragens mais recônditas, onde mais garantidas tivessem suas vidas!... Era, todavia, evidente que se aproximavam de alguma grande aldeia e de fato não tardou muito que se desenrolasse o episódio mais interessante de toda a expedição.

"No dia 20 (junho) desembarcavam os exploradores em um 'porto' da margem esquerda, a 317 km do passo da linha telegráfica e a 108 do Juruena, bem defronte de uma numerosa aldeia, erigida sobre uma elevação, como avantajado mangrulho, coberto de palha. Do pouso da lagoa haviam sido levantados 12 quilômetros, quando os tripulantes da canoa da mira advertiram a turma de que não tardariam a surpreender os índios a se banharem no rio, em ponto donde partiam esfuziantes risadas e gritos álacres! O ten. Vasconcelos fez mais uma visada avante e suspendeu o levantamento, passando à frente da esquadrilha, a fim de dirigir pessoalmente as peripécias desse sensacional encontro. Os selvícolas estavam realmente despreocupados e brincavam como crianças, nadando, dando longos mergulhos n'água e promovendo uma algazarra estupenda, em que se misturavam os gritos estridentes dos menores, as vozes másculas dos guerreiros e as gárrulas risadas das mulheres... Era um espetáculo inédito, de um colorido natural inconfundível, cheio de encanto e de pureza aos olhos discretos de quem observava com o coração emocionado e a alma alevantada por altruísticos ideais!

"Vasconcelos, enquanto se acercava do vastíssimo 'banheiro', dirigia palavras afetuosas das que ele aprendera em língua nhambiquara, mas que não pareciam estar sendo compreendidas pelos ameríndios que, mal avistaram as canoas dos expedicionários, calaram-se subitamente, fugindo espavoridos daquele bando de prováveis inimigos e internando-se todos pela mata, silenciosos e cheios de ansiedade! Bem defronte à maloca altaneira da margem direita, havia um trecho de terreno limpo que foi considerado logo como o mais apropriado aos fins colimados pelo chefe da turma, que era o emissário do grande sertanista, o general Rondon, para estabelecer relações amistosas com os indígenas daquelas paragens longínquas; e aí desembarcou toda a equipagem da esquadrilha da expedição.

"Mal acabavam de saltar em terra, o ten. Vasconcelos aprestou uma das ubás e deu início às habituais demonstrações de amizade. Para não tirar o sabor da narração feita pelo próprio oficial, vamos copiar as suas palavras: 'Tomei a canoa, tripulada por três homens e fui fazer um reconhecimento, para jusante, na intenção, sobretudo, de ver se melhor descobriria o rancho. Havíamos descido pouco mais de 150 metros, quando avistamos à flor d'água e encostada à margem direita, em um pequeno porto, uma ubá que se achava alagada.

" 'Para lá nos dirigimos a fim de examinar com mais atenção esta primitiva embarcação usada pelos índios e que consiste em grande casca de árvore, tendo as extremidades dobradas, à guisa de proa e de popa; alguns roletes de pau, atravessados no sentido da largura, a fim de impedir a casca de se fechar, e nada mais. É, enfim, perfeitamente idêntica às usadas pelos parnauates.

" 'Feito o ligeiro exame da ubá, e como verificássemos que a 'maloca' ficava inteiramente encoberta pelas árvores, assentamos em subir o rio, encostados à margem direita, e a ver se descobríamos alguma novidade. Mal, porém, os canoeiros deram as primeiras remadas, eis que duas flechas nos silvam aos ouvidos, uma após outra, indo ambas perder-se no rio. Não foi pequeno o susto por que passamos, e acredito que os canoeiros nunca em sua vida remaram com tanta rapidez, a ponto de quase alagarem a canoa que, por muito pesada, pouco atendia à pressa que tínhamos em ganhar a margem oposta. Os nossos homens que haviam permanecido no bivaque e que não nos perdiam de vista naquela evolução, tudo observaram e mostraram-se alarmados, mas puderam observar que as flechas haviam errado o alvo!

" 'Chegados ao bivaque, fomos novamente para as nossas canoas e recomeçamos os nossos apelos. O resultado obtido foi sempre o mesmo: o silêncio!

" 'Resolvemos então fazer nova tentativa e desta vez iríamos ao ponto dos índios, fronteiro ao nosso, para lá deixarmos machados e terçados, pois desta maneira poderiam eles deduzir os nossos intentos pacíficos, apesar do ataque que havíamos sofrido, e que nada teriam que temer de nós.

" 'Munimo-nos de alguns terçados e machados e dirigimo-nos, com muita cautela, à outra margem. Ainda desta vez não fomos bem recebidos; ao nos avizinharmos do porto, partiram outras duas flechas, disparadas sobre nós. Felizmente, como as primeiras, passaram por cima das nossas cabeças – Voltamos precipitadamente para o bivaque, sem conseguir, ainda desta segunda tentativa, apanhar as flechas, pois que foram arrastadas pela correnteza.

" 'Instantes depois deste nosso segundo malogro, os índios deixaram-se finalmente ver, em vários pontos da margem, ricamente enfeitados, com as suas vestimentas de penas multicolores, entre as quais predominavam as de arara; armados de arcos e maços de flechas, e dando gritos semelhantes aos que havíamos dado, a chamá-los, arremedando-nos perfeitamente.

" 'Encaminhamo-nos incontinente para o porto das canoas e respondíamos aos gritos dos índios. Dentro em pouco ficamos familiarizados e trocávamos risadas, uns arremedando os outros, imitando pios e cantos de aves conhecidas. Em pouco tempo estávamos nós e eles em plena palestra, em que uns repetiam o que os outros diziam... e ninguém se entendia!

" 'Enquanto isto, ouvia-se na maloca um canto fanhoso, de muitas vozes, com batidas cadenciadas de pés e acompanhamento de sons de algum instrumento rudimentar.

" 'De todo este aparato e tendo em vista os acontecimentos anteriores, concluímos que aquilo era um canto de guerra, não obstante a meiguice com que alguns, principalmente aquele que supúnhamos ser o chefe, procuravam imitar quanto dizíamos.

" 'Entretanto, decorridos alguns momentos, o que nos parecia ser o chefe, deu uns passos para a frente do grupinho, que o cercava e, tendo ao lado uma mulher, apresentou-nos um menino de 3 a 4 anos presumíveis: chegou à beira do rio, onde ficava completamente descoberto e levantou a criança pelos pulsos, como promessa segura de paz. Imediatamente tomamos a canoa e fomo-nos aproximando aos poucos, tenteando a embarcação, e enquanto íamos manobrando e remando, mostramos-lhes machados e terçados, sem que se interrompesse a palestra que ambas as partes mantinham animada.

" 'Não lhes perdíamos, todavia, os mínimos movimentos, pelo menos daqueles que podíamos divisar, pois, apesar de tudo o que fazíamos para conquistar sua confiança, eles, logo que embarcamos, recolheram-se um pouco para trás das árvores.

" 'Estávamos proximamente a uns 30 metros deles, quando de novo nos alvejaram com suas flechas. Como antes o fizéramos, manobramos com a possível presteza, virando a canoa para o nosso

bivaque. Desta vez foram quatro as flechas e conseguimos apanhar uma delas. Em vista de tais acontecimentos, mandava a prudência que nada mais se tentasse naquele dia. Assentamos então falar no dia seguinte, para ver se seríamos mais felizes.

" 'Já o crepúsculo vinha caindo e nada de melhor podíamos fazer do que contemplá-los com o binóculo. São homens bonitos e fortes... Os homens trazem, para se comporem e como defesa, pingentes de fibras; as mulheres nada vestem, apenas se enfeitam de colares e pulseiras, de que também os homens fazem uso. Pintam-se: um índio com três traços de tinta branca e preta nos pulsos e outro com o rosto todo caiado de branco. Contamos 12 homens perfeitamente armados e enfeitados. Índias só vimos uma a que secundava o marido, quando nos apresentava o menino. Esta era moça, bonita, cheia de corpo e de boa estatura. As outras, as velhas e as crianças, formavam provavelmente as figuras do coro que se fazia ouvir."

– Por maquiavelismo, os índios redobravam de amabilidades, rindo gostosamente e repetindo tudo quanto lhes gritavam os expedicionários, mostrando-lhes uma camisa com que vestiram o menino, o curumim, como são designados os pequenos índios raptados ou tomados à força... para servirem de criados aos civilizados, ou melhor, de escravos disfarçados... Com um terçado, abriram larga picada, do "porto" para o interior e colocaram sob copadas árvores uma rede, como que convidando os expedicionários e ali repousarem tranquilamente... Afinal escureceu e na calada da noite, um numeroso grupo de guerreiros atravessou o curso d'água e pôs cerco ao acampamento do ten. Vasconcelos, sem que ninguém houvesse suspeitado de tal movimento estratégico! Ouçamos a narração do que então ocorreu, através da palavra do ten. Vasconcelos.

"Como de costume, às 5 horas da madrugada pusemo-nos em movimento e começamos a gritar pelos índios, estranhando o silêncio que envolvia a maloca, mas atribuindo-o ao fato de estar fazendo frio, em consequência da forte cerração que cobria a mata. Voltamos ao toldo que nos servia de barraca e mandamos servir o café.

"Nesse momento, eis que, de todos os lados, convergem sobre nós inúmeras flechas, despedidas pelos índios, numa gritaria infernal, ao mesmo tempo em que percebíamos a aproximação de seus passos, em lúgubre tropel, a apertarem o cerco. Impedi que o meu pessoal, tomado de pânico, corresse, e ordenei que atirassem para o ar. Eu mesmo dei o primeiro tiro para o ar e foi o que nos valeu, pois os atacantes amedrontaram-se e correram para longe. A calma se restabeleceu entre nós, mas tivemos de lamentar que da refrega tivessem saído feridos dois dos nossos homens, um levemente, o Antônio Correia, outro gravemente, o Marcelino Borges, que, coitado, não teve sorte na expedição: foi picado por cobra, naufragou ainda doente e, por fim, teve a infelicidade de receber uma flechada que lhe atingiu a coxa e penetrou até à região ilíaca. Pouco tempo se aguentou de pé, pois além das dores que sofria, o ferimento produzira abundante hemorragia.

"Dada a atitude dos índios e tendo em vista nossa situação, resolvemos levantar acampamento, sem perda de tempo e prosseguir o serviço topográfico. Enquanto se procediam aos necessários curativos, para acudir aos feridos, e se preparava a partida das canoas, fui inspecionar os arredores e reconheci que os índios haviam estreitado o cerco até uns trinta metros em torno do nosso bivaque. Alguns dos atacantes, apavorados com os tiros que demos, largaram as suas flechas no mato e houve um que se desfez do próprio arco!"

Ainda, ao abandonar o sítio em que tão em perigo estiveram os expedicionários que exploraram e levantaram pela primeira vez o rio do Sangue, os índios lançaram sobre a canoa do chefe uma saraiva de flechas, em despedida bem pouco diplomática!

Foi desse último ataque que surgiu um subincidente registrado por mim à fls. 88 do meu modesto livro *Pelos sertões do Brasil,* nos seguintes termos:

"À falta de médico, foi mandado servir na turma do rio do Sangue um farmacêutico, prático na arte de curar. A turma exploradora penetrou pelo sertão e descobriu, em terras até então desconhe-

cidas, um grupo de selvícolas, que se mostraram hostis. Não obstante tal atitude inamistosa, o chefe da turma expedicionária, tenente Vasconcelos, pondo em prática no momento mais decisivo e mais difícil, o evangelho de Rondon em face de ataques semelhantes (Afrontar todos os perigos, até a morte, matar nunca!), proibia que os seus subordinados fizessem uso das carabinas de que estavam armados, salvo caso extremo de defesa da própria vida. O médico, porém, entendeu de pôr embargos a tais determinações e pleiteou para si o absurdo privilégio de resolver o problema de forma diferente, entendendo lá no seu bestunto, que a uma flechada devia responder-se com um tiro, pelo menos!... O ten. Vasconcelos deu-lhe então ordens mais terminantes, contra as quais pretendeu ainda recalcitrar, recuando, porém desse vão propósito diante da seguinte intimação decisiva e enérgica:

"– Se atirar contra os índios, atirarei eu contra você!... Experimente!

"É claro que um tal convite não foi aceito pelo truculento curandeiro, cujo proceder, daí por diante, poderia ser legitimamente apresentado como modelo de disciplina e subordinação."

Comentando a narrativa do ten. Vasconcelos, disse o general Rondon:

– A descrição deste interessante episódio põe em relevo mais um exemplo frisante dos métodos usados pela Comissão de Linhas Telegráficas, nas suas relações com as tribos indígenas encontradas nos sertões em que ela teve de operar, assim como demonstra a calma e a resoluta coragem do oficial que dirigiu a ação, imprimindo-lhe um cunho tão altamente cavalheiresco.

E o general faz ainda outras considerações para justificar a hipótese de que o grupo encontrado deve ser filiado à grande nação dos tupis, possuidores de uma civilização muito mais adiantada do que a dos jês, que provavelmente correspondem aos antepassados dos nhambiquaras, pois que os do rio Sangue usam redes para dormir e praticam a navegação em canoas, como atesta o ten. Vasconcelos.

*

Nota final. Ao mesmo oficial, que por largos anos trabalhou na construção das linhas telegráficas, sob a chefia de Rondon, incumbiu este valoroso e notável sertanista de explorações e levantamentos de rios no vale do Xingu, a partir do vasto leque de suas cabeceiras, por onde transitaram as duas expedições de von den Steinen, quase meio século antes, com o objetivo simultâneo de visitar as tabas dos numerosos grupos de ameríndios localizados nessas longínquas paragens. Comandando pequena turma, de que fazia parte o então ten. Luís Tomás Reis, fotógrafo e cinematografista da Comissão Rondon, tão prematuramente desaparecido, e formidável embaixador apresentou credenciais aos caciques dos camaiurás que ocupam terras da confluência do Culuene com o Curisevu: dos ualapitis, cujos domínios confinam com os do grupo anterior e se situam entre os dois rios acima citados, em seus cursos médios (*Jaulapiti*, chamou-os Roquette Pinto, no seu esplêndido livro *Rondônia,* dos auetis (*auetê* da Rondônia), que assentam suas malocas entre os rios Batovi e Curisevu, mais para perto das respectivas cabeceiras e a sete quilômetros da margem esquerda deste último rio; dos uaurás, trumães, anauquás, suiás e, por fim, ao regressar da penosa travessia de ida e volta, dos bondosos e adiantados bacairis, ora aldeados pelo Serviço de Proteção aos Índios, no Posto Simões Lopes. Dessa excursão colheu a Comissão Rondon inúmeras fotografias, um filme, que foi intitulado *Ronuro, Selvas do Xingu* e numerosos dados antropométricos e etnográficos (V. *Pelos sertões do Brasil,* 2.ª ed. da Série Brasiliana, 1941, fls. 392/408).

C.N.P.I., Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1943.

AMILCAR ARMANDO BOTELHO DE MAGALHÃES
Coronel secretário do C.N.P.I

. . . .

Os anauquás

DO ARTIGO Nº 4 DESTA SÉRIE, consta a referência à visita feita pelo então capitão Vicente Vasconcelos ao "clã" de ameríndios ora postos "na berlinda".

As circunstâncias em que se viu envolvido o oficial, quando se afoitou em visitar sozinho a aldeia dos anauquás, tornam dignas de menção especial, conforme vamos expor, as peripécias de uma tal excursão.

Os anauquás e os auetis são grupos cujos domínios confinam com os dos bacairis; daí os constantes atritos entre os primeiros e os últimos, e, em consequência, a desconfiança com que receberam o *Embaixador* da Rondônia.

Este fora acompanhado por dois índios meinacos, os quais lealmente o fizeram ciente de que os anauquás e o seu cacique – Aloi – demonstravam atitude de franca hostilidade aos expedicionários. Isto mesmo já havia percebido o oficial, bastante treinado em adivinhar, com um simples golpe de vista, as intenções dos selvícolas. Mas decidiu, por isto mesmo, para dirimir as dúvidas do tuxaua Aloi e sua gente, ir, sem prévio convite, procurá-los em sua "maloca".

Partindo da margem direita do Curisevu, que a turma vinha subindo, o cap. Vasconcelos marchou patrioticamente mais de 10 km em direção ao rio Culuene, para atingir a taba dos anauquás.

O ten. Reis, julgando uma temeridade essa visita, aproximou-se quanto possível do limpo terreiro dos índios e combinou com o seu chefe o meio de acudi-lo, caso se tornasse necessário, com o pessoal da turma. Enquanto, em silêncio, aguardava ansiosamente a volta do companheiro, ouviu uma tremenda vozearia e viu o *Embaixador* à frente dos guerreiros, seguido de perto pelo cacique Aloi que o invectivava na sua língua, pronunciando incríveis descomposturas que os nossos não entendiam, mas que indubitavelmente significavam terríveis ameaças, tanto que, por gestos, Aloi, enquanto praguejava, fazia menção de desancar Vasconcelos com um longo pau de que estava armado!... Este último, porém, durante a sua retirada estratégica, estava atento para se defender, se fosse mister e, por gestos e meigas palavras, procurava desarmar a fúria de Aloi!

Era de esperar que o chefe indígena expulsasse (!?) de sua aldeia a quem julgava inimigo, pois que o ten. Reis, no seu relatório, assim obtemperava:

"O chefe Aloi, com evidente ressentimento, nervoso, de olhar inquieto e cheio de ódio, começou narrando o fato de ter um índio bacairi (gente que se lhe afigurava ser nossa aliada (?) assassinado um anauquá, havia muito tempo, nas cabeceiras do Culuene; e terminou declarando categoricamente que não deviam portanto esperar dele a paz!" Admirável, não acham?! Que estupenda diplomacia! Oxalá os civilizados, nas suas chancelarias, usassem de igual franqueza e boa fé!

"Não pude, pois, obter nenhuma fotografia boa dos anauquás, devido ao estado de tensão do seu espírito. Qualquer coisa que lhes despertasse uma suspeita, podia dar lugar ao fracasso completo da

expedição, pois seríamos todos flechados e massacrados ali mesmo, pela inconsciência daquelas almas rudes e primitivas.

"Voltamos então ao porto, como quem escapa de um naufrágio..."

Todavia, como se pode ver da fotografia entre fls. 272/3 do meu livro *Pelos sertões do Brasil* (2.ª edição Série Brasiliana – 1941), do seu esconderijo conseguiu o ten. Reis apanhar um instantâneo maravilhoso, em que se pode ver o cap. Vasconcelos no momento crítico em que vinha sendo enxotado (!), como *persona non grata*, pela turbamulta de brasilíndios, em setembro de 1924.

Esforçou-se o cap. Vasconcelos por convencer ao tuxaua Aloi que os expedicionários nenhuma aliança tinham com os bacairis e que promoveriam a responsabilidade do assassino do índio anauquá, o qual seria devidamente castigado. Mas nada acalmava a ira do cacique.

Deve-se à calma e à coragem do cap. Vasconcelos a salvação dos expedicionários e a possibilidade de prosseguirem na subida do rio Curisevu, em trecho encachoeirado, semeado de pedras cobertas de capim, até 18 de setembro daquele ano, quando entraram a navegar o rio Arame, afluente da margem esquerda do Curisevu.

Quando a expedição Vasconcelos desembarcou e acampou à margem do rio Arame, o espetáculo que este acampamento apresentava tinha o sabor das coisas originais e que raramente se reproduzem! Com a turma, acamparam trinta índios dos grupos dos uaurás, dos meinacos e do auetis, que prestaram valioso auxílio à expedição e que a acompanharam até o termo, para fazer jus a mais presentes, que aliás lhes prometera o chefe da expedição.

Para terminar, transcrevo ainda trechos do relatório do ten. Reis:

"Tive depois que suspender este serviço, para tratar dos doentes de febres palustres, que eram já oito, inclusive os suíços.

"Estávamos a palmito e alguma caça. Os índios, desde quatro dias antes, não tinham o que comer, a não ser alguma fruta do mato, dávamos-lhes, duas vezes ao dia, mingau de aveia, alimento que muito lhes agradou. Dentre eles havia duas mulheres uaurás. Todos tinham redes e o acampamento em breve tomou o aspecto de aldeamento.

"A 22 a nossa tropa chegava de Simões Lopes, às 19 horas, carregada de mantimentos para todos e dos presentes pedidos para os índios.

"No dia seguinte fizemos a distribuição, por igual, de machados, facões, facas, linhas para costura, agulhas, anzóis, calças, camisas de brim mescla, chapéus de palha e contas. Foi um dia de gratas emoções para os nossos índios, cujo contentamento tocava os limites da embriaguez. Tanto fora para nós como se os tesouros do Oriente se abrissem aos nossos olhos e as fadas da terra dos sonhos nos cumulassem dessas riquezas, que só existem nas narrativas das *Mil e uma noites.* Nunca mais eles esquecerão esse dia glorioso, que marcará um grande acontecimento a servir de tema para as narrações orais dos descendentes da atual geração, nas noites de luar, nos congressos da aldeia e talvez em cantares maternais...

"A 24 levantamos acampamento, depois de nos termos despedido dos índios que deviam voltar para as suas aldeias.

"Seguimos em direção ao posto Simões Lopes, atravessando a 25 o rio Batovi, que dava passagem a vau.

"O Vasconcelos teve, nesse dia, forte acesso de febre, que foi combatido com medicamentos que levávamos.

"A 27 chegávamos ao porto, de volta da nossa longa expedição e dávamos logo as providências para o regresso a Cuiabá.

"Terminando aqui o relatório da viagem ao Ronuro, apresento juntamente, para serem enviadas ao Museu Nacional, as fichas antropométricas que pude obter dos nossos índios e algumas fotografias.

"Ocupado com o serviço cinematográfico, cujo filme já foi organizado, não me foi possível desenvolver mais a documentação fotográfica, porque não dispunha de um ajudante-fotógrafo.

"O meu maior desejo foi o de corresponder à expectativa do nosso prezado chefe, que nos distinguiu com esta importante comissão, e de cujo prestígio muito nos honramos, cada vez mais dignificados pela sua sábia direção e pelo seu exemplo de abnegado patriotismo, em tudo o que concerne ao engrandecimento do nosso caro Brasil."

Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Rio, 22 de novembro de 1943.

Amilcar A. Botelho de Magalhães
Coronel secretário do C.N.P.I

Os bacairis e os cajabis

FOLHEANDO A NOTÁVEL coleção da *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro,* encontram-se descrições completas das duas expedições que percorreram aos rios Paranatinga e S. Manuel ou das Três Barras, este agora denominado Teles Pires, após os trabalhos da Comissão Rondon.

O Paranatinga deve ser considerado como a cabeceira principal daquele para cuja formação concorre também o ramo que conservou, na moderna cartografia, o primitivo nome: S. Manuel e que, após as explorações, medições e levantamentos executados em 1915 pela Comissão Rondon, foi reduzido ao papel de simples afluente do Paranatinga.

A 1.ª expedição, dirigida pelo ten. de milícias Antônio Peixoto de Azevedo (1819), apenas viajou pelos cursos d'água acima indicados; da 2ª, organizada por três oficiais do Exército, capitão Antônio Lourenço Teles Pires e tenentes Augusto Ximeno Villeroy e Oscar de Oliveira Miranda (1889/1890), resultou a organização de um croquis do rio percorrido, desenhado de memória por Oscar Miranda (Tomos V e VI da *Revista*). Daí a necessidade de percorrer outra vez os dois rios, para os colocar com precisão no mapa do Brasil.

Rondon destacou para isto o então 2º-ten. Antônio Pireneus de Sousa, experimentado e ativo auxiliar já afeito aos trabalhos do sertão, para a execução de um tal programa.

Organizada no Rio de Janeiro e seguindo via S. Paulo – Porto Esperança (E. F. Noroeste do Brasil); Corumbá – S. Luís de Cáceres (pelo rio Paraguai), rio Sepotuba, até o porto de Tapirapoã; estações telegráficas de Afonsos e Diamantino (pela rodovia construída pela Comissão Rondon); em 25/11/195 a turma do saudoso e valente Pireneus acampava em águas do ribeirão Estivado, afluente da margem esquerda do Arinos.

Após longa e penosa travessia, os expedicionários a 28 de junho seguinte alcançavam a foz do antigo S. Manuel, hoje Teles Pires, denominação proposta pelo general Rondon em homenagem ao explorador que antes ali perdera a vida.

No curso dessa exploração a turma expedicionária esteve em contato com os índios bacairis e cajabis, a respeito dos quais fez referência o relatório do tenente Pireneus, alhures por mim reproduzido, conforme abaixo transcrevo.

".... Interessantes são as passagens em que o ten. Pireneus descreve minuciosamente o auxílio que recebeu dos índios bacairis, enquanto a expedição percorreu seus domínios, especialmente quanto ao cacique, capitão Antonino, que se desempenhou lealmente das funções de guia (vaqueano), como

já o fora da expedição chefiada pelo inditoso coronel Paula Castro, do Exército (1900), e da do notável explorador alemão von den Steinen, que, cerca de 40 anos antes, atravessara aquela zona em direção às nascentes do Xingu.

" – Este índio bacairi, capitão Antonino, foi o elemento principal de que dispôs von den Steinen para o trabalho que publicou relativamente à língua dessa tribo e seus costumes. Ao estudioso patrício nosso, dr. Capistrano de Abreu, que se dedicou também ao estudo da língua bacairi, o general Rondon fez apresentar em 1920, no Rio de Janeiro, o mesmo índio "capitão" e três outros bacairis, trazidos do sertão de Mato Grosso até a capital da República pelo então tenente Ramiro de Noronha, dedicado oficial a quem se devem os mais recentes trabalhos topográficos realizados pela Comissão Rondon naquele estado. Durante muitos dias seguidos entreteve-se o Dr. Capistrano em longas conversas com os índios para completar os seus estudos e corrigir o que se tem escrito sobre a língua bacairi. Nessa época a Comissão fez imprimir pela Casa Edison do Rio de Janeiro, uma série de chapas com o longo discurso preferido eloquentemente pelo capitão Antonino, na sua língua, fixando assim para sempre o Kêri-Kame dos bacairis, isto é, a história do começo do mundo, segundo as suas crenças.

"Ao seu regresso, entre outras chapas que acompanharam o gramofone conduzido para o sertão, lá foram também, com o capitão Antonino, as chapas do Kêri-Kame que os selvícolas da sua aldeia haviam de ter ouvido entre interessados e surpresos!"

Na execução de seu programa, esta turma exploradora, como todas as congêneres, organizadas sob as diretivas de Rondon, teve de transportar os instrumentos e utensílios dos serviços, as coleções de petrechos indígenas, as peles e animais preparados, as pesadas amostras de rochas, as armas, a munição, os objetos de uso de cada qual. Os expedicionários deviam ainda conduzir regular quantidade de machados, facões, colares de contas, miçangas, etc., para presentear aos índios, pois que nenhuma expedição da Comissão Rondon, deixava de encarar a necessidade humanitária de conduzir, ao mais remoto sertão, alguns desses elementos de progresso tão avidamente cobiçados pelos selvícolas, isolados do mundo civilizado centenas de léguas... Esta necessidade toma o aspecto de uma defesa também contra os ataques dos índios, que não acham justificativa alguma "para o fato de se acabarem os presentes" e capacitam-se logo de que a negativa é sintoma de hostilidade!

"Além dos bacairis, já semicivilizados, a expedição Pireneus teve contatos com os índios caiabis (os mesmos a que os civilizados chamam de cajabis); o primeiro encontro deu-se a 636 km das cabeceiras do Paranatinga e o último a cerca de 770 km, o que indica um domínio de mais de 134 quilômetros do rio Teles Pires, por ambas as margens.

"Os primeiros, assim como os grupos que foram encontrados, gritavam quase sempre escondidos pela mata, e, às vezes, num alarido infernal: 'Caiabi apinacó!' 'Caiabi apinim' 'Apinim, apinacó, muié!' 'Akil' – que quer dizer: 'machado para caiabi', 'facão para caiabi', 'facão, machado para mim!', 'vem!'

"Quando o tenente Pireneus julgava oportuno, abicava para a margem a sua canoa, fazendo-lhes demonstrações de fraternidade e deixando-os seguros de que estava desarmado, para entregar-lhes alguns facões, machados, etc. que uns recebiam enquanto outros se mantinham à espreita, empunhando arcos e flechas, prontos para iniciar o combate, se se tratasse de uma cilada...

"Essa primeira entrega de presentes é bastante melindrosa, pois um simples gesto mal interpretado gera uma desconfiança impossível depois de anular e que equivale a uma declaração de guerra; mas também, quando bem sucedida, é comovente e singela como os hábitos dessa gente. Conta o tenente Pireneus a propósito deste 1.º encontro com os cajabis:

"Eram 4 homens que subiam o rio Teles Pires embarcados em uma canoa de casca. À nossa presença, tiveram grande surpresa e medo; rápidos abicaram a canoa à margem direita, que estava mais

próxima, em emaranhado saranzal, descarregando-a muito às pressas... Como fosse aí o mato muito sujo, achamos prudente não parar e nos dirigimos para um campo de capim-gordura que avistamos à volta do rio, chamando-os para lá por sinais e mostrando-lhes machados, facões e contas. Reembarcaram na canoa e nos seguiram, guardando certa distância e perguntando: 'Caiabi apinacó? Caiabi apinim?' Chegando ao campo, paramos, e os índios, abicaram à margem oposta, para onde segui em minha canoa com três homens. Mostrando-lhes machados encabados, facões e contas vistosas, e dizendo-lhes 'akili', três índios aproximaram-se do barranco onde tínhamos abicado nossa canoa e com muito medo, trêmulos, receberam os presentes. Ficaram então visivelmente satisfeitos e mais confiantes.'

"Durante dias seguidos o tenente Pireneus distribuiu os machados e facões que trazia e continuou a presentear os caiabis com as miçangas. Os que só receberam contas, mostraram-se logo aborrecidos e apalpavam as bagagens, desconfiados de que ali estivessem ocultos ainda 'apinacós' e 'apinins'. Por mímicas apropriadas, como aliás era o único meio de se fazer compreendido, procurou então o tenente Pireneus convencê-los de que em breve tempo ali voltaria para trazer-lhes mais facões e machados. A estas notas diplomáticas responderam os cajabis, no dia 13 de maio, com um significativo ultimato, conforme o tópico que se segue:

" 'Depois de transpormos as cachoeiras Curupi e 13 de Maio, já à tardinha, ao deixarmos esta última, desapareceram por encanto os índios e uma flecha, partindo do mato, veio cair bem junto a nossa canoa, que era a última a sair. A esta flecha seguiram-se outras. Felizmente nenhum de nós foi atingido e imediatamente fizemos uma descarga e saímos do rebojo da cachoeira sem dar tempo a que os índios renovassem o ataque. Atravessamos uma corredeira e fomos bivacar na ilha da Liberdade, donde avistamos os índios nos espreitando da margem e todos arrastando grandes feixes de flechas!'

"A falta de machados e facões era agora ali um fato irrevogável cujas consequências ameaçavam a vida dos expedicionários. Fiel mantenedor das tradições brilhantes da Comissão Rondon em seus primeiros contatos com os selvícolas, o tenente Pireneus passou a agir com hábil tática, para evitar os ataques dos índios e talvez o massacre do pequeno núcleo de homens que dirigia. Diante da atitude hostil dos selvícolas; conta ele:

"Para afugentá-los dei um tiro de dinamite que, parece, enraiveceu-os mais. Surgiu então na margem oposta um caboclo forte, belo tipo de cacique, que lembrava os guerreiros de Alencar, o qual, entrando n'água até a cintura e empunhando grande arco e flechas, começou a discursar energicamente. Com o arco retesado, fazendo o gesto de soltar a flecha com que nos ameaçava, gritava em linda voz, vibrante, enérgica. Depois bateu forte no possante peito, apontando para todos os lados com gestos significativos de ser ele o possuidor de tudo aquilo. Enquanto isso, outros índios, pela mata adentro, nas duas margens, arremedavam a onça, lobo, coatá e pássaros diversos. Era um espetáculo imponente! De muito longe, rio abaixo e rio acima, ouviam-se gritos. Tocavam 'reunir'... Preparamo-nos para a defesa, já que não podíamos despencar numa cachoeira e não podíamos fazer o levantamento. Feito o jantar, mandamos apagar o fogo e entrincheiramo-nos atrás de grandes árvores. A gritaria continuava assustadora pela mata fora. Quando os gritos estavam muito próximos, soltávamos uma bomba de dinamite, cujo estampido os atemorizava, afastando-os do nosso bivaque. Às 20 horas, estando a noite bastante escura, embarcamos todos em nossas canoas e, no maior silêncio, abandonamos o bivaque e fomos para a margem oposta, onde amarramos as canoas. Foi uma excelente medida, porque, à meia hora da madrugada, os índios assaltaram o bivaque abandonado e sofreram grande decepção, a julgar pelos gritos que soltavam. Passamos a noite nas canoas, prontos para nos afastarmos para o meio do rio, caso o nosso esconderijo fosse descoberto.

" 'Foi uma noite horrível: sentados, cansados e a matar mosquitos...'

"No dia seguinte o tenente Pireneus prosseguiu o seu serviço e venceu, sob cautelas idênticas, toda a zona habitada pelos cajabis, a lances de coragem, sangue-frio e sagacidade. Em transes como esse é que se revela a fibra do homem que dirige expedições desse gênero.

"No dia 15 de maio os expedicionários só às 18 horas puderam preparar a comida, pois estavam sob a vigilância hostil dos índios que os acompanhavam pelas margens, onde, por isso, não conseguiram obter lenha para fazer fogo, mesmo na ilha de pedra que escolheram para bivacar; sem café e sem almoço, alimentaram-se então de tocari e amendoim. No dia 16, à tardinha, bivacaram em um rochedo, onde, providencialmente, a enchente havia deixado a lenha de que se serviram para acender fogo.

"Prosseguindo viagem e continuando o levantamento do rio, através de todos esses obstáculos e ameaças, ainda a 17, o tenente Pireneus deixou presentes em uma pedra onde bivacou e viu que os índios, em número de 17, os foram buscar logo que ele se afastou com suas canoas rio abaixo: e conta que estes mesmos índios o acompanharam por água, até a ilha Celina, 764 km das cabeceiras do rio, quando escreve:

" 'Os índios também abicaram suas canoas na ilha, porém, no mato. Como estivéssemos em praia limpa, longe do alcance das flechas que porventura atirassem de lá, afastamo-nos das nossas canoas com alguns presentes que lhes mostramos. Muito receosos e assustados, aproximaram-se completamente desarmados. Eram 17 homens e duas bonitas raparigas. Estes índios não conheciam fósforos, que, parece-nos, viam pela primeira vez, tal a sua admiração ao nos verem riscar um fósforo. Em troca de caixas de fósforos e contas deram-nos grande porção de tocaris, dizendo-nos tê-los apanhado na serra dos cajabis, que estava à vista e que eles nos apontavam, e também um pato moqueado com tripas e pernas.'

"Infelizmente em um alagamento de canoas, perdeu-se todo o serviço fotográfico da expedição, inclusive inúmeros instantâneos que constituíamos importante documentação sobre os selvícolas do rio Teles Pires.

"O relatório do tenente Pireneus traz minuciosas informações sobre o que ele pôde observar dos usos dos cajabis, a cujo meio inculto, pelo que vamos ler, já chegou também à moda das mulheres arrancarem as sobrancelhas... e cortarem cabelos *à la garçonne:*

" 'Algumas mulheres arrancam as sobrancelhas e pestanas, e aparam o cabelo. Isto, porém, não é uso geral, porque vimos outras cajabis que não se depilavam nem aparavam os cabelos, tendo-os compridos, alisados com pente de pau e presos no pescoço com certa graça. Os homens, sem exceção, usam o cabelo comprido, cuidadosamente amarrado na nuca com um cordão. Os cabelos são muito pretos, luzidios, abundantes, lisos e quase sempre se acham untados de urucum. É a sua brilhantina que, parece, não faz cair o cabelo. Homens e mulheres furam as orelhas onde colocam brincos interessantes, feitos de pontas de chifre de veado ou de taquarinha – de 8 a 10 centímetros de comprimento – tendo engastado na parte da frente um penacho de penas de periquito ou de passarinhos, cujas cores sejam vivas. Usam também um simples pedaço de pau metido na orelha.'

"Há muitos episódios ainda sobre os índios com que teve contato a turma de Pireneus, referências abundantes sobre seus utensílios, vocabulário cuja significação pôde ser traduzida, etc., mas que seria longo aqui enumerar pelo que terminarei referindo a notícia trazida pela expedição quanto ao falecimento de uma índia: Rosa Bororo (vide notas 1 e 2), cujo nome está gravado na história da sua grande e importante tribo, no tocante suas relações com os civilizados. Rosa Bororo faleceu em janeiro de 1913, na aldeia de índios bacairis (vide nota 3) que tem por chefe o seu filho "capitão" (cacique) José Coroado, e pela qual passou a expedição Pireneus."

*

NOTA 1 – Borôro, com esta acentuação, é o nome exato desta tribo de valentes guerreiros de elevada estatura (onde é comum o homem de 1,8m e 1,9m e configuração atlética), porque os índios assim o pronunciaram em sua língua, uma das que são habilmente faladas pelo general Rondon.

Não se sabe como os civilizados criaram uma errada fonética para este nome, a fim de o transformar em boróro ou bororó.

NOTA 2 – A propósito da comovente história de Rosa Bororo, cujo nome foi dado, ainda quando ela vivia, à lancha que o Serviço de Proteção aos Índios possui em Mato Grosso, disse o general Rondon em uma de suas conferências em 1915, já citadas, linhas atrás:

"A uma pena feminina, a da esposa do general Melo Rego, devemos o não se ter perdido a memória do grande serviço prestado por aquela humilde mulher à sua nação de origem, e também a grande parte da população da antiga Província de Mato Grosso, incluída a das imediações de Cuiabá. Havia muitos anos que a tribo dos bororos do rio S. Lourenço vivia em guerra aberta com os civilizados, aos quais hostilizava com formidáveis assaltos no interior das suas casas e estabelecimentos, matando a muitos, desorganizando o tráfego pelos rios e pelas estradas, e o trabalho em numerosas e importantes fazendas de criação, onde praticava as maiores depredações.

"Para tão grande mal, não encontraram os presidentes da província outro remédio, senão o de organizarem a guerra de represália, visando o extermínio dos selvícolas. A direção das formidáveis 'batidas' que então se iniciaram, foi entregue ao tenente Duarte, homem bravo e decidido, mas incapaz de, por si mesmo, libertar-se da ilusória fascinação que nasce da ideia de ser absoluto o valor da força física, para aplainar as desordens que surgem entre agrupamentos humanos, como resultado da diferença de civilização, de preconceitos de raça, do exaltamento das paixões, em suma: que nascem deste estado d'alma que conduzia a antiguidade a confundir estrangeiro e inimigo num único apelativo.

"Pode-se, pois, imaginar a que ponto de crueldade atingiram, dentro em pouco, as hostilidades entre os bororos e o contingente comandado pelo tenente Duarte.

"Ia a guerra assim acesa, e de dia para dia mais se incrementava, recrudescia, quando apareceu, entre os índios que haviam sido trazidos prisioneiros para Cuiabá e aí viviam em mal disfarçada escravidão, uma quase menina, que se oferecia, primeiro, e depois pedia instantemente, a lhe permitirem que acompanhasse a coluna do tenente Duarte, numa das 'batidas' contra aldeias da sua gente. Prometia ela fazer cessar a guerra, salvar o resto da nação perseguida e restituir à calma a população de Cuiabá e de toda a região assolada pelas correrias dos guerreiros do rio S. Lourenço.

"Acolhida a princípio com descaso, e em seguida com desconfiança, a moça bororo soube, no entanto, perseverar com tanto entusiasmo e fervor no projeto, que afinal conseguiu vencer a indiferença geral, e mais do que isso o orgulho dos que se consideravam tão desmedidamente superiores a ela, que difícil lhes era admitir a possibilidade de terem de modificar e de abandonar os seus planos e combinações, para adotar os de uma mísera escrava selvícola.

"Numa de suas costumadas expedições, o tenente Duarte levou a moça bororo. Chegados a certo ponto do rio S. Lourenço, ela, despojando-se das suas roupas de cidade, internou-se na floresta, e ao fim do número de dias previamente combinado com o comandante do destacamento, regressava ao lugar em que este a esperava, trazendo em sua companhia o 'boemegera' ou chefe da tribo bororo, que vinha por ela convencido a tratar paz e amizade com os civilizados, representados na pessoa do mesmo homem que, até ali, os perseguia com inauditas atrocidades.

"Depois deste ato memorável, nunca mais se interromperam as relações pacíficas daquela nação com os civilizados, e são já bastante valiosos os serviços que nos tem prestado nos pantanais do Paraguai. Entre outros, lembrarei o que eu mesmo recebi, quando me achei encarregado da construção da rede telegráfica do sul de Mato Grosso; durante um ano inteiro, todos os trabalhos foram realizados por esses índios, que, em número superior a 500, estiveram incessantemente às minhas ordens.

"A moça bororo, a quem devemos tão bela página da crônica do nosso país, repassada do mesmo perfume de ternura e de bondade que se exala das que recontam a história sem par da admirável Marina, foi essa Rosa, de quem o tenente Pireneus encontrou no rio Teles Pires o filho, que lhe deu o auxílio de sua pessoa e da sua gente, para o levar às mais altas cabeceiras do Paranatinga.

"Pela informação do tenente Pireneus, Rosa Bororo faleceu em janeiro de 1913, na aldeia Bacairi de que o seu filho é chefe. A sua memória, porém, vive ainda nos corações daqueles que conhecem a sua curta, mas tocante história; e certamente viverá enquanto houver corações de brasileiros para vibrar de amor e de gratidão, ao evocar-se a imagem de quem quer que seja, grande ou pequeno, que tenha dado lugar, pelos seus atos, pelas suas palavras, e, pelos seus sentimentos, ao subscrever-se nas páginas da história de nossa pátria, mais um traço que contribua para se realizar o voto do grande poeta maranhense, quando disse:

"Vejo um povo de heróis!"

NOTA 3 – A tribo dos bacairis está hoje quase extinta, reduzida a três malocas situadas abaixo das barras do S. Manuel e do Caiapó; a 1ª, do velho capitão Antonino, que foi o elemento principal de que dispôs von den Steinen para o trabalho publicado sobre a língua e os costumes dessa tribo; a 2ª, do cacique Carutu, emigrado do vale do Xingu, havia dois anos, quando o tenente Pireneus visitou essa aldeia, e que deste último rio trouxera consigo grande número de índios (180) os quais foram quase todos vitimados por uma gripe que os atacou logo de chegada ao Teles Pires; e, finalmente; a 3ª do "capitão" José Coroado, filho da célebre índia Rosa Bororo, que ficou entre os bacairis quando o pai deste cacique foi morto, em luta travada contra os bororo-coroados.

Existe todavia um pequeno aldeamento de bacairi (assinalado pelo tenente Pireneus em seu levantamento expedito do caminho do Paranatinga), composto de 5 homens, 11 mulheres e 9 crianças, que trabalham em agricultura, na extração da borracha e como criadores, em um retiro, por conta de um sr. Peró e sob a direção do índio Gabriel, destemido vaqueiro e domador. Finalmente assinalou o tenente Pireneus o pequeno núcleo bacairi sob a chefia do simpático ancião Reginaldo, de longas barbas brancas, estabelecido há muito tempo à margem do córrego Santana, afluente do rio Novo, principal formador do rio Arinos. Este grupo é muito curioso porque representa, naquela zona, o papel de gente civilizada, ao passo que os seus vizinhos civilizados adotaram contra ele os costumes selvagens... arrebatando-lhe o gado e cavalos sob a ameaça de lhe tomar ainda as terras! O "capitão" Reginaldo já mais de uma vez palmilhou o sertão e surgiu em Cuiabá, para reclamar contra o esbulho de que era vítima. Numa dessas visitas o cacique Reginaldo revelou conhecimentos práticos da língua francesa, o que causou verdadeiro espanto, segundo me referiu, se me não falha a memória, o ex-inspetor de índios no Estado de Mato Grosso, Dr. Adriano Metelo; o fato, porém, teve depois sua explicação plausível, quando se conheceu a história romanesca de um oficial da nossa Armada que, abandonando a carreira e internando-se no sertão de Mato Grosso, conviveu com os bacairis durante mais de 20 anos. Foi o próprio protagonista deste retrocesso à vida primitiva quem o descreveu e publicou em opúsculo que é hoje livrinho raro.

Para amparar e proteger estes remanescentes bacairis do vale do Teles Pires e como centro de atração e de distribuição de ferramentas agrícolas aos bacairis do vale do Xingu, o general Rondon fundou já um próspero núcleo de povoação, com professores primários, ensino prático de agricultura, criação de gado zebu, etc. – o posto Simões Lopes, à margem do rio Vermelho, afl. do Teles Pires.

C.N.P.I – Rio de Janeiro, 10.IV.1944.

Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães

Os cajabis



574 – Índios cajabis dos Postos Pedro Dantas e Rio Verde.



575 – Índia cajabi no Posto Pedro Dantas.



576 – Índio cajabi no Posto Pedro Dantas.



577 – Cajabis aravessando o rio Verde.



578 – Índios cajabis depois da ravessia do rio a nado, falando com o general Rondon, ávidos para que chegue a hora de receberem os presentes.



579 – Índios cajabis no Posto Pedro Dantas



580 – Enfeites de cabeça dos índios cajabis. Rio Verde.



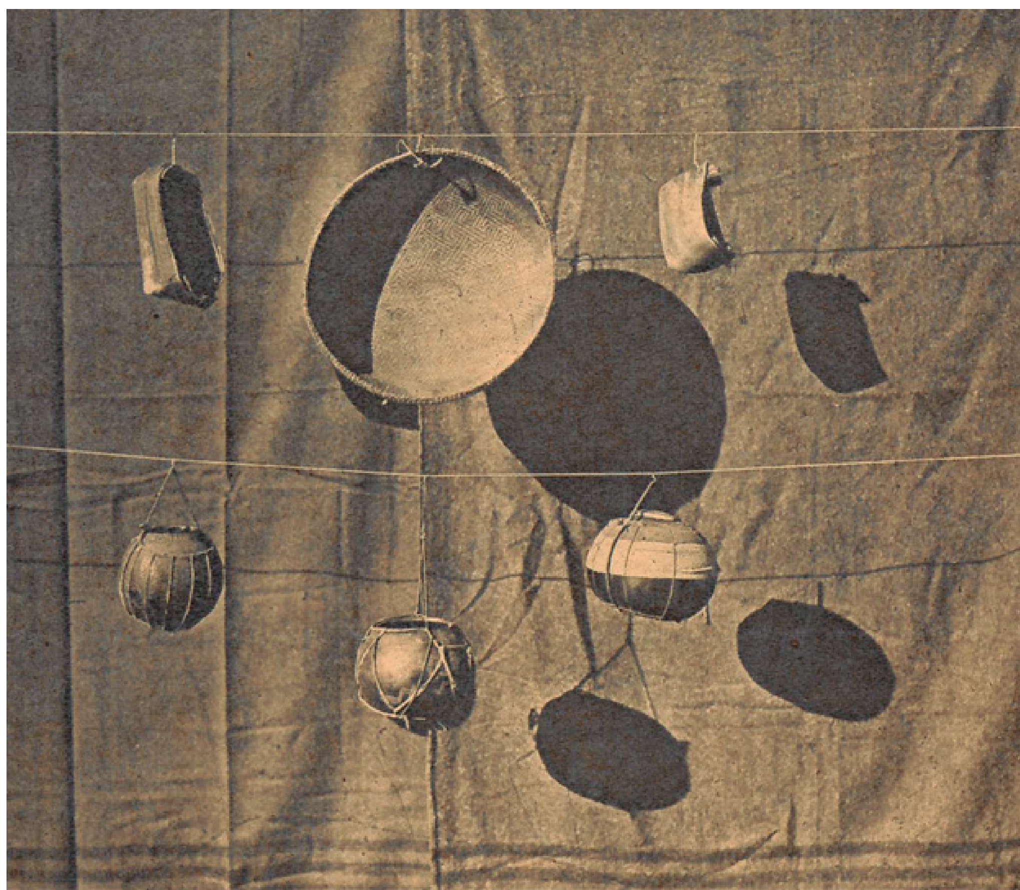
581 – Esses enfeietes de cabeça, de penas, são feitos com muita paciência e perfeição.



582 – Também esse cocar e os colares de frutinhas não são menos bonitos...



583 – Colares de sementes, um de conchas, e fios de seu uso.



584 – Artefatos dos índios cajabis. Rio Verde.



585 – Artefatos e enfeites dos cajabis.

Os bacairis



586 – Rancho na roça denominada Bocaina.



587 – Antigas habitações dos bacairis.



588 – Outra vista.



589 – Velha causa bacairi.



590 – Na aldeia bacairi.



591 – Bacairi em frente da sua casa.



592 – Casa dos bacairis (xinguanos). Rio Paranatinga, perto do Posto Simões Lopes.



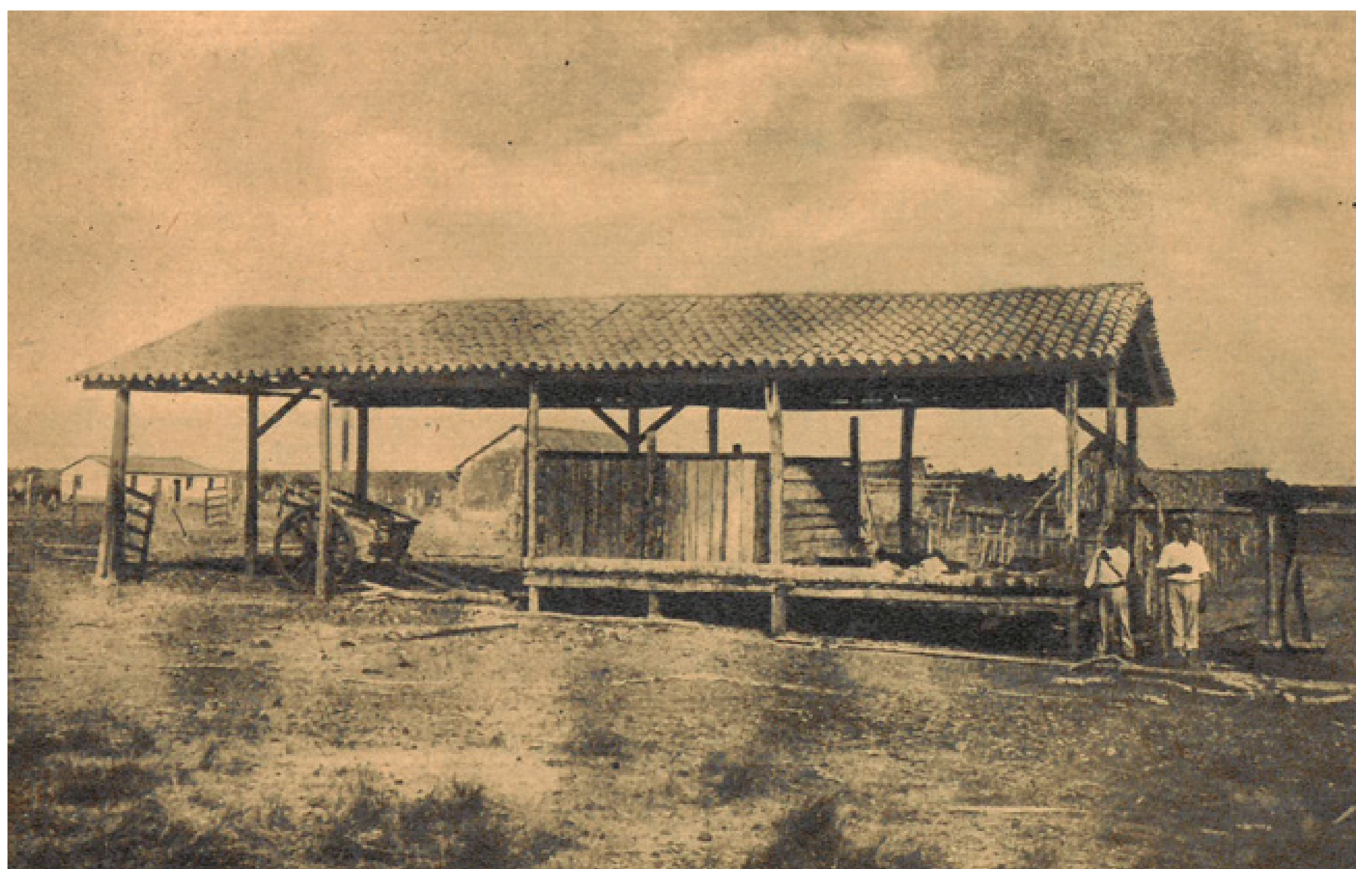
593 – Uma nova habitação para o posto dos índios



594 – Ao lado do marco plantado para garantir a propriedade das terras de sua tribo.



595 – A sede do Posto Simões Lopes: aí as carretas trabalham constantemente.



596 – Foi construído um galpão para depósito.



597 – Na época das colheiras, os cargueiros chegam atestdos de milho.



598 – As novas ruas, ala direita.



599 – As novas ruas, ala esquerda.



600 – Atualmente as casas são melhores.



601 – Trabalhadores não faltam para o desenvolvimento do nosso posto.



602 – Índios bacairis no novo posto.



603 – O histórico capitão Antonino, chefe da tribo bacairi, que acompanhou a expedição Karl von den Steinen em 1883 e dirigiu ainda há pouco tempo a tribo. Faleceu com cerca de 80 anos de idade, recentemente.



604 – As mulheres dos bacairis da nova geração ja têm o aspecto das mães civilizadas.



605 – Mulheres e crianças bacairis.



606 – Meninas bacairis.



607 – Os jovens bacairis.



608 – Mulheres dos índios bacairis.



609 – As moças bacairis recebem instrução pela profesora do posto.



610 – Escola do Posto Simões Lopes.



611 – Família bacairi em Simões Lopes.



612 – O gen. Rondon visitando os bacairis.



613 – O gen. Rondon com um jovem bacairi.



614 – Jovem bacairi.



615 – De vez em quando novas visitas aparecem no posto.



616 – Uma família dos bacairis.



617 – O gado dos bacairis. Posto Simões Lopes.



618 – Nessa idade já ele pode pastorar o gado.



619 – O gado no Posto Simões Lopes.



620 – Praticamente se pode também utilizar o boi como cargueiro.



621 – Não falta o leite para as crianças bacairi.



622 – Bacairi mostrando o resultado da plantação de mandioca no Posto.



623 – Mulheres dos bacairis.



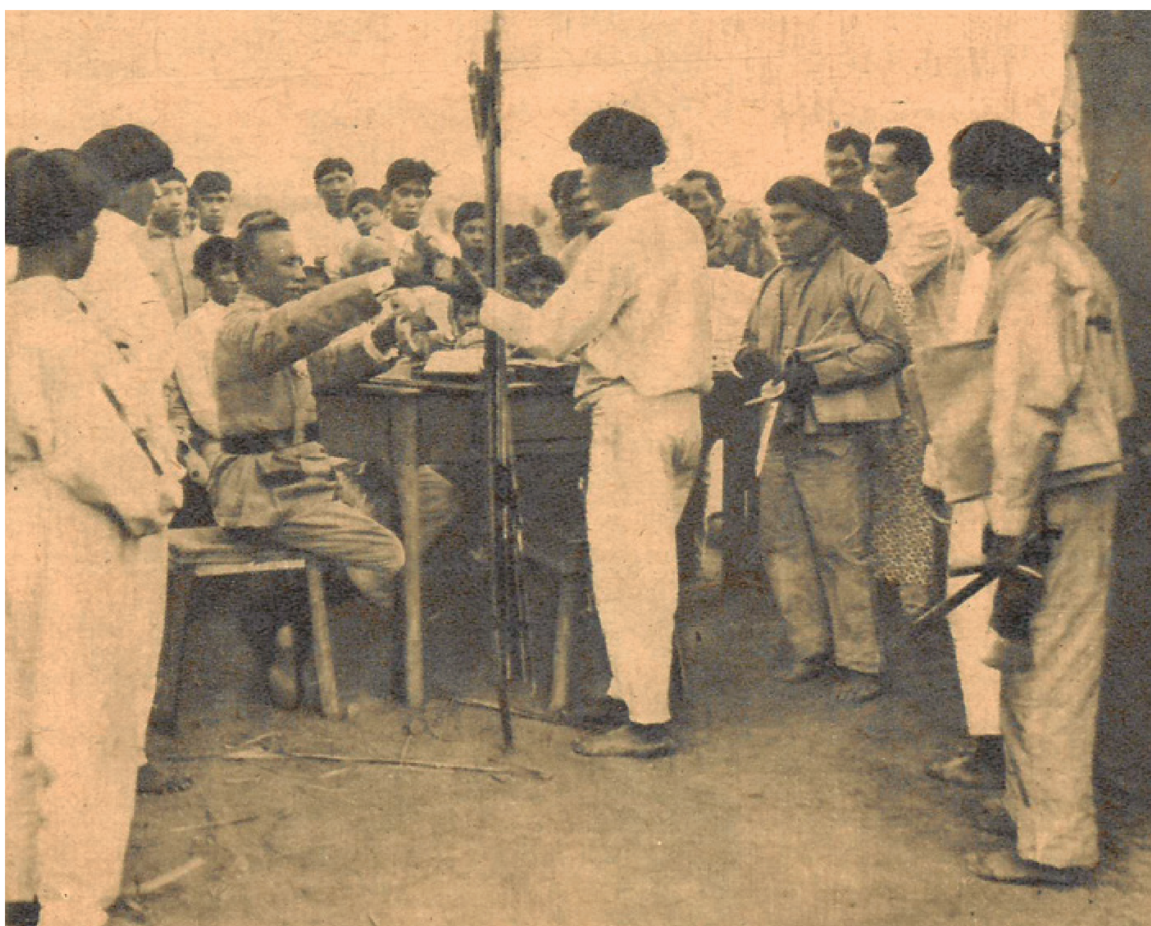
624 – Moça bacairi.



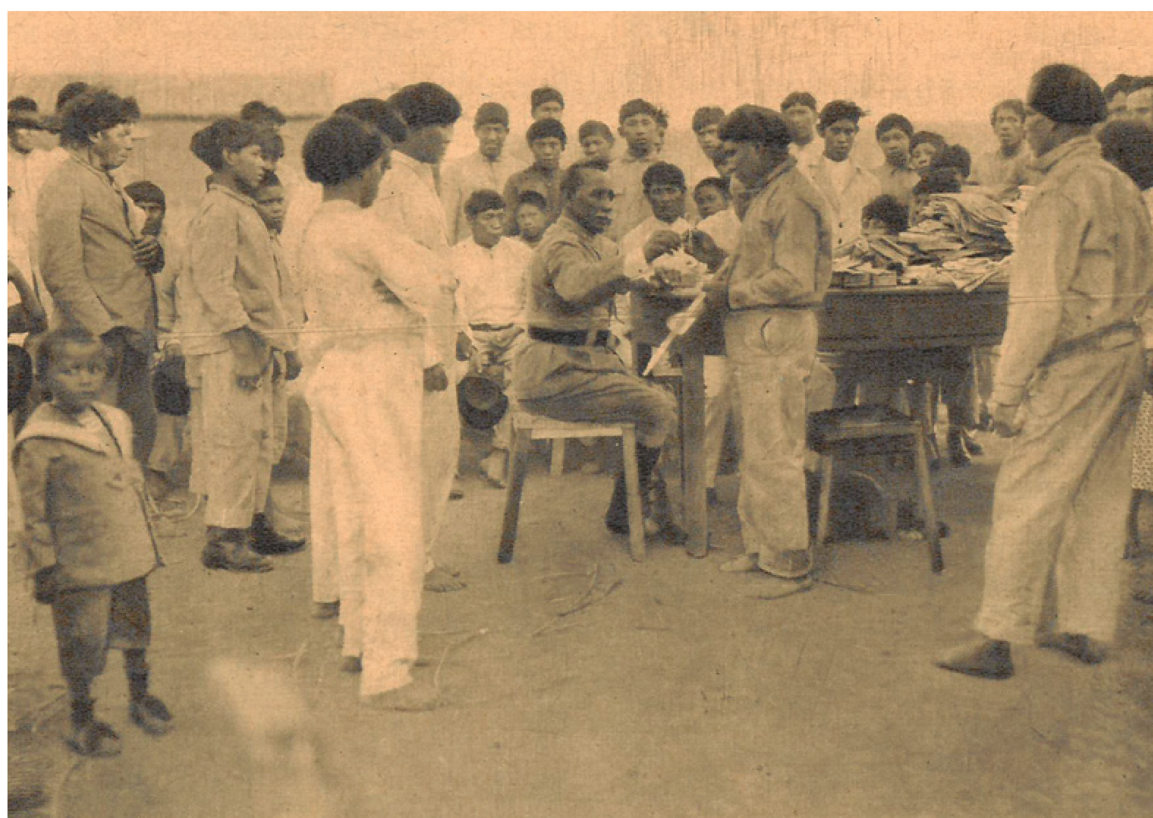
625 – Antônio bacairi.



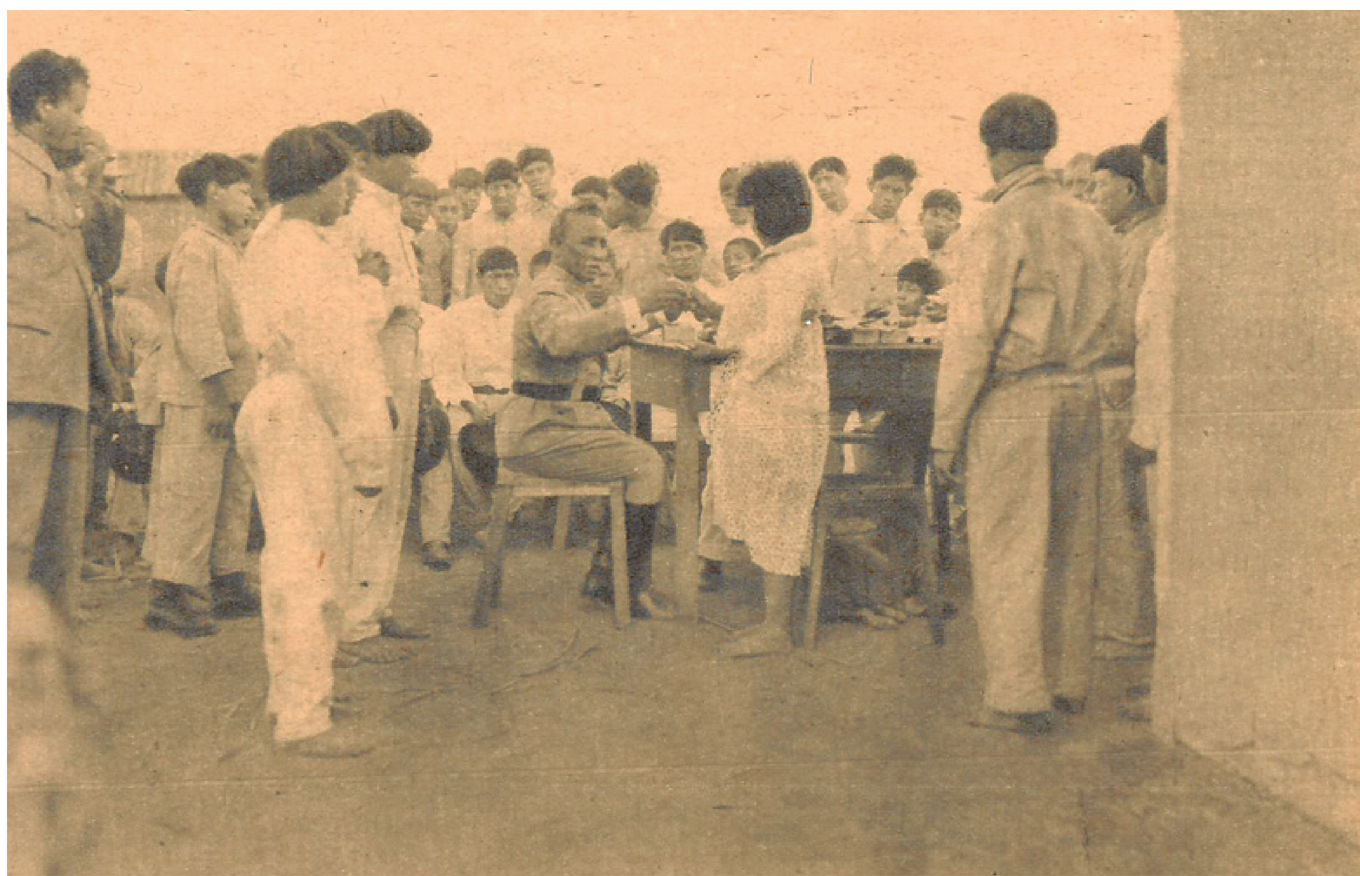
626 – Os bacairis solenizam os grandes dias nacionais, pelo culto à Bandeira.



627 – Índios bacairis trocando objetos etnográficos.



628 – Posto Simões Lopes, índios bacairis e do vale do Xingu, trocando seus artefatos indígenas por facas e vestidos.



629 – Em Simões Lopes, o gen. Rondon distribuindo presentes aos índios bacairis.



630 – Convidado a escolher o seu brinde, o velho chefe bacairi preferiu o retrato do seu grande estreito amigo – o general Rondon.

Índios do vale do Xingu



631 – Vista do rio Morroso, principal formador do Ronuro, no sopé da serra Daniel.



632 – A expedição nas cabeceiras do Ronuro.
Cine major Tomás Reis



633 – Capitão Vasconcelos anotando a caderneta de levantamento.



634 – Repouso na mata do rio Ronuro.
Cine major Tomás Reis.





635 e 636 – Abrindo veredas na mata, para a exploração.
Cine major Tomás Reis.



637 – Auxiliando pelos índios que consroem canoas de casca de jatobá.



638 – Amoldando-a com o fogo, a casca resinosa toma a forma desejada.
Cine major Tomás Reis



639 – Foi destacado o inspetor Santiago Sobrinho e o pessoal necessário para descer o rio Jatobá, um afluente importante do Ronuro



640 – Nos despedimos desses camaradas com a esperança de nos encontrarmos no baixo-Ronuro, vinte dias depois.

Cine major Tomás Reis



641 – A turma que vai descer o rio Ronuro também está preparada para a viagem: canoas carregadas com as lotações completas e pessoal a postos.



642 – Rio Ronuro.
Cine major Tomás Reis



643 – No princípio o rio Ronuro era obstruído pelos paus, e muito estreito.



644 – Impaciência, não serve...
Cine major Tomás Reis



645 – Obstáculos de árvores caídas no rio Ronuro.



646 – Cada metro de avanço custa muito tempo.
Cine major Tomás Reis.



647 – Abrindo passagem no rio Ronuro.



648 – Trabalho duro com o machado.
Cine major Tomás Reis.



649 – Mais dificuldades e sempre para a frente.



650 – Árvore gigantesca derrubada pelo tempo.
Cine major Tomás Reis



651 – Uma ponte natural dá muito trabalho.



652 – Mais uma dificuldade a vencer.
Cine major Tomás Reis



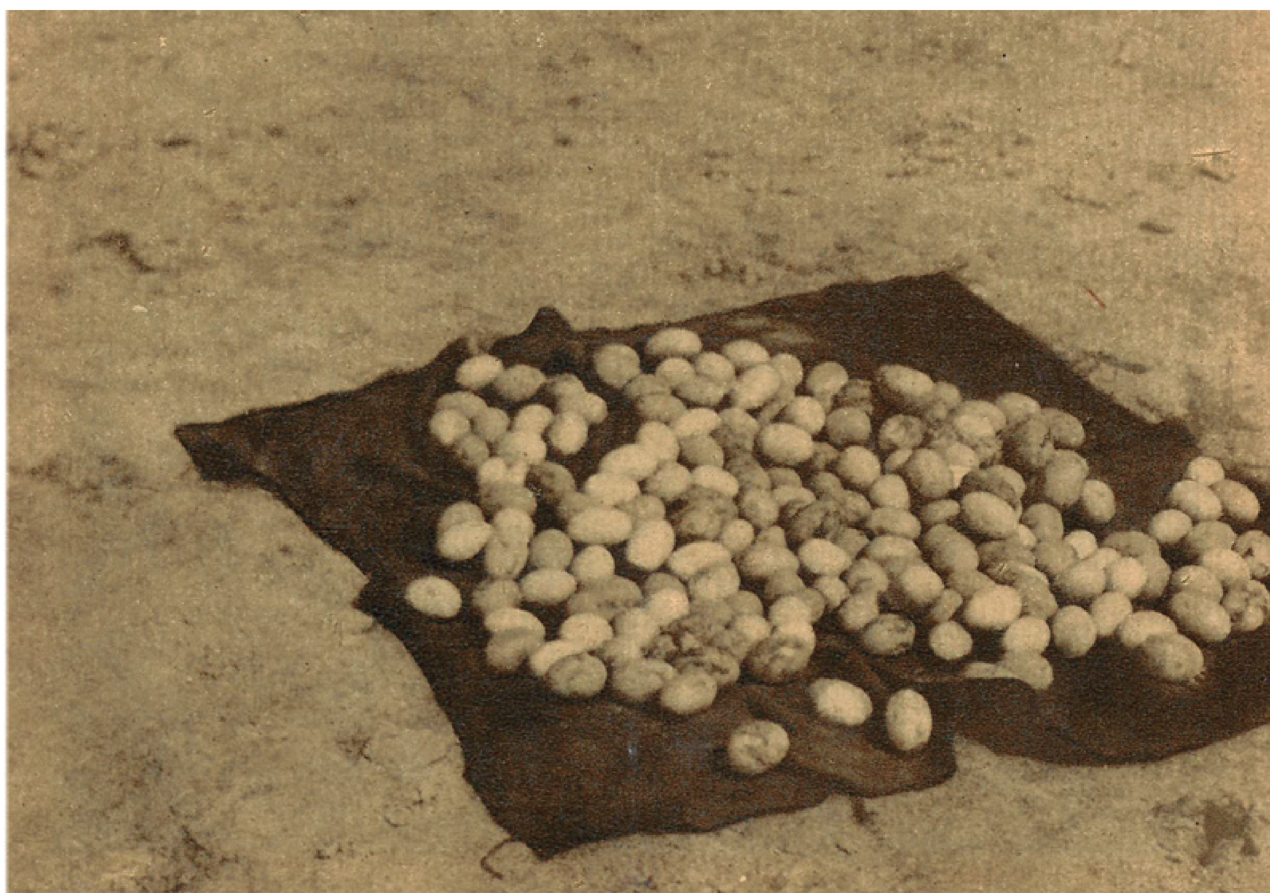
653 – O rio Ronuro está livre dos paus por algum tempo, mas apareceram os rápidos. É preciso baldear e passar as canoas a braço.



654 – Fazendo o levantamento dum varadouro de 500 metros
Cine major Tomás Reis



655 – Ovos de tartaruga, às centenas.



656 – A postura de uma fêmea só conta muitas vezes esta quantidade.
Cine major Tomás Reis



657 – No acampamento dos rápidos "Pé de Anta".
Construção de um rancho para o preparo de filmes cinematográficos.



658 – Com o material desmontável aí o cap. Reis revelou muitos filmes cinematográficos,
embora muito perseguido pelos mosquitos.
Cine major Tomás Reis



659 – O filme está seco. A revelação da noite não deu bom resultado. A temperatura de 10º C. só, não foi bastante. Outra vez, insetos microscópicos furaram a gelatina.



660 – Embora o filme revelado não mais corresse o risco de ser destruído pelo calor e pela umidade, durante a viagem, o serviço de revelação não era mais executado, para evitar aqueles insetos.

Cine major Tomás Reis



661 – Acampado sobre a barranca do rio Ronuro, no dia do aniversário do cap. Reis. O dia foi festejado com um bom almoço puxado a sobremesa!



662 – A foz do Córrego cap. Reis.
Cine major Tomás Reis.



663 – O salto Ronuro, de 9 metros de altura, ansiosamente esperado, marcava um acontecimento importante.



664 – Salto Ronuro.
Cine major Tomás Reis.



665 – Repouso com almoço à margem do Ronuro.



666 – Era o tempo das borboletas.
Cine major Tomás Reis



667 – Serviços de levantamento no rio Ronuro.



668 – Foram levantados 800 quilômetros até o fim da expedição.
Cine major Tomás Reis



669 – O rio Ronuro corre agora, entre paredões de 12 metros, em cerradão, e se apresnta melhor à navegação. É possível fazer assim 20 quilômetros por dia.



670 – O Ronuro se mostra cada vez mais pitoresco.
Cine major Tomás Reis



671 – As águas como um espelho, de tão tranquilas.



672 – Uma anta apareceu na nossa frente, sem nos temer.
Cine major Tomás Reis.



673 – Mais tarde passamos a vitória-régia, no seu reino natural.



674 – Na Europa e América do Norte, os estrangeiros constroem estufas com piscinas enormes e os fornos necessários, para obter esta plana exótica de clima tropical. Os jornais então anunciam a noite de florescência. Mas quem de nós conhece – a não ser as cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro – as lindas flores tão longínquas nas matas e nos pantanais?

Cine major Tomás Reis



675 – Rio Ronuro. Esta vista mostra bem a construção interna das canoas de jatobá.



676 – Como a leve canoa atravessa facilmente o rio Ronuro!
Cine major Tomás Reis



677 – Santiago com a sua turma, descobrindo com muito prazer, a meio quilômetro, as nossas canoas, que surgiram numa curva do rio.



678 – Nos últimos dez dias, eles estavam vivendo a peixe e mel, mas o Jatobá fora explorado.
Cine major Tomás Reis



679 – Depois de 38 dias, encontra-se a esquadra do Santtiago com a da nossa expedição.



680 – Capivaras à beira do alto Ronuro.
Cine major Tomás Reis



681 – A chegada dos índios camaiurás ao acampamento do rio Culuene.



682 – Índios camaiurás.
Cine major Tomás Reis



683 – Subindo o Culuene em companhia dos meninos camaiurás, que vão apresentar-nos aos chefes da sua tribo.



684 – Rio Culuene.
Cine major Tomás Reis



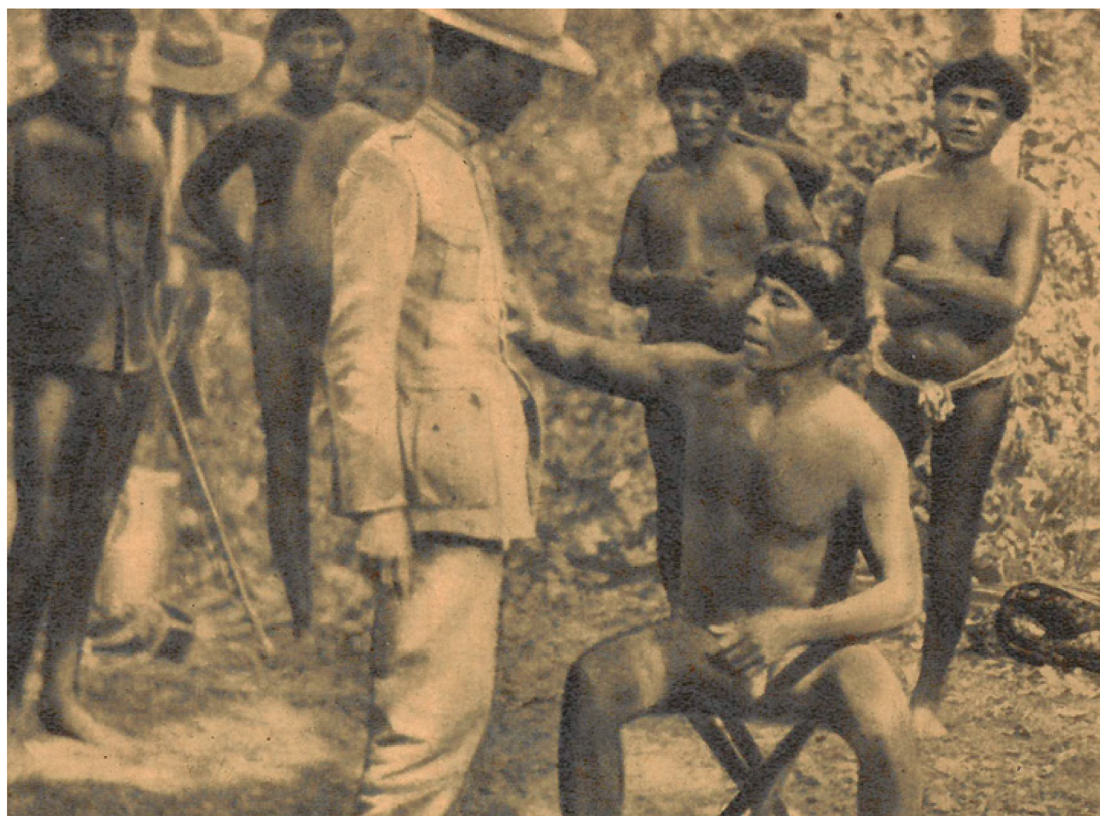
685 – Chegada do cap. Vasconcelos, acompanhado por onze índios camaiurás. Rio Culuene.



686 – Barra do rio Culuene.
Cine major Tomás Reis.



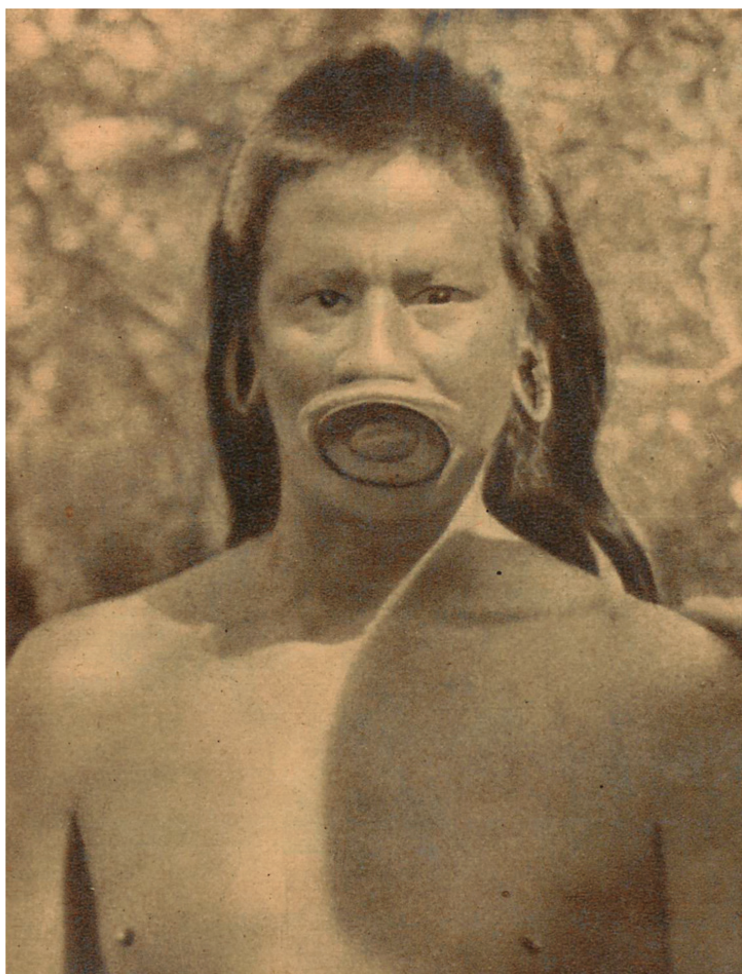
687 – Rio Curisevu. Ao nosso acampamento vieram dois chefes camaiurás e suas mulheres pedir-nos machados, em troca de farinha.



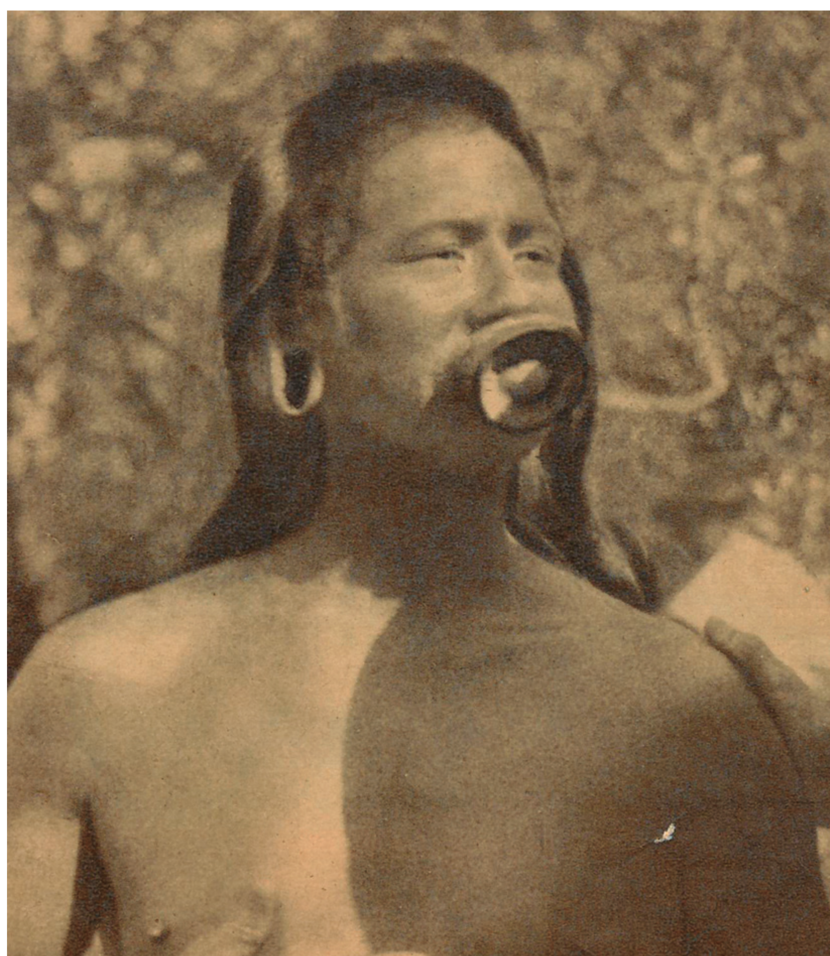
688 – O chefe camaiurá foi recebido, no nosso pouso, com demonsrações de simpatia.
Cine major Tomás Reis

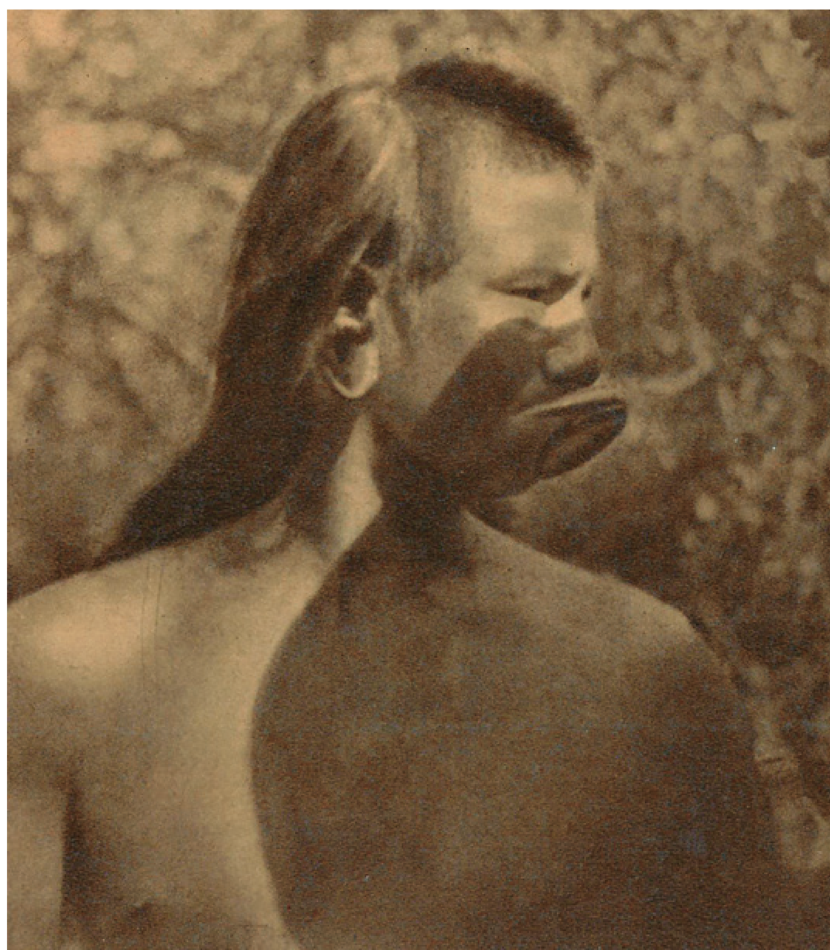


689 – Entre os camaiurás havia um tipo originalíssimo de uaurá, com os característicos de suiá



690 – O lábio inferior esquisito e monstruosamente lacerado, onde se via embutido em disco de madeira leve de um centímetro de espessura e seis a oito de diâmetro, pintado de cores vivas.





691 e 692 – Os cabelos da testa até o alto da abóbada craniana, aparados rente e, deste ponto em diante compridos como os de mulher e caídos sobre as costas.

As orelhas também extravagantemente desfiguradas, não sabemos se para adaptação de outros batoques de madeira, possuíam grandes rombos, feitos com sacrifício, de parte dos lóbulos e dos tecidos cartilaginosos da região interior do pavilhão. Pelo que pudemos apreender da explicação dos camaiurás, julgamos ter sido esse infeliz uaurá, assim transfigurado em suiá com os camaiurás tomados por estes, que o guardam com grande ufania, pois durante o tempo em que esteve conosco, conserva-se guardado de perto por um camaiurá.

Cine major Tomás Reis



693 – Índios do vale do Xingu.



694 – Rio Culuene, na barra do Ronuro. Índio ualapiti.
Cine major Tomás Reis



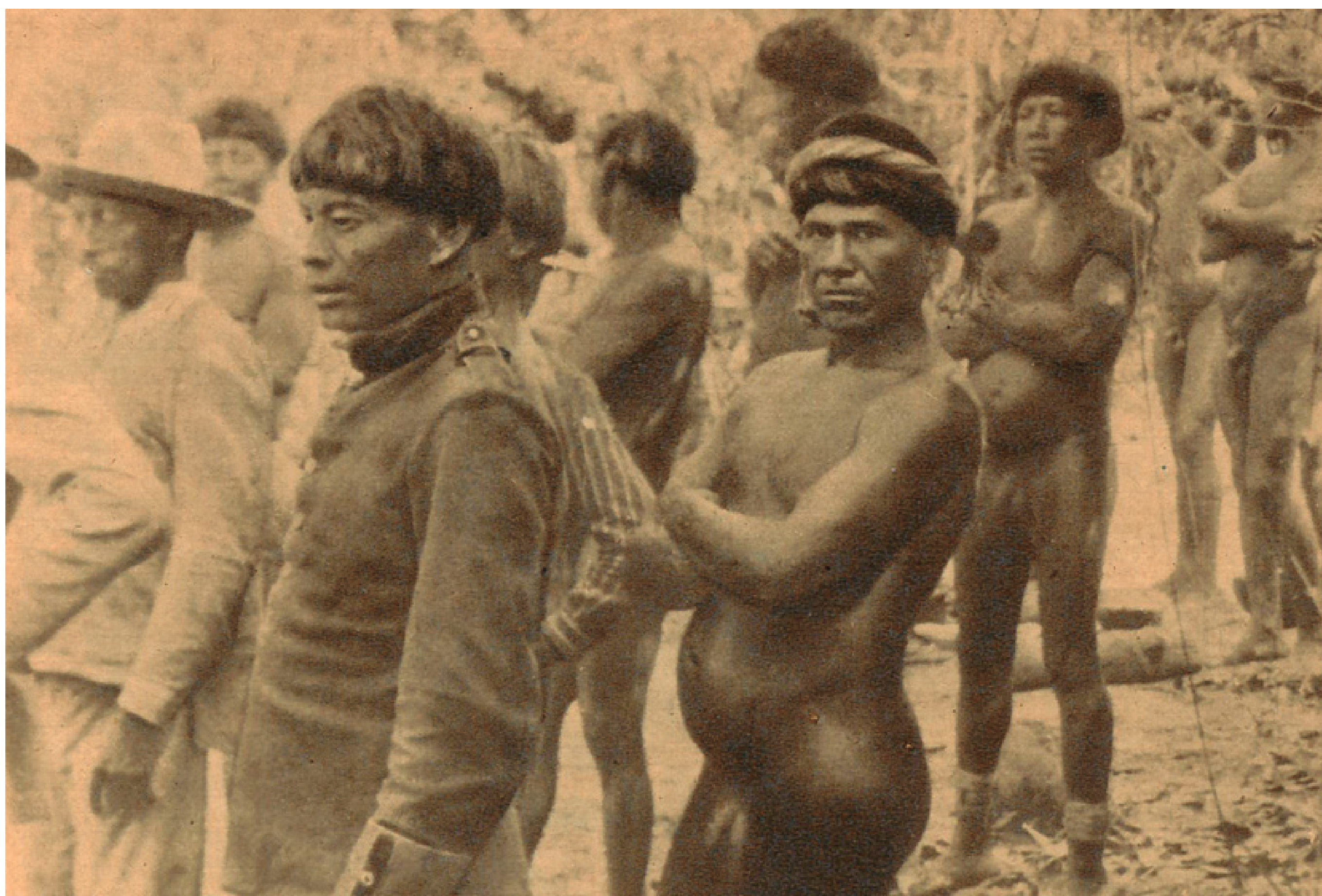
695 – No rio Curisevu encontramos os auetis, parecem mais amáveis que os camaiurás



696 – Crianças auetis.
Cine major Tomás Reis



697 – Índio do vale do Xingu.

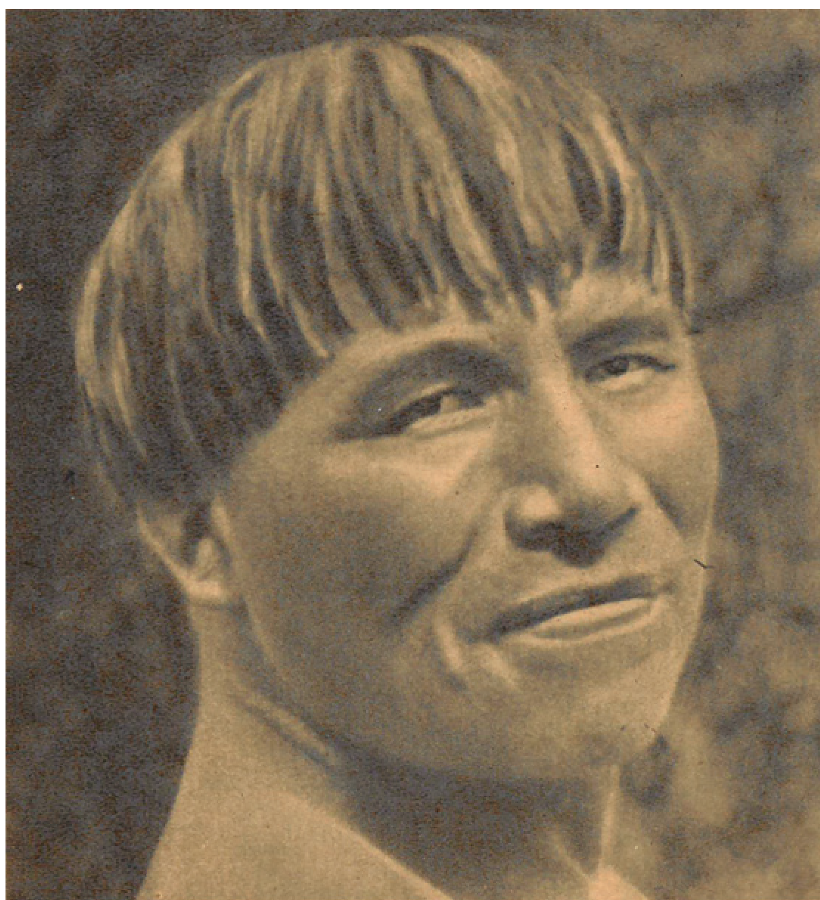


698 – Índios do vale do Xingu. Todos os índios da região casaram-se com mulheres das outras tribos; por essa circunstância, não se pode falar verdadeiramente de tribos puras com sinais próprios.

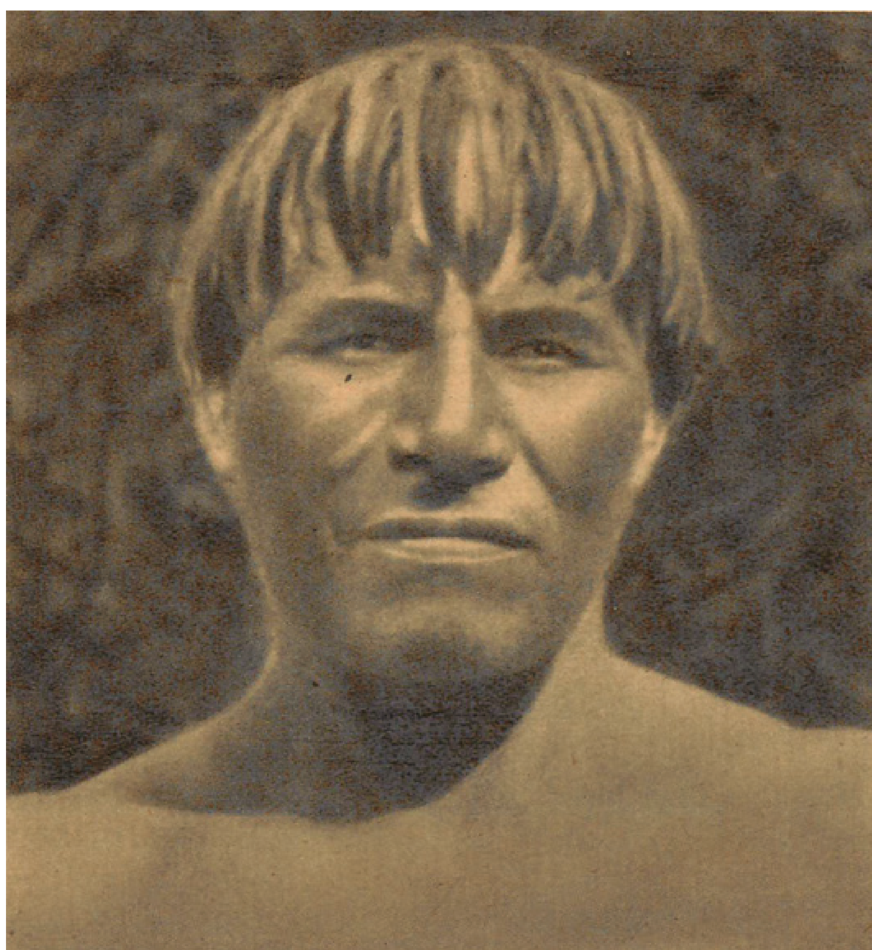
Cine major Tomás Reis



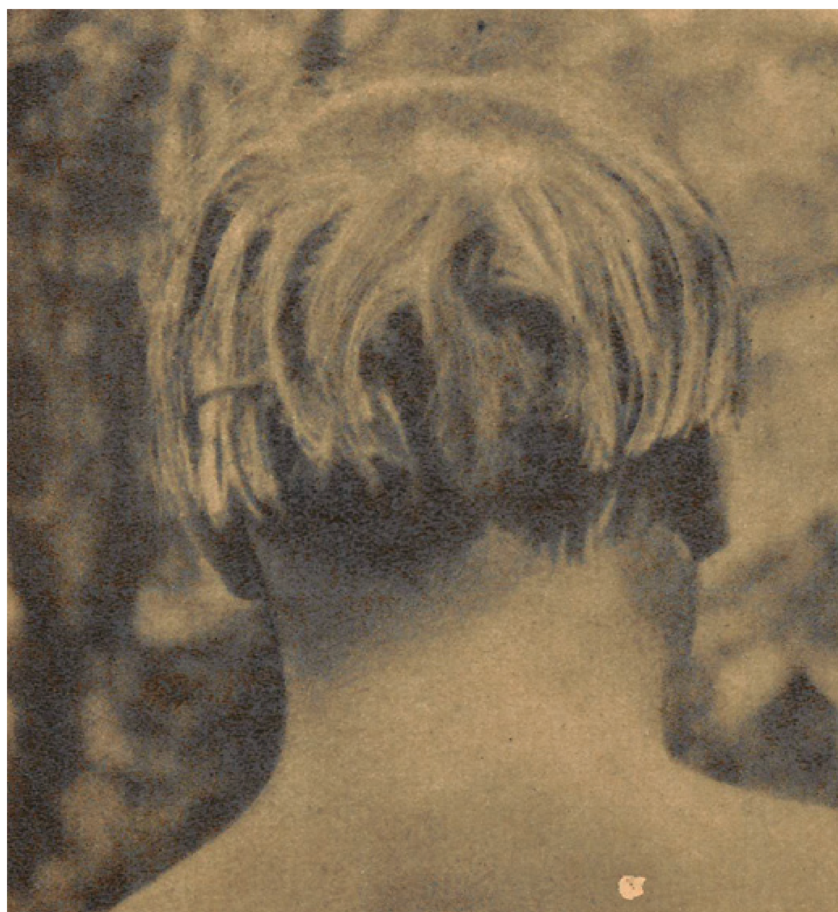
699 – Índia aueti com sua filhinha. Rio Curisevu.
Cine major Tomás Reis



700 – Índio aueti.



701 – Um outro retrato, de frente.
Cine major Tomás Reis



702 – De costas. Os índios do vale do Xingu raspam os cabelos, em coroa, no alto da cabeça.



703 – Índios no acampamento da expedição.
Cine major Tomás Reis



704 – O elegante índio cap. Avaiatu da tribo aueti.
Foto major Tomás Reis



705 – Avaiatu, cap. da tribo aueti.



706 – De costas deixando em evidência o corte de cabelo que usam.
Cine major Tomás Reis



707 – Uma família aueti.



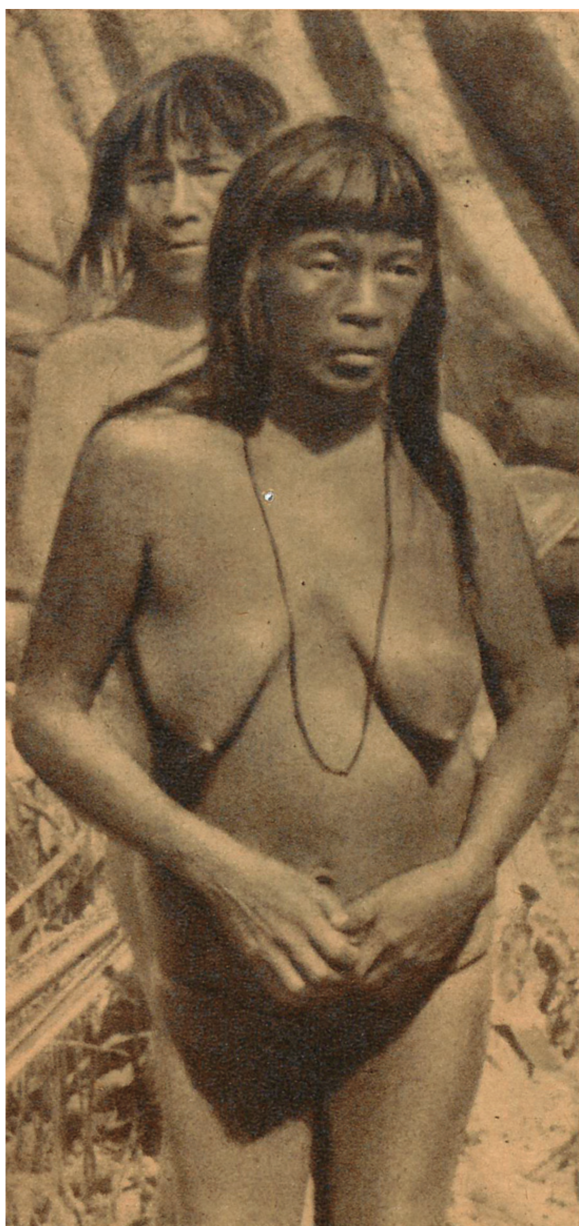
708 – O que vão fazer homens brancos com a máquina que está dando um som tão esquisito?
Cine major Tomás Reis



709 – Índia aueti, olhando com curiosidade.



710 – Índios do rio Curisevu.
Cine major Tomás Reis



711 – Mulheres aueti.



712 – Com a mímica expressiva, elas acompanham tudo o que se passa ao redor.
Cine major Tomás Reis



713 – Moça aueti.



714 – Também esta fisionomia muda de expressão, entre a curiosidade e o medo.
Cine major Tomás Reis



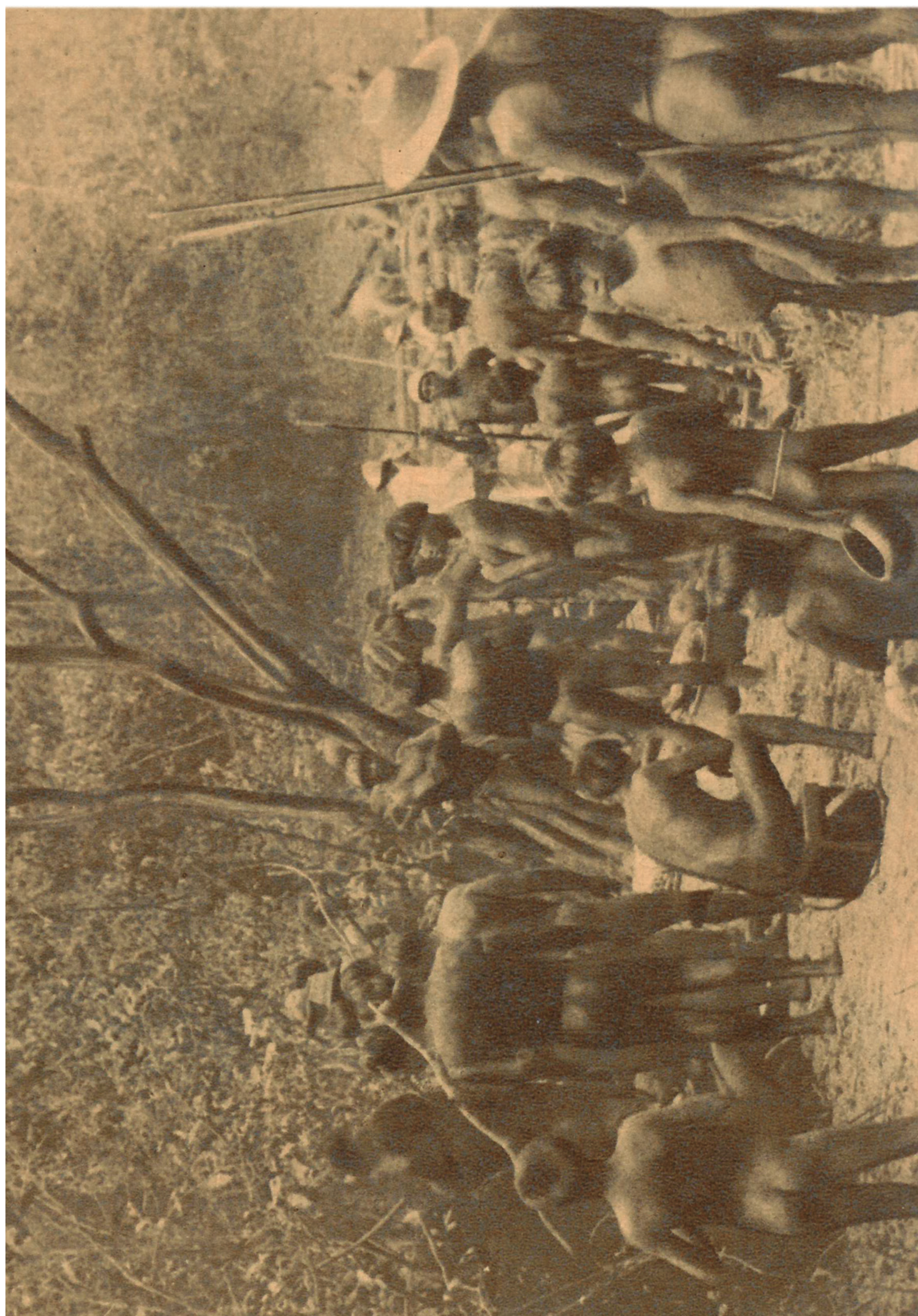
715 – Preparando os seus alimentos de frutas silvestres. Os índios do Xingu não comem carne de aniamis de couro, preferindo alimentarem-se de aves e peixes.



716 – Índios aueti ao redor do fogo
Cine major Tomás Reis



717 – Titiapalo, índio meinaco, que se disinguia dos demais pelo grande número de palavras portuguesas que falava.
Cine major Tomás Reis



718 – Chegada ao porto dos índios meinacos. Rio Curisevu.
Cine major Tomás Reis.



719 – Eles já viram-se com confiança para os expedicionários.
Cine major Tomás Reis.



720 – Gequege, índio meinaco.
Cine major Tomás Reis.



721 – Índios cuicuros.
Foto Heinz Foerthman



722 – Capitão Ui da tribo meinaco.
Cine major Tomás Reis.



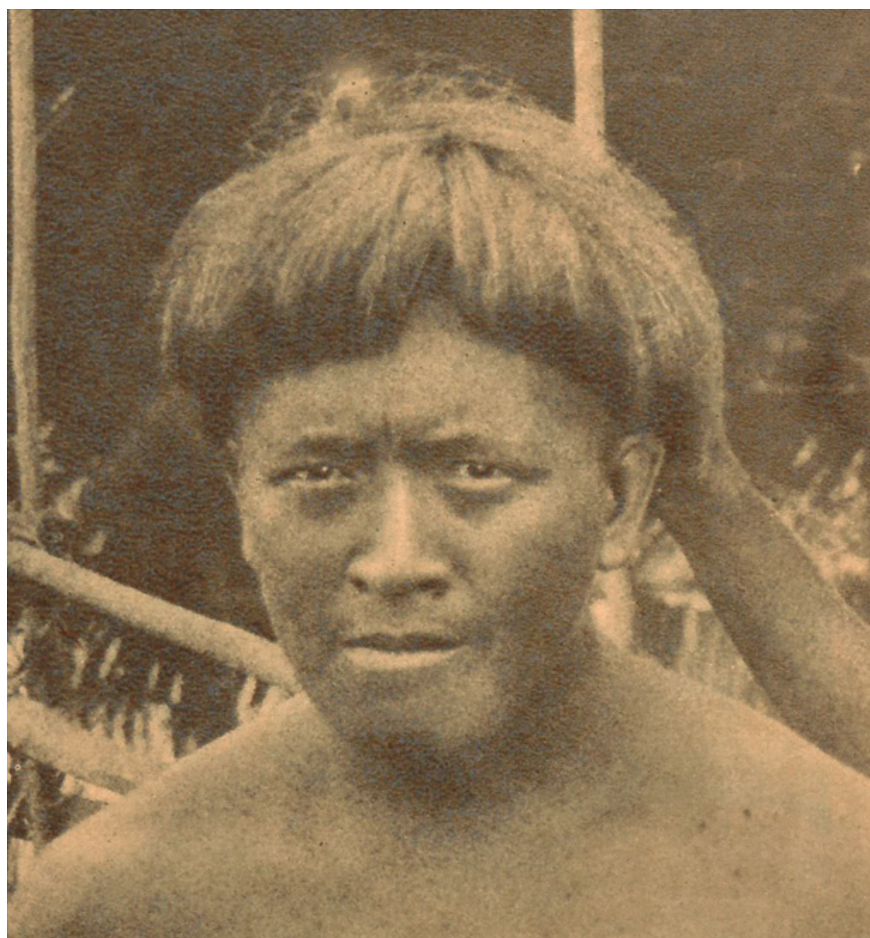
723 – Índio cuicuro, fazendo um cesto.
Foto Heinz Foerthman



724 – Capiala, índio do Curisevu.
Cine major Tomás Reis



725 – Mulheres camaiurás, levando mandioca à aldeia.
Foto Heinz Foerthman



726 – Índio do rio Curisevu.
Cine major Tomás Reis



727 – Outro índio da região.
Cine major Tomás Reis



728 – Casal aueti, com crianças.
Foto Heinz Foerthman



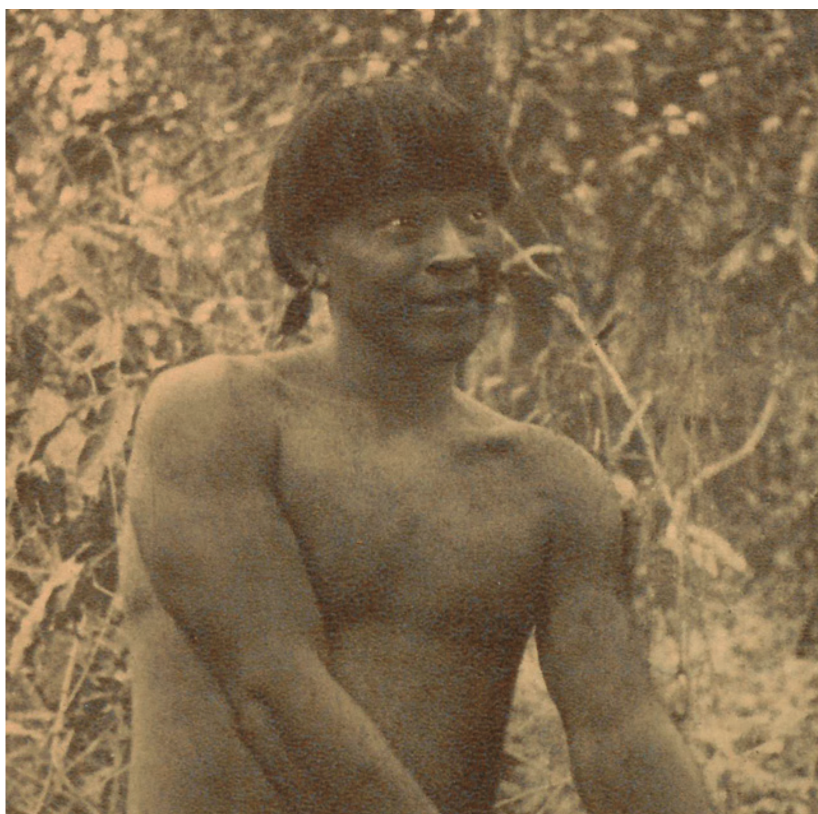
729 – Família dos índios meinacos.
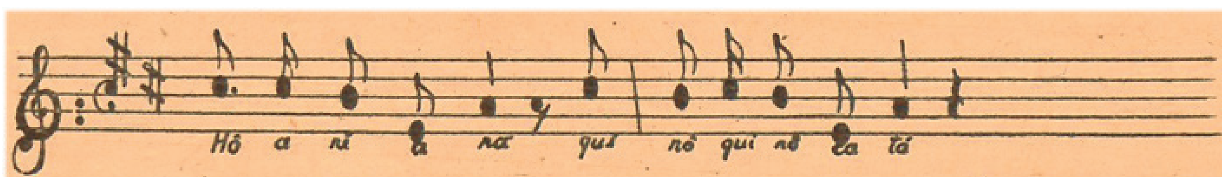


730 – Um casal meinaco.
Cine major Tomás Reis.

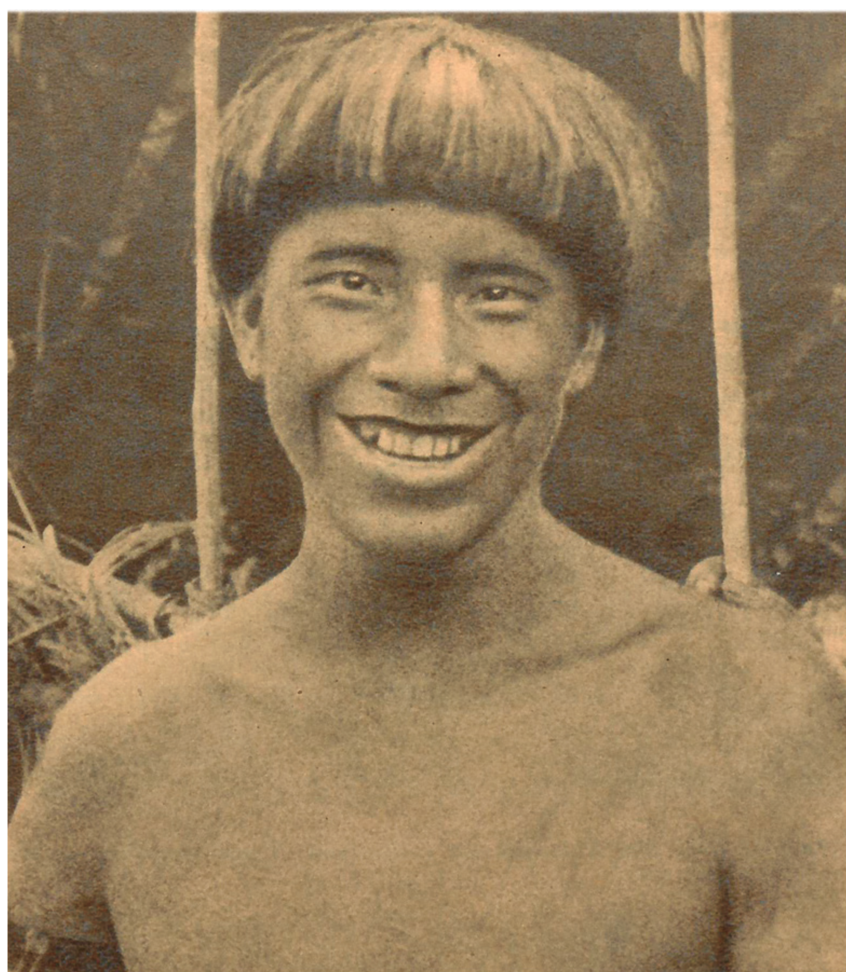


731 – Índio meinaco.
Cine major Tomás Reis



732 – Os meinacos são índios particularmente joviais. Pedem que se cante e assobie e, pelo caminho, quando nos guiavam para a aldeia, cantavam os seguintes versos, acompanhados de plangente melodia, como se segue:





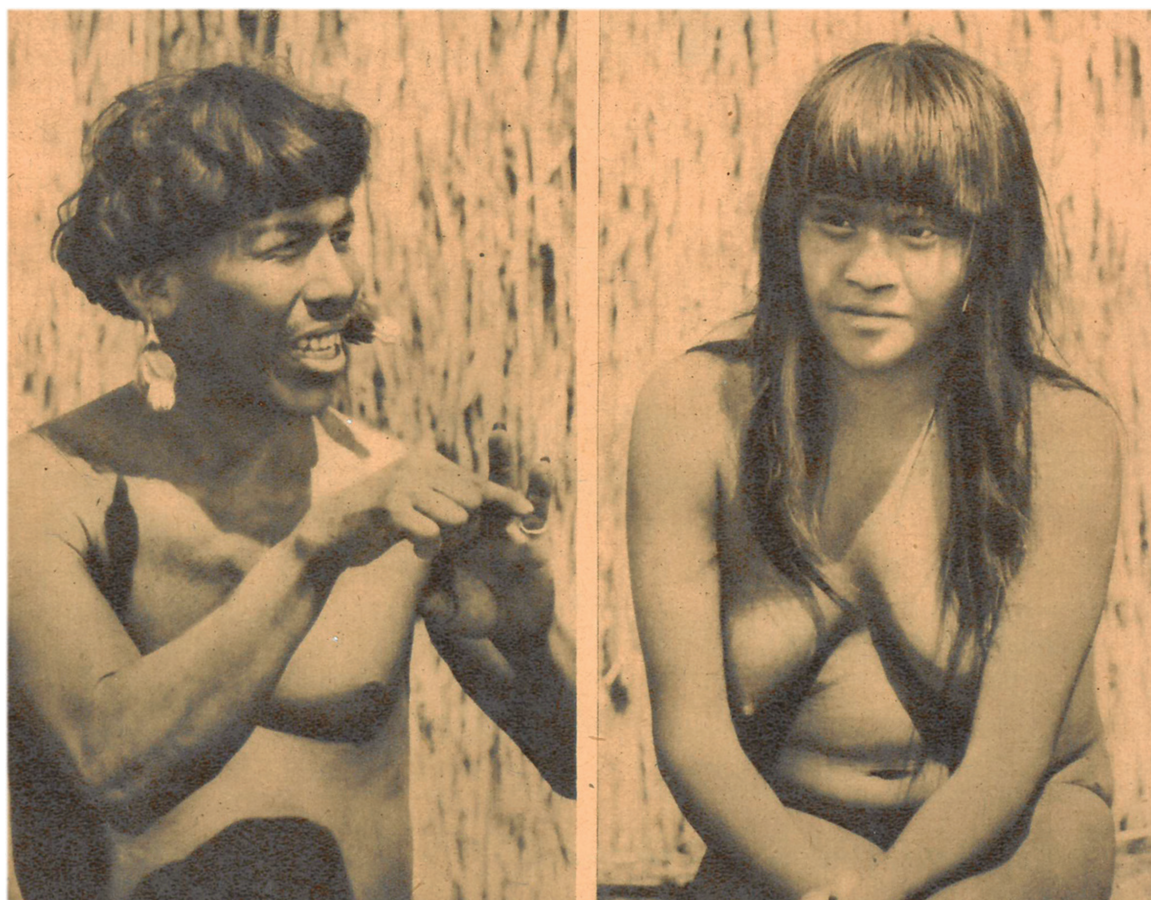
733 – Índio meinaco.
Cine major Tomás Reis



734 – Visa parcial da aldeia dos camaiurás.
Foto Heinz Foarthman



735 – Casa dos anauquás em construção. Curso superior do rio Curisevu.
Cine major Tomás Reis



736 – Índio anauquá　　*737– Índia anauquá*
Fotos Heinz Foerthman



738 – Cacique uaurá, "capitão" Anacatu.
Cine major Tomás Reis



739 – Índios cuicuros, tratamento de dentes.



740 – Mulher cuicuro fiando algodão silvestre.



741 – Cacique Anacatu, índio uaurá.
Cine major Tomás Reis



742 – Índia uaurá, esposa do cacique Anacatu.
Cine major Tomás Reis



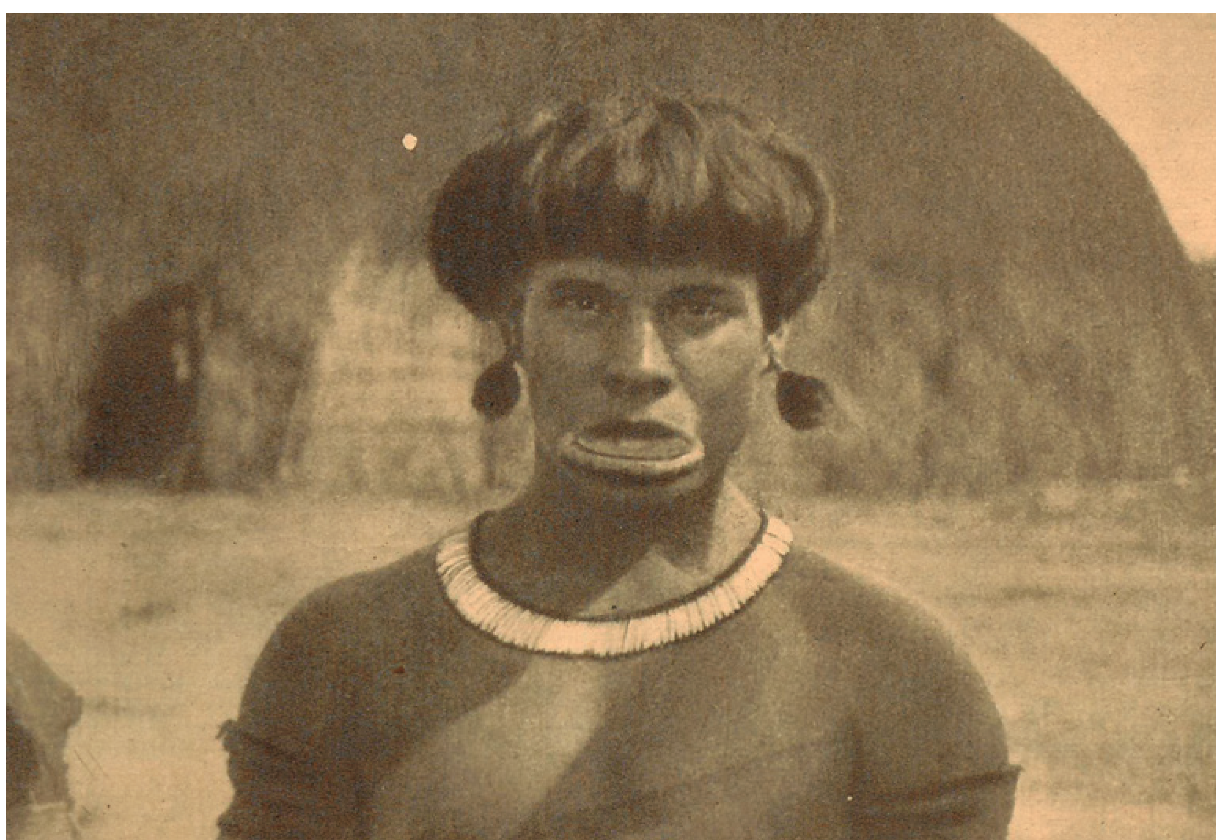
743 – Índio uaurá.



744 – Casa na aldeia Uaurá.
Cine major Tomás Reis



745 – Na aldeia Uaurá, jovem chefe da tribo.



746 – Havia ali um uaurá que fora cativo dos suiás e obrigado ao uso do disco de madeira, o sinal e enfeite da tribo suiá.
Cine major Tomás Reis



747 – Rio Curisevu, a expedição em companhia dos índios.
Cine major Tomás Reis



748 – Devido à carência de alimentação empregamos bombas para pescar. Duas bombas foram atiradas hoje; os índios precipitaram à colheita de peixe.



749 – Um pintado que valia a pena ver e comer.
Cine major Tomás Reis



750 – Acampamentos definitivamente à espera dos animais e recursos do Posto Simões Lopes.



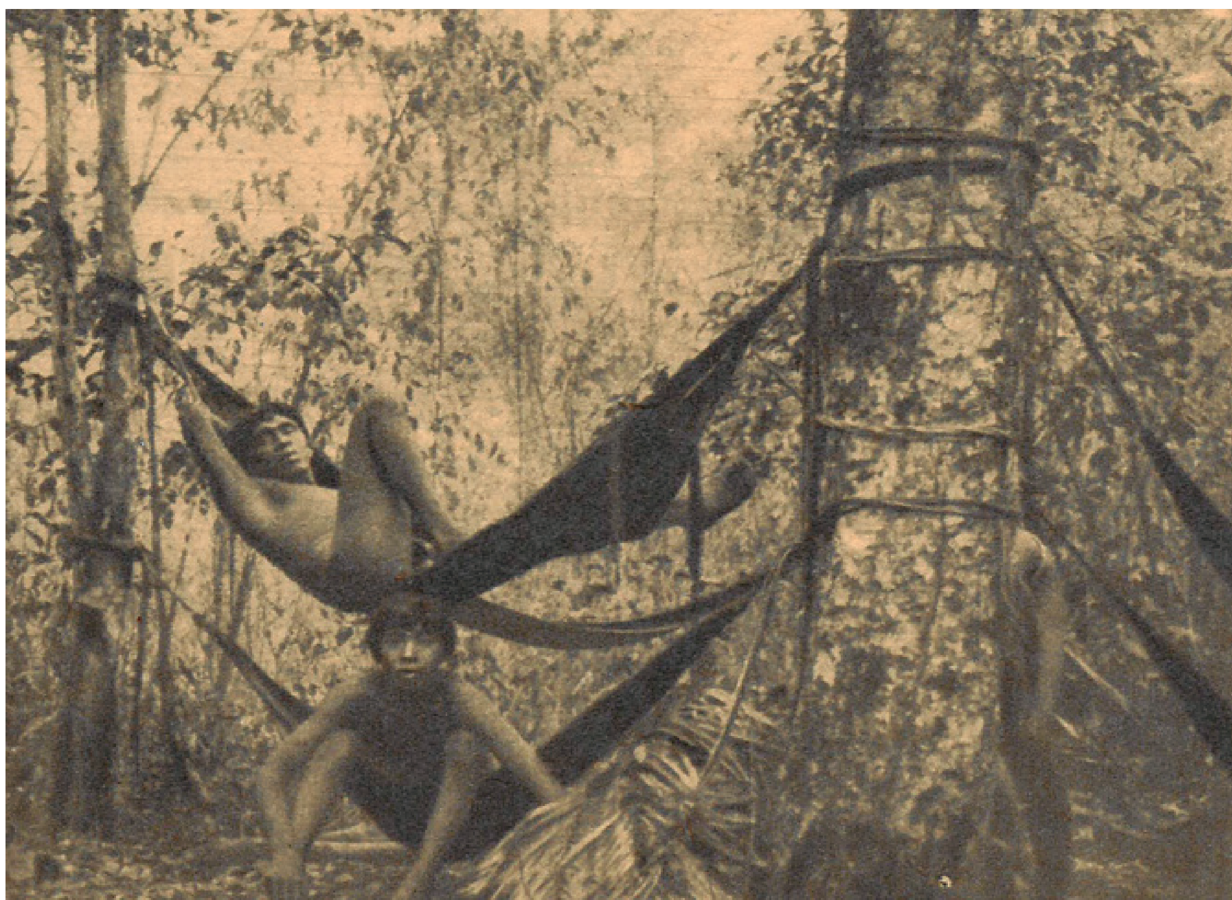
751 – Um veado que foi caçado para nós, os índios não comem esta qualidade de carne, preferem frutos silvestres.
Cine major Tomás Reis



752 – Os índios dormem em pequenas redes e com elas acampam no mato.



753 – Nas suas redes instalam-se confortavelmente.
Cine major Tomás Reis



754 – Os índios estão instalados no nosso acampamento, nas suas redes à espera dos presentes que a tropa há de trazer.



755 – Outro aspecto do acampamento.
Cine major Tomás Reis



756 – Uma família que nos acompanhou, a mulher uaurá, o índio anauquá.



757 – Um belo índio.
Cine major Tomás Reis



758 – Índios de diversas tribos formados a fim de receberem os presentes.



759 – Índios da região Ronuro-Xingu aguardam o momento de receberem presentes.
Cine major Tomás Reis



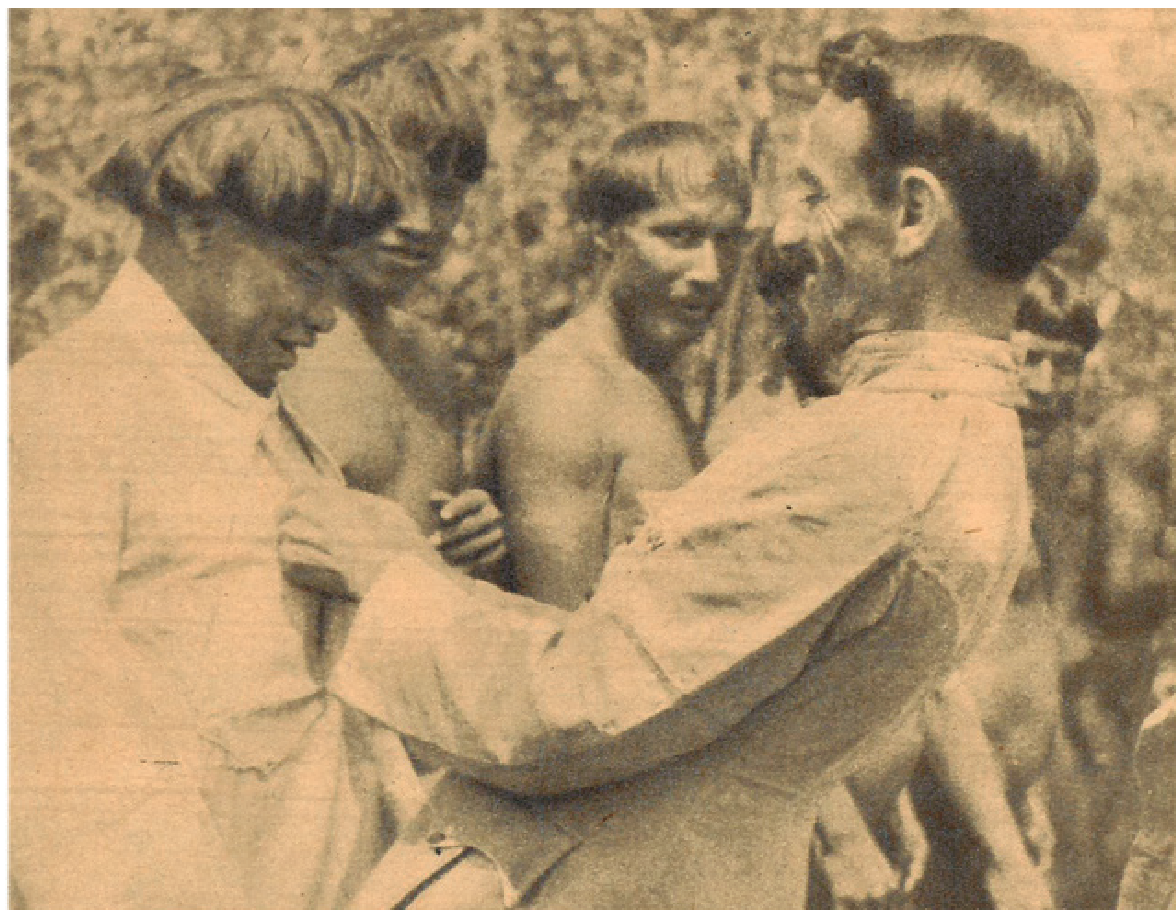
760 – O capitão Vasconcelos dá as últimas instruções antes de começar a distribuição dos presentes.



761 – Distribuição de roupas aos índios ronuro-xingu.
Cine major Tomás Reis



762 – Distribuição de facões aos índios.



763 – O capitão Vasconcelos ajeita a roupa em um índio do ronuro-xingu.
Cine major Tomás Reis



764 – As mulheres também foram vestidas com roupas de homem.



765 – Embora muito justa a roupa, esta mulher ficou muito contente.
Cine major Tomás Reis

Índios da região dos rios Araguaia - Tocantins

COM O PRESENTE ARTIGO encerro a série dos que elaborei para esta *Revista*, subordinados ao título acima.

Contaremos agora algo sobre os índios xavantes que, desde tempos imemoriais, desceram do alto Araguaia e se internaram em uma larga faixa de sua margem esquerda, a jusante do rio das Mortes, até cujo leito levaram os seus direitos de *uti possidetis*.

Vários fatos comprovam que os xavantes deixaram os seus primitivos pagos para fugirem ao contacto dos civilizados, de cuja convivência tinham sobejos motivos de queixa, por haverem sofrido toda a sorte de violências contra a sua propriedade, a sua liberdade e a sua própria vida. Daí a animosidade que estes índios demonstraram contra a raça branca, fugindo do seu convívio e atacando impiedosamente aos excursionistas que se arriscam a penetrar nas terras por eles ocupadas. Viajantes e turistas descuidosos – ou teimosos, não obstante avisados dessa atitude dos selvícolas – têm sido trucidados por estes, quando acampam dentro dos limites que a tribo *decretou* para suas lindes. Nestes assaltos, utilizam os aguerridos *ameríndios* a *borduna*, isto é, grosso e pesado tacape; nunca flechas.

Esta atitude hostil, alguns ataques a fazendeiros dos sertões circunvizinhos, bem como a outras tribos mansas como o grupo de bororos do S. Lourenço e os pacíficos carajás e javaés da ilha do Bananal, levaram o Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.) a intensificar, junto aos xavantes, a obra de aproximação e pacificação que vem praticando, por força de seu Regulamento, com o objetivo de incorporar os brasilíndios à civilização, no futuro. Para isto organizou uma turma sob a chefia do dr. Genésio Pimentel Barbosa, antigo e denodado ajudante, profundo conhecedor dos hábitos indígenas e devotado cumpridor dos postulados doutrinários do S. P. I., aos quais acabou imolando a própria vida!

Não obstante o conhecimento que este funcionário tinha do perigoso problema de pacificar os índios, foram-lhe entregues instruções minuciosas sobre a execução da incumbência que em tão má hora lhe fora confiada.

Partiu do Rio de Janeiro, via S. Paulo e Goiás, desceu às margens do majestoso rio Araguaia e na cidade de Leopoldina embarcou com a turma, águas abaixo, indo afinal acampar à margem esquerda do rio das Mortes. Levava entre outros petrechos, uma estação radiotransmissora que, depois de instalada nesse primeiro e último acampamento, transmitiu famoso radiograma otimista, em que o chefe comunicava radiante as grandes e confortadoras esperanças de uma breve confraternização dos seus comandados com os irredutíveis xavantes.

Corria então o ano de 1941 e no ambiente do S.P.I. e do Conselho de Proteção dos Índios (C.N.P.I.), a expectativa alvissareira de um sucesso estrondoso foi subitamente esfacelada pela duríssi-

ma realidade da tremenda notícia telegráfica, transmitida de Leopoldina, com a triste nova do fracasso da expedição e do trucidamento de seu devotado chefe dr. Pimentel Barbosa e três dos homens de sua comitiva. Assim estava redigido o lutuoso despacho.

"Diretor S.P.I. – Rio: Oficial nº 128 de 12-11-41.

"Comunico-vos, com imenso pesar, chegada aqui ontem serventuário Feliciano Oldra, pertencente turma volante atração xavante, sob chefia dr. Genésio Pimentel Barbosa, Joaquim Guedes Mendes, Fredolino Torre e Luís Américo Moreira. Informa Feliciano que Domingos de Freitas Carvalho e Oscar Grecoviack estavam distantes acampamento 100 metros quando se deu ataque, executando extração madeira, conforme ordem dr. Pimentel, presumindo informante que esses moços também tenham sucumbido. Feliciano escapou em companhia três índios xerentes, motivo haverem ido fazer reconhecimento por ordem ajudante Pimentel, encontrado ao retornar entrada noite, acampamento destroçado, quatro cadáveres estado nudez. Embaixo de cada cadáver encontraram uma borduna; atrás cozinha, destroçada, grande maço bordunas, como no final advertência para sobreviventes. Feliciano encaminhou-se Leopoldina, deixando três xerentes São Domingos. Todos quatro sobreviventes estão envenenados intermédio veneno colocado frutas depositadas pelos xavantes lugar onde foram postos presentes. Xerentes estão fora perigo. Feliciano veio comigo Goiás buscar recursos médicos. Cadáveres insepultos lugar ataque. Providenciei tomar termo declaração Feliciano cuja remessa faço hoje via aérea. Comuniquei Chefia Polícia."

Posteriormente, revelaram os dois serventuários que testemunharam, com seus próprios olhos, o quadro dantesco e profundamente enternecedor daquelas quatro heroicas vítimas, pormenores que ainda mais exaltam a figura magnânima de Pimentel Barbosa em dois gestos que o elevaram ao pináculo a que só atingem os vultos homéricos da humanidade, capazes de sacrificarem a vida por um ideal! Verificaram os dois homens que o seu chefe havia trancado à chave todas as armas de fogo e que, na sua imobilidade cadavérica, que perpetuara no rosto o sorriso com que passou a vida objetiva para a subjetiva – o seu último sorriso, dedicado aos seus inconscientes agressores, a nimbar-lhe a fisionomia de mártir – mantinha ainda, entre ambas as mãos hirtas, uma porção de brindes, que certamente insistira em oferecer aos atacantes, mesmo depois dos atos de hostilidade e violência!

A Diretoria do S.P.I. entre outras homenagens, fez publicar em boletim a notícia completa da dolorosa ocorrência, terminando com estas expressivas palavras, dedicadas a Pimentel Barbosa:

"... Perdeu, pois, a vida, heroicamente, fiel à divisa do S.P.I.:

"Morrer, se preciso for; matar, nunca!"

"Sua memória merece ser venerada por todos os serventuários deste Serviço."

O fracasso desta primeira tentativa não quebrou a férrea decisão do S.P.I. na resolução do difícil problema de pacificar os xavantes. E já em 22 do mesmo mês daquele insucesso, aparecia em boletim a transcrição do ofício que a Diretoria enviara ao inspetor de Índios do Estado de Goiás, a cuja circunscrição está sujeita a zona do rio Araguaia e seus afluentes, com a comunicação da nomeação do substituto do dr. Pimentel e a transmissão das instruções para a nova campanha a empreender. Assim rezava este documento histórico, cuja vulgarização servirá, tanto para testemunhar a tenacidade de ação da S.P.I., como para dar ideia dos processos que preconiza e das doutrinas em que assenta sua benemérita cruzada:

"Ao Sr. Inspetor do S.P.I. em Goiás – Assunto: Instruções.

"O Sr. Luís Acioly Lopes foi nomeado ajudante do S.P.I. na vaga do nosso companheiro Genésio Pimentel Barbosa.

"Os trabalhos de atração dos índios xavantes, embora se processem quase todos em terras do Estado de Mato Grosso, ficarão, sempre que o seu ponto de partida seja o rio das Mortes, em ponto mais acessível à Inspetoria de Goiás, a cargo dessa Inspetoria.

"Assim, o Sr. Luís Acioly Lopes funcionará na qualidade de ajudante da vossa Inspetoria, para o caso especial dos trabalhos de atração dos referidos índios, atendendo às seguintes instruções e esclarecimentos:

"1º A Expedição do ajudante Pimentel Barbosa, o qual com esta Diretoria se correspondeu durante todo o seu trajeto, equivaleu, para a organização do plano de atração dos xavantes, a um reconhecimento em que ficou assinalado um ponto de frequência certamente importante dos selvícolas.

"2º Ficou igualmente demonstrado que os xavantes tomaram, como provocação e hostilidade, a permanência no local do acampamento em que sacrificaram os nossos companheiros e que está, segundo reconhecimentos parciais levados a efeito pela turma do ajudante Pimentel, com muita coragem, mas talvez com demasiada confiança e bastante imprudência apenas a 2 léguas da aldeia.

"3º Sendo a nossa primeira preocupação demonstrar aos índios que não lhes somos hostis, não devemos efetivar a permanência naquele lugar, enquanto eles a considerarem inimiga.

"4º No entanto o dito local é doravante sagrado para o S.P.I., que fará dele o esperançoso teatro de atração e amizade dos xavantes.

"5º Neste momento o mesmo local é o destino imediato da expedição que, segundo o vosso telegrama nº 37, de 16 do corrente, estais organizando e para cuja direção nos indicastes o Luís Acioly Lopes, atrás referido.

"6º Pela interessante correspondência do ajudante Genésio Pimentel Barbosa, cuja cópia vos remetemos, vereis o trajeto por ele seguido e as dificuldades que encontrou. Aliás estamos certos de que o conhecimento dessa correspondência vos dará elementos para corrigir muitas falhas gerais e tomar providências especiais para imprimir marcha regular e eficiente aos trabalhos e impor correção a alguns serventuários que na ausência dos chefes não cumprem com seus deveres.

"7º Por terra ou por via fluvial deve ser alcançado o ponto do rio das Mortes, onde Pimentel fez o seu acampamento, de onde nos escreveu a sua carta de 28-9-41, que deveis ler com cuidado, pelos excelentes informes que vos dará. Esse acampamento ficou cerca de duas léguas a jusante da casa onde, na margem direita, permanece o pe. Chevelon.

"8º Vê-se que o dito acampamento ficou à margem esquerda. Na mesma carta ele se referia a um ponto pelo qual Elmano teria penetrado, na excursão que ali fizera, em busca da serra do Roncador.

"9º A sua última comunicação com esta Diretoria foi o telegrama nº 10 de 27-10-41 escrito no acampamento em que foi morto. Não nos diz o trajeto que efetuou da margem esquerda do rio das Mortes até o dito acampamento. Mas isso está certamente bem assinalado e pode ser informado *in loco*, pois lá ainda permanecem serventuários do S.P.I.

"10º Não convindo, para não incomodar e irritar mais os xavantes, permanecer nesse acampamento, mas ao mesmo tempo devendo o S.P.I. tê-lo ao seu alcance e sob suas vistas imediatas, a base dos trabalhos de atração deve ser instalada em local onde a permanência não possa incomodar ou interromper a vida (caçadas, excursões quaisquer, etc.) dos ditos índios e donde, com frequência e facilidades, além da necessária garantia ao nosso pessoal, possamos excursionar até o acampamento Pimentel Barbosa, que, convenientemente preparado, será o lugar costumeiro da colocação dos brindes.

"11º O local em que for instalado o posto-base de atração deve oferecer garantias à permanência dos serventuários do S.P.I., a coberto de surpresas dos índios e ser saudável quanto possível.

"12º Os brindes serão os que mais possam agradar e servir aos índios, contas, ferramentas, tecidos, alguns animais domésticos, etc.

"13º Os componentes da turma deverão ser homens sadios, afeitos aos serviços braçais da lavoura e sertão; e a obrigação primeira do encarregado é não permitir que durante as horas de trabalho alguém permaneça inativo. Nos acampamentos há sempre alguma cousa a fazer ou melhorar, e nisso

deve ser ocupado todo o pessoal, por dever e necessidade, e quando assim não fosse, pelo menos para evitar a moleza, a intriga e as divagações inconvenientes, consequências inevitáveis da desocupação.

"14º No lugar escolhido para base dos trabalhos de atração que, pelos motivos expostos deverá ser na margem direita do rio das Mortes, serão feitas roças de mandioca, cana e cereais, etc., para alimento do pessoal.

"15º Do lado oposto, isto é, em terra de xavantes, deverão ser feitas também grandes roças para serem colhidas por esses índios.

"16º Todos os trabalhos efetuados nas ditas terras exigem o maior cuidado, devendo ser ocupado parte do pessoal acompanhado de cães e colocado em posições convenientes, no serviço de vigilância, enquanto os demais trabalharem.

"17º Não é preciso lembrar a nenhum componente do S.P.I. que, aconteça o que acontecer, o índio não pode ser atacado ou sofrer violências, mesmo quando nos ataquem: mas é necessário prevenir, evitar ou malograr esses ataques com oportunas retiradas, abrigos de antemão preparados e, em casos extremos, estrondo de bombas ou tiros para o ar.

"18º Somente a pessoa de absoluta confiança deve ser entregue a tarefa de porte de arma e só para o destino acima.

"19º Todas as abertas para as roças devem ter amplos aceiros para facilitar a vigilância.

"20º Convenientemente alargada e limpa deve ser a picada de ligação da base com o acampamento Pimentel Barbosa.

"21º Os xavantes estão vigilantes e à espera de um revide qualquer. O acampamento deve estar sendo objeto de uma curiosa e especial atenção. A turma terá que, de início, ir lá, na piedosa obrigação de reconhecer e conduzir os despojos dos nossos companheiros para sepultá-los na base dos nossos trabalhos, se for possível, até poderem ser entregues aos cuidados das famílias respectivas.

"22º As bordunas, bem como outro qualquer petrecho indígena, não deverão ser trazidos. Os fugitivos, segundo os comunicados, afirmam que embaixo de cada cadáver, depositaram os xavantes uma borduna e que no rancho deixaram um monte delas. Foi talvez uma comunicação simbólica, que nos fizeram, do número de guerreiros de que dispõem para enfrentar a nossa "invasão".

"23º Em todos os nossos atos, não nos devemos esquecer que o índio xavante é um homem como outro qualquer e como tal sente e raciocina logicamente.

"24º O S.P.I. deve manter-se com independência no local dos seus trabalhos. Para isso é indispensável que além das roças para sustento do seu pessoal – porque devemos contar que a atração dos xavantes será demorada – organizemos no posto-base um bem sortido depósito de gêneros alimentícios e de utilidades necessárias ao prosseguimento dos trabalhos, devendo-se evitar ali pedidos de empréstimos ou de fornecimentos a quem quer que seja.

"25º Desde já, por tropas ou lanchas, devereis iniciar a formação do aludido depósito (estoque) para o que podereis utilizar as dotações do Auxílio dos Índios ou as do material orçamentário, correspondente aos artigos que tenham de ser adquiridos.

"26º Organizai tão depressa quanto possível um campo de aterrissagem nessa base ou nas suas proximidades, quando ali o terreno não for próprio.

"27º Não permitir, nos termos da letra f do artigo 16º do regulamento que baixou com o decreto nº 736 de 6 de abril de 1936, que pessoal, ou pessoas, quaisquer que sejam, e a que pretexto for, penetrem nas terras dos índios xavantes, isto é, entre a margem esquerda do rio das Mortes, e o rio Culuene e Xingu depois da confluência do mesmo rio Culuene.

"28º O S.P.I. pôs os xavantes em verdadeiro cerco, não só para os encontrar e atrair, em todos os lados para onde costumeiramente se dirigem, como a fim de impedir o acesso às suas terras por ele-

mentos perturbadores. Nossos postos, são, o do Araguaia-Mortes, agindo a nordeste, nas proximidades da confluência desses dois rios, com base no Posto de Assistência Getúlio Vargas; o de Pimentel Barbosa, tentando a atração a sudeste sob a direção da Inspetoria de Mato Grosso. A noroeste ficam as tribos diversas do Xingu, para cujo lado certamente os xavantes não se encaminharão.

"29º A atração dos xavantes será demorada, pela dificuldade de se convencerem de que os procuramos como amigos. No entanto pode ocorrer algum imprevisto que a precipite.

"Logicamente essa atração se poderá dar em qualquer dos postos, do seguinte modo: – O posto, conseguindo concentrar a atenção dos índios, se constituirá, depois de algum tempo, pela colocação dos brindes ao alcance deles, em sua feira, gratuita e inofensiva, de coisas que facilitam e dão conforto à vida da tribo. E assim, constatado por eles, de que a existência da tribo melhorou, e ela nada sofreu com a estadia do posto nas proximidades, é natural, lógico e humano, que desejem a permanência e cheguem à fala. Sucedeu sempre, mais ou menos assim, nas atrações anteriores. – Saúde e Fraternidade (ass.) Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca Vasconcelos – Coronel diretor do S.P.I."

E lá estão, insulados no sertão do rio das Mortes, há um ano, estoicos contingentes que vão perseverar na mesma humanitária tarefa.

Temos robusta fé em como ainda nos será dado o prazer de comunicar a esta Revista a confraternização dos xavantes com as vanguardas civilizadoras do S.P.I.

C.N.P.I. - Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1942.

AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES
Coronel secretário do C.N.P.I.

A pacificação dos índios xavantes

ASSINALO, COM TRANSBORDANTE ENTUSIASMO, que tiveram um caráter profético as palavras com que terminei, em 21-11-1942, a breve notícia que redigira sobre a notável tribo dos xavantes, nas quais acentuava a esperança de que ainda nos seria dado o prazer de comunicar à revista *América indígena* a pacificação desses indomáveis guerreiros que a compunham e que, durante cerca de 150 anos repeliram sistematicamente qualquer entendimento amistoso com os civilizados! Ocorreu tão notável acontecimento no dia 6 de agosto do corrente ano, quando numeroso grupo de xavantes, calculado em 400 indivíduos do sexo masculino se apresentou amistosamente à Turma de Pacificação ali sob a direção do inspetor especializado Francisco Furtado Soares Meireles.

Da empolgante cena foram tomadas várias fotografias que documentam a atitude fraternal daqueles temerosos selvícolas, cuja população está calculada agora em mais de dez mil indivíduos, conforme se deduz da observação das diversas tabas que têm sido sobrevoadas pelos aviões em serviço da Fundação Brasil Central, que muito tem colaborado com o Serviço e com o Conselho de Proteção aos Índios na humanitária tarefa intensificada, neste último lustro, para chamar ao nosso convívio aqueles rústicos patrícios!

O inspetor Meireles havia já dois anos que se encontrava na zona do rio das Mortes, manobrando sempre em torno do local em que foram sacrificados o dr. Pimentel Barbosa e dois de seus homens e, tendo chegado a esta capital, referiu com grande emoção o episódio da chegada dos primeiros xavantes que confraternizaram conosco e conta que eles surgiram da mata próxima, em vários grupos, vindo à frente de todos eles o pajé, que lançava sobre o terreno e sobre os oito índios que formavam a vanguarda, umas cascas de árvore fragmentadas e umas folhas de certo vegetal, certamente para imunizar a sua gente contra qualquer malefício; às ilhargas do pajé, via-se o chefe supremo da tribo, um latagão forte que media aproximadamente 1,80 m de altura. Este cacique parou próximo de Meireles e deitou falação, em tom enérgico, num timbre de voz que se ouvia de longe e nitidamente... mas que ninguém da nossa gente compreendia, nem mesmo os intérpretes indígenas da Turma Pacificadora. Meireles acenava-lhes com dois belos caldeirões de alumínio, que rebrilhavam ao sol e mostrava-lhes facões, com bainhas, machados, enxadas, miçangas, espelhos, etc. Afinal o cacique aproximou-se, um tanto nervoso, estendeu o braço para o lado do inspetor e de seus auxiliares, entregando-lhes flechas com as pontas quebradas (em sinal de paz!) e as bordunas (tacapes) que ofereciam em atitude amistosa; e recebeu das mãos de Meireles os brindes com que lhe havia acenado! Estas trocas se reproduziram depois com inúmeros outros guerreiros! Até que afinal, esgotaram-se todos os presentes e o inspetor teve grande dificuldade de fazê-los compreender que

nada mais tinha para dar-lhes! Por gestos de mímica deu-lhes conhecimento de que, dentro de umas duas a quatro luas... voltaria ao mesmo local com uma nova carga de brindes!

Em outra ocasião voltaremos nós também a tratar, com a merecida minudência, deste acontecimento sensacional de que o sr. general Rondon julgou indispensável constasse do 2º volume do álbum *Índios do Brasil,* ora ao termo de sua impressão (Publ. nº 98), embora de modo sucinto como acabamos de fazer. - C.N.P.I., Rio, 16-9-1946.

Cel. A. B. Magalhães.

. . . .

Índios carajás e javaés

INTRODUÇÃO



ARAGUAIA, que daria uma segunda costa para o Brasil, na frase do imortal sertanista Couto de Magalhães, com as areias alvíssimas de suas praias, que se elevam sobre suas ondas, é sem dúvida o local fadado para servir de *ocara** sagrada para várias nações brasilíndias – pelo seu estuário vastíssimo de comunicação do norte com o sul, pelo oeste, com uma extensão navegável rica de peixe, com seus ótimos campos marginais, além de assinaladas riquezas naturais em pérolas e diamantes. A penetração das bandeiras do litoral para leste e para o oeste, pelo sul, pelo centro de Goiás e seus estados limítrofes, encontrou no ouro e nos outros minerais o pretexto natural para dizimar e escravizar vários brasilíndios.

Acossados assim pela superioridade de armas dos invasores, pela cobiça e pela deslealdade, as nações que quiseram sobreviver, embrenharam-se pelos sertões virgens do Araguaia. As mesopotâmias Tocantins-Araguaia-Xingu, foram a "maloca" preferida para a sobrevivência de várias tribos do grupo tupi e carajá. Aqui diremos algo apenas sobre a nação carajá, em cujo meio também passamos vários anos de nossa infância.

Para melhor compreender a vida da nação carajá, é mister antes de tudo conhecer ligeiramente o seu *habitat*. Leiam-se principalmente as páginas admiráveis escritas por Couto de Magalhães, Henri Coudreau, P. Hilário Tapie, Buarque Pedregulho, José de Almeida, fr. Jacinto Cormier, fr. Luís Palha e outros, e saberemos qual, por isto mesmo, a razão de ser de sua preferência pela nação carajá, para aí instalar as suas *inxãs***. O fenômeno original e curioso do Araguaia é a situação de suas praias, não em suas margens, mas das ilhas elevadas em seu leito durante o verão.

Enquanto, no Amazonas, as águas das grandes enchentes transportam bancos de areia, transplantam ilhas, no Araguaia esse mesmo elemento natural concorre para a formação de novas ilhas, que, de areia a princípio, se vão solidificando, servindo de apoio e adubo para a vegetação. Quem percorre durante o verão esse gigantesco caudal e contempla a vastidão de seus campos de areia, teria a impressão de achar-se em um deserto, se não fosse avistar logo uma série de *ocaras*, cobertas de esteiras de palhas de palmeiras, tal como se fossem um acampamento militar ou um campo de concentração, onde o único vigia amigo é a própria natureza.

---

* *Ocara* – choupana de índios.

** *Inxã* – aldeia carajá.

Era e ainda é, sobre esses bancos de areia alvíssima, que há séculos instalou-se a nação carajá, a soberana dominadora das águas araguaianas, inteligentemente colocada na parte navegável do rio, em uma extensão de mais de mil e quinhentos quilômetros, aproveitando-se do trecho não encachoeirado. Os carajás revelaram-se desde logo os melhores peritos na arte da pesca e na construção de seus meios de transporte. A *ubá* (*auô*) é uma embarcação criada e confeccionada por eles.

Não se trata de simples casca de madeira, nem tampouco de um toro adaptado para a navegação como nas demais tribos de Mato Grosso e alhures; a ubá carajá, feita de um só toro, é duma perfeição artística admirável.

TIPO CARAJÁ

De estatura mediana, tez escura, corpo de atleta, afeito à natação, cabelos lisos, amarrados para trás à moda chinesa; tatuagem artística por todo o corpo; nus, porém com um dispositivo especial que lhes esconde as partes pudendas, tanto no homem como na mulher. Com tal dispositivo, se julgam sempre vestidos e se sentem autorizados a criticar os civilizados que, segundo eles, *andam nus de baixo das roupas!* Os carajás, brasilíndios da nação Inã, têm resistido há séculos à invasão constante dos civilizados que, sob qualquer pretexto de lhes conquistar a simpatia e mudar-lhes o *habitat* e os costumes, reduziram-nos em número, de norte a sul do Araguaia. Não obstante esta redução e as endemias advindas do contato nocivo com os civilizados, os carajás que sobrevivem, lutam pela conservação dos seus costumes e pelo amor às suas tradições.

CONTATO COM OS CIVILIZADOS

Instalados nessa maravilhosa região do Araguaia, para onde afluíram visitantes, levados uns pelos interesses econômicos, sobretudo no sul à procura do diamante; outros pela poesia encantadora de suas praias e dos remansos de seus lagos piscosos, os carajás foram muito visitados, comentados, fotografados, filmados e até os únicos que já hospedaram no meio de suas próprias *inxãs*, o ex-supremo magistrado da República, o presidente Getúlio Vargas.

Mesmo assim, os seus segredos de vida tribal são dificilmente revelados. Astutos e interesseiros, sabem tirar partido dos seus importunos visitantes, ensinando-lhes alguns vocábulos, na maioria das vezes errados, a tal ponto de, não raro, como observei, rirem a bandeiras despregadas desses visitantes, que depois de anotarem várias dessas palavras e frases, pensam que já estão falando regularmente a língua carajá, quando apenas se expõem a motejos, pelos solecismos que inconscientemente vão cometendo!

A AÇÃO DOS MISSIONÁRIOS

Conhecido posteriormente ao Tocantins e menos rico em ouro, o Araguaia não teve a mesma sorte em matéria de civilização. Santa Leopoldina, S. José, Santa Isabel, Santa Maria e Xambioá, lugarejos afastados uns dos outros, por muitos quilômetros, foram presídios de prisioneiros políticos e criminosos comuns, com alguns policiais para mantê-los em ordem, raras famílias e dois missionários – frei Francisco de Taggia e frei Antônio.

Ambos fizeram a sua catequese quase que *manu militari* e não conseguiram muitas simpatias dos carajás. Couto de Magalhães foi o sertanista que mais acertadamente sonhou, no Império, com a grandeza do Brasil Sertão, conhecedor profundo como era da vida dos nossos selvícolas, de sua capacidade e ação. Dentro do próprio *habitat* dos índios, fundou ele em Santa Leopoldina, um colégio (Santa Isabel), onde seria ministrada a instrução aos silvícolas. Os carajás o estimaram e colaboraram lealmente com ele na navegação do Araguaia, fornecendo lenha para o combustível, provisão de boca para os passageiros e servindo de peritos para a própria navegação.

Mas o colégio Santa Isabel, não foi destinado só aos carajás e a sua duração foi paralela à da própria companhia de navegação, efêmera, portanto. Os carajás que aprenderam a ler e a escrever, voltaram para suas aldeias, uma vez que a cultura não lhes proporcionara meios de outra vida melhor. Em 1896, pela segunda vez, o missionário francês dominicano frei Gil de Vila Nova, enamorado das selvas brasileiras, encontrou-se com Henri Coudreau, cientista protestante, também francês, em Barreira de Santa Ana, onde pretendia fundar uma catequese; aconselhado por este patrício escolheu para local o mais elevado e pitoresco da margem esquerda do Araguaia, hoje Conceição do Araguaia. Foi ali que construiu uma palhoça e iniciou a fundação duma cidade para o Brasil. Afluíram para lá não só vários civilizados, porém, muitos indígenas, principalmente os caiapós. Os carajás continuaram como visitantes da mesma.

Não hostilizaram o visitante ilustre, estimaram-no até e colaboraram grandemente na formação da cidade, porém, não se afastaram de seus costumes, de seu *habitat* natural e preferido, as praias – e só nas grandes enchentes do rio é que as abandonavam, para passar alguns meses em terra firme. Um número muito limitado recebeu o batismo e frequentou escolas; porém, uma vez aprendidas as primeiras letras ei-los de volta às suas praias. É que, também, a catequese era mista: os caiapós, xerentes, tapirapés e os primitivos povoadores do Araguaia raciocinavam que a terra, as matas e os campos dessas zonas são para os caiapós e para os xerentes – e as praias, as ilhas, os lagos, devem ser reservados aos carajás e aos javaés, pois foi o Criador que fez essa divisão natural, na qual cada uma das nações selvícolas demonstra suas especialidades...

Todo o meu curso primário, fi-lo no colégio missionário com xerentes, caiapós e carajás. Terminadas as aulas, os primeiros continuavam vestidos, não obstante viverem totalmente nus nas aldeias; os últimos, porém, mal saíam das aulas e mesmo das igrejas, nos domingos e festas, despiam-se e vinham logo reunir-se a nós, para os nossos infalíveis banhos diários no Araguaia e as nossas pescarias, a flecha e arco. Valadares foi o fruto remanescente do Colégio Santa Isabel, sabia ler e escrever: porém, jamais abandonou a sua nação. Forte, aguerrido, corajoso, foi um guerreiro perigoso e audaz.

Passou a vida a levantar o ânimo dos carajás, principalmente no sul, e nunca se deixou bater pelos xavantes; guerreou os canoeiros, fazendo dois prisioneiros que levou até Conceição e não para o Colégio, mas para a maloca instalada na praia de frente ou na praça, durante o inverno e onde recebiam diariamente educação carajá: banhos forçados e exercícios náuticos, nos quais muitas vezes tomei parte.

Valadares teria feito alguma coisa de útil para a nação, se lhe fosse dado aproveitar a inteligência e o pouco que aprendeu. Foi, porém, mais respeitado e temido do que mesmo estimado pelos de sua tribo. Seus filhos, no entanto, não o imitaram.

Dos carajás do alto Araguaia, digamos melhor do médio, o tuxaua que mais se salientou foi Uaxurê, que primeiramente teve sua aldeia-capital instalada nas Andorinhas-Uaxurê; não teve, todavia, a mesma influência política de Valadares, mas cuidou mais da educação dos filhos, no Colégio das irmãs missionárias dominicanas. Muitas vezes passei noites de festas a ouvir as histórias e lendas de Uaxurê, que gostava de saber tudo e dava palpites sobre tudo. Seus filhos tiveram boa educação no colégio missionário, onde fomos colegas. Concluíram o curso primário, foram mais tarde qualificados eleitores e casados religiosa e civilmente, voltaram porém, para a tribo, onde os encontrei em 1936, em plena *inxã*. Recebido com festas, ali, quando então já sabia que o Brasil não era apenas aquele rincão esquecido da civilização, no meio daquela alegria natural de danças e canções, pude entrevistar como queria, pela primeira vez, um dos meus conterrâneos e colegas de aula.

Conversando com Uaxurê filho, na intimidade, meu ex-colega das escolas missionárias, fiz-lhe sentir a minha surpresa por vê-lo novamente no meio dos seus, na tribo, levando a mesma vida dos primitivos carajás, ao invés de estar na cidade, num meio mais civilizado. Nosso diálogo teve caráter íntimo e sem nenhuma preocupação de cartaz, para a imprensa. Antes, porém, deixei o meu interlocutor

à vontade (já faziam vinte anos que não nos víamos!), mas desfiz-me de toda a indumentária protocolar da civilização, para igualar-me como outrora ao meu colega e amigo e deixá-lo a sós comigo para falar.

Havia eu recebido os enfeites dedicados aos amigos sinceros; fumávamos o nosso *aricocó**. Uaxurê me crivava de perguntas, para saber onde eu andara, como ia a política, quem seria o "papai-grande do Brasil", enfim tudo o que a curiosidade dum homem semialfabetizado pode inquirir de quem dele se aproxima. De tudo procurei dar uma noção simples e clara ao meu colega de infância. Falou-se sobre os constantes e reiterados ataques dos caiapós, e ele disse-me que caiapó era como mato venenoso, só não mata quando se arranca pela raiz, porque se deixar vestígios na terra, nasce e com mais força. De fato os carajás temem os xavantes mais com respeito e admiração, do que com o ódio que votam a todos os caiapós. Relembram-nos então da luta que, por intriga, se passou entre as duas nações e cujo principal protagonista foi Uaxurê, quando este ia ausentar-se dos seus, que se achavam aldeados em Conceição.

Os caiapós, mesmo os já civilizados, deixaram a cidade, despiram-se e embrenharam-se nas matas.

Numa tarde bela todos tatuados com tintura de jenipapo, da maneira mais formidável, vieram atacar os carajás, que por gracejos e malícia dos maus civilizados, diziam que os caiapós de então, já não eram os de outrora que brigavam como índios corajosos.

Isso dizia-se que era sempre um recado mandado para a gente caiapó, por Uaxurê. O certo é que, um belo dia, a cidade pacata de frei Gil de Vila Nova, ouviu os sons e gritos de combate de guerra dos caiapós que, em pé de guerra, invadiram a urbe em busca dos carajás ali domiciliados. Velozes como raios, os carajás em menor número e desprevenidos, puseram-se em fuga e correram para as ubás. Uns refugiaram-se nas casas, alguns entrincheirados e até com rifles, trataram de defender-se.

O espetáculo foi inédito, vi o prefeito de Conceição, que censurou a atitude do tuxaua caiapó, por não respeitar uma cidade civilizada. Aquele, porém, retrucou que, quando os civilizados se embriagavam, defloravam as jovens índias, roubavam, assassinavam, não se lembravam de que o estavam fazendo na terra dos caiapós e sem nenhum respeito à nação caiapó, e por isto não o atendia nas suas reclamações! Vieram os missionários, frei Francisco e Bigorre, bom missionário para os sertanejos, mas ambos não educados para o trato com os índios: falaram, mas não foram atendidos, porque disseram os caiapós que eles também não eram amigos. Veio por fim o frei Antonio Salá, uma dessas joias preciosas das missões católicas; este, sim, conhecia perfeitamente a língua caiapó e tinha amigos entre os carajás e caiapós.

Foi uma cena digna duma objetiva fotográfica, uma batina branca, abraçando aquele autêntico cacique, coberto de penas, de arranhões, de traços coloridos pela tatuagem e com aquele abraço amigo e apenas um sorriso sincero e mudo, conseguir uma resposta e uma promessa de paz: restabelecia-se assim o bom entendimento entre as duas nações, o que frei Gil de Vila Nova conseguira desde a fundação de Conceição do Araguaia.

À noite improvisou-se uma festa entre os civilizados, carajás e caiapós: este, felizmente, fora o último encontro bélico entre os dois antigos adversários. Uaxurê, o pai de meu colega e cacique carajá, só mais tarde veio a saber do triste encontro que tanto susto causou à população de Conceição. Agora o filho de Uachurê, já alfabetizado, casado e eleitor, podia comentar aquele fato de maneira diferente dos tempos em que só os instintos tribais lhe ditavam as normas de conduta. De pernas cruzadas, tragando o nosso bom *coti*** no aricocó, o amigo Uaxurê explicava a razão de seu retorno à vida tribal. Relembrava o nosso tempo de infância, as aulas, a taboada cantada, as varadas na cabeça, quando se cometiam erros; a corrida ao rio para apanhar água, o que nos permitia dar uns três mergulhos e continuar depois

* *Aricocó*: cachimbo.

* *Coti*: fumo; aricocó: cachimbo.

a ouvir as lições da mestra, as lições de geografia que tanto impressionavam pois que revelavam, pelas fotografias, o progresso dos outros povos, tanto mais que a boa mestra prometia que, se estudássemos, poderíamos visitar aquilo tudo! E, que tristeza, depois de saber que tudo aquilo existia de fato, ao passo que os nossos índios araguaianos continuavam vivendo sem pão, sem eletricidade, sem nenhum amparo daquela civilização que agora conheciam de perto porque, além disto, Uachurê, trabalhando a bordo dum barco-motor, descera até Belém, onde pudera averiguar *de visu*, a veracidade do que estudara nos livros! E, no entretanto, viam-se obstados de gozar daqueles privilégios.

Daí o achar ele, que de nada serviu haver estudado, ter-se casado civilmente e ter sido até eleitor. Uaxurê era no entanto feliz com sua esposa e filhos, vivendo todos a mesma vida que levaram os seus ancestrais. O que aconteceu com Uaxurê tem acontecido com os outros carajás, que habitam as praias do Araguaia, Carolina, Ciaru, Rambu.

Ainda não se compreendeu a alma carajá e javaé, como não se compreendeu a alma da maioria de nossos aborígenes. A grande nação carajá foi a pouco e pouco se extinguindo em número, porém, os raros sobreviventes conservam intactos os seus costumes, a sua língua, suas crenças, tendências e afeições.

COSTUMES CARAJÁS

Todos os carajás do sul, como os do centro e os do norte do Araguaia, conservam os mesmos costumes, constroem a sua *inxã*. No verão, em geral, transportam sua *ocara* para lugar distante da margem, mas isto somente quando as enchentes maiores elevam o nível das águas até cobrirem as praias mais altas.

Todas as suas atividades sociais giram em torno duma vida anfíbia: dir-se-ia que são os eternos palafitas daquela região. Sua alimentação é quase que exclusivamente de peixe ou de animais anfíbios; amam as águas do Araguaia, como os hindus as do Ganges, e o banho lhes é tão necessário, indispensável mesmo, como a própria refeição; até em estado febril não deixam de mergulhar no rio. Exímios nadadores e flechadores, dotados duma vista tão apurada que descobrem os peixes a palmos e às vezes a metros, abaixo da superfície d'água, atirando-lhes as flechas apenas pelo rumo, mas sempre certeiras; se os peixes são grandes, caem n'água e guiados pela flecha, vão pegá-los diretamente.

Sua alimentação é farta e o prato predileto é o *calugi*, o qual relembra o cauim dos tupis. O *calugi* é um composto de peixe, ovos de tartaruga, carne destes mesmos quelônios, do tracajá ou de outros répteis semelhantes, de aipim, molho, verduras – tudo cozido ao mesmo tempo. Antes de constituírem família os jovens trabalham em serviços caseiros, enfeites, cerâmica, tecidos e material de pesca, porém, nunca em atividade distante da família. O *matucari** é o velho conselheiro, espécie de educador, que se encarrega da fiscalização e orientação dos jovens; sendo de notar, como eu sempre vi, que os homens, alguns meus colegas íntimos, viviam quase como alunos de internato, enquanto que as representantes do sexo fraco gozavam de mais liberdade e muitas vezes saíam sós, pilotando uma ubá e se distanciavam da *ocara*, sem darem nenhuma satisfação sequer aos pais!

Hoje estes costumes não são levados tanto a sério, como outrora, dado o contato íntimo com os civilizados; e, quando inquiria dos matucaris a razão daquele regime de vigilância para os jovens e de tolerância e de liberdade exagerada para as jovens, o que em linguagem simples me diziam era que carajá jovem solto poderia fazer mal a muitas jovens, enquanto que estas, mesmo reunidas, em nada alteravam a vida daqueles, moralmente; daí aquela preocupação de zelar pela puberdade dos jovens. O pai carajá passa o dia fora da aldeia em busca de alimento para a família; cabe, portanto, à mulher a administração da *inxã* e a criação dos filhos.

---

* *Matucari*: homem velho.

Usos e Costumes

O PARTO ENTRE OS CARAJÁS

Tem singular originalidade o parto entre os carajás. O marido (em pescarias diárias, traz para a família os melhores peixes que, moqueados, ficam em depósito para a futura parturiente; esta, porém, nos dias que precedem ao parto, não abandona as suas atividades comuns, principalmente as de natação. Estas atividades, concorrem para que sejam felizes nas *délivrances*. Depois das mesmas, há muita alegria entre as famílias, que também oferecem presentes ao recém-nascido.

O que, porém, há de original, é a parturiente levantar-se no dia seguinte, tomar banho frio, preparar ela mesma as suas refeições e o pai da criança recolher-se ao lado do recém-nascido, tratá-lo carinhosamente e passar ao seu lado vários dias. Esta coparticipação paterna no resguardo da parturiente não é uma humilhação mas uma regalia que tem motivos econômicos e resultados afetivos, porque o carajá previdente como já o são os que ali se casam, fazem uma reserva dos gêneros de primeira necessidade empregados na alimentação carajoara, daí não carecer afastar-se do fruto do seu amor. Recolhe-se, portanto, acamado ao seu lado, como se fora a própria genitora, redobrando os carinhos para com o recém-nascido.

A FAMÍLIA

Os carajás eram na maioria monógamos. A união conjugal não se fazia geralmente por escolha do cacique nem por imposição paterna, mas principalmente pela escolha mútua dos futuros nubentes, maximé da jovem. Não há obrigação para contrair núpcias, e, o mais curioso é que aquelas que não quiserem ter vida conjugal, podem declarar a tempo, sendo respeitado assim o seu intuito. Há portanto, na tribo, uma turma de mulheres e de homens livres, estes, geralmente tatuados com muita arte e conservando um aspecto sempre jovem e aquelas que se caracterizam por manterem os enfeites próprios das virgens, direito aliás também assegurado, mesmo após o casamento, às esposas, quando não lhes revenham filhos. Aquelas mulheres livres, em geral as mais bem parecidas da tribo, é que são oferecidas a certos hóspedes, como companheiras e não jovens e virgens, como muitos viajantes acreditam.

Há também casos de separação e que se dão geralmente quando o marido não trabalha suficientemente para manter a família, quer também quando se enamora de outra mulher. Numa festa de *Aruanã* assisti certa vez a uma cena tragicômica, provocada por um desentendimento familiar: um casal carajá viera festejar o *Aruanã*, em uma aldeia distante, e durante os festejos o marido não se comportou bem e deixou transparecer certas simpatias em demasia por uma carajá livre. Apanhado em flagrante pela esposa, esta atracou-se com sua rival e houve pugilato feminino que muito deleitou a todos da tribo; vencida moral e fisicamente, a ex-futura amante conseguiu fugir. A situação do esposo infiel tornou-se crítica e sem amparo na lei natural da tribo; envergonhado com isto, recorreu à misericórdia, pedindo perdão com carinho e com promessas, porém, nada conseguindo no meio daquela cena cômica, ao som das gargalhadas de todos os assistentes e do vozerio feminino, reforçando os direitos da esposa ofendida; vítima daquela imprudência e daqueles apupos, recebeu além da fuga da ex-futura amante uma vibrante pancada da esposa, que, em pranto de ódio, desapareceu rapidamente.

Minutos depois ela era vista embarcando na ubá em que viajara com o marido para aquele *Aruanã*. Célere, qual gaivota, mergulhou o remo n'água e rumou para o alto: o banzeiro, estava forte e furioso, parecendo querer igualar-se àquele coração selvagem, ferido pelo amor desprezado. Saíra sozinha. O marido foi logo avisado. Correu para a praia. Fez sinal à companheira para que voltasse, mas a carajá não obedeceu. Neste ínterim a multidão correu para a praia, a fim de assistir ao outro ato da comédia. O carajá desprezado lançou-se à água e nadando com incrível velocidade, em luta contra o

banzeiro, atingiu o "beiço da ubá" e tentou entrar nela, porém, como uma fera indignada, a mulher carajá deixou o jacumã e de pé no meio da ubá começou a vibrar fortes pancadas com o remo às costas do marido infiel, com tal violência que o nosso carajá foi obrigado a descer de bubuia* e voltar à praia onde centenas de expectadores gozavam o cômico da cena!

Mais tarde voltou à sua aldeia, porém, em outra ubá, em companhia de amigos, seus padrinhos. Eis aí uma demonstração do que se chama o predomínio da mulher carajá sobre o marido. Aí não se trata duma suserania sobre qualquer pretexto, mas de certos direitos e prerrogativas que a mulher ali adquire pelo casamento.

Raríssimos são também os casos de prevaricação feminina entre as esposas carajás e quando se dá, o castigo varia das pancadas até a morte. Conheci também, numa aldeia próxima – Travessão das Três Portas – uma carajá com a cabeça completamente raspada, que soube ser casada com um carajá do sul e que naqueles dias estava em longa pescaria distante. Procurando saber do motivo, disseram-me, que fora o marido que assim o fizera, simplesmente porque aquela mulher convivera vários anos no sul, com famílias de civilizados, onde se prostituíra, iludida pelas promessas de casamento. Empregado a bordo como barqueiro um carajá, encontrara-se com sua patrícia de sangue, e enamorado da sua beleza propôs-lhe casamento, com a condição de retorno à aldeia. Aceita a proposta vieram ambos conviver distante dos homens vestidos por fora, deixando ela os seus belos vestidos e passando novamente a usar a tatuagem, as suas tintas e miçangas. O seu *rouge*, ao invés de limitar-se aos lábios, substituído pelo urucu, passou a cobrir-lhe todo o corpo: voltou assim à sua primitiva beleza selvagem. Vivia em harmonia com o marido, mas não tinha a felicidade de ser mãe; daí, nas horas de lazeres não se esquecia dos anos que passara entre os civilizados e como mulher, já não exclusivamente carajá, pelos hábitos e costumes, e quando não havia entendimento no casal, começava a ameaçar o marido de regressar para o meio dos *tóris***, onde a vida lhe era relativamente mais fácil, ao lado dos admiradores que tinha. O marido não quis discutir o assunto e à noite com a mesma tesoura que a esposa trouxera, mansamente lhe cortou as longas tranças, expondo sua mulher ao ridículo das demais da tribo. E a esposa assim sem os seus belos cabelos negros não poderia comparecer mais à sociedade que lhe acariciou a vaidade: de tanga e sem o vestido que lhe protegia o pudor, submeteu-se por fim ao estratagema do seu Sansão tosqueador!... Ao amanhecer, sentindo-se assim sem a sua cabeleira, ela mesma, em meio dos risos das outras amigas, pôs-se também a rir, e abandonou a ideia de deixar o marido, refletindo naturalmente em como tudo aquilo demonstrava que era ela, de fato, amada pelo marido! Este caso e outros demonstram que o carajá não é um escravo da mulher e que esta só o domina quando se acha dentro de seus direitos.

RELAÇÕES SOCIAIS DOS CARAJÁS COM OS CIVILIZADOS E OUTROS ABORÍGENES DA REGIÃO

Os carajás não são inabordáveis; quer pelos civilizados que percorrem as suas praias ou as margens por eles habitadas, conforme as estações do ano, quer pelos outros aborígenes, que habitam a região.

Amam as suas praias e com elas os lagos que se formam no verão, bem como todos os peixes e anfíbios que lhes servem de alimentação fácil. Só se revoltam contra os civilizados, quando por estes ofendidos e maltratados; então fazem justiça a seu modo: em geral, sacrificando o seu ofensor nas próprias águas do rio. Não admitem trabalho nem presente sem troca e remuneração condignas, por intermédio de qualquer produto seu. Quando passam canoas carregadas de objetos que lhes interes-

* Boiando, ao sabor da correnteza. Termo tupi-guarani.
** Gente branca, o civilizado.

sam, remam em direção às mesmas, levando logo peixe seco, ou fresco, papagaios e araras ensinados, tartarugas, tracajás, ovos e enfeites. Se a canoa aporta a uma de suas praias e os seus tripulantes, nessas trocas, não os satisfazem, então retomam os objetos já trocados e com tal velocidade que não se deixam perceber nessa operação; e, ali mesmo, revendem aos próprios compradores, censurando os *tóri-bina* (cristãos maus) e exigindo destes que lhes paguem melhor os seus produtos.

Em uma de minhas últimas viagens ao Araguaia, certa vez passamos em frente a uma aldeia e o dono da lancha não quis aportar como lhe pedi. Da praia os carajás faziam-nos sinais e como não fossem atendidos, não perderam tempo: entraram em suas ubás e remaram em nossa direção, porém fazendo uma manobra por baixo, de forma que nos cortariam a frente, sem muito esforço; fiquei orgulhoso da esperteza e da inteligência de nossa gente!

Na manobra feita pela lancha para permitir a atracação das ubás, quase que ocorreu o naufrágio de uma das ubás – a que se achava com o doente – mas o seu piloto, um jovem carajá, numa destreza incrível, atirou-se com as mãos à lancha e com os pés prendeu a ubá ameaçada de soçobrar. Ficou assim algum tempo, com o corpo servindo de corrente e ligando as duas embarcações! Foi pena não ter em mãos uma máquina para fotografar aquela cena, mais perigosa que os pulos dum Weismuller, o Tarzan dos filmes americanos!... E tudo para salvar um doente!

Diante disto, o José Espanhol, proprietário e comandante da lancha, mandou diminuir a marcha e fomos descendo apenas "de bubuia"; rápidas chegaram três ubás, carregadas de homens, mulheres e crianças, algumas destas até de meses. Atracadas à nossa lancha no meio do rio, vi logo um meu conhecido de infância, que me censurou acremente por passar diante de sua aldeia sem parar! Aceitei a censura, embora injusta. Mostrou-nos inhame, duas tartarugas e amendoim para trocar por sal, rapadura e miçangas, o que fizemos imediatamente. Ao mesmo tempo mostrou-nos um matucari carajá, de uns cinquenta anos, que fora mortalmente ferido à margem esquerda do Araguaia pelos xavantes; o *matucari*, macilento com uma perna quebrada e com outros ferimentos, mal falava: foi então que *Coacdeu* pediu passagem para aquele companheiro doente e a fim de que não viajasse de graça, oferecia uma pele de onça pintada! Mesmo assim, o José Espanhol o teria recusado, se não fosse a minha ordem expressa e enérgica para que o carajá ferido viajasse conosco até Conceição, onde poderia ser medicado melhor.

Foi nessa viagem que transportamos atracada ao nosso barco-motor, a pequena lancha dos dois salesianos que foram mortos pelos xavantes. Eu já era sabedor das antigas rixas e inimizades entre carajás e xavantes, mas como se as ignorasse, procurei falar na intimidade com o *matucari* e saber o motivo daqueles ferimentos. E as respostas não se fizeram esperar: – Quatro jovens haviam saído, acompanhados por ele, para caçar e pescar, mas era vedado saltar à margem esquerda, em território sagrado e temido, onde dominam os xavantes. Estes, não obstante residirem afastados da margem, vêm muitas vezes até a barranca do rio e ficam à espreita do que se passa. Os carajás tinham, porém, avistado uma anta, que atravessara um braço de ilha e crivaram-na de flechas, o que não a impediu de alcançar a terra firme e, cambaleando, cair no campo, já nos domínios dos xavantes. Prudentemente, o *matucari* aconselhou a que os jovens deixassem a presa, pois que era verão e poderiam encontrar os seus adversários de emboscada; mas a anta, muito grande e gorda e já quase morta, concorreu para provocar a desobediência dos jovens educandos do *matucari*.

Saltou a terra o bando minúsculo e com poucas armas. No mato próximo, estavam escondidos os xavantes que, num abrir e fechar d'olhos, atiraram suas flechas sobre os invasores de sua terra; um deles apenas ficou ferido na coxa e os outros revidaram com presteza, mas, em face de um número muito maior de xavantes, viram-se obrigados a recuar e puseram-se a correr em direção à ubá, a única salvação para eles. Naquela corrida o *matucari* tropeçou e caiu, os xavantes vieram-lhe ao encontro e com algumas bordunadas deixaram-no prostrado como morto.

Sabedor velho das superstições dos xavantes, fingiu ter morrido e como os xavantes têm horror aos cadáveres e estavam, além disso, preocupados com a bela presa de guerra que iriam saborear, deixaram

o *matucari* semimorto, perto da barranca do rio, e fugiram, carregando a anta. Os quatro jovens já embarcados na ubá desceram o rio mais rápido do que a própria correnteza, escapando assim da morte.

Passados alguns minutos o *matucari* pressentiu que já estava a sós e rolando sobre si mesmo, mais preocupado com a vida do que com os ferimentos, conseguiu cair n'água, descendo o rio e salvando-se milagrosamente. Avistado pelos de sua tribo, foi apanhado e trazido para a aldeia. Estava assim explicado o motivo daqueles ferimentos do nosso novo companheiro de viagem. Daí por diante, nossa palestra versaria apenas sobre os assuntos da vida carajá, suas relações amigas e seus adversários. A nação carajá tem os seus amigos e adversários, mas nem sempre se ligam demasiadamente aos primeiros, nem combatem ferozmente aos últimos, pois consideram-se vizinhos indiferentes.

Temem e respeitam os xavantes, mas chegam a casar-se com os xerentes. Odeiam e desprezam, mas não perseguem os caiapós. São amigos íntimos dos tapirapés e reconhecem a existência dos canoeiros e os combatem às vezes, quando forçados pelas circunstâncias.

OS CARAJÁS E OS CAIAPÓS

De todos os brasilíndios da região araguaiana a nação mais intransigente e inadaptável é sem dúvida alguma a nação caiapó. Não são inaccessíveis aos civilizados como os xavantes; pelo contrário, entram em contato direto com qualquer viajante ou morador da região, simulam-se amigos íntimos, isso durante dias, meses e às vezes até anos, mas não admitem a menor ofensa ou qualquer gesto de desprezo às pessoas da tribo.

Quando ofendidos, também, não reagem imediatamente, como os carajás e outros selvícolas, mas calmamente aguardam o momento oportuno, e, quando menos se espera, ei-los que surgem mais ferozes do que nunca! Completamente nus de cor quase preta, sempre tatuados com exagerada aparência bélica, os caiapós não inspiram simpatia a quem deles se aproxima.

São mínimas as relações entre os carajás e os caiapós; estes afrontam aqueles e os provocam para a luta, mas sempre o fazem quando se sentem maiores em número. Muitas vezes ouvi, quando criança, colegas de aula dessas duas tribos que estudavam juntos nas escolas missionárias, manterem apenas relações de cortesia, porque, no íntimo, se desprezavam e se insultavam, e, ao menor descuido, travavam ferozes lutas. O milagre de frei Gil de Vila Nova, foi conseguir um modo de viver amistoso entre estas duas tribos e talvez suas virtudes morais teriam em vida conseguido aquele milagre. Diziam-me porém, vários *matucaris*, que o trabalho do grande missionário seria totalmente perdido, uma vez que os caiapós não eram gente, mas sim *bichos*; e, rindo, mostravam que o caiapó era da cor da noite!... Também os xerentes chamavam-nos de *uaposom-uará*, que quer dizer cachorros pretos, raposas; o que é certo é que depois da morte de frei Gil, jamais houve aproximação amistosa entre essas duas tribos.

Como porém os caiapós só combatem em terra, mas sobretudo na mata, onde são mestres em armar emboscadas; e os carajás só guerreiam com denodo nas praias e em suas ubás; daí é que surge a dificuldade de travar luta com os seus adversários. Se vivem essas duas nações em paz, é porque a própria natureza concorre para isso, com as terras e as águas araguaianas.

OS CARAJÁS E OS TAPIRAPÉS

Em meio desse mundo de povos do grupo jê-carajá, existe, em pitoresco recanto do Araguaia, à margem do seu afluente – o rio Tapirapés, um núcleo de remanescentes da valorosa raça tupi. Os tapirapés – assim se chamam eles – não se afastam de sua taba; recebem amistosamente os visitantes, quer civilizados, quer aborígenes. Ficaram ali situados, à procura de paz e duma vida mais folgada.

Os carajás se consideram amigos íntimos dos tapirapés. Convivem-lhes na intimidade, contraem núpcias entre eles e são seus amigos leais. Os tapirapés são tupis, mas muitos falam o dialeto carajá; conhecem as suas canções, como os carajás também apreciam as composições tapirapés. Quando os

tapirapés iam a Conceição do Araguaia, eram acompanhados dos carajás, que os transportavam em suas ubás. Certa vez, perguntei-lhes porque não preferiam vir a Conceição pelos campos e eles deram-me a entender que viajando com os carajás por água, estavam mais seguros do que a sós por terra, porque pelos campos teriam de percorrer a serra dos caiapós, dos quais não eram amigos.

OS CARAJÁS E OS CANOEIROS

Passemos ao sul da ilha de Bananal, pelo braço direito do Araguaia, vulgarmente denominado de Furo do Bananal. Este braço do rio geralmente seca no verão e facilita a passagem da ilha para a margem do rio a todos os índios daquela região. Poucos viajam no inverno por esse furo, porque temem o assalto dos índios canoeiros.

Certa vez, os missionários dominicanos procuraram contato com a tribo dos canoeiros, mas foram flechados por eles: não houve ferimento nem revide; de longe eram porém os selvícolas avistados, trepados em árvores, espreitando à distância os visitantes, mas sem querer contato com os presentes pendurados também nas árvores em lugar bem visível, a fim de que os mesmos pudessem apanhá-los, quando os visitantes se ausentassem.

Não é aqui local para falar sobre os canoeiros, mas digamos apenas que também os canoeiros não vivem em muita harmonia com os carajás, mas não há entre ambos os grupos as mesmas rixas como entre os carajás e os caiapós.

Pouco se sabe diretamente da vida e dos costumes canoeiros. Os massacres que estes nossos aborígenes têm sofrido, por parte dos goianos, obrigam-nos a isolar-se completamente na margem goiana, como os xavantes na mato-grossense. Valadares, o belicoso tuxaua carajá, era quem mais sabia dar informações sobre os canoeiros e contava que a formação da tribo datava do tempo das invasões bandeirantes. Estas traziam grandes contingentes de indígenas de tribos diferentes, aprisionados no Sul; essas tribos já conheciam o português por intermédio dos índios domesticados há mais tempo pelos sertanistas. A conselho mesmo dos próprios selvícolas aqueles aventureiros, caçadores de presas humanas, embrenhavam-se pela margem esquerda do Araguaia, partindo do Presídio de São José do Araguaia.

Em fins de verão, chegando à altura do Furo do Bananal, atravessaram com facilidade aquele braço do rio e então, quando a caravana se distanciara dos sicários policiais do presídio, relembrou-se da carnificina que à entrada daquele mesmo furo fizeram os portugueses aos carajás, matando-lhes impiedosamente até mulheres e filhos, por não quererem acompanhá-los, de volta, como escravos; e, auxiliados pelos próprios carajás, aqueles brasilíndios, unidos pelo mesmo pensamento de vingança, em uma noite eliminaram os chefes da bandeira, respeitando apenas os sertanejos, que também forçados a os acompanharem. O plano foi executado imediatamente. Ficaram apenas índios e sertanejos, homens e mulheres que concordaram em permanecer ali, como senhores da região.

O inverno não se fez esperar e, com ele, a enchente do Furo; a bandeira não voltou e só no verão do ano seguinte foi que o governo da província de Goiás mandou alguns policiais, bem armados, à procura dos supostos perdidos, mas era tarde. Os novos habitantes daquela região, já não eram escravos, mas sim senhores absolutos das terras e das águas e das montanhas por onde se embrenharam na maior ilha fluvial do mundo.

Nesses combates de bandeirantes contra as populações indígenas, até morteiros foram usados! E, como prova, os carajás da ilha do Bananal encontraram um pequeno canhão de bronze soterrado numa das praias do Furo do Bananal.

Esse canhão, anos atrás, foi vendido por dez cruzeiros a um viajante. Os carajás componentes daquele grupo de brasilíndios que conseguiram fugir da escravização bandeirante não quiseram permanecer nas praias do braço direito do rio Araguaia e fixaram-se ao norte do Furo na margem esquerda. Permaneceram como amigos dos canoeiros, porque estes evitam o contato com os civilizados.

Os carajás do braço maior, porém, nem sempre foram considerados amigos íntimos dos canoeiros, por acharem estes últimos que estavam em constantes comunicações com os viajantes e poderiam assim descobri-los. Valadares, porém, com suas tendências belicosas de conquista, atravessou a ilha e com vários guerreiros carajás, provocou um combate com os canoeiros, no qual conseguiu prender dois jovens, inexperientes canoeiros, fugindo estes, em debandada, rio abaixo, até muito a jusante da ilha. Três anos depois levava a Conceição seus dois prisioneiros, que, para espanto de todos, em nada se assemelhavam aos outros índios da região. Quase brancos, cabelos curtos e anelados, nariz meio achatado e um buço já bem acentuado, viviam sentados os dois juntos e pouco falavam; não toleravam os banhos contínuos dos carajás e não se tatuavam com as características carajás. Ficou confirmado que os canoeiros usam a palavra *capitão* em vez de *tuxaua*, além de muitos vocábulos portugueses; usam ferramentas que só poderiam ter sido apreendidas dos sertanejos bandeirantes; servem-se de sal-gema para as suas refeições e muitos utensílios que conheceram nas cidades. Valadares não asseverou, porém, se a taba dos mesmos está situada na própria ilha ou em terra firme, à margem esquerda.

*

> NOTA: Couto de Magalhães, assim se refere aos canoeiros: – "Que os canoeiros não menos são os carijós de S. Paulo, cuja língua geral é a mesma ou a ela muito semelhante. Uma bandeira de cristãos bateu-os nas margens do Tocantins no dia 8 de setembro. Na ocasião da mortandade uma índia velha gritou: – "Oh! judeus! até no dia do nascimento de Nossa Senhora nos vêm perseguir!!"

Num dos numerosos ataques dados nos sertões do Amaro Leite, alguns guerreiros mais atrevidos foram presos, depois de muito feridos.

"Chegaram-se a eles os capitães Adrião, Paulo Machado e major José Coelho.

– Vamos para casa, que estão muito feridos, disse-lhes Coelho.

– Não, responderam os índios, o capitão não quer.

– Então, nós os mataremos.

– Sim, disseram os selvagens; mas não matem com faca, porque doi muito.

Foram mortos um por um."

*

No verão, porém, fazem longas excursões pelos campos de Goiás, a pouco e pouco depredando grande número de lugarejos e fazendas, entre Pilar e Amaro Leite. Daí Couto de Magalhães contar que, certa vez, num desses povoados, quando a população festejava o santo padroeiro, os índios escondidos, perto da igreja, começaram a gracejar repetindo: "Ora pro nobis".

Vezes há em que os canoeiros aparecem à margem esquerda da ilha em canoas improvisadas, muito mais imperfeitas que as ubás carajás, atravessam o rio, e vêm entender-se com os xavantes, dos quais se consideram amigos, por julgá-los também índios destemidos, pelo desprezo que estes votam aos civilizados que sobem ou descem o rio.

OS CARAJÁS E OS XERENTES

Instalados na mesopotâmia tocantino-araguaia, a nação xerente, líder do grupo jê, é a mesma xavante; ambas falam a mesma língua, possuem as mesmas canções, mas não conservam os mesmos costumes. Separados voluntariamente, quando das invasões civilizadas, que afluíram para o Tocantins, em busca de ouro, parte aceitou o contato com os brancos, parte o recusou; esta é a que se chamou de

*Savante** e foi colocar-se à margem oposta do Araguaia, longe mesmo dos aborígenes que tinham relações amistosas com os civilizados.

Os carajás nunca tiveram conflito com os xerentes, índios pacíficos e laboriosos que não gostam de fazer longas jornadas. Eu mesmo conheci um carajá casado com uma xerente que conviviam em plena harmonia, numa *inxã* carajá. Não existe entre estas duas tribos a mesma aversão e o mesmo terror observados entre os carajás e os caiapós.

O xerente tem sua maloca fixa; o carajá, pelo contrário, muda de pouso conforme a vontade das águas, que anualmente transportam para lugares diferentes os bancos de areia.

COSTUMES, LÍNGUA, CANÇÕES E APTIDÕES DA NAÇÃO CARAJÁ

Navegável na sua maior extensão, de norte a sul, o Araguaia expõe os habitantes de suas praias, os carajás, como já dissemos, ao contato direto com os viajantes que por ali passam.

Este convívio, estabelecido desde as primeiras viagens de Couto de Magalhães, prossegue, na atualidade, sem alteração. Trata-se, porém, dum simples contato exterior, que em quase nada tem afetado a estrutura social dos carajás, os quais, como a maioria de nossos selvícolas, dificilmente revelam os seus verdadeiros costumes, crenças e aptidões, senão quando depositam total confiança em alguém, o que é muito raro.

São necessários meses e até anos para penetrar-se nalgum segredo da vida carajá.

Não obstante parecer, à primeira vista, que se vão afastando dos seus costumes primitivos, em contato com os civilizados, é justamente o contrário o que se dá; porque toda a preocupação carajá, como da maioria de nossas tribos, é de conservar, com muito zelo, os hábitos que lhes legaram os seus ancestrais.

Embora seminus, não carecem de policiamento para manter a moral entre eles; zelam cuidadosamente pela virgindade de suas jovens, não as conservando sob tutela de cuidados especiais, mas, pelo contrário, dando-lhes relativa liberdade e fiscalizando mais os rapazes; tratam com carinho os seus *matucaris* e respeitam-nos, bem como a qualquer família da tribo; educam as suas crianças dentro dos princípios da moral natural e revelam um respeito especial e mesmo exageradíssimo pelos seus mortos, os quais são por eles chorados durante muitos meses.

Supersticiosos até a medula, os carajás vivem mais preocupados com o feitiço do que com sua própria alimentação. São inúmeros os meios de, na concepção deles, fazer-se o bem e mais facilmente o mal, ofender os adversários, causar a morte de alguém, perturbar a felicidade conjugal, trazer a desgraça para uma *inxã* e até para toda a tribo, através do pensamento aliado à vontade. Carolina, Ciaru, Rambu (sendo que, este último chegou a fazer o serviço militar e que, infelizmente, voltou para a tribo, antes de concluídos os estudos, que muito poderiam concorrer para a educação de sua gente), diziam-me, certa vez, que o "feitiço" matava mais carajás do que as próprias doenças e contava vários meios de ferir-se um inimigo ou de acamá-lo, mesmo à distância. Para fazer adoecer uma pessoa à distância, bastaria, por exemplo, apanhar uma mutuca, espécie de mosca maior que as outras e de picada assaz dolorida, traspassar-se com um talo as duas asas da mosca, puxando-as para trás, darem-se três voltas com a mesma, fitando o sol nascente e depois atirá-la em direção à aldeia ou praia onde reside a pessoa visada, pensando nela fortemente no local onde se a quer ferir: esta é logo atacada de reumatismo nos braços, o que lhe impede as atividades, além de ficar com a cabeça tonta e perder a noção da direção! (?)

* Donde proveio o termo *xavante*.

Creem na alma como o sopro que lhes pode ser roubado, como pode sair e entrar, conforme a vontade dum amigo ou dum inimigo. As mulheres principalmente não toleravam outrora uma máquina fotográfica por cuja objetiva pensavam, como ainda pensam, que lhes sai a alma ou que aquele movimento, as fará adoecer. Mesmo ainda hoje, somente com muitos presentes é que se consegue bater uma chapa entre as carajás.

Enquanto não se conseguir educar um grande número de carajás que se tornem influentes entre os de sua tribo, e, por meio deles provar-se a utilidade e a força das drogas preparadas com elementos da flora e da fauna, para tratamento de seus males – e, que é esse o segredo dos seus *Reris** na maioria conhecedores profundos da medicina empírica – não será possível o aproveitamento, nem a civilização da valorosa tribo Inã.

Acreditam nos sonhos e poderiam dar lições de onirocracia.

As manifestações cinestésicas que se observam em certos estados patológicos, nos sonhos premonitórios, encontrariam entre vários carajás fundamento para os estudiosos da cinestesia, de que nos fala Ribot, quando conta que A. Villeneuve sonhou que fora mordido na perna por um cão, tendo-lhe surgido, dias após, no mesmo local, um câncer; e que Gesner sonhara também ter sido mordido por uma cobra e se sentira depois, na realidade, acometido por um doloroso antraz, aparecido no mesmo local em que, durante o sonho premonitório, sentira a dentada fatal da cobra!

Assim também os carajás vivem a sonhar, não com castelos, mas como a maioria dos civilizados, com fatos ligados diretamente à sua vida tribal.

LÍNGUA: CANÇÕES E FOLCLORE CARAJÁ

É uma grande ilusão pensar-se que, passando uns meses e às vezes uns anos numa tribo brasilíndia, onde se colhem alguns vocábulos e frases, constitua isto um documento linguístico de real valor. Não; e muito pelo contrário, os nossos brasilíndios têm um ciúme incrível de sua língua e de seus verdadeiros segredos da vida social.

O civilizado para eles, mesmo o missionário, é sempre considerado como um forasteiro, que quer saber de sua vida para melhor destruí-la. Poucos felizardos adquirem total confiança da maioria duma tribo, para se assenhorearem do seu vocabulário, de suas crenças, de suas verdadeiras tradições. Muitas vezes eu vi, entre carajás e cristãos do Araguaia, pessoas que se julgavam conhecedoras do idioma inã e quando se punham a empregá-lo, ouviam boas gargalhadas dos assistentes... Eu mesmo descobri várias vezes, colhedores de informações que recebiam prontamente as respostas às suas perguntas e que no entanto estas em nada correspondiam à realidade!

– Mas por que – perguntei aos índios – vocês ensinam assim errado a língua carajá?

– Ora – respondeu-me um colega de infância, muito íntimo – Tóri não é carajá, não deve saber tudo que é carajá, senão bota feitiço e acaba com a gente.

Só então compreendi a desconfiança que conservam para com os seus visitantes e não lhes revelam senão alguns fatos superficiais de sua vida, de sua língua, de seus costumes, o que acho muito natural.

Daí resulta essa divergência extraordinária dos vocábulos colhidos pelos visitantes, mesmo quando se demoravam em contato com as nossas tribos selvícolas. Com os carajás acontece o mesmo. Primeiramente há grande diferença entre o linguajar carajá do sul e o do norte do Araguaia, além das modificações introduzidas pelo dialeto feminino.

Nos três casos, porém, há sempre uma característica bem acentuada: e é o som gutural que emitem na voz, quaisquer elementos, masculino ou feminino, da tribo, o que aliás muito dificulta a

---

* *Reris*: feiticeiros.

anotação e a compreensão, por parte dos brasileiros, da maioria dos vocábulos carajás. Em geral formam os vocábulos por aglutinação e são fortíssimos na criação de neologismos, ricos de sentido, como na maioria dos aborígenes brasileiros.

Quando falam em conjunto tem-se a impressão de que mais riem na garganta e que são numerosos ventríloquos os que dialogam ou monologam.

Há sons carajás que imitam perfeitamente o francês, o alemão, o árabe, mas muito menos o português e muito menos ainda o do linguajar brasileiro. Expressos apenas pelos nossos recursos consonantais e vogais latinos, não podem, em hipótese alguma, ser reproduzidos. No meu tempo eram diversos os que se preocupavam em colher palavras na escola para o estudo do carajá e em geral a divergência de um para outro, na grafia dos termos, era enorme; quem, porém, dispunha de boa memória e aprendia apenas de ouvido, não demorava a compreender melhor do que os que procuravam escrever. Julgo pois que somente o sistema de gravação em discos poderia colher dados diretos e seguros da fonética dos carajás. Tenho elementos que poderiam servir para a publicação duma gramática com rudimentos desta língua, mas não me atreveria a publicá-la, por ora, dadas as razões acima expostas.

O trabalho do padre Luís Palha, missionário dominicano brasileiro, que esteve na cidade de Araguaia durante 10 anos, é um precioso depositário da língua carajá que ele fala com regular facilidade; porém, se alguém quiser aprendê-la pelo que ele escreveu, não o conseguirá, porque a pronúncia não corresponde ao que ali está escrito e o meu vocabulário, bem como os mais que possuo, diferem muito do que publicou o padre Palha. Não quero com isto diminuir o seu magnífico trabalho, tanto mais honroso quando foi o primeiro missionário que procurou evangelizar os carajás, utilizando-se do próprio selvícola, como já o fizeram frei Gil e frei Antônio Salá, quanto aos caiapós. Aliás a assinalação desta dificuldade é feita no próprio opúsculo, pelo autor, quando afirmou; – "É mister tudo tentar, por si mesmo, interrogando em tempo e a contratempo, notar, apagar dez vezes nomes que se julgavam definitivamente certos."

*

Todo o folclore carajá se relaciona com sua vida praieira; a água para o carajá é mais sagrada do que o fogo e o alimento. Triste ou alegre, o carajá canta sempre. Suas canções não têm a harmonia das dos caiapós, nem eles possuem também a bela voz daqueles seus adversários, mas, em compensação, revelam mais espírito.

O peixe aruanã é o príncipe encantado de um lago; sua lenda é contada por todos os carajás, que o reconhecem como um deus. Os festejos do aruanã duram meses e suas canções andam de boca em boca, quer as antigas, quer as modernas, todas inspiradas no mesmo tema:

"Um carajá foi caçar onça, para estimular a coragem contra as feras. Esta ficou com medo dele e baixou a cauda, em sinal de respeito."

É esta a tradução do cântico:

"Ua co tican rran ran
ré….. uo..... rú
ra bere
ra............. ram
Redibere bonam
Quiá rre rará quá ran."

*

Para estimular a coragem contra outro aborígene contam o seguinte:

– "Um carajá andava só e encontrou um inimigo. Investiu contra ele e quando o viu em frente a uma árvore, transpassou-o com a flecha, prendendo-o ao tronco da árvore e assim o matou com facilidade", ou em língua carajá:

"Uô ti can rrû bebêrubebé ti bé (bis)
Nam rotican récó (bis)
recó (bis)
An ni rere Uoti (bis)
Roirá uê bê rotican ré-có (bis)"

*

Crítica à vaidade da mulher – Como todas as mulheres, as *cunhãs** carajás, embora seminuas, têm os seus adornos, com os quais procuram e conseguem encantar os homens.

Enfeitadas, tatuadas, perfumadas com almíscar da selva, elas são um tipo de beleza selvagem, mas que nem por isto deixa de seduzir e agradar. A sua preocupação máxima é de não engordar demasiadamente e para isto muito concorrem os exercícios de natação e do remo que praticam tanto quanto o homem. Há porém as exceções. Jovens há que escapam à regra. Para os carajás mulheres não devem comer gordura como os homens, não só lhes é ofensivo à saúde, mas é muito feio e digno de censura perante todos da *inxã*...

A uma dessas gulosas, que preferia a gordura à formosura, fizeram a crítica seguinte, a fim de envergonhá-la perante as outras e os seus futuros namorados:

"Ri iuê tilê (bis)
Rrê reri re reri
Rí iuê tilê (bis)
Rê reri re reri (bis)
Cí arrê rirodireri
Rambu rodi leman (bis)
Man rrê rirodireri
Rri iuê ti lê (bis)
Rererireri.

*

A canção dos sapos – A orquestra dos sapos ou melhor das rãs no Araguaia, funciona sob um luar que causaria inveja a muitas iluminações das cidades. O luar do Araguaia é um desses deslumbramentos que dificilmente se pode descrever.

A placidez das águas irmana-se à alvura das praias e forma um único lençol de prata que extasiaria qualquer poeta. À margem, porém, formam-se moitas de "saram", com alguma sombra; é aí que se instala a orquestra batráquia, e por esses furos d'água, entre as praias e a margem, desliza a ubá carajá que com um único instrumento, o seu remo, raspa de leve a superfície das águas e centenas de "piabas" pulam na ubá e são assim pescadas sem esforço algum.

---

* *Cunhã*: mulher, em tupi-guarani.

Nós, araguaianos, aprendemos assim com os carajás a fazer canoada quando queremos peixe para isca, sem dificuldade. Um anzol apanharia apenas um de cada vez, ao passo que numa canoada são vintenas e vintenas de piabas que caem vivas no bojo da canoa! Os sapos e rãs, porém, são mais amigos dos peixes que dos homens e quando pressentem a chegada da ubá ou da canoa calam-se de repente; este silêncio, dizem os carajás, é o aviso para que seus amigos peixes se retirem da beira do rio. Os carajás inventaram uma canção onamotopaica, que espelha estas cenas e cujas palavras, repetidas diversas vezes, servem para substituir aqueles músicos silenciosos e alertar seus amigos peixes dos arredores...

"Aí ri, tété um um (bis)
Arí téte um um (bis)
Uari, uari, uar-i- téte
um um (ter)"

*

Em certa *inxã* havia duas lindas *ua-nadioriore** muito admiradas por todos e ambicionadas para casamento. Em uma festa de Aruanã, veio um jovem duma *inxã* vizinha e como sempre, visitante de fora, logrou as simpatias duma das belas carajás, O casamento não se fez esperar. Terminadas as cerimônias, ei-la a distribuir saudades e suspiros a todos os namorados e pretendentes derrotados! Para estes ficaria, porém, a última esperança – a mais jovem. Acontece, entretanto, que esta, ao invés de aceitar as declarações de amor proferidas pelos de sua inxã, desprezava-as e de maneira muito descortês. O motivo deste desprezo era o seguinte; – A irmã casada, antes de partir, induzira a mais nova a que não se casasse com ninguém dali e esperasse, porém, até que ela, de lá de sua nova morada lhe mandasse um noivo bonito. Passavam-se as luas, festejava-se Aruanã e nada de chegar o noivo prometido.

Os pretendentes descobriram, porém, que a vaidosa apaixonada diariamente retirava-se para bem longe na praia, a fim de chorar, cantando seus lamentos e censurar a irmã por não lhe mandar o noivo prometido. Alegava então que desejava casar-se e queria ser levada dali, censurando a irmã não só por ter ido adiante, mas por haver esquecido a promessa. Os jovens, porém, riam-se dela e parodiavam suas atitudes com danças e cantos em que se afirmava que ela desprezava os seus e por isto iria ficar velha solteira, isto é, titia!

E aludiam a uma canção que diz; "pássaro que vive sempre perto de frutos não os deixa crescer porque os come" com a letra carajá que se segue:

"Ua dê rêboiquê
Rambúman boiquê
Ua dê reboiquê (ter)
Uanam an reuacôque
Rambúman roirá
Ua dê rebôquê
Bedeura tê todú (bis)
Ta can ré irãn lemon
Ran ireri
Ré rram
Idian ré ran."

* *Ua-nadioriore*: moça solteira.

*

Poderíamos citar ainda grande número de canções que, porém, sem a música, pouco interessam, além da grande dificuldade em exprimi-las com palavras da nossa língua. O carajá na maioria de suas canções emite apenas sons guturais, cujas palavras são quase imperceptíveis.

Pela morte dum carajá, por exemplo, choram meses e meses, ali sentados, trabalhando, viajando, remando; são lamentações e queixas que mais se exprimem com sons do que com palavras. Demais, muitas dessas canções perderam o sentido. Os carajás novos as entoam, mas não sabem ou não querem explicá-las. Ouvimo-las e aprendemo-las, mais quanto aos sons do que quanto à interpretação e à grafia.

*

Tanto os javaés como os carajás, porém, possuem uma lenda que não só ouvi narrar por mais de um deles, como também por outros íntimos amigos e intérpretes dessas tribos; é a lenda da origem da nação inã.

Frei Luís Palha a narra em linguagem simples e muito clara, por isto prefiro, em vez de repeti-la, com minhas frases, dar-lhe a palavra. Aliás, na última viagem que fiz ao Araguaia, meu primo Vicente Paracampo, piloto do mesmo rio, conhecedor do idioma carajá, que fala melhor do que escreve, deu-me a copiar esta mesma lenda, que é uma repetição exata das demais narradas pelos *matucaris* amigos. Aqui vai, pois:

A LENDA DA RAÇA: A ORIGEM DOS CARAJÁS
(Como e porque estão os carajás hoje na Terra)

Comantari me contou.

Habitavam os carajás, em tempos idos, na pátria de origem, debaixo das águas do rio das Aragas [o Araguaia].

A raça toda era feliz.

Não havia morte neste tempo ditoso: Nunca escasseava o peixe.

Tartarugas à vontade! Pirarucus a fartar!

Bem por cima da região em que moravam esses carajás ditosos, avistava-se um orifício misterioso; e, através desta "claraboia" encantada, percebia-se longe, bem longe, uma terra distante, inteiramente desconhecida.

Aconteceu que certo dia o filho do chefe veio a enfermar.

E porque nunca tinha havido na raça caso semelhante, não atinavam no que ministrar ao pequeno adoecido, para debelar o mal-estar.

Eis senão quando, dois jovens carajás, no vigor da idade, guerreiros afoitos, concertaram um plano.

Já tinham muita vez olhado, com ímpetos de curiosidade insaciada, para aquele misterioso orifício das águas!...

Louco desejo nutriam de visitar aquela região que de longe apenas se avistava em mistério...

A ocasião lhes parecia asada.

– Vamos procurar mezinha para o filho do chefe?

– Vamos.

– Por esta passagem encantada?

– Por esta passagem.

Depressa se munem de arco e flechas. Estão armados. Nada receiam.

E querem ver.

Mas o velho Cobeí, mentor geral da tribo carajá, de logo se opõe ao desígnio dos jovens guerreiros e sentencioso segreda aos dois aventureiros os seus conselhos prudentes:

– Não. Não vão cair nesta imprudência, que lhes sairá funesta. Não vão... Por ali passaria então a infelicidade da raça feliz dos carajás. Não! Não!

Os dois ardorosos guerreiros, apesar do aviso solene, quiseram ao menos tentar ver melhor o que se poderia descobrir através do célebre orifício. Partiram à cata do remédio desejado.

Subiram pelo misterioso túnel. Muito de mansinho. E avistaram encantados um deslumbramento para os olhos ávidos de novidade!

Avistaram as árvores verdes, tão cobertas de flores, tão cobertas de frutas... Que encanto!...

A LENDA DA RAÇA

Árvores enfeitam a terra... pássaros enfeitam os ares... Flores enfeitam os campos... borboletas e besouros verdes e dourados enfeitam as flores. Embeveceram-se os jovens em contemplar extasiados o esplendor da terra nova... Quando menos esperavam, apareceu, de súbito, um veado a correr... Era novidade para os dois exploradores. Armam os arcos e já se vão desprender as flechas certeiras. Mas o veado falou:

– Alto lá! Não me matem. Vocês estão procurando remédio para o filho do chefe, o remédio aqui está neste pau... é o mel de abelha brava.

Saltam os moços para o lado onde falava o cervo. Cresceram o encanto e o entusiasmo! Luz em profusão. Frutas em abundância. Puçás à vontade. Buritis e marmelos, e quantos... e quanta coisa...

Retiraram do piquizeiro a colmeia indicada e tornaram ao fundo do rio.

O adoentado filho do chefe ficou curado.

Aqueles dois jovens guerreiros tinham visto as belezas das novas terras descobertas... Não mais esquecerão!

E falavam animados dessa terra de encantos, onde tudo é mais belo que no monótono fundo das águas, onde só se veem peixes e tartarugas desde a infância até a velhice...

....

Os dois jovens descobridores começaram a fazer propaganda intensa do novo mundo, e aos poucos o entusiasmo dos dois carajás se foi apoderando da tribo inteira. E era o assunto das palestras, pelo dia em fora e era o assunto dos sonhos das noites caladas.

O velho Cobeí se esmerava em prodigalizar conselhos, em dissuadir os imprudentes jovens da imprudente empresa projetada.

– Não vão, repetia ele. Ninguém se abale a transpor o mistério! Infeliz de quem lá for!

Dirigindo-se aos dois exploradores ousados, o velho mentor lhes falava baixinho:

– Não viram vocês por lá o "tucum" seco?

É sinal aquilo de que por lá se morre. Lá habita a morte.

Desgraçado quem para lá for!

Infeliz de quem para lá se mudar!

Qual o quê!... O alvoroço era tamanho nas famílias da raça carajá, que os conselhos do velho Cobeí, até então sempre atendidos, de nada serviam.

Nem as ameaças, tampouco! Ficou decidida a partida.

Formou-se um séquito numeroso de carajás alegres, em busca da terra nova, a terra das palmeiras, das araras multicores, tão bonitas.

Os dois vanguardeiros resolutos tomaram a frente e o povo imenso carajá os seguiu de perto. Passaram a porta encantada, para lá das águas. Cobeí, que até então acumulava imprecações e "pragas" sobre os impenitentes aventureiros, seguiu também por fim a imensa fileira dos carajás em partida...

Todo o povo se vai em "boa hora".

Verdade é que Cobeí no coice da fila, vai seguindo e resmungando, mas resignado a partir. Infelicidade!... Chegando à porta do orifício encantado, quando já havia passado o povo todo, não pôde passar o velho Cobeí.

A sua desmedida gordura o impede de atravessar a única porta que dava para a terra das maravilhas.

Em fúria, amaldiçoa os moços invencionistas. Desfia, enraivecido, uma série feroz de novas imprecações e termina louco de despeito!

– Vão, infelizes!... A morte tem sua "aldeia" nessa terra enganadora. Vocês se hão de arrepender... Eu proíbo, desobedientes, que jamais se dê, desse lado de lá, jamais, o meu nome de Cobeí a algum carajá! (por isso é que, dizia Comantari, ninguém põe nos filhos este nome do velho conselheiro malogrado).

Voltou Cobeí com a mulher e filhos para a região das águas.

Lá fora, alegria entusiástica dos novos inquilinos.

Cada dia maravilhas novas.

....

Não tardou, porém, muito, a visita da morte.

Morreu o primeiro índio da raça carajá.

Pesar clamoroso! Era coisa nunca vista. Outro carajá morreu; novos clamores!

O pavor se apoderou da tribo.

Resolveram, então, os carajás voltar para a região primitiva, onde não há os esplendores do sol, nem recursos abundantes de frutas e caças, mas onde a gente não morre!

Organizaram, de volta, o séquito numeroso. Dirigem-se para a porta encantada que os tinha despejado na Terra. Desilusão. Engano.

Bem na porta misteriosa se achava enroscada uma enorme serpente em posição de lançar o bote contra quem tentasse a passagem...

Foi a partir desse dia que ficaram nesta terra, onde se morre, os carajás do Araguaia...

CONSIDERAÇÕES OPORTUNAS

Dividimos os nossos brasilíndios em três grupos gerais:

Selvícolas – os que vivem nas selvas, quer nos campos, quer nas matas.

Orícolas – os que habitam às margens dos rios.

Fluminícolas – os que, como os carajás, residem diretamente nas praias, no meio do rio.

Impossível adotar os mesmos sistemas educacionais, para todos e pensar que darão resultados favoráveis. Construir uma casa, colocar um banco escolar, um quadro-negro e, entre quatro paredes, esses nossos irmãos das selvas, é simplesmente demonstrar total ignorância da psicologia brasilíndia. Neste particular procuramos ser imparciais, tanto assim que censuramos os métodos adotados, tanto pela maioria dos missionários, como do próprio Serviço de Proteção aos Índios. Tanto no primeiro, como no segundo, despersonaliza-se o aborígene por algum tempo, consegue-se uma ficção educacional, mas não se lhe dá meios de aproveitar o rico acervo de experiência adquirido dos seus antepassados. Para os carajás foram construídas, em Conceição do Araguaia, várias casas de telha, dentro da cidade; mas o carajá só procura a

terra quando a enchente do rio lhe rouba todas as praias; e, daí, como já disse, a improficuidade daquelas casas – porque quando o rio enche, procuram eles Conceição e armam as suas esteiras na praça principal, onde permanecem com suas araras, os seus papagaios, onde choram os seus mortos e onde vendem o produto de suas pescas, mas onde também aprendem os vícios dos civilizados e a eles se adaptam rapidamente.

Não há muito, vi em uma revista americana um tuxaua, pele-vermelha, muito rico e inteligente, que viera a negócios a Nova Iorque; hospedara-se num luxuoso hotel central, mas em vez de instalar-se num confortável quarto, com ar condicionado, foi armar a sua tenda igual à de nossos carajás, na *terrasse* do hotel. Assim é o índio americano, quanto mais o brasileiro! Foi por isto que erradamente o coronel Magalhães Barata, quando da visita a Conceição do Araguaia, tendo visto no centro da cidade, perto do rio, instalada uma aldeia carajá, sem saber desde quando, como e porque permaneciam ali, proibiu terminantemente que os mesmos lá ficassem; e acusou irrefletidamente a missão dominicana de nada fazer pelos índios, morando aquela em um belo convento e estes naquelas míseras esteiras!

Ofendeu, sem querer, os missionários e muito mais aos carajás, uma vez que lhes proibiu a ida e demora em Conceição, única cidade mais próxima, onde podem vender os seus produtos.

Estes mesmos erros de educação carajá foram também praticados pelo Serviço de Proteção aos Índios, quando, anos atrás, instalou o Posto de Proteção de Santa Isabel. Construiu-se um grande barracão, onde os carajás recebiam presentes, roupas e ferramentas. Os índios foram fardados a militar. O carajá não tolera uma calça, ele pois que precisa de banhos a toda hora e sua atividade é toda aquática! Havia uma tropa de muares, além de tudo o que era necessário para as atividades de campo; nada, porém, quanto a sua especialidade fluvial, de pesca e de construção de embarcações, em que esses índios são tão peritos como muitos civilizados construtores de rudimentares estaleiros navais!

Daí o erro de ambos os lados. Nesses mesmos erros, maiores eram aqueles em que incidiam os protestantes. Nossa crítica não é zoílica, mas sim construtiva e colaboracionista, pois o nosso desejo é de ver os nossos indígenas evoluírem, cada tribo dentro de suas especialidades e atingirem um grau de civilização que lhes permita autoridade para a defesa de sua existência, como na América do Norte, onde já se reuniu um Congresso exclusivamente composto de aborígenes e de mestiços deles descendentes.

Hoje temos um entreposto de caça e pesca orientado pelo Ministério da Agricultura; entreposto onde os alunos nunca pegaram num anzol, mas que se intitulam de pescadores, quando não passam, isto sim, de monopolizadores do pescado nacional! Esta organização vai alastrando-se por todo o Brasil afora, de modo que brevemente, japoneses, portugueses, brasileiros e outros podem enriquecer-se com os produtos de caça e da pesca, menos os nossos índios e os nossos caboclos do interior, os verdadeiros peritos da caça e da pesca.

Em várias conferências e entrevistas pelos jornais, tenho demonstrado a riqueza ictiófaga do Araguaia e o meio de aproveitá-la. O pirarucu, a tartaruga e seus ovos, as ariranhas, centenas de excelentes pescados, aves aquáticas, tudo isto poderia enriquecer a nação se confiássemos aos carajás e javaés, a sua aquisição. Assim aproveitados, estes aborígenes, no seu próprio *habitat*, se sentiriam dentro de suas funções habituais e passariam do empirismo magistral com que a exercem os técnicos, que forneceriam um manancial precioso para a nossa alimentação. A princípio, poderiam ser orientados e supervisionados pelo Serviço de Proteção aos Índios, mas não demorariam muito em se tornarem independentes economicamente, dando grandes lucros para a própria nação. Peritos como o são em construções de ubás e remos, estes fabricados com uma técnica especial, admirada e apreciada pelos próprios brasilíndios, como pelos civilizados daquela região, os nossos carajás e javaés poderiam com muito aproveitamento obter um pequeno estaleiro de construções fluviais, bem como um entreposto de caça e pesca, com base na escola brasilíndia.

Caso contrário continuam a ser os eternos incompreendidos pelos que se assenhoreiam do que Deus lhes deu como presente, para sua subsistência. O seu *Beorocan** continua enriquecendo cente-

* *Beorocan* (ou *Bero-hocan* – Rio grande – segundo o vocabulário do general Rondon.

nas de indivíduos com suas pérolas, seus diamantes, seus peixes e suas aves: as peles da ariranha, a poesia de suas praias e o cristal de suas águas. E a nação inã, a eterna nômade das praias araguaianas, apenas serve de objeto de curiosidade para quem a visita. E quando o ex-presidente, voando do Catete para a aldeia de *Taul**, recebeu ali a cuia amiga do *calugi*** limpou-se o campo de aviação, instalou-se um posto de telegrafia, mas tudo desapareceu com a volta do presidente Getúlio Vargas. Foi como uma aurora de esperança para nós daquela região, mas em que o sol não chegou a despontar! No entanto, surgiu depois uma organização com sede no Rio de Janeiro: A Fundação Brasil-Central com 10 conselheiros, a fim de tratar dos interesses econômicos do Tocantins, Araguaia e Xingu.

Milhares de cruzeiros já foram empregados, e os nossos índios dessas regiões, os seus verdadeiros senhores, vão assim sendo enxotados de suas terras, como agora mesmo se verificou, com um engenheiro daquela Fundação, o qual chegou não só a perseguir os selvícolas, mas ainda mandou incendiar uma aldeia brasilíndia!!

Esperemos pois que tenham melhor sorte os nossos carajás e javaés e que pelo menos se mantenha o seu posto de proteção na ilha do Bananal e que não seja abandonado, como já o foi em 1930.

Porque não basta admirar o índio, cantar as suas bravuras, censurar os seus defeitos: é preciso educá-lo; não para transportá-lo para as cidades, mas para fixá-lo lá mesmo em suas aldeias, blindando--o física e intelectualmente para que se não veja esmagado ao peso da maquinaria de assalto que os supercivilizados atiram sobre ele!

O aborígine de 1945 não é mais o de 1500, ingênuo, crente na amizade e lealdade dos seus visitantes: é esse brasilíndio em cuja alma arguta, altiva, iluminada através da tradição oral dos sofrimentos infligidos pelos brancos, jaz a mais profunda desconfiança sob as cinzas cálidas da vingança, do ódio e do desprezo dos invasores, que os obrigaram a refugiar-se nas florestas inóspitas e praias nuas, onde, mesmo assim, o contato com as feras lhes é menos nocivo do que o das *bandeiras humanas*!

A marcha da civilização hodierna já não se realiza com as lentas hordas de outrora, em busca de presa humana para o serviço braçal; não é o carro de boi, não é a tropa de muares, agora, é a civilização que se alastra em veículos motorizados, vadeando rios, com motores Evinrudes, devorando léguas e léguas em autos, caminhões, devassando os ares com aviões gigantescos!

Não é portanto, a civilização que ia e voltava, é a que vai e fica – fica aqui e ali, em contato com os pobres selvícolas, que não têm mais para onde emigrar, dentro de sua própria pátria!

CONCLUSÃO
COMO EDUCAR A NAÇÃO CARAJÁ?

Em nosso trabalho *A escola brasilíndia* ou *Educação para os selvícolas*, estudamos com carinho os métodos que poderiam ser adotados para educar os nossos irmãos das selvas: este método seria baseado no Escotismo e na Escola Nova. Menos livros e mais exercícios manuais, de acordo com o local, as tendências e a capacidade de cada tribo. Observamos, nas próprias escolas em que cursamos juntamente com vários deles, que um livro de abecê nada interessa no primeiro instante a um selvícola. Seria necessário estudar, em primeiro lugar, o local e as atividades a que se dedicam os diversos brasilíndios de cada região e procurar aperfeiçoar o que cada um deles já pratica, empírica, porém inteligentemente.

C. N. P. I. – Rio de Janeiro, 26-11-1945.

Boaventura Ribeiro da Cunha

* *Taul* – Cacique carajá, cujo nome foi registrado no S.P.I. com grafia diferente: Ataul.

** *Calugi* – Prato característico dos índios carajás, constituído por uma sopa de peixe, tartaruga, ovos deste quelônio e outros ingredientes.

Índios carajás e índios xavantes



766 – Na sua parte superior forma o rio Araguaia e belo salto de Sta. Rita.



767 – Salto de Sta. Rita no rio Araguaia.
Cine major Tomás Reis



768 – Vista parcial do salto de Sta. Rita



769 – Outro trecho do pitoresco salto.
Cine major Tomás Reis



770 – O rio Araguaia, com cerca de 40 metros de largura na parte do salto de Sta. Rita, onde se alarga, na parte superior, para se estrangular imediatamente numa garganta muito estreita.



771 – Um tronco comprido serve de ponte.
Cine major Tomás Reis



772 – O rancho cercado de peles mostra uma outra fonte de riqueza no Araguaia.



773 – A criação de gado é a principal indúsria da região.
Cine major Tomás Reis



774 – Rio Araguaia, de águas claras e leito rico de diamantes.



775 – Excursionando pelo Araguaia e travando conhecimento, de perto, com a população de garimpeiros.
Cine major Tomás Reis



776 – Como catam os diamantes neste rio?



777 – Transportando o cascalho diamantífero.
Cine major Tomás Reis



778 – Despejando o cascalho, para a pesquisa de diamantes.



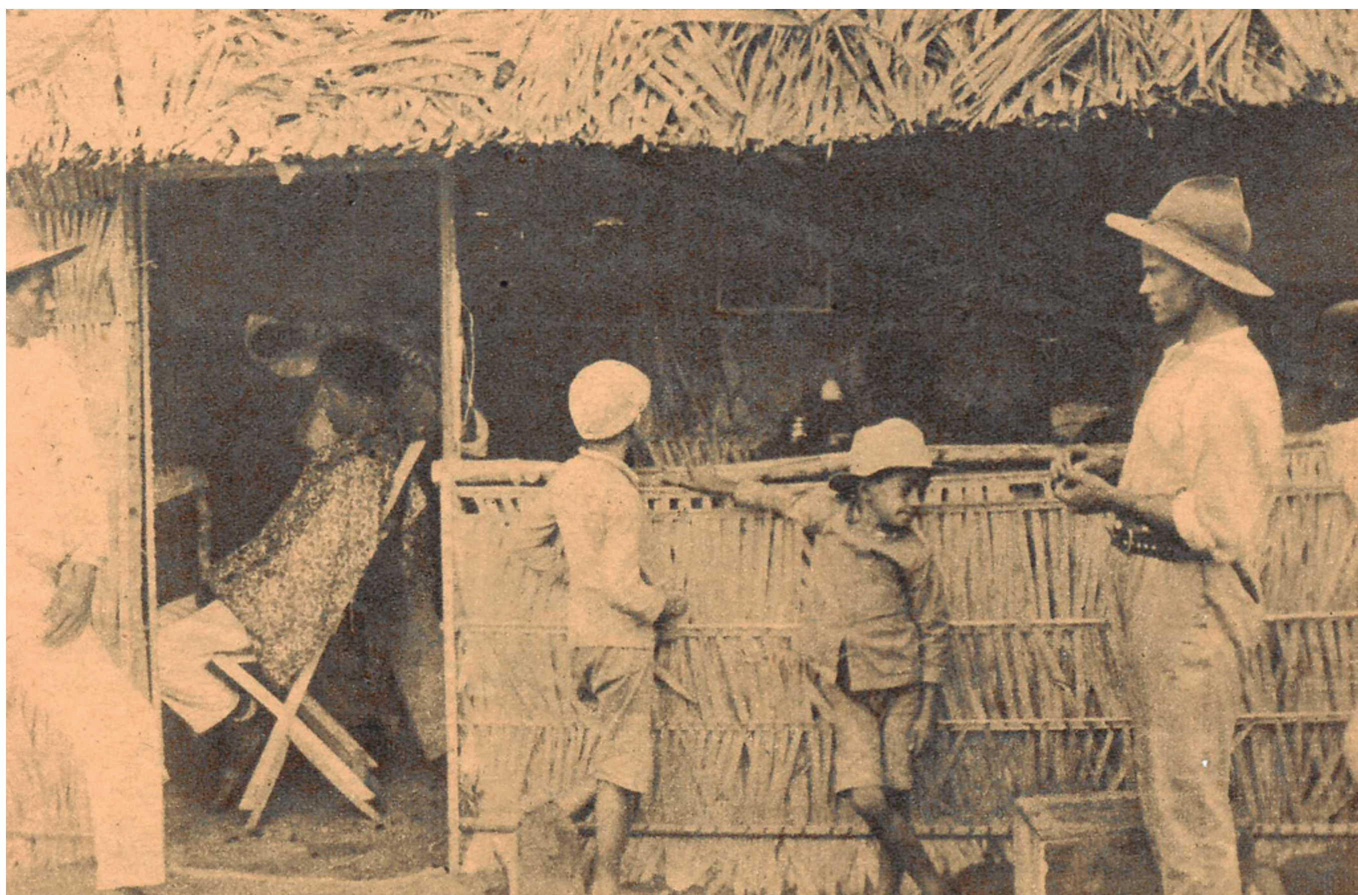
779 – Em bacias de madeira ou bateias lavam-se as terras, para selecionar as pedras.
Cine major Tomás Reis



780 – Há diamantes em abundância em lugares ainda inexplorados.



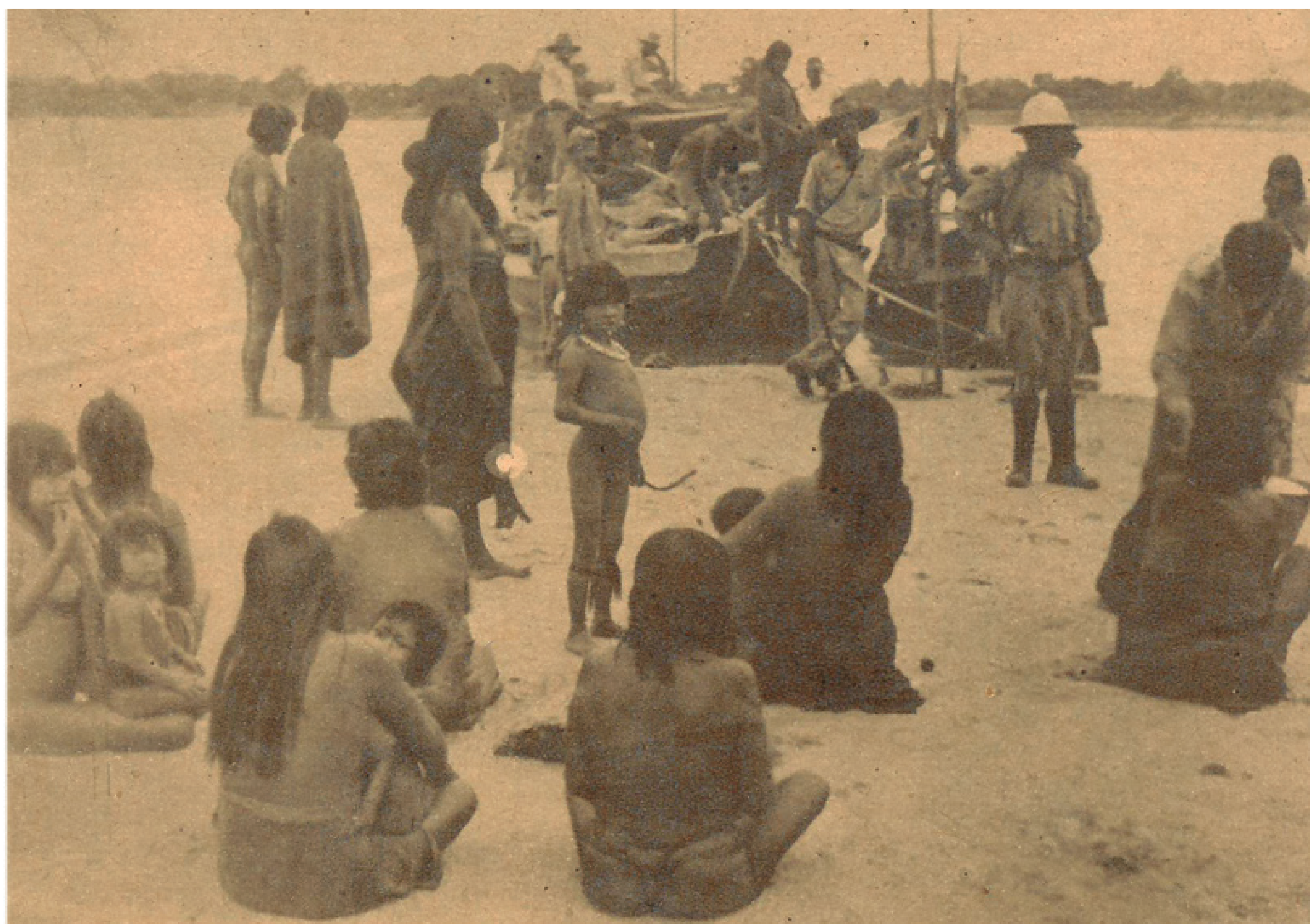
781 – Alguns de mais de cinco quilates foram colhidos à nossa vista.
Cine major Tomás Reis



782 – O garimpo Deixado, mais animado que os outros, possui casa de negócio e diversões de jogo.



783 – Fregueses não faltam.
Cine major Tomás Reis



784 – Chegando à Ilha do Bananal.



785 – Os habitantes da ilha do Bananal – índios carajás.
Cine major Tomás Reis



786 – Índia carajá com o filhinho.



787 – Índias carajás na praia, com seus flhos.
Cine major Tomás Reis



788 – Chegada do general Rondon à Ilha do Bananal.



789 – Abraçando os velhos amigos.
Cine major Tomás Reis



790 – Meninas carajás no Posto de Proteção aos Índios.



791 – O encarregado do Posto Bananal, Sr. Bandeira de Melo, com meninas carajás.
Cine major Tomás Reis



792 – A professora do Postto com alunos.



793 – Escola mantida pelo Posto S.P.I., ilha do Bananal.
Cine major Tomás Reis



794 – O gen. Rondon, cercado por vários índios, no Posto do Bananal.



795 – Acompanhou a expedição ao Araguaia o ten-coronel Arlencarliense Fernandes da Costa, inspetor dos índios em Goiás.
Cine major Tomás Reis



796 – Menina carajá como porta-bandeira. O 15 de Novembro foi festejado para demonstrar aos jovens índios, futuros cidadãos, a importância que esta data representa para a nossa pátria.



797 – O gen. Rondon explica a todos os fatos históricos da proclamação da República, seu fundador e seus colaboradores, e mostra como o novo regimento tornou em realidade as ideias de José Bonifácio, criando o serviço da redenção da raça indígena, perseguida por quatro séculos de atrocidades praticadas contra os índios, a pretexto da civilização.

Cine major Tomás Reis



798 – Ouvindo em silêncio as palavras do gen. Rondon.



799 – O mais graduado índio da tribo, interpretou em sua língua as palavras do gen. Rondon.
Cine major Tomás Reis



800 – Com inteligência ele explica à sua gente, em língua carajá o discurso do general.
Cine major Tomás Reis



801 – O refeitório dos meninos, cujo almoço nesse dia foi melhorado.



802 – Parece que alguns deles não gostam muito de certos pratos dos civilizados...
Cine major Tomás Reis



803 – Todavia, não se dispensam de prová-los.
Cine major Tomás Reis



804 – Nesta data o gen. Rondon convidou todos os índios carajás para almoçarem em sua companhia.



805 – Comida estranha.
Cine major Tomás Reis



806 – Desconfiados, pegam a colher para provar a comida dos civilizados.



807 – Pela primeira vez não acharam mito gostosa esta iguaria...



808 – Só o chefe enfrenta a situação com bom humor, mas examina com muita atenção os ingredientes...
Cine major Tomás Reis



809 – Índio carajá, com tatuagem



810 – Outro índio carajá com tatuagem característica.
Cine major Tomás Reis



811 – Nesta jovem carajá veem-se bem os dois círculos na região zigomática, logo abaixo dos olhos, como se fosse o carimbo da tribo.



812 – Aos albores da puberdade, meninos e meninas são, segundo Willy Aureli, submetidas a tatuagem, feita com a orla do cachimbo em brasa. Na ferida recente é pingado o caldo do jenipapo, que fixa indelevelmente esta "marcação da tribo".



813 – Este velho índio carajá não se separa nunca do seu cachimbo, típico da tribo ("aricocó").



814 – E esta velha carajá está fumando também, vício da tribo inteira, sem diferença de idade, nem de sexo.
Cine major Tomás Reis



815 – Uma jovem beleza carajá.
Cine major Tomás Reis



816 – Índias carajás com seus filhinhos.
Cine major Tomás Reis



817 – Índias carajás, tão característica é a feição mongólica que se parece muito com as outras.
Cine major Tomás Reis



818 – Também uma pequena carajá fica quieta ao receber um biscoito.
Cine major Tomás Reis

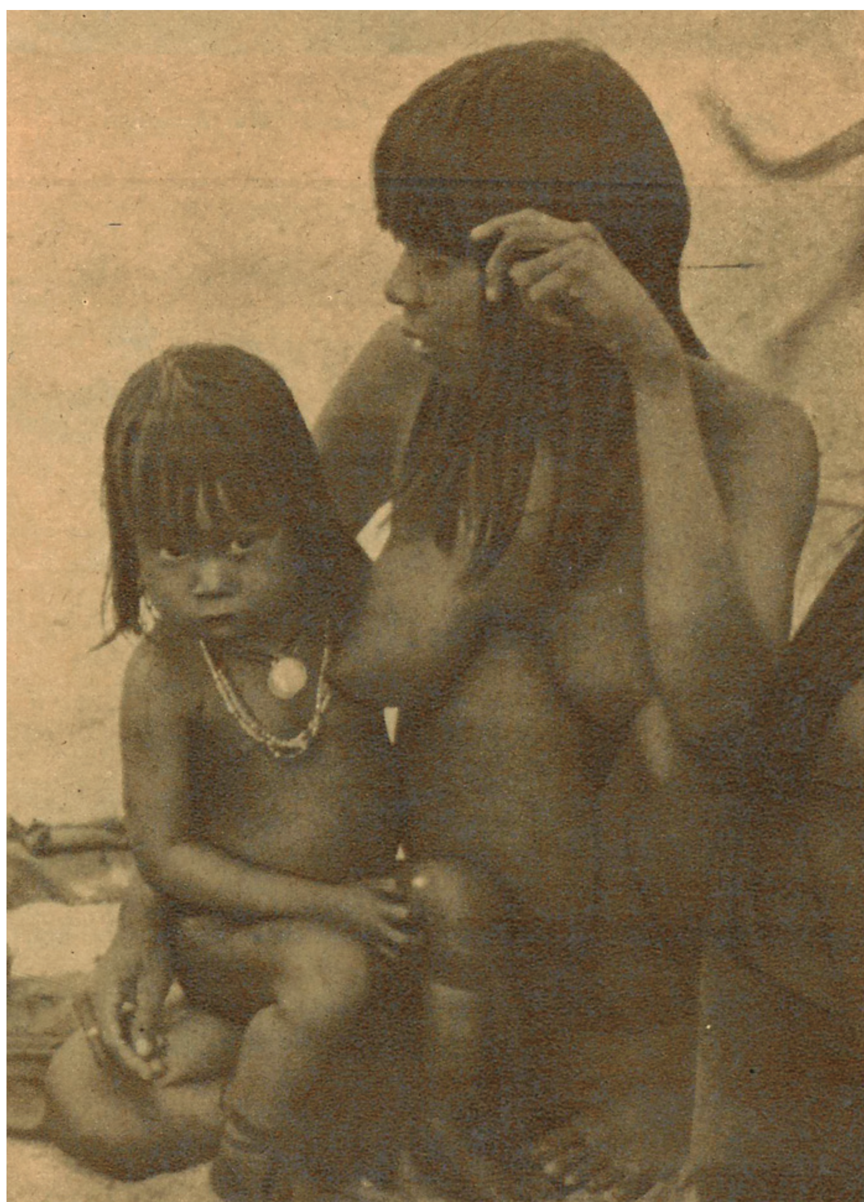


819 – Índias carajás. Cabelos pretos; belíssimos, o orgulho desta tribo, dos homens como das mulheres, cuidados com óleo de uauaçu, alisados com pente de taquara, descem pelas costas, cortados na testa à altura das sobrancelhas.

Cine major Tomás Reis



820 – Mulheres carajás no Posto Bananal.



821 – Carajá com sua filhinha.
Cine major Tomás Reis



822 – Índios carajás durante a festa. Rio Araguaia



823 – Outra cena.
Cine major Tomás Reis



824 – Nos dias de regozijo os carajás dançam o Aruanã, que coincide com a lua cheia.



825 – Apesar de estarem em contato com a civilização, há mais de 300 anos, conservam seus costumes.
Cine major Tomás Reis



826 – A dança Aruanã, em que só tomam parte os homens.



827 – Cena da dança, Aruanã é o nome de um peixe do Araguaia, e este peixe, na imaginação desta tribo, é quase um Deus.
Cine major Tomás Reis



828 – Esta dança é muito movimentada.



829 – Compridas filas aproximam-se e distanciam-se de novo.
Cine major Tomás Reis



830 – Dissolvem as filas para formar círculos.
Cine major Tomás Reis



831 – E, refazendo novas fileiras, apresenta a dança um belo espetáculo mesmo aos olhos de um civilizado.





832 e 833 – Jovens e belos carajás, cheios de vigor, atentos, observam a chegada dos mascarados para as danças do Aruanã.
Cine major Tomás Reis



834 – Segundo Willy Aureli, são sempre os solteiros que tomam parte nesta dança de mascarados; dos casados, unicamente ao cacique é permitido usar essa tosca indumentária.



835 – As vestimentas para as danças são fantasias grotescas e belas, ao mesmo tempo.
Cine major Tomás Reis



836 – Um capacete cilíndrico, muito alto, terminando numa ou duas antenas, enfeitadas com penas de araras; um corpete de fibras de coqueiro e uma saia esvoaçante completam a rústica fantasia.



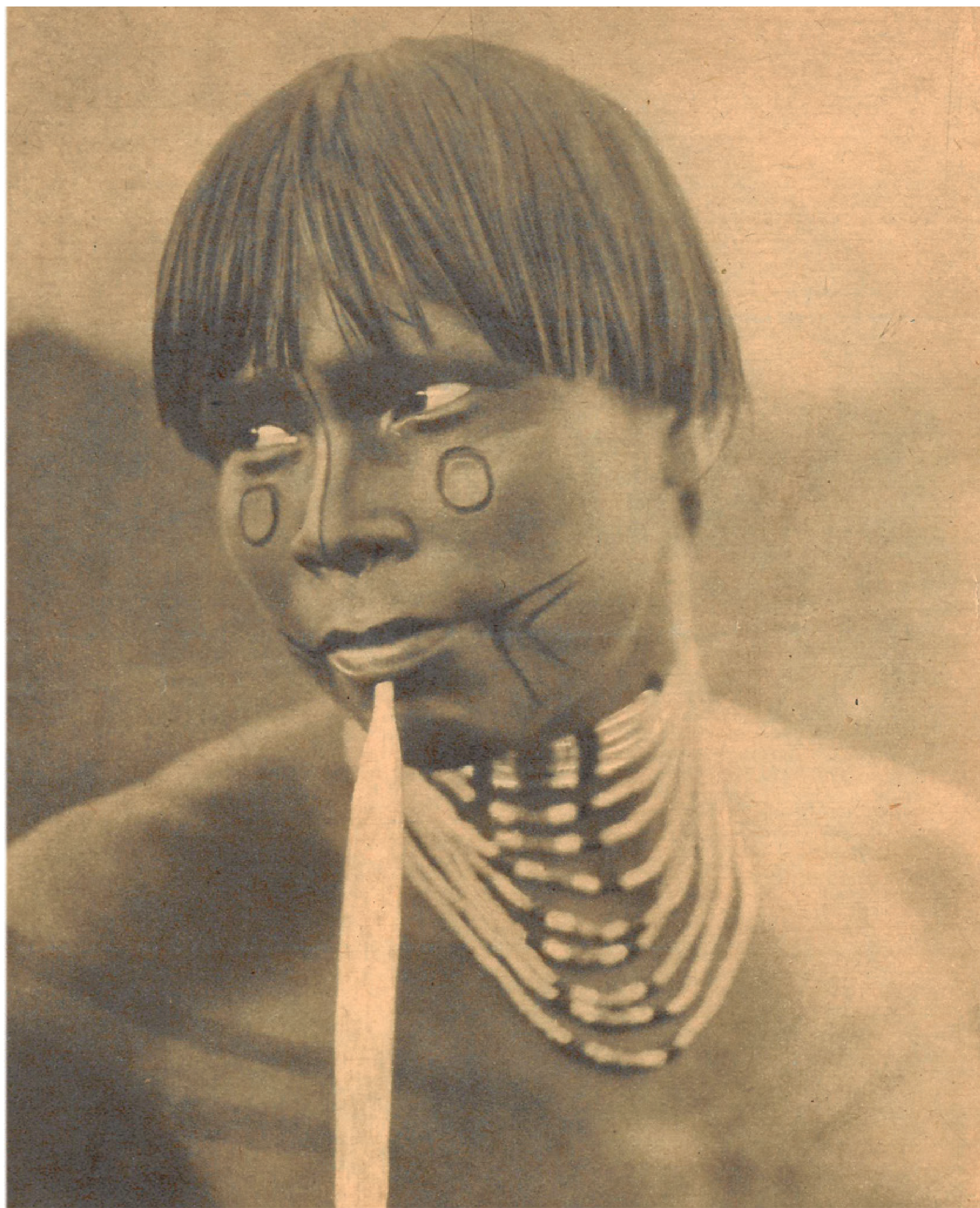
837 – Isso não impede que os pares executem, em uníssono, os passos mais difíceis, pulos inesperados e volteios mirabolantes.
Cine major Tomás Reis



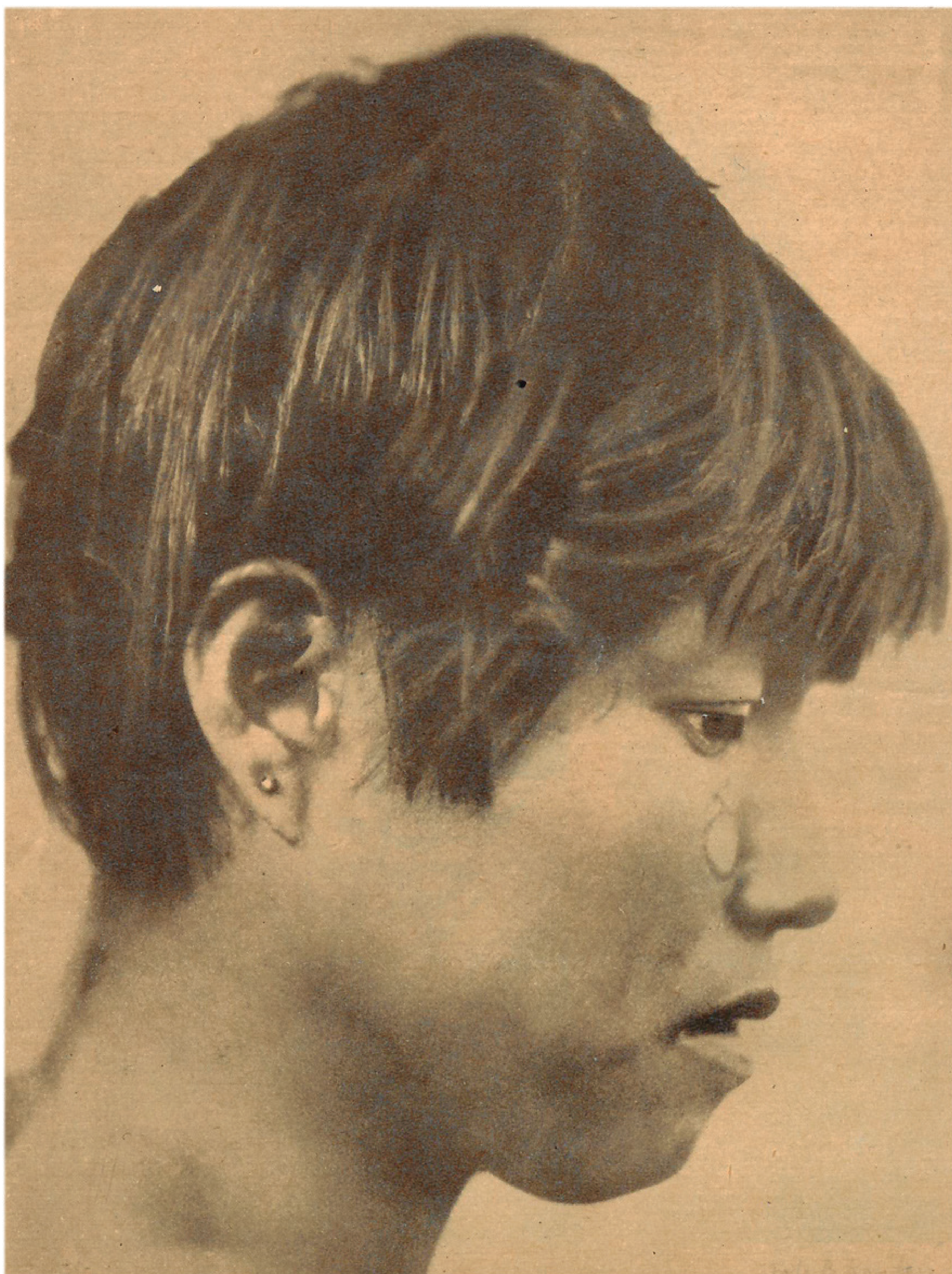
838 – O ritmo dessa dança obedece a um canto estridente, choroso ou violento, acompanhado dos chocalhos agitados.



839 – Os dançarinos explicam nessas danças, com mímica grotesca, narrativas de guerra, vitória e amor.
Cine major Tomás Reis



840 – Chefe carajá. Os índios furam o lábio inferior nos homens. Quando da época das festas introduzem um enfeite de madeira muito leve, fabricado com galhos de sarã, arbusto que cresce nas terras de enchente no rio Araguaia.
Foto Fr. B. Rondon



841 – Perfil de um índio.
Foto Fr. B. Rondon



842 – Mulheres carajás no posto Bananal, do Araguaia.
Cine major Tomás Reis



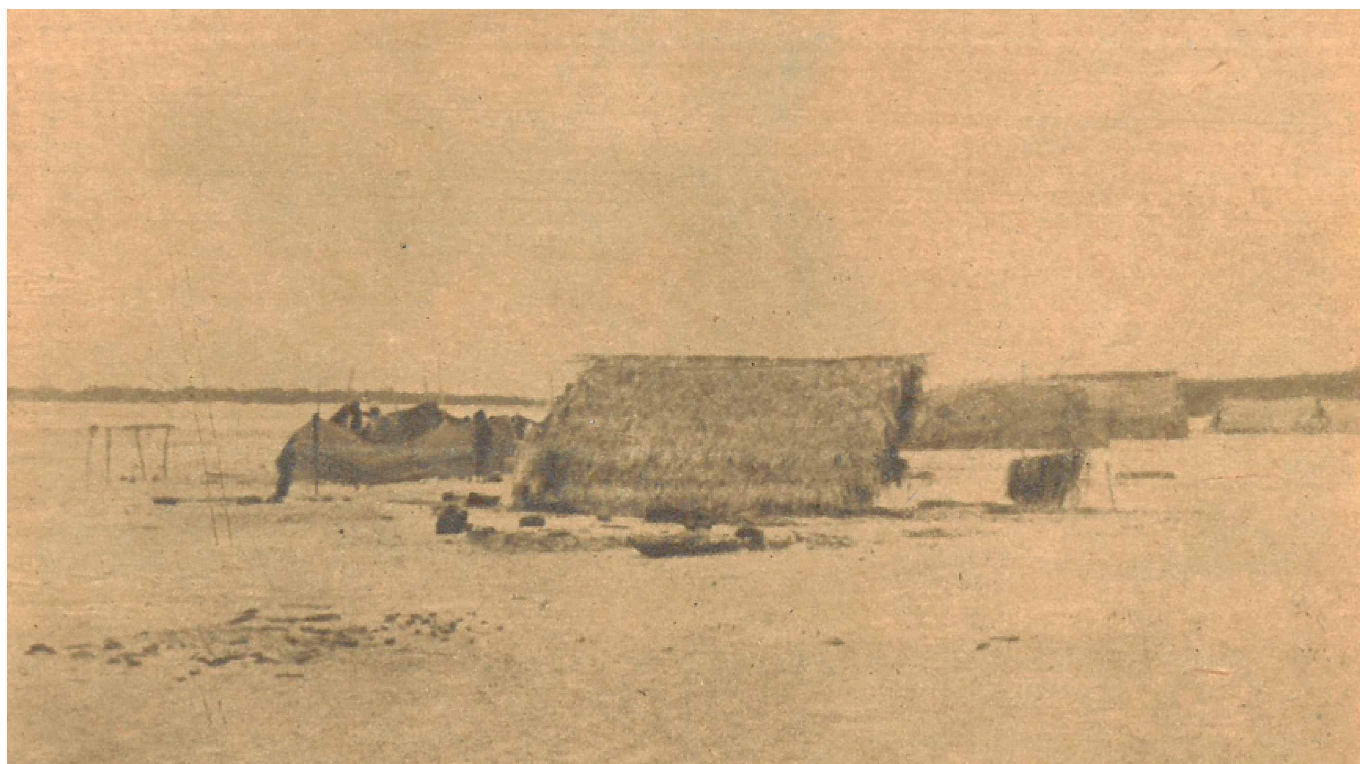
843 – Ao contrário das moças civilizadas, esta índia carajá foge da objetiva receosa de que se escondam na máquina espíritos maus.



844 – Ocupada na cozinha indígena.
Cine major Tomás Reis



845 – Um chefe carajá enfeitado. Gostam os carajás de se pintarem com urucum e cobrirem o corpo com caprichosos arabescos com tinta de jenipapo.



846 – Os carajás levantam suas aldeias nas belas praias do Araguaia, na estiagem e transferem-nas para as ilhas e, algumas vezes, para o continente, quando sobrevêm as enchentes.

Cine major Tomás Reis



847 – Índios carajás na sua canoa. Rio Araguaia.



848 – Índia carajá de Aruanã, no interior da sua cabana. Rio Araguaia.
Foto Amauri Correia Bento



849 – Cacique Taul, dos índios carajás, com seu filho, batizado pelo ex-presidente da República com o nome Getúlio. Na pequena mão se vê a borduna de festa

Foto Amauri Correia Bento



850 – Uma bela fotografia, mostrando a vida doméstica na imensa praia.



851 – O filho do cacique Taul, príncipe de alta linhagem, chama-se Aturi com seu nome indígena.
Foto Amauri Correia Bento



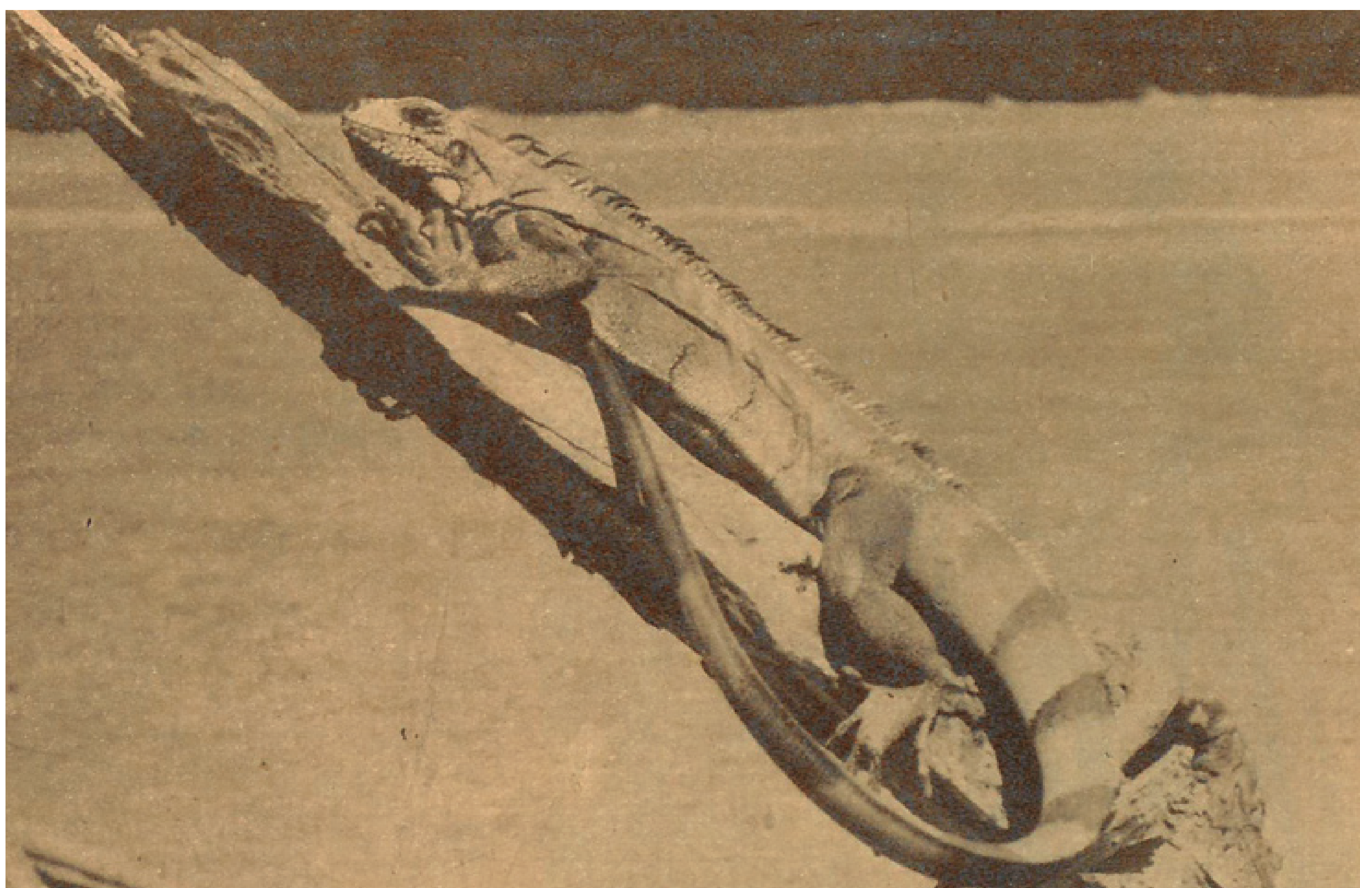
852 – É interessante como nesta fisionomia infantil já se assinala a firmexa e valentia de um homem.



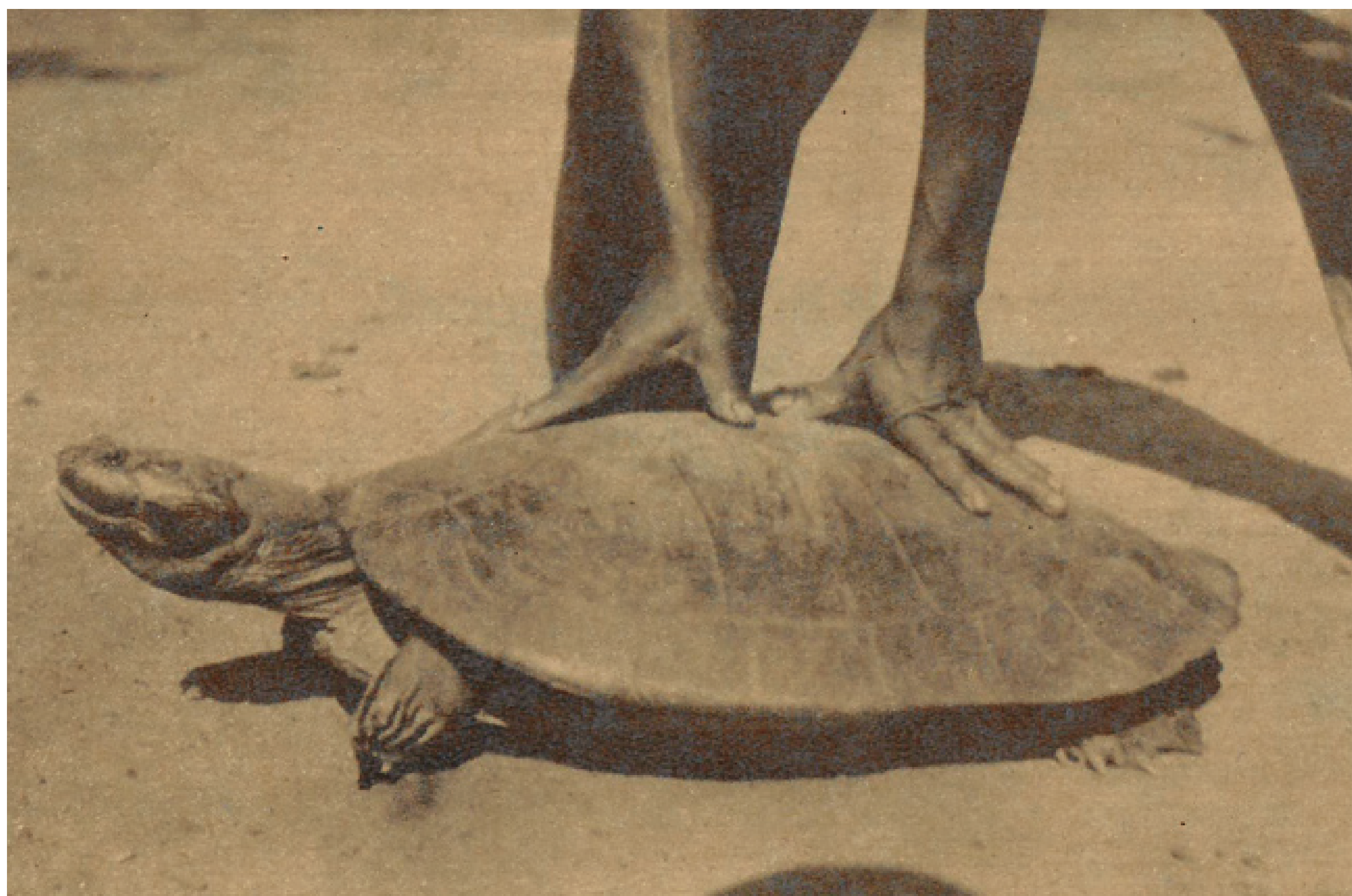
853 – Aturi com a insígnia de guerra, a borduna de batalha.
Fotos Amauri Correia Bento



854 – Índio carajá atirando a flecha.



855 – Uma iguana, muito estimada por causa da sua carne. Vive nas árvores e nutre-se de frutas e insetos.
Foto Amauri Correia Bento



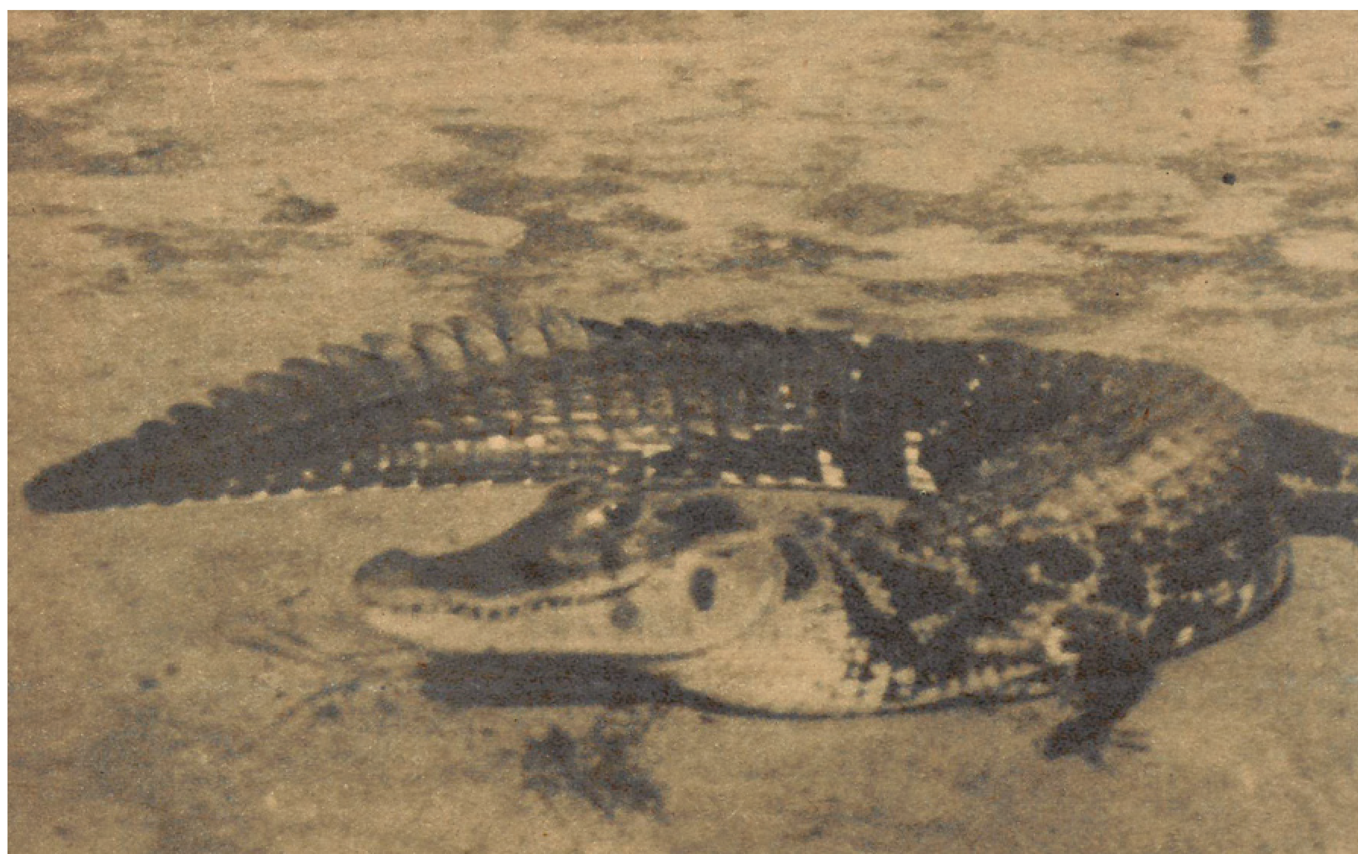
856 – O "Cotuni", a tartaruga, não é menos apreciado.



857 – Com arco e flecha pescam os carajás o pirarara como também peixes muito pequenos.
Foto Amauri Correia Bento



858 – Mas temem a arraia, peixe com esporão, que escondido na areia do rio pode produzir ferimentos dolorosos no pé, difíceis de curar.



859 – Sem medo enfrentam jacarés.
Fotos Amauri Correia Bento



860 – Uma última vista e despedida dos carajás.



861 – Crianças carajás olhando com curiosidade as nossas preparações de partida.
Fotos Amauri Correia Bento



862 – Componentes da turma de atração do S.P.I. que entrou em contato amistoso com os xavantes. Vendo-se ao centro, no cavalo mais alto, o chefe da turma, inspetor Meireles.



863 – Índios xavantes trocam amistosamente com o auxiliar do S.P.I., Henrique Oto, flechas por facões e machados.



864 – Um dos chefes xavantes faz sua gente recuar avisando que não há presentes para todos.
Foto Insp. Francisco Furtado Soares Meireles



865 – O auxiliar do S.P.I., Idalino da Luz, da turma de atração aos xavantes, coloca na cintura de um chefe xavante seu cinto com fação e bacinha.
Foto Insp. Francisco Furtado Soares Meireles



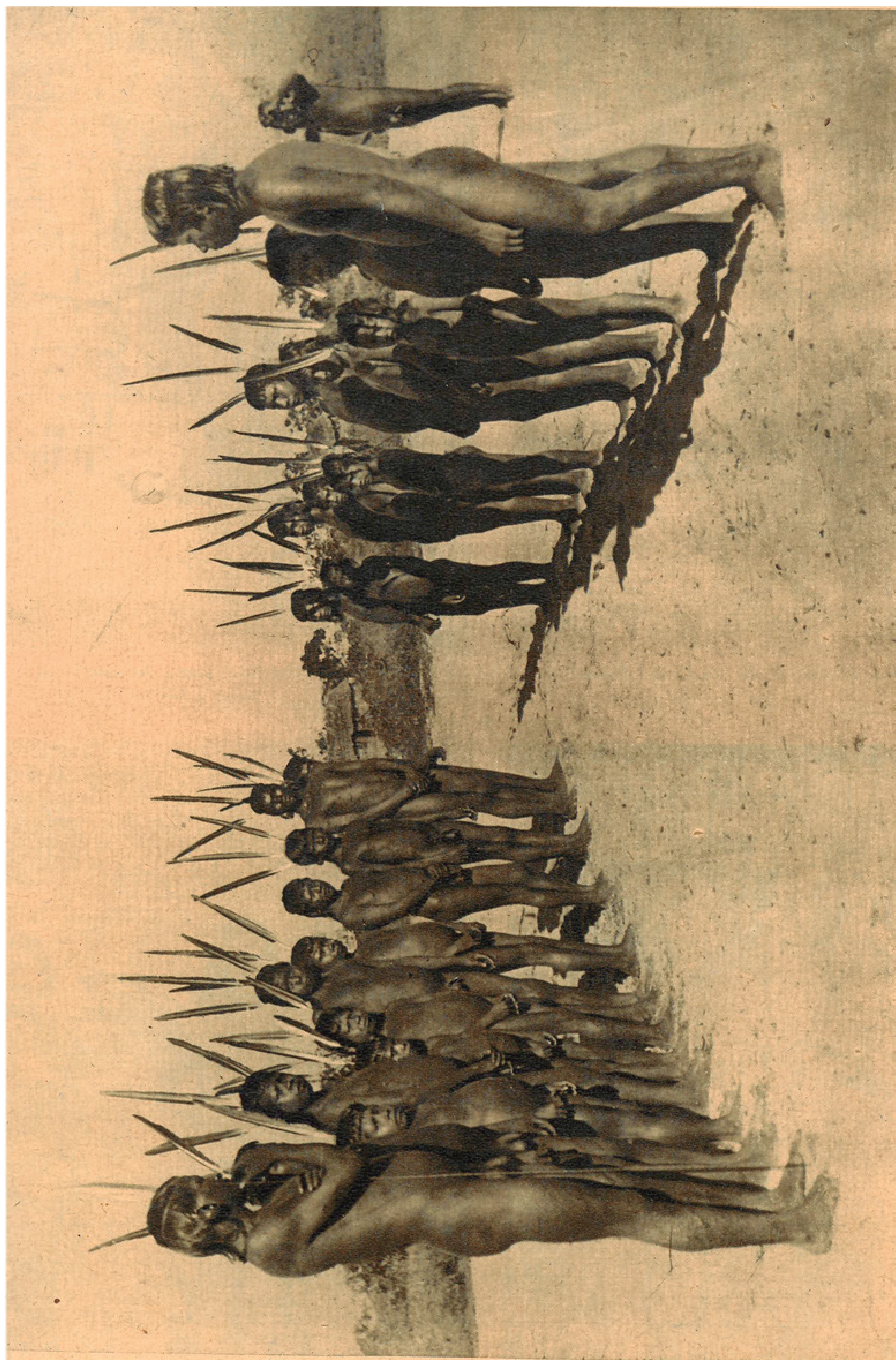
866 – Índio xavante.
Foto Horácio.

Índios gaviões, canelas, craôs, guajajaras e crenaques

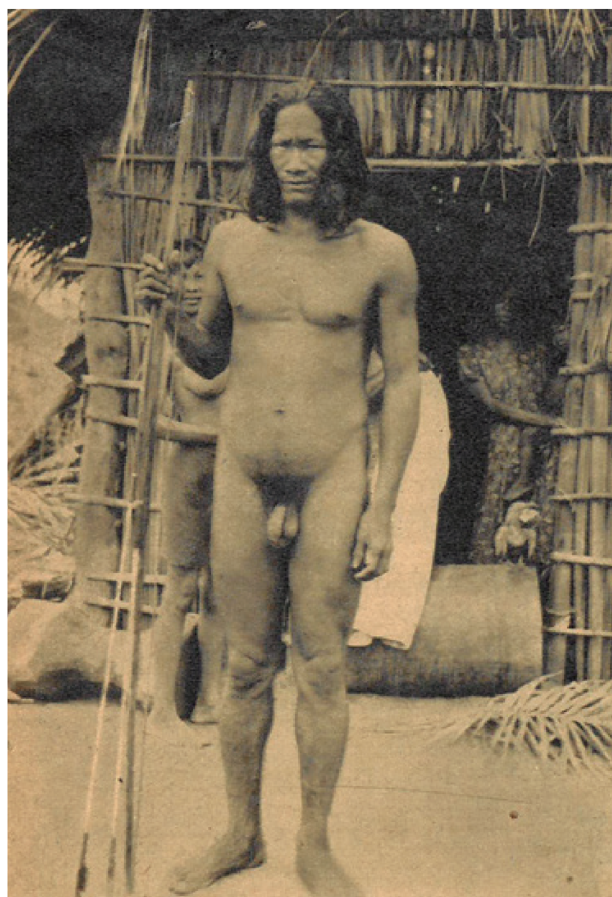


867 – Grupo de índios gaviões no Posto de Atração Arumateuazinho, próximo de Alcobaça, no rio Tocantins. Estes índios têm saído em pequenos grupos, de forma pacífica, deixando na mata suas armas, e apresentando-se no Posto com suas mulheres e filhos.

Foto Insp. Dorival P. Nunes.



868 – Índios canelas na festa Kabe-Tuagê. Barra do Corda.



869 – Capitão Jarré dos craôs. Cabeceira Pedra Branca.



870 – Capitão Jarré numa demonstração de jogar a flexa.



871 – Aqui ele nos apresenta sua mulher e filha.



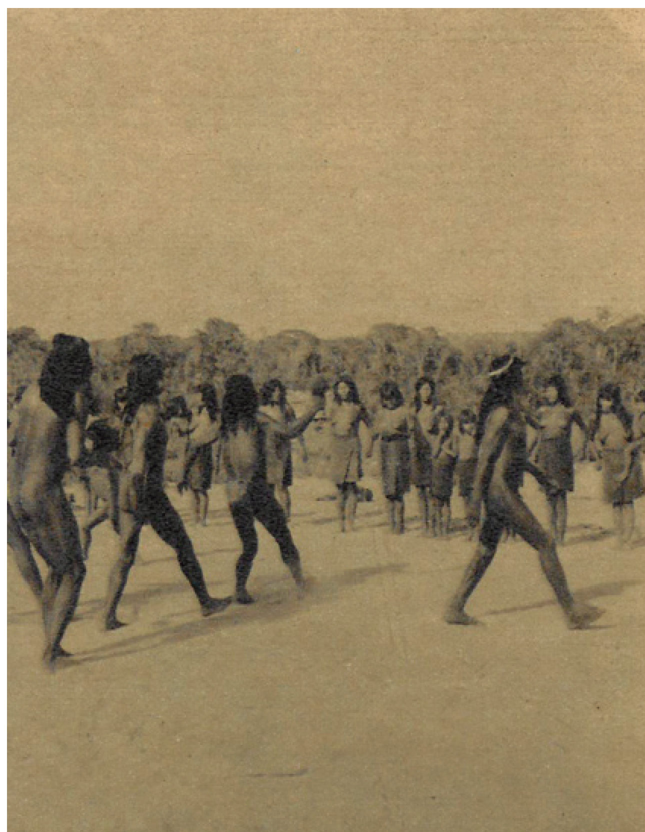
872 – O capitão dos craôs com seu pai e mais dois funcionários da 8ª I.R.



873 – Uma das danças dos índios craôs.



874 – Danças dos craôs na Cabeceira.



875 – Outra exibição de dança dos craôs.



876 – Corrida do Toro dos craôs de Pedra Branca.
Fotos Insp. Lourival Mota Cabral.



877 – Homens e crianças craôs tomando banho.



878 – Grupo de craôs com funcionários do posto.



879 – Jovem craô, aproximadamente 20 anos.

Fotos Insp. Lourival Mota Cabral.



880 – Índios guajajaras. Barra do Corda.



881 – Índios crenaques.



882 – Na estrada de automóveis de Jucundazinho – Rio Tocantins.

Índios da região do rio Oiapoque

"BELÉM, 23-10-45 – Meu prezado cel. Amílcar. Lamentando não ter podido cumprir com o prometido, dentro do prazo, o faço agora, enviando-lhe algumas notas sobre os índios emerenhéns,* galibis, palicuras e caripunas, todos da região do Ter. Fed. do Amapá, dados que acabam de me chegar, enviados pelo inspetor Eurico Fernandes. Também mando, sobre os *emerenhóns* uma descrição da festa do Turé, da autoria do mesmo inspetor. Este nosso funcionário é pessoa que trabalha, há muitos anos, na região, e melhor que eu poderá dar informações sobre tais índios.

"Sobre os benarés ou banarés, foi-me possível verificar que não se trata de tribo e sim de uma palavra da língua *galibi* e que quer dizer: 'amigo'. Na região apontada, isto é, no rio citado, existe a tribo dos *oiampis*. É bem possível que haja um engano sobre isto.

"Quanto aos canelas e guajajaras, os dados que tenho são muito poucos e estes mesmos seriam repetições do que foi observado por Fróis de Abreu na *Terra das palmeiras* e por Curt Nimuendaju.

"Recomenda-me a todos do CNPI e receba o afetuado abraço do

J. Malcher."

OS EMERENHÓNS

A vida e costumes destes índios, ainda estão na fase de estudos e, portanto, é perigoso fazer-se qualquer afirmação, em definitivo.

Vindos da margem direita do Amazonas, já nos fins do século XVIII ou princípios do XIX subiram os rios da Guiana brasileira, onde vieram encontrar os caraíbas, que como eles, belicosos, os receberam mal, originando-se daí guerras, das quais – pela desigualdade numérica, pelo desconhecimento do terreno e pela interioridade de armas, pois os caraíbas usavam flechas envenenadas pelo *urare* (curare), o que causava imenso pânico entre os emerenhóns (tupis), que desconheciam este veneno – sempre deixavam os últimos de pior partido.

Essas guerras não só dizimavam em grande parte os emerenhóns, como os compeliam ao nomadismo, corridos, de um lado, pela "civilização branca" e de outro pelos caraíbas, impedindo sua localização e sua fixação ao solo. Sem conhecerem os limites das nações, ora estavam no Brasil, ora na Guiana francesa, em busca de uns momentos de paz; suas mulheres, algumas cativas dos caraíbas, trariam a desculturação ao grupo, como hoje se verifica; finalmente, reduzidos a pequenos grupos numéri-

* Não obstante a ausência de fotografias dos índios emerenhóns nos três álbuns impressos pelo C.N.P.I (Publicações n°s 97 a 99), o sr. general Rondon determinou a inclusão das notas que adiante se encontram, sobre esta tribo, porque nelas estão expostos com bastante minudência seus costumes – semelhantes, em tudo, aos de numerosas outras tribos.

cos enfraquecidos e quase pacíficos, localizaram-se na Guiana francesa, na parte compreendida entre as nascentes dos rios Aproague, Marroni e Oiapoque, cuja proximidade da população civilizada, afastava de si o perigo dos caraíbas. Aí permaneceram, sem conhecer limites políticos, como é natural, percorrendo quando lhes agradava, quer os meios de população civilizada da Guiana francesa que se ocupa da mineração de ouro, pelo interior, quer as tribos indígenas dos oiampis, do alto Oiapoque, Araguari, Pirauri e Cuc, ou as dos vaianos do rio Jari.

Entretanto uma divergência entre o tuxaua Caimã e outro, havia de separar mais uma vez a tribo dos emerenhóns e assim a facção capitaneada por Caimã, deixou a Guiana francesa e buscou o Brasil, onde procurou as autoridades encarregadas do Serviço de Proteção aos Índios, ficando então localizados no Posto Indígena de Fronteira Luís Horta, no alto Oiapoque, na confluência com o seu formador Muripi. O hábito adquirido do nomadismo ainda tem em si vestígios: raro é permanecerem no Posto, sempre pelas cachoeiras, sempre pelas matas, sempre em pescarias, sempre em caçadas, armados de arco e flechas, em colheitas de ovos de tracajá ou camaleão, ou... nada fazendo.

Bem verdade que no posto têm já suas plantações, mas é necessário que tenham que fazê-las ou delas se aproveitarem, para permanecerem aí mais algum tempo. Muito terá que fazer ainda o referido posto, para obter ali um núcleo indígena digno deste nome.

A cultura tupi, a cujo grupo etnológico pertencem, acha-se ainda bastante pronunciada nas peças etnográficas que temos estudado e nos seus costumes, ligados a velhas tradições tupis.

Seu dialeto está impregnado nas palavras caraíbas, fruto das conquistas destes e do cruzamento sanguíneo pela força, quando as suas mulheres passavam ao domínio caraíba, como presas de guerra. Daí nasceu a minha classificação dos emerenhóns como tupis impuros.

A sua vida é bem parecida à da quase totalidade dos nossos aborígines, em região farta.

A sua aldeia é composta de pequenas barracas (*tapuí*), com a cobertura em duas águas muito íngremes, feitas de palha de ubim, com os beirais a 1,50m do solo, algumas das quais recebem um soalho a alguns centímetros, acima do terreno feito de "juçara", ao passo de outras que não dispõem de tal melhoramento.

Estas habitações não têm um estilo típico, são umas maiores, outras menores, conforme a exigência da família, e, ao lado delas, outras do mesmo tipo servem de cozinha, caracterizada pela existência de três pedras (*tacuru*) à guisa de tripé, panelas de ferro e de ferro esmaltado (*soire*), colheres de alumínio ou ferro, algumas de pau. Pratos esmaltados (*sarapi*), garrafas com pimenta (*cãen*), dentro de paneiros pendentes dos beirais, completam os petrechos da cozinha emerenhóm, da qual a cerâmica desapareceu.

Plantam mandioca, de que fazem seu beijus (*meiu*) que lhes servem de pão e também já fabricam alguma farinha; plantam mais: bananas, carás, batata-doce e tajás alimentícios; também plantam algodão com que as mulheres fiam e tecem elegantes redes, nas quais os índios dormem, e objetos de adorno. Fazem as suas canoas (*egaras*), tipo piroga, de um só tronco de árvore, cavado a ferro e fogo, com dois bicos alongados nas extremidades, colocando às bordas uma tábua de cada lado, em todo o comprimento da embarcação; seus remos (*pacuíta*) são longos e estreitos, para facilidade de subida nas cachoeiras (*etu*), pois servem de apoio nas pedras das margens, para impulsionar a embarcação. São peritos canoeiros e amam passar temporadas sobre as pedras, às margens dos rios.

As suas mulheres são mais suas escravas, às vezes as maltratam corporalmente e apreciam a poligamia, tomando, para servirem a suas mulheres, meninas impúberes. A virgindade só é conhecida na primeira infância, isto em ambos os sexos, sendo entretanto os meninos mais recatados. Andam nus, os homens com uma tanga (*camixá*) que, passando entre as pernas, cobre os órgãos genitais e nádegas e se prende atrás e à frente por um cordão, que lhes serve de cinto e cai em longas pontas; as mulheres, com

uma faixa de pano, com o mesmo nome, que circunda os quadris e cruza as pontas na frente, fazendo assim uma espécie de saiote, que vai da cintura até ao meio da coxa.

Usam os homens os cabelos longos e na frente cortados em pastinha; arrancam os supercílios e qualquer fio de barba que lhe apareça e vivem sempre pintados de urucu, da cabeça aos pés.

Quando lhes morre um parente, usam, como os *caraíbas*, cortar os cabelos muito rente e pelo espaço, mais ou menos de um mês, não se pintam nem põem adornos.

A sua alimentação compõe-se de peixe e caças, cozinhadas ou assadas sobre o fogo direto, acompanhadas de beijus de mandioca e pimenta; logo ao clarear do dia é servido este alimento.

As crianças e mulheres são muito obedientes aos velhos e estes muito difíceis de convencer pelo civilizado, em qualquer coisa referente aos seus costumes.

Várias festas fazem parte da sua crença, sendo a principal a do *Turé*.

Alguns já se batizam, isto é, quando o padre lhes impõe, mas não usam nem o nome que recebem e nem seguem os ensinamentos que o padre lhes dá; este presenteia-os com medalhas de santo e eles as usam de mistura com dentes de onça e de outros bichos, sementes vegetais e quaisquer enfeites, em fios ao pescoço ou a tiracolo.

Furam as orelhas a aí introduzem penas da cauda de arara.

Já assimilaram dos caraíbas a cerimônia das primeiras regras na mulher. É feita uma festa e a paciente é submetida a torturas horríveis: o pajé a defuma, bate o maracá, canta; os outros índios acompanham e uma espécie de esteira feita de palha, adrede preparada, onde são introduzidas, presas pela cintura, as terríveis formigas *tocandiras*, vivas, é colocada sobre o ventre da mulheres, para que esta seja picada; a infeliz geme de dores e o maracá continua a chocalhar e as cantigas são mais fortes; dentro em pouco a púbere delira, tem febre e até desaparecerem as regras ela fica isolada; é impura e suja; no aparecimento das segundas regras, a mesma cerimônia é feita, porém com maribondos cabas, mas até chegar ao momento dos primeiros fluxos, na mor parte das vezes a índia já tem marido.

Os seus enterros são feitos em cemitérios e da seguinte maneira: – logo que se verifica a morte, fica o cadáver deitado em sua rede até a hora do enterro; em redor, parentes e amigos, lastimam-se em altos gritos e dirigem palavras ao cadáver; à hora do saimento fúnebre é o cadáver levado em sua rede até a sepultura; esta é cavada com bastante profundidade; nas extremidades é aberto um rego que recebe varas sólidas, à altura dos pés e da cabeça e onde é armada a rede, com o cadáver dentro, de maneira que não fique encostado à terra; junto à rede, ficam vários objetos do morto, sobre esta são passadas travessas e postas juçaras, formando um soalho; é então despejada a terra, que fecha a sepultura.

É feita uma barraca sobre a sepultura e aí postas armas e utensílios do morto. Durante vários dias ali levam comida e água que são colocadas em vasilhas sobre o túmulo.

A FESTA DO TURÉ DOS ÍNDIOS EMERENHÓNS

(Extraída com pequenas alterações de cópia autêntica, registrada no Livro V°. da 2.ª Inspetoria Regional do Serviço de Proteção aos Índios, sediada em Belém do Pará.)

Descrição (estudo) e classificação de peças etnográficas pelo inspetor especializado, Eurico de Melo Cardoso Fernandes – Oiapoque, 1944.

"Pela lua cheia de agosto, quase todos os grupos indígenas fazem a sua festa religiosa, à qual dão, seja qual grupo étnico for, nesta região, o nome de *Turé*. O terreiro, adrede preparado, muito limpo, apresenta um aspecto bizarro: um quadrado, tendo em cada canto, ou melhor, nos vértices dos ângulos retos, que forma, uma vara de um metro e pouco de altura, com desenhos feitos com tinta de "urucu" (bixácea: *Bixa orellana*. L) representando a estilização de uma jiboia (*Boa constrictor*); ditas varas recebem um fio de algodão, tecido na tribo e que, passando de uma a outra, forma uma cerca sagrada, vedando assim o acesso ao local das danças, o que só pode ser feito por uma única entrada, locada do

lado do nascente. O algodão simboliza pureza e na parte que fica amarrada às varas, contém pompons do mesmo fio de algodão, também feitos na tribo. Desta maneira o local das danças fica isolado pelas varas e pelo algodão, da *influência dos maus espíritos de homens e de animais* (?), que possam vir perturbar o lugar sagrado das solenidades. Ao centro do quadrado, colocam um mastro, também pintado a urucu e jenipapo (rubiácea, *Genipa americana*, Lin.), estilizando uma jiboia, cuja cabeça se acha ornamentada com fios e pompons de algodão; ao pé do mastro, um banco representando o animal totêmico do pajé, chefe das cerimônias, um urubu-rei (*Sarcorhamphus papa*), por exemplo, com desenhos que estilizam cigarras, inseto hemíptero, também do totemismo do chefe do cerimonial; dito banco, a que chamam *apecá* (peça etnográfica nº 3), é representado sempre com duas cabeças, uma para cada lado, em sentido oposto, mostrando assim a vigilância que está exercendo, em favor do pajé; aos lados do quadrado, junto aos fios de algodão, esticados horizontalmente, a uma altura de mais ou menos 80 centímetros do solo e pela parte de dentro, estão arrumados longos bancos, feitos de madeira pelos índios e cujo formato e pintura representam grandes jacarés (*Aligator*); a pintura é feita também de urucu e jenipapo (os índios do grupo étnico nu-aruaque, têm como animal totêmico também um jacaré com duas caudas e que, nessas solenidades, por vezes, serve de banco e ao qual dão o nome de *urufri*); em ditos bancos, sentam-se os índios (homens) para beber o *caxiri* (bebida fermentada, feita de mandioca, que produz a embriaguez e é servida durante a festa). Tudo dispondo da maneira acima descrita, vai começar a festa: – O pajé, chefe do cerimonial, entra no terreiro, acompanhado por mais dois ou três pajés, tendo à cabeça o seu chapéu de penas (*uru-rauere*) (peça etnográfica nº 1) e que só pode ser usado pelos pajés; quantos pajés tiver a festa, quantos usarão o chapéu; trazem nos braços enfeites de penas de arara (*araruaí*) (peça etnográfica nº 2) e acham-se desnudos, trazendo ao redor da cintura o cinto de fios de algodão (*cucuá*) (peça etnográfica n.º) e enfiado neste, deixando uma ponta caída e a outra passando por entre as pernas, cobrindo as partes pudendas, vem enfiar-se sobre os rins no dito cinto, deixando igualmente uma longa ponta caída, uma faixa de tecido fabricado na tribo (peça etnográfica n.º) ou adquirida na indústria civilizada, faixa a que dão o nome de *camixá*; nas pernas, franja de algodão fiado na tribo (*tapacurá*) (peça etnográfica n.º) isto como todos os demais índios (homens) que também vêm completamente pintados de urucu e por vezes trazendo ornamentos de folhas de *buriti* (*Mauritia vinifera*; Mart.) – (somente às vezes, o que demonstra desculturação) – e trazendo flautas feitas com *bambu* (*Bambusa arundinacea,* Wild) de diversas grossuras provocando, como é natural, vários sons. Traz o pajé principal o maior *maracá* (peça etnográfica n.º 7) e os outros, os menores (peça etnográfica n.º 6). Senta-se no banco que fica ao pé do mastro, enquanto os demais mantêm-se de pé; longos cigarros de fumo, embrulhado em *tauari* (fibra têxtil de uma lecitidácea, *Couratari-tauari*), são acesos, mandando ao ar espirais de fumaça azulada e perfumada pela fibra que envolve o fumo. Chocalha o maracá do principal, sendo respondido pelos dos demais; canta o principal: – 'Urucamã-carinã', invocação esta a que os outros respondem: – 'Urucamã'; levanta-se o principal, defuma as flautas com a fumaça do seu cigarro e percorre o terreiro, defumando-o e chocalhando o seu maracá; entram em ação os músicos, a quem são entregues as flautas, começando uma música lúgubre em vários sons, sempre tirados pelas mais graves e respondidos pelas outras. O principal coloca a tiracolo um fio de algodão (peça etnográfica n.º 14) em torno do que, pode-se dizer, gira todo o totemismo da cerimônia; dá nessa peça um nó (*beru*), vai começar a festa: – Dirige-se às quatro faces do quadrado e com a mão direita sobre os olhos, como quem está vendo ao longe, observa na redondeza em todas as direções e declara que não viu espíritos maus; dá, então, ordem para os índios entrem; estes que se conservavam afastados, na expectativa, ao receberem esta ordem, colocam-se uns atrás dos outros, formando uma grande coluna por um, entoando cânticos e descrevendo coleios como as serpentes, aproximam-se, enquanto as flautas tocam as suas músicas tristes e os pajés chocalham os seus maracás; trazem à cabeça as suas *canetaras* (peça etnográfica n.º), nos braços o *araruaí*, à cintura o *cacuá* e o *camixá*, cobrindo respectivamente as partes pudendas e as nádegas, nas pernas *tapacurás* – todos pintados de urucu e jenipapo, porém sem apresen-

tar desenhos especiais. Entram no terreiro, percorrem-no cantando e mantendo a mesma formação como entraram, isto é, um atrás do outro, até que o pajé para de chocalhar o seu maracá e as flautas param de tocar; sentam-se nos grandes bancos representando jacarés, e o pajé, chefe das cerimônias, acompanhado dos demais, aproxima-se e vai de um a um, aspirando a fumaça de seu cigarro e mandando-a aos ouvidos dos índios ali sentados, enquanto chocalha em trinado o seu maracá, no pressuposto de que os índios fiquem assim isentos da influência dos maus espíritos; terminada esta parte, os índios músicos colocam-se em frente ao mastro, o pajé-chefe senta-se no seu branco, ladeado pelos demais que se mantêm de pé. É o momento em que começam as danças, ao som das flautas e do chocalhar dos maracás; os índios, uns atrás dos outros, rodam em torno do mastro, batendo fortemente com o pé direito no chão, curvando levemente os joelhos e vergando o busto, como em gestos de cumprimentos; as índias acham-se fora do terreiro, junto à entrada já citada, também desnudas, apenas com uma faixa larga que as envolve em redor dos quadris e completamente pintadas de urucu e jenipapo, sem exibirem outros ornamentos de penas e não serem os cordões e pulseiras de miçangas (*caçuru*), quando os possuam. O pajé chocalha em trinado o seu maracá, os índios param de circular o mastro, um cântico estranho é então entoado, as flautas voltam a tocar e os índios a dançar em redor do mastro. Então, à medida que vão passando pela entrada do terreiro, as índias penetram neste, uma a uma, e passam o braço esquerdo pela cintura do seu escolhido, fazendo os mesmos movimentos que este, lado a lado com ele e tomando assim parte na dança; uma índia ficou fora, isto é, não quis dançar, é *bericucu*, que por ser *vaiana* (grupo étnico caribe), não pode dançar com emerenhóns (grupo étnico tupi), embora tenha sido criada por estes últimos e seja mulher do tuxaua dos emerenhóns. É de notar que esta índia, interpelada, externa a sua recusa, fato que é assinalado, no fio que o pajé-chefe traz a tiracolo, como incidente chocante da festa, mediante uma pequena marca ali amarrada. Continuam os cânticos, a música, o chocalhar dos maracás; agora param um momento, o pajé indaga se os índios trouxeram suas comidas (durante a festa os índios podem comer peixe) e estes respondem que sim, circunstância que também é assinalada no cordão. Prosseguem ainda as danças, que cessam pouco depois, quando são os índios convidados a tomar *caxiri* – o que fazem sentados nos bancos, passagem que merece registo no cordão. O *caxiri* é servido em cuias e trazido por índias novas que, apoiando a cuia sobre a mão esquerda espalmada, seguram também a vasilha com o indicador e o dedo médio da mão direita, enquanto o índio bebe, o que este consegue, fazendo pressão com os dedos indicador e médio da mão direita sobre a borda da cuia. Se por acaso o primeiro conviva a ser servido não esgota a bebida que a cuia contém, passa-a ao vizinho, nas mesmas condições, isto é, a índia segura a cuia da mesma maneira, mantendo os mesmos dois dedos na borda e o vizinho coloca também os seus dois dedos como o outro fizera, numa encenação que engendra a curiosa ficção de que é ainda o primeiro que continua bebendo, pois que não é lícito a ninguém recusar a quantidade que lhe é oferecida, sob tão rigoroso protocolo. Esta oferta do *caxiri*, repete-se várias vezes durante a festa, com o mesmo cerimonial, porém só é assinalada no cordão da primeira vez. Finda esta parte, continuam as danças ao som dos maracás e das flautas ou melhor das buzinas; faz o pajé a inovação do queixada (*taiçu*) – (porco-do-mato) – e a assinala no cordão; diz em seguida que o terreiro está limpo de impurezas, isto é igualmente assinalado no cordão, porém apenas com uma laçada, enquanto que as outras assinalações são feitas por estilizações, em pequenos pedaços de madeira, daquilo de que se trata. Uma pausa, o pajé canta em solo, começa então a música evocativa com as buzinas, tocando uma de cada vez, que merece as honras de ser assinalado no cordão, com o nome de *turé*. Continuando as danças, faz-se a invocação da marreca (*pequi*) – (*Dendrocygma fulva,* GM*)* igualmente assinalada. Invoca-se o *carará* (*Plotus anhinga,* L.*)* e assinala-se; chega um índio *oiampi: sequiua.* Alguns índios, poucos entretanto, estão ornamentados com folhas de buriti, colocadas à cintura, cobrindo o abdômen, até as coxas, costume que lhes vem de remotos antepassados e que é assinalado. Faz-se agora a invocação do caranguejo (*topocó*), assinala-se; o pajé, nas suas vidências, vê uma onça (*zauara*) – (*Felix uncia*) dentro d'água, é isto assinalado; faz-se a invocação do guará (*uará*) – (*Eudocimus ruber,* L.), assinala-se; invoca-se a andorinha (*uramicique*) também se assinala. Chega então um

tuxaua estranho (da tribo dos oiampis), é recebido pelo chefe do cerimonial que interrompe a festa, isto é assinalado e dá-se ao episódio o nome de *zaeiri*; invoca-se a arraia (*sipari*) – (*Condropterigio rigidas*) – assinala-se; invoca-se o *uruá* (molusco gasterópodo), também se assinala; a festa continua com pequenas interrupções para ser servido o *caxiri*, os índios entusiasmam-se, suam, as buzinas soltando os sons lúgubres e cavos, os índios dançando sempre na mesma posição, enlaçados pela cintura, mulher e homem, um do lado do outro, os mesmos meneios, as mesmas canções guturais. Invoca-se o *tuiuiú* (*tuiudju*) – (ciconídeo, *Jabiru americanus*) – assinala-se; invoca-se a *rã* (*quito*) – (*Rana esculanta*) – assinala-se; invoca-se o camaru (*Prochilodus*, peixe) assinala-se; faz-se a invocação da *macura* – gambá (*mucuro*) – (quadrúpede marsupial) – o que também vai assinalado; invoca-se assinala-se a *dioiticora* (espécie de rã, não classificada), fazendo-se o mesmo com o *paracaru* (pássaro também não classificado); faz-se agora a invocação do *chincoã* (*peticoan*) – (*Coccyzus melanocoryphus*) – assinala-se; passa voando sobre o terreiro um *arimaru* (pássaro não classificado), assinala-se este fato; agora é a invocação do *jacaré* (*laquerê*) – (*aligator*) – que também é assinalado; invoca-se o *uanatu* (pássaro também não classificado), assinala-se. Há agora uma modificação nas danças, a música é outra, embora produzida pelos mesmos instrumentos: os índios levantam então os braços e rodam em sentido contrário – fase esta a que denominam puanuni e que é assinalada. Continuam depois das invocações: agora é a vez do *guariba* (*Macaco mycetinae),* o que é assinalado. Próximo, voa uma borboleta (*bapanã*), assinala-se. Eis que o pajé verifica o aparecimento de grande quantidade de formigas no terreiro (*caranaruí*), o que julga necessário assinalar; invoca ele, a seguir, o *gavião-real* (*tauato*) – (*morphnus guianensis*) – o que é assinalado. Há uma pausa nas danças, para nova distribuição de *caxiri*, mas estas prosseguem logo com entusiasmo. Passa voando um pássaro, é um *udamiaca* (pássaro não classificado), assinala-se; invoca-se o *tucano* (*tucan*) (*Rhamphastus tucanus*) – assinala-se. Passa voando ao largo uma *juriti* (*marrami*) (*Leptoptila rufaxilla*) – assinala-se. Algures cantou uma *saracura* (*cutaca*) – (*Aramites publea*) – assinala-se; faz-se agora a invocação do sapo *canauaru* (*cunuaru*) – (sapo portador da felicidade), é assinalado; por fim, faz-se a invocação do *tatu* (*tatu-etê*) – *dasipodídeo* (*Tatu novemcinctus*) – o que é assinalado; e termina a festa, ou melhor, cessam as derradeiras danças, a que chamam *Ourã*. Os índios, já embriagados pelo *caxiri*, continuam entretanto dançando e bebendo, porém sem obedecer às formalidades anteriores e podendo sair e entrar no terreiro, conforme queiram, o que não era permitido anteriormente, a não ser com licença especial do pajé chefe das cerimônias. Duram dois a três dias estas danças, decorrentes da grande festa do turé, que é a maior que conheço entre os índios desta região."

OS GALIBIS

Assim chamamos aos índios que se acham localizados no rio Uaçá, em ilhas firmes, no meio do campo alagado e terras firmes próximas já às cachoeiras.

Remontando a suas origens, dizem-se galibis, maraones, itutãs e sacacas. Como entretanto falam todos a mesma língua caraíba, isto nos faz pensar na possibilidade de serem clãs dessa grande nação e não tribos diferentes e descendentes desse mesmo grupo etnológico que se tivessem reunido ou se organizado numa só tribo, o que nos parece bastante difícil. Vieram do Norte, tinham o seu *habitat* em terras da hoje Guiana francesa e no início da colonização dessas terras por franceses, procuraram a direção das terras brasileiras, onde encontraram a Província dos Palicures, que ia de Macapá ao rio Oiapoque. Travaram-se então guerras, cujas consequências prejudiciais atingiram ambos os povos; entretanto, nos primeiros encontros, sempre os caraíbas saíram vencedores, embora com grandes perdas. Tais vitórias impeliram os palicures ou melhor os pariucures para regiões mais difíceis, mas também de maior estratégia para estes, na defensiva, e assim viveram até que numa dessas guerras, estando os pariucures alojados nas montanhas, conseguiram com golpes de coragem e engenho, derrotar os caraíbas e levá-los de vencida até atrás de Caiene, onde os primeiros franceses colonizavam a aldeia do tuxaua caraíba que tinha o nome dessa hoje capital da Guiana francesa e

com ele haviam feito aliança, no combate aos pariucures que por se defenderem das agressões eram considerados *terribles* e *méchants*.

Uma parte, entretanto, permaneceu isolada dentro do rio *Uaçá*, com a sua retirada cortada, e ofereceu a paz (forçada) aos pariucures, e é dessa parte que nos ocupamos; quanto à outra, espalhando-se pela Guiana francesa, é hoje representada pelos pequeníssimos núcleos chamados *galibi* pelos franceses e *caribi*, pelos seus irmãos de orirgem, os vaianos ou urucuianos.

Fora disso pouco se sabe. Alguns etnólogos a eles se referem, porém nenhum profundamente; temos alguns dados da sua população e vamos transcrevê-los:

Dabbadie	1854	80 indivíduos
Costa Azevedo	1860	40 a 60 indivíduos
Coudreau	1891	100 indivíduos
Curt Nimuendaju	1925	160 indivíduos
Eurico Fernandes	1931	198 indivíduos
Eurico Fernandes	1943...dezembro	247 indivíduos

sendo 62 homens, 66 mulheres, 56 menores do sexo feminino e 63 menores do sexo masculino.

Produzem já vários tipos de farinhas de mandioca, de tapioca, de cará e de batata-doce, estas, ótima alimentação para crianças e adultos e que já vem sendo industrializada e vendida inclusive ao 3º Batalhão de Fronteira, sendo usada como dieta de soldados doentes; serram manualmente madeiras, vendendo tábuas, etc.; fazem canoas; vendem peixe-seco, salgado e em salmoura, por processo ensinado pela organização do Serviço de Proteção aos Índios ali existente, bem como leite esterilizado, para os que possuem uma pequena criação de gado; produzem também algumas frutas e legumes.

O Serviço de Proteção aos Índios mantém ali uma escola, já com ótimos resultados; enfim, dentro de breve tempo, será a população mais útil do novo Território do Amapá.

Suas habitações são idênticas aos dos pariucures, porém mais aperfeiçoadas e já se encontram mesmo barracas, obedecendo ao estilo usado pelos civilizados das margens do Oiapoque.

Amam a liberdade e a vida ao ar livre; pelo verão, livres das chuvas e dos mosquitos do gênero anofelíneo, que como entre os pariucures, infestam as suas terras, durante os meses de maio a outubro, descem para as margens do rio ou para as praias de areia e aí vivem despreocupados e felizes, igualmente com os pariucures, pescando, caçando, à procura de ovos de tracajá ou camaleão, dormindo no chão, sobre esteiras e em baixo dos seus mosquiteiros.

Bons maridos e bons pais, são capazes dos maiores sacrifícios para atender a um pedido da mulher; são monógamos e se bem que anos atrás fossem "perigosos gatunos", como eram chamados, hoje já não se fala nisso e são considerados como trabalhadores e produtivos.

Viviam outrora meses inteiros seminus, pelas margens do Oiapoque, esmolando, furtando, exibindo seus andrajos e enfermidades, não sendo raro encontrarem-se estes índios, bem como os caripunas e pariucures em estado de completa embriaguez, nos lugarejos brasileiros e franceses. Tudo isso, porém, é história antiga, pois que, presentemente, quando vêm ao Oiapoque, raramente, comportam-se muito bem, vêm limpos e cuidados e alguns já usando chinelos, tamancos e até sapatos. O progresso que se tem verificado nessas tribos, sob a orientação do Serviço de Proteção aos Índios, por intermédio do seu esforçado funcionário ali, Sr. Raimundo F. de Pais Ramos, vem chamando a atenção da população civilizada do Oiapoque e autoridades que, de quando em quando, as visitam, como recreio.

Alimentam-se de peixe, carne, frutas e verduras; seu primeiro repasto, pela manhã, compõe-se do famoso tacacá, mingaus, etc.; comem muita farinha e pimenta.

Os paraucamãs, como os pariucures, usam para a caça e para a pesca flechas, não tão variadas como as dos pariucures, arpões e anzóis; alguns já possuem armas de fogo.

A mortalidade tem diminuído muito com o tratamento contra a verminose e paludismo e por uma melhor alimentação, assim como, muito principalmente pela campanha contra o álcool.

Vestem-se já os homens como os nossos caboclos do interior da Amazônia: calça e camisa; entretanto nos seus trabalhos ainda usam tangas.

As mulheres usam saias muito compridas, que lhes chegam aos pés, muito rodadas, e blusas de pala, também rodadas; apreciam bastante lenços de cores berrantes, para envolverem na cabeça, à moda da Guiana francesa.

Tanto homens, como mulheres e crianças, já esqueceram quase completamente o seu dialeto; falam o dialeto da Guiana francesa e hoje já compreendem e falam o português; entretanto, os mais velhos, quando desejam dizer alguma coisa que não querem que os civilizados compreendam, falam na sua língua.

Sua religião é um misto de fetichismo e catolicismo; procuram batizar seus filhos e usam o nome que o padre lhes dá. Entretanto, fazem a festa do turé e acreditam piamente no pajé, no poder sobrenatural dos bichos e de espíritos do mato, das águas, dos campos, etc.

Fazem as suas "ladainhas" a Nossa Senhora, rezam Ave-Maria e invocam em seguida os espíritos de Uarucamã (uma estrela).

Não têm mais cerâmicas, nem tecelagem, no que, segundo dizem, eram peritos; apenas fabricam agora algumas panelas de barro para seu uso particular.

Usam enfeites de penas e chapéus na festa do turé e pintam-se de urucu e jenipapo, porém não obedecem a uma cultura caraíba e sim assimilaram a aruaque, que lhes foi imposta pelos pariucures.

Obedecem a um chefe, a que, chamam capitão e à autoridade do Serviço de Proteção aos Índios; vivem felizes e satisfeitos.

Não têm cerimônias especiais para a puberdade, casamento, ou enterro; este é idêntico ao dos pariucures, em caixão como os civilizados, mas temos ouvido referir que, antigamente, cremavam os cadáveres.

OS CARIPUNAS

Pouco, muito pouco, pode-se dizer deste povo, a que damos o nome de *caripuna*, por uma questão convencional.

Dentro do rio Curipi, afluente do Uaçá, habitavam alguns índios, vindos deste e do Aruaquá, isto é, galibis e paricures, onde na primeira metade do século XIX chegaram, sem haver notícia de como alguns forasteiros, brancos, caboclos e pretos, falando principalmente a língua geral e que, sendo bem recebidos, por ditos índios, aí resolveram ficar.

Diziam-se fugidos da Cabanagem e entre eles havia homens (só vieram homens) com os nomes de Fortes e Santos, uns de S. Caetano de Odivelas, outros de Bragança, etc.; deu-se o cruzamento, porém os índios nada lucraram com isto e os forasteiros começaram a assimilar hábitos e costumes dos índios. Entretanto, dada a proximidade do rio Curipi do centro civilizado do Oiapoque, a esse tempo representado por elementos da origem afro da Guiana francesa, predominou uma "civilização" afro-indo-americana, em todos os seus hábitos, costumes e crenças; vieram os santos amarrados de fitas, os mastros votivos, os tambores, os foliões, a magia negra, os batuques a par com o pajé, o turé, o adorno de penas, as pinturas com urucu e jenipapo, o feitio das casas iguais às do galibi, os remédios indígenas, crença no poder sobrenatural de cobras, jacarés, etc., as canoas indígenas, o tacacá, os mingaus, as comidas apimentadas, os objetos de cipó e talas.

Assim foi o grande etnológico Curt Nimuendaju encontrá-los, em 1925, com uma população de mais ou menos 150 almas; nesse estado encontrei-os também, em 1931, contando a essa altura 196 pessoas.

População ordeira, boa e trabalhadora, fabricando já 60% da farinha produzida na região; são de suas plantações as saborosas laranjas e tangerinas que vêm ao Oiapoque.

Em 1934, o cel. Magalhães Barata, então interventor federal no Pará, entre as incontáveis escolas que criou no Estado, criou também três entre os índios galibis, pariucures e caripunas, sendo que estes últimos, pelo grau de adiantamento em que se achavam os índios, deu ótimo resultado. Este é o motivo por que, entre os caripunas, existem alguns que leem e escrevem, embora poucos.

A ação do Serviço de Proteção aos Índios tem sido benéfica e a ela muito se deve o progresso econômico e cultural dessa gente, que faz questão de ser índia e que ainda conserva muitas das suas tradições e costumes.

Em 1943, contei 262 indivíduos, sendo 63 homens, 60 mulheres, 76 menores do sexo masculino e 63 menores do sexo feminino.

Graças ao Serviço de Proteção aos Índios, a população dessas três tribos viu-se aumentada, no período de 13 anos, de 186 indivíduos, sem que ali tenha havido entradas de estranhos, fato este notável, sabendo-se que a população deste hoje território federal, só aumenta pela imigração.

A sua organização interna é dirigida por um chefe a que dão o título de *major*, eleito por aclamação e ao qual obedecem, bem como às autoridades do Serviço de Proteção aos Índios.

Seus enterros são como os dos civilizados; entretanto, durante o tempo em que permanece o cadáver em casa, procedem da mesma maneira que os pariucures e galibis.

PARIUCUR-IENẼS

(Notas tiradas do livro *Pariukur-Ienẽ* (Ensaio) Eurico Fernandes 1931-1945, a publicar).

Histórico – Acredito que já no século XV, a grande nação pariucur tinha o seu *habitat*, na parte leste da Guiana brasileira, pois Vicente Yánez Pinzón, ao relatar em Sevilha, em 1513, a sua descoberta, dizia que à direita de quem entrava no Mar Dulce (Amazonas) ficava a Província dos Palicur; em 1729, quando os franceses, colonizavam a aldeia do taxaua Caiene, vamos encontrar novamente os palicures defendendo as suas terras contra a conquista dos caraíbas, entre os quais predominava a tribo dos galibis, e nas narrações que aqueles fazem da sua história, consta que vieram das margens de um grande rio a que dão o nome de *Urumre-uni* e que, pela descrição, dá-nos a impressão de que seja o Amazonas (certamente não se referem à origem mais remota, a qual, estou certo, desconhecem).

Penso não errar, dizendo que desde a ilha de Marajó e suas vizinhas, Caviana, Mexiana, Viçosa, etc., entretanto pelas terras da margem esquerda do Amazonas, subindo seus rios e pelo litoral até ao rio Oiapoque, predominou a pariucur-ienẽ (gente pariucur) durante o século XV. É de notar-se também que, à medida que avançamos para o norte, sem podermos explicar quais as razões de tal ocorrência, acentua-se nestes índios a perda de cultura, observação a que nos induz o exame da cerâmica. Ao mostrarmos uma tanga de barro de Marajó aos pariucures, estes imediatamente disseram-me o seu nome: *cueiu* e informaram da sua utilidade protetora, demonstrando perfeito conhecimento sobre a mesma; ao muiraquitã, que nós conhecemos, dão o nome de *tucurauá* e o seu uso entre eles veio até bem pouco tempo.

As guerras, as entradas dos brancos com seus vícios e moléstias, com seus preconceitos e egoísmo, foram dizimando a grande e pacífica nação, que só guerreava quando atacada, até empurrá-la, reduzida a um grupo já quase inexpressivo, à região em que hoje se encontra. P. Fauque, em 1633, dizia serem eles numerosos: entretanto Buache e Prefontaine, em 1762, afirmavam ter encontrado apenas 66; seria esta realmente a população pariucur-ienẽ, ou seriam apenas alguns indivíduos localizados na região em que foram encontrados, forçados por qualquer circunstância? Bem verdade é que, em 1831, Leprieur os declarou pouco numerosos; quando Dabbadie em 1854 fala de 120 indivíduos; Coudreau em 1891 e Reimburg em 1900, estimam essa população em 200 indivíduos e Curt Nimuendaju (o

mestre contemporâneo), em 1925, a fixa em 187. Quando em 1931 comecei a estudar estes índios, a população não ia além de 202 indivíduos; contagem esta feita meticulosamente e compreendendo: 56 homens, 65 mulheres, 32 menores do sexo masculino e 46 menores do sexo feminino; agora (1945, dezembro) podemos contar 273 indivíduos, assim discriminados: 67 homens, 66 mulheres, 88 menores do sexo masculino e 52 menores do sexo feminino (comparar os números e obervar a diminuição da mortalidade infantil). Por aí verifica-se o interessante aumento demográfico que desmente o prognóstico de que os nossos índios tendem a desaparecer. É natural que, perseguidos, espoliados, caçados, etc., como infelizmente se verifica no Tocantins e Xingu e outras regiões, fatalmente desaparecerão; tratados, evitando-se-lhes os vícios, notadamente o álcool, dando-se-lhes as terras e os meios de que necessitam, curando-se-lhes as enfermidades e o organismo combalido pela verminose, o resultado será o aumento de sua população, resultado de primordial interesse e benefício para a pátria e para a humanidade, com um aumento de população pura, não exposta aos fenômenos da aclimatação, trabalhadora, sem a complexidade etnológica de uma amálgama de raças que jamais se compreenderam e que faz da nossa étnica um caos, onde a mais aprimorada organização administrativa encontrará problemas psicossociais insolúveis ante a maneira de satisfazer ao povo, no seu querer e não querer constante; população de uma compreensão muito elevada dos seus direitos e do amor à gleba que a viu nascer, talvez mesmo com um pouco de misticismo deixado pelos ancestrais em relação à terra, e da qual se originará certamente um povo patriota e útil.

Talvez a região hoje habitada pela pariukur-ienẽ, lhe tivesse servido de caminho mais de uma vez na sua caminhada norte-sul da América Central e Antilhas, como membro da grande civilização aruaque, como diz Ulrich, até as margens do Amazonas e ilhas e daí retrocedendo, compelida pela "civilização branca", até o ponto em que hoje se encontra.

A verdade é que a região por mim estudada, sofreu a influência de pelo menos duas culturas diferentes, que podemos tomar como tendo sido de povos diferentes ou então do mesmo povo, em épocas diferentes e estado cultural bastante modificado pelas peregrinações ou influências de outros povos.

No século XVIII, os pariucures localizaram-se definitivamente nos rios Uaçá, Tapá-Muru e Aruquá, onde vieram os caraíbas, representados pelos grupos galibi, maraone e itatã (aliás penso que não fossem grupos diferentes e sim clãs da raça caraíba e que hoje consideramos como grupos, pela falta de um estudo acurado) e tentaram desalojá-los, travando-se então as maiores guerras de que dão notícia, sendo por fim vencedores e separando os povos caraíbas em dois grupos quantitativos, um dos quais foi levado até Macorriá, atrás de Caiena, perseguido pelos vencedores e o outro ficou isolado dentro do rio Uaçá.

No início do século XX, insuflados pelos franceses, que sempre ambicionaram a nossa população indígena, sob o pretexto de que os brasileiros, que tomavam por direito posse da região contestada do Amapá, os perseguiriam e tomariam suas mulheres, transferiram-se em grande parte para a Guiana francesa, sendo-lhes ali reservada pelo governo francês uma área de terras dentro do rio Uanari, compreendendo parte da margem esquerda do Oiapoque e sendo ainda estipulado um salário em dinheiro ao tuxaua. Entretanto, uma epidemia manifestou-se entre ditos índios dizimando grande parte deles, o que foi tomado como castigo, pelo abandono dos seus cemitérios, em terras brasileiras; e verificando, por outro lado, que os brasileiros mostravam-se amigos e afáveis, resolveram voltar ao rio Aruquá, permanecendo em terras francesas um diminuto número que foi desaparecendo com a morte ou pela volta ao seio dos seus, até ficar reduzida a uma única família, composta de três pessoas e que ainda ali se acha.

VIDA: Como todos os índios da "civilização aruaque", os pariucures, têm especial tendência para a agricultura, aliando esta à caça e à pesca. A principal agricultura é a da mandioca, do tipo de raiz amarela, da qual fabricam a sua farinha de bagos irregulares, graúdos e um tanto azeda, sendo que hoje, para a venda, já fabricam muito melhor tipo e sem azedume. Plantam também a mandioca branca, esta para fazer a bebida conhecida pelo nome de caxiri, à qual dão eles o nome de *uascarẽ*. Não se descuidam do plantio de cará, inhame, batata-doce, e hoje já também de algum milho, feijão e café; sempre cuidam

com carinho do plantio do caruá (*Ananas sativus* Schult) ao qual dão o nome de *curautá*, bromeliácea da qual extraem preciosas fibras para a confecção das cordas dos seus arcos e outras utilidades. Caçam, utilizando-se para isto de sua variada coleção de flechas, embora alguns usem já armas de fogo. Dão preferência nas suas caçadas às aves, como patos, marrecas, cararás, etc.; têm também grande predileção pelo macaco coatá, de cuja carne são grandes apreciadores.

Durante os meses de chuva, vivem em suas barracas, construídas em ilhas firmes, no meio do campo alagado ou em encostas de montanhas, barracas estas que obedecem todas a um só tipo, umas maiores, outras menores, conforme as exigências da família; a cobertura destas habitações compõe-se de duas águas laterais e duas outras cuja parte superior se embute junto à cumeeira, no vértice formado ali por ditas águas laterais e vem alargando-se à medida que desce, acompanhando as extremidades laterais das ditas águas, sendo uma na frente da barraca, com a base inferior a 2,50m/3,00m do solo e sob a qual fica localizada a cozinha.

Essas barracas são construídas com sólidos esteios cilíndricos ou quadrejados e paus muito direitos que servem à armação; são cobertas, em queda muito íngreme, com folhas novas de *inajá* (*Maximiliana regia*, Mart.) e providas de soalhos, feitos de tábuas ou achas da palmeira a que damos o nome de juçara, muito bem aparelhadas, a certa altura do solo, mais ou menos 2m a 2,50m e que servem de dormitório; abaixo deste dormitório acha-se a "sala de estar", sempre muito limpa e provida de bancos (*epti*), longos e estreitos, quase sempre feitos de uma só peça de madeira quadrejada toscamente; no chão, sob a parte posterior da cobertura, três pedras servem de fogão e a este tripé dão o nome de *imaprifti* e é quase sempre formado com um pedaço de chapa de ferro ou laje fina de pedra para a confecção dos seus beijus (*urati*) de mandioca. Algumas panelas de barro (*paraucamã*) e hoje já também de ferro (*solieru*), colheres de pau, alumínio e ferro (*colieru*), peneiras (*ron-uá*), paneiros com pratos de barro e outros de ferro esmaltado (*meurucá*), garrafas com pimenta (*atiti*), conservadas no tucupi (*canharo*) – suco de mandioca; pimenta seca ao sol ou ao fogo, cuias pintadas de preto (*tumaurá*), completam os petrechos da cozinha pariucura.

As demais instalações compõem-se de esteiras (*ciparipá*) tecidas de junco por eles mesmos, sobre as quais dormem, abrigados por mosquiteiros, contra a imensidade indescritível de mosquitos que, no período de maio a outubro, infestam a região e da espécie anofelínea. Os mosquiteiros são de pano comprado no comércio, quadrados, cujas bordas inferiores assentam sobre as esteiras, e abrigam muitas vezes, numa interessante promiscuidade, a família inteira. Logo de manhã cedo levantam-se e enquanto os homens passeiam no terreiro, fazem as mulheres rápido *toilette* à beira d'água (rio ou do campo quando alagado) e cuidam das suas ocupações, preparando umas o primeiro alimento que consiste em mingaus de farinha-d'água ou cará, farinha de mandioca, ou o *tacacá* (espécie de papa feita com o amido da mandioca) com molho de peixe bem apimentado ou tucupi nas mesmas condições; este primeiro alimento é servido aos mais velhos, em primeiro lugar, depois às crianças, com a mesma quantidade de pimenta e por último às mulheres.

Terminando este repasto, apanham os homens e os adolescentes e mesmo meninos impúberes, as suas armas; arcos, a grande variedade de flechas, e, aqueles que as possuem, as suas armas de fogo, caniços com anzóis e – dentro de pequenos cascos de canoa, ou melhor, troncos de árvores cavados a ferro e fogo, internamente, e amoldados externamente pelo mesmo processo, sem peça alguma à popa e à proa, que ficam abertas e nas quais são colocadas bolas de barro, para impedir a entrada da água – ganham as margens do rio e lagos à procura de subsistência, para si e sua família.

As mulheres cuidam da limpeza do terreiro; varrem-no com ramos de árvores pequenas ou vassouras feitas de cipó, ou ainda com folhas de palmeiras; as fezes de animais tais como cães, galinhas, etc., são retiradas com repugnância; não se vê junto às barracas restos de comida ou águas de lavagens ou estagnadas ou formação de lama fétida; assim aguardam a chegada dos homens com o produto de sua pescaria ou caçada.

Estes chegam, desembarcam empunhando suas armas e vão guardá-las; se é inverno e apanham chuva, instalam-se junto ao fogo, para se aquecerem, e se é verão, deitam-se sobre um banco e conversam sempre; as mulheres dirigem-se à canoa, apanham o que lá está e ali mesmo preparam as caças e vitualhas para serem cozinhadas ou assadas. Geralmente comem tudo mal cozido ou mal assado e com abundante pirão de farinha, que molham com o próprio caldo ou com água fria e muita pimenta. Todos se reúnem à roda da panela e mesmo as crianças de colo comem aquela comida, fortemente apimentada, que lhes é levada à boca pelas próprias mães. Terminando este segundo repasto, apanham as suas ferramentas e dirigem-se às roças, a que nem sempre os homens vão, pois as mulheres trabalham mais do que os homens; estes, às vezes, ficam trabalhando na confecção de canoas, e de outras vezes, resolvem deitar-se.

As mulheres se encarregam da fabricação de farinha e isto às vezes as ocupam até depois do sol se pôr.

Se bem que as mulheres não tenham direito ao mando entre os pariucuras, exercem sobre os homens uma influência enorme; não raro é, após termos combinado qualquer coisa com um índio, assentado tudo definitivamente, vermos tudo ruir pelo quase imperceptível pronunciar de algumas palavras pela mulher: e está tudo desmanchado, não há mais força que o demova; são bons maridos e bons pais e raríssimo é ver-se a poligamia; eu mesmo apenas conheço um caso e este de índio que permaneceu muito tempo entre os "civilizados" da Guiana francesa.

Não conheço casos de incestos, pederastia, homicídio, etc., nem mesmo taras tão comuns entre civilizados; furto é raro e as questiúnculas entre vizinhos ou parentes não são muito frequentes.

São mais apreciadores do peixe que da carne; desta, a mais preferida é a de aves, tracajás e coatás. Sua organização divide-se em vários clãs distintos e de distintas origens, sendo que presentemente só existem os seguintes: Uaipri-Ienẽ, Uacapuni-Ienẽ, Camuiu-Ienẽ, Camuiu-Ienẽ, Caiucupuc-Ienẽ, Uassiri-Ienẽ, Uadarriu-Ienẽ.

Sua crença religiosa é um caos entre as tradições que lhe deixaram seus ancestrais e o catolicismo que lhe ensinou o padre; se lhe perguntamos qual é o poder máximo e criador, ele nos diz que é Hum-HonUré*; Hun-Hon-ucré, é um velho branco de barbas brancas. Mas, continuamos a conversar, deixamos que ele esqueça e então verificamos que os rios foram feitos por grandes cobras a mando de Carumairá; o mar foi feito pelo maguari e pelo beija-flor, a mando de Carumairá; o sol também teve sua participação na origem do homem e também pajés transformaram o macaco-coatá na espécie humana e que enfim, Hun-Hon-Ucré, o deus que o branco lhe ensinou, tem papel secundário na sua crença. O padre batizou a criança: – Manuel, Maria, etc., mas algum tempo depois não é mais Manuel nem Maria, nem se lembram mais do nome que na pia batismal foi dado a seu filho, agora é Datcare, é Mauropce, etc.; entretanto ele fez questão de batizar seu filho, porque o padre lhe disse que se assim não fizesse, o Diabo carregaria com ele.

Na época de verão, deixam as suas casas e armam os seus mosquiteiros ao ar livre, sobre folhas, e estendem suas esteiras às margens do rio e aí passam placidamente a época da fartura e do bem-estar, sem os mosquitos. Na época de mosquitos, os que não têm mosquiteiros, deixam à noite suas barracas e silenciosamente, dentro de grandes cascos ou canoas, protegidos pelos toldos de palha vão dormir ao largo, no campo alagado, onde os mosquitos não os perseguem, regressando pela manhã cedo. Existe também uma pedra, a montante do rio, onde se abrigam dos mosquitos alguns índios, passando aí a noite.

A sua organização política, obedece ao regímen do patriarcado; é dirigida por um chefe ao qual dão o nome de "capitão", que é sempre um "pajé" (Iramre) eleito por aclamação (antigamente era hereditário) escolhendo este seus auxiliares: dois ajudantes e vários subalternos.

---

* H aspirado na pronúncia.

São bastante obedientes ao "capitão", que os trata com brandura, raramente os punindo com castigos, que se limitam a serviços para a comunidade.

Dentro da sua aldeia, só falam o dialeto próprio, sendo que todos os homens compreendem o dialeto da Guiana francesa e o falam, porém as mulheres raramente o fazem. Ultimamente já alguns jovens falam o português.

COSTUMES – Se bem que os costumes já se achem bastante modificados conforme se depreende, comparando o que temos lido com o que observamos, mantêm alguns que já no século XVII lhes eram peculiares, ou melhor, conhecidos como o de não comerem peixe no dia de sua festa principal, ou seja, o turé.

Bem acentuado é o gosto pelas demoradas viagens em canoa, à busca de crustáceos e mariscos, pelos mangues, banhados pela água salgada, permanecendo dias e dias a família toda dentro de suas grandes canoas, cobertas por sólidos toldos, feitos de folha de palmeira. Ali abrigam também os cães, que vão sempre muito bem acomodados à proa da canoa; papagaios, periquitos e araras que vão sobre o toldo e às vezes duas ou três galinhas, dentro de paneiros, à proa, do lado de fora da canoa, suspensos em varas aí postas para este fim.

O fogão é feito com barro, dentro da própria canoa e se é inverno e as margens estão cobertas, as raízes lodosas da canarana, que flutua às margens do rio, arrumadas densamente em espirais sobre a pá do remo, também serve de fogão; assim passam dias, semanas, meses, alimentando-se de crustáceos e mariscos, com bom suprimento de farinha, uma vida despreocupada e feliz, enquanto a sua mandioca cresce e cria raiz.

A criança é tratada com carinho e geralmente amamentada até dois anos ou mais; logo ao nascer, recebe o nome pelo qual vai ser conhecida na tribo, sempre um nome pariucur, nome de animal ou do predicado que os pais desejam que os filhos venham a ter: veloz, forte, esperto, etc., ou então de particularidades que a criança apresente, por exemplo: a criança dorme muito, é preguiçosa, portanto, é *mabiuru* (preguiçosa); se só quer estar agarrada à sua mãe como a preguiça às árvores, é *mauropce* (preguiça), etc.

O resguardo do parto é dividido entre marido e mulher, e dura geralmente cinco dias; é mais guardado entretanto pelo marido do que pela mulher, pois esta logo no dia seguinte vai cuidando dos seus afazeres, enquanto que o pai nada faz, receoso de que isto influa na integridade do filho ou filha que poderia crescer fraco, adoecer e até morrer. Pai e filho são untados com um unguento composto de *andiroba* (azeite) e *urucu*, sem desenhos característicos.

Logo que seca o umbigo, se é menino, recebe à cintura um cordão feito de fibra; é o cinto de castidade; pai e mãe, durante o resguardo, não comem aquilo que possa fazer mal à criança.

Aos três anos mais ou menos, recebe a menina uma saia que chega aos pés e o menino uma pequena tanga (*cançará*) de pano qualquer que, passando por entre as pernas, cobre pela frente os órgãos genitais, subindo até ao cinto citado. Passa então a tanga por baixo deste cinto e dobrando-se por cima, fica com uma ponta caída, sendo a outra ponta, pela parte traseira, introduzida entre as nádegas: também esta 2° ponta se prende ao cinto, deixando cair outra pequena ponta. Os homens, quando em serviço, ainda usam esta tanga. Na parte superior do antebraço, também usam colocar um cordão, em forma de pulseira, tecido de qualquer fibra, preferivelmente de caruá, como o da cintura e que serve – ao que supõem – *para que os músculos sejam fortes e o menino se crie bom flechador.* Não consegui ainda observar se este cordão recebe anteriormente algum preparado feito pelo pajé. Alguns índios negam a significação desses cordões. Porém estas informações eu as colhi com o capitão Guilherme Iramrê, grande pajé da tribo e meu afeiçoado amigo; dito cordão é colocado também na parte superior das pernas. Não se corta esse cordão: seria uma grave ofensa para o menino, principalmente quanto ao da cintura. Vi o adolescente Biu Yaparrá chorar e tremer de raiva, ao ver o seu "cinto de castidade" cortado pelo preto marajoara João dos Santos, casado com uma sua prima, criada em meio civilizado.

Meninos e meninas entregam-se juntos a brincadeiras, que nem sempre são inocentes, em passando os seus promotores dos oito anos; acredito, entretanto, que os meninos guardem realmente a castidade, o mesmo não ocorrendo, todavia, com as meninas. Ao chegar à idade da puberdade, aos primeiros fluxos menstruais, são as índias consideradas impuras (aliás, isto se verifica sempre que as regras aparecem) e afastadas das demais pessoas. Os alimentos lhes são levados então por mulheres idosas e durante essa fase a índia se conserva escondida; cessado o fenômeno fisiológico, é então levada, penteada e caprichosamente pintada pelas mulheres idosas e bem enfeitada, para sair a passeio, a fim de demonstrar que está apta a procurar marido. O casamento faz-se sem formalidades e cerimônias: o pedido, a vinda do noivo para a casa do sogro, onde passa a residir e a trabalhar para este, que sobre o genro exerce inteiro domínio – e está feito o casamento!

A mulher usa somente saia, que lhe chega aos pés, muito rodada como as meninas e prefere a fazenda de cores berrantes; quando saem da tribo, algumas vestem umas blusas muito curtas na frente, deixando aparecer os seios, e mais compridas atrás.

As mulheres andam sempre com os cabelos muito bem penteados, em tranças que rodeiam a cabeça, de trás para frente, e costumam pintar-se com carimbos feitos de madeira, de desenhos vários, alguns bem caprichosos, obtidos mediante a aplicação de uma pasta feita de óleos vegetais e urucu; esta pintura também a usam os homens. Também fazem riscos verticais e horizontais com a tinta do jenipapo verde, de coloração preta.

Se a mulher não concebe, é má esposa e pode ser abandonada; entretanto possuem os pariucuras, uma planta tuberculosa, que dizem eles fazer a mulher conceber. Conheço alguns casos de mulheres abandonadas por sucessivos maridos, devido a serem elas estéreis, e que conseguiram afinal conceber, mediante a aplicação do remédio preparado com a planta milagrosa. Como o fato não pôde ser ainda bem estudado e documentado, não podemos fazer, a este propósito, afirmativas categóricas.

Os rapazes custam mais a obter a permissão para o casamento, permissão esta dada pelos pais; mas só depois de terem retirado o cinto, terem feito suas roças e saberem trabalhar como qualquer homem, é que podem pleitear a respectiva licença.

Pelo verão costumam ir a determinados lugares e aí fazerem uma espécie de pão de barro colhido nesse local e a que dão o nome de *paraucamã*. Trazidos estes pães para suas casas, vez por outra raspam-nos um pouquinho e comem essa raspa assim obtida. Indagando porque o fazem, disseram-me que achavam aquilo gostoso.

Também têm o costume de comer a cinza dos cigarros quando fumam, o que fazem quase que só à noite, com o *tauari* (casca de uma árvore que depois de batida com um cacete, separa-se em lâminas finas e que serve assim de papel de cigarro) e folhas de fumo vindo de fora ou plantado por eles próprios, secas ao fogo; dizem eles que o fazem porque o gosto salitrado da cinza lhes é agradável.

J. Malcher.



883 – Vapor Caciporé *ao partir de Belém do Pará para o rio Oiapoque.*



884 – A vista o cabo Orange, navegação entre Belém e rio Oiapoque.
Fotos major Tomás Reis



885 – Mont d' Argents. Barra de Oiapoque.



886 – Lavadeiras no porto de Clevelândia.
Foto major Tomás Reis



887 – Ilhas. Rio Corocorto. Porto de lenha.



888 – Rio Uaçá.
Foto major Tomás Reis



889 – O capitão Camilo Narciso, chefe de um grupo de índios galibis, ao lado direito major Jeannet Alexandre, chefe da tribo. Rio Uaçá.



890 – Esposas dos chefes galibis.

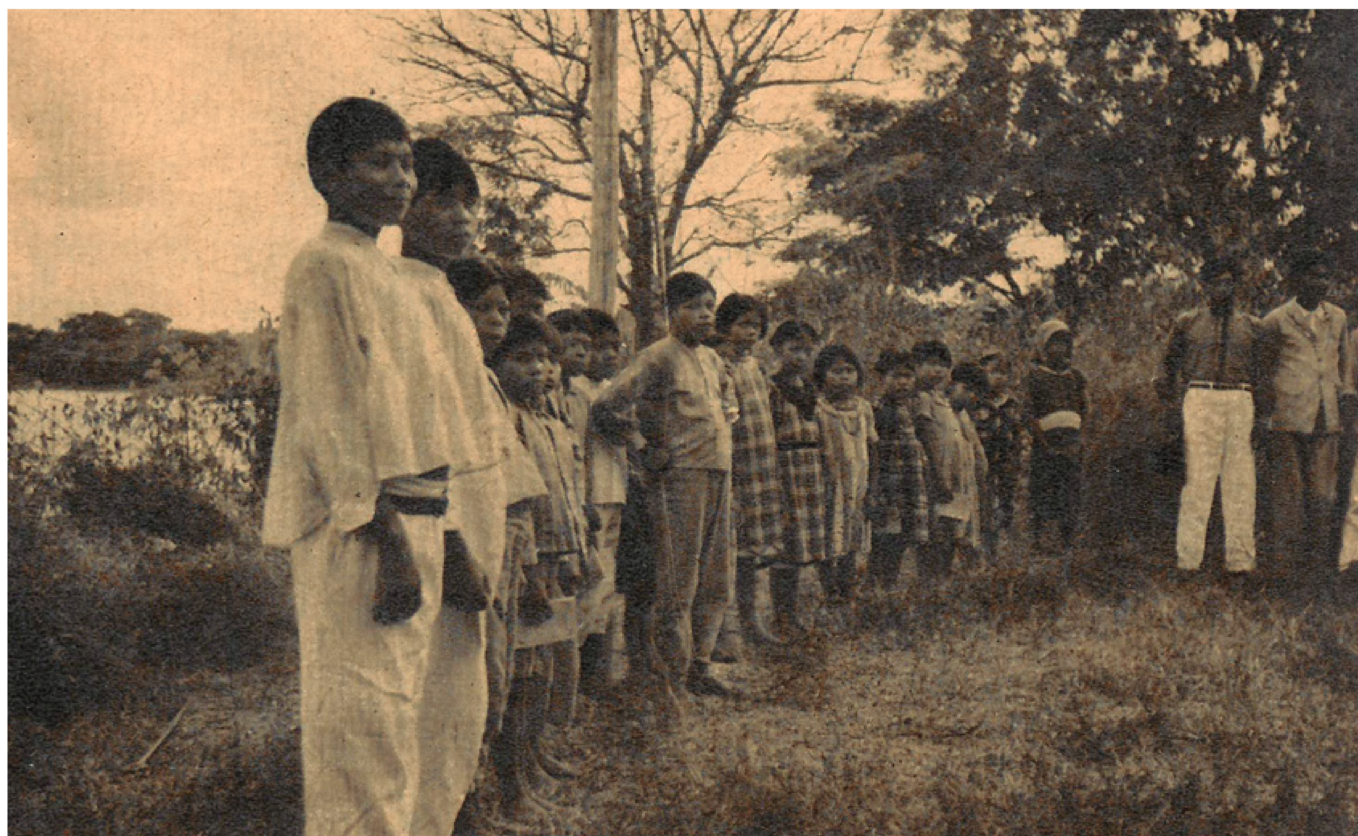
Fotos major Tomás Reis



891 – As mulheres dos índios galibis, na aldeia de Sta. Maria dos Galibis.



892 – Os homens da mesma aldeia.
Foto major Tomás Reis



893 – Os homens da mesma aldeia.



894 – Menores galibis que estão matriculados na escola.
Foto major Tomás Reis



895 – A aldeia dos índios galibis. Rio Uaçá.



896 – Menino galibi.



897 – Jovem galibi.

Fotos major Tomás Reis



898 – Mulher galibi.



899 – Outra mulher galibi, já bem civilizada.



900 – Esposa de um chefe galibi.



901 – O chefe pericurá do rio Urucauá



902 – Índios paricurás. Rio Uaçá.



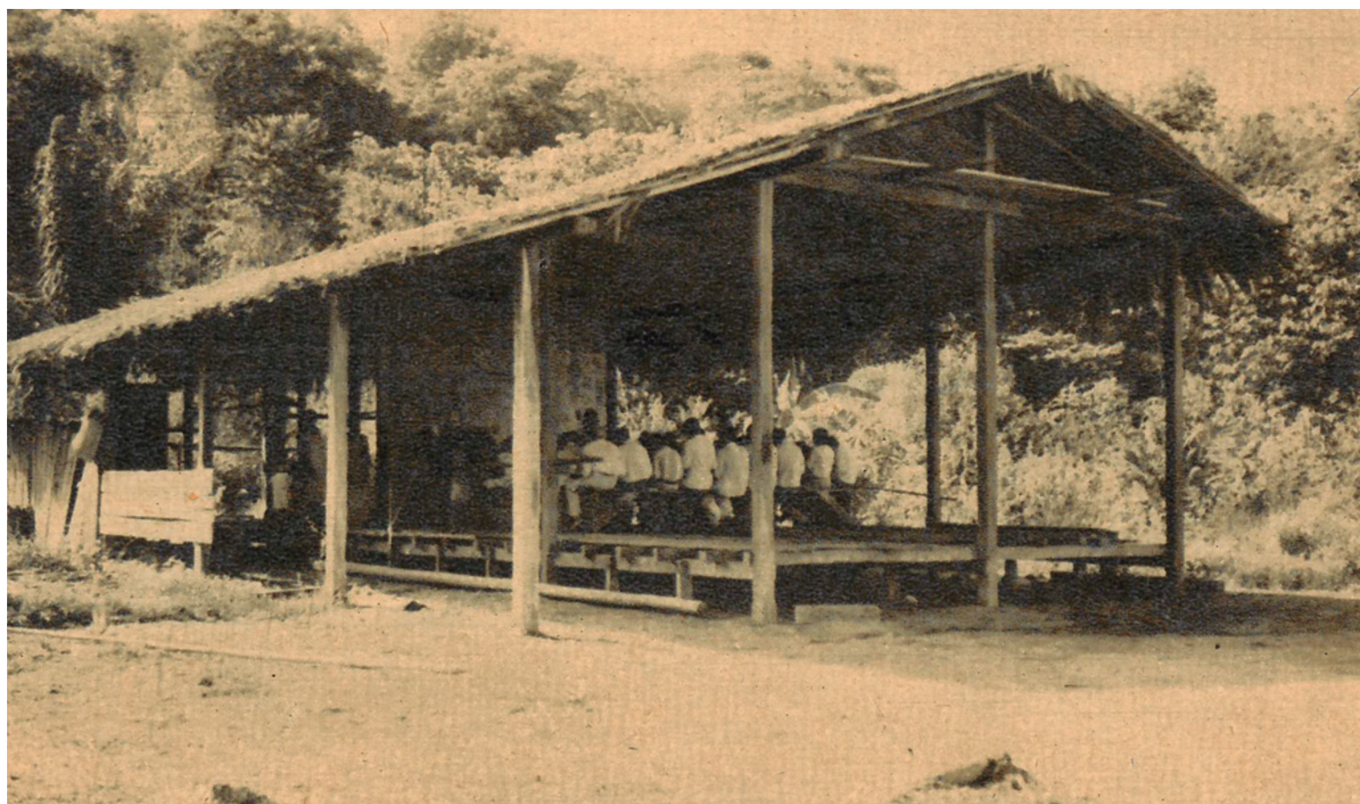
903 – Índios paricurás. Rio Urucauá.
Fotos major Tomás Reis



904 – Grupo de chefes da tribo paricurá do rio Urucauá.



905 – A professora com alunos paricurás. Rio Urucauá.
Foto major Tomás Reis



906 – A casa da escola pública dos índios caripunas custeadas pelo Governo do Estado.



907 – Escola dos índios caripunas. Vila Espírito Santo, rio Curipi.
Foto major Tomás Reis



908 – Povoado do Espírito Santo. Rio Oiapoque.



909 – Vila Oiapoque. Posto Fiscal aduaneiro.
Fotos major Tomás Reis



910 – Como tentam burlar o fisco. Fabricação de joias de ouro nas minas com as quais procuram passar a fronteira com a Guiana francesa.
Foto major Tomás Reis



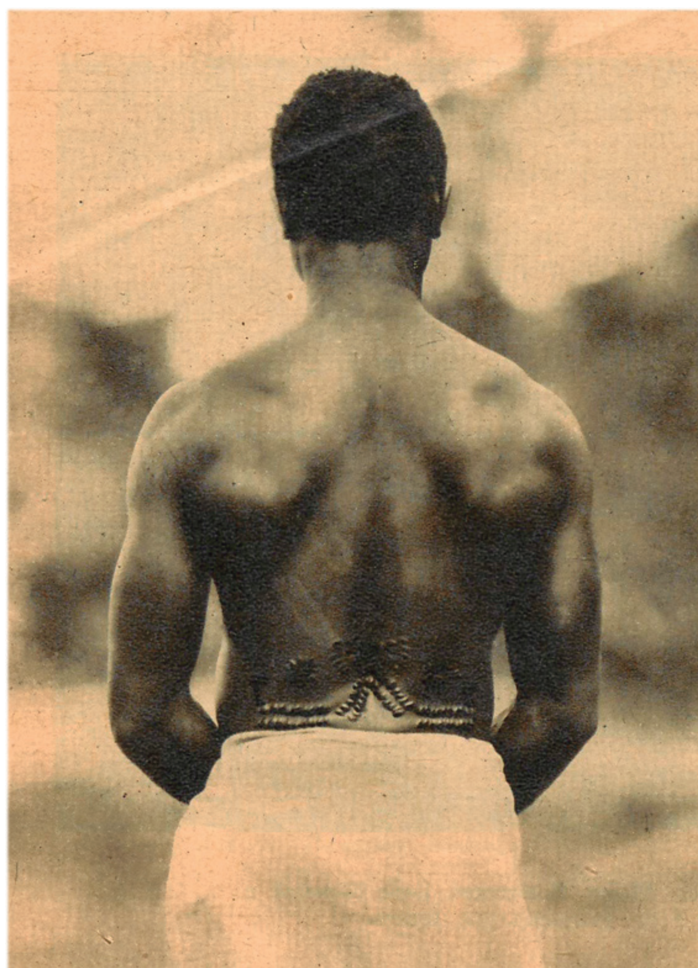
911 – Negros saramacás, extratores de pau-rosa encontrados na cachoeira Oiapoque
Foto Dr. B. Rondon



912 – Negro saramacá



913 – Negro saramacá com sua canoa.
Dr. B. Rondon



914 – Negro saramacá com tatuagem
Foto Dr. B. Rondon



915 – Partida da turma em exploração ao alto Oiapoque.
Cine major Tomás Reis.



916 – A turma sob a chefia do enttão major Boanerges, hoje general e membro do Conselho Nacional de Proteção dos Índios.



917 – Os saltos de Grande Roche barram a passagem para adiante. As canoas guiadas por guianenses franceses foram arrastadas para além das cachoeiras com baldeação da carga.

Cine major Tomás Reis



918 – O nosso botânico Dr. Lützelburg, colhendo plantas aquáticas na cachoeira Grande Roche.
Cine major Tomás Reis



919 – Barra do Cricu.
Foto Dr. B. Rondon



920 – Cachoeira Anauá, rio Oiapoque.



921 – Corredeira Caxiri. Rio Oiapoque.
Fotos Dr. B. Rondon



922 – Chegando à cachoeira de Funií-iapóque
Foto Dr. B. Rondon



923 – Pouso na cachoeira de Funii-iapoque
Cine major Tomás Reis



924 – Guardas da Aduana Francesa do Posto Racussini, rio Oiapoque, que queriam prender o general Rondon.
Fotos Dr. B. Rondon.



925 – O Posto da aduana francesa Racussini.



926 – Em Camopi, um usineiro guianense tem a seu serviço índios oiampis, que trabalham nas usinas de pau-rosa em troca de tecidos e objetos manufaturados que levam para suas mulheres.



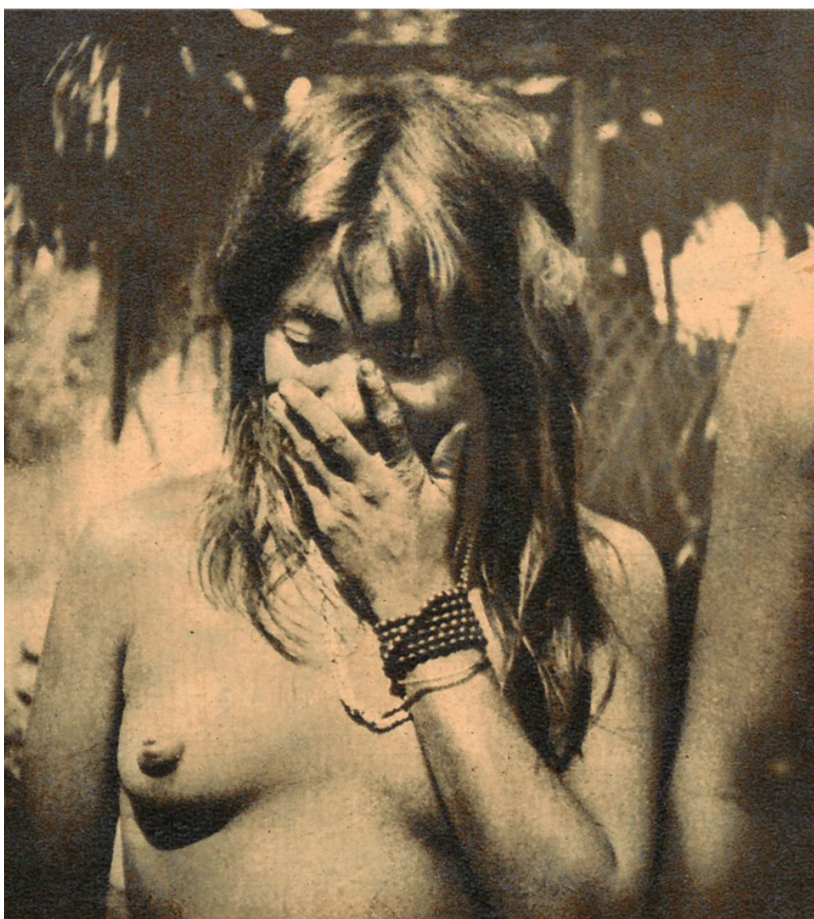
927 – Usina de pau-rosa, lado de Guiana francesa
Cine major Tomás Reis



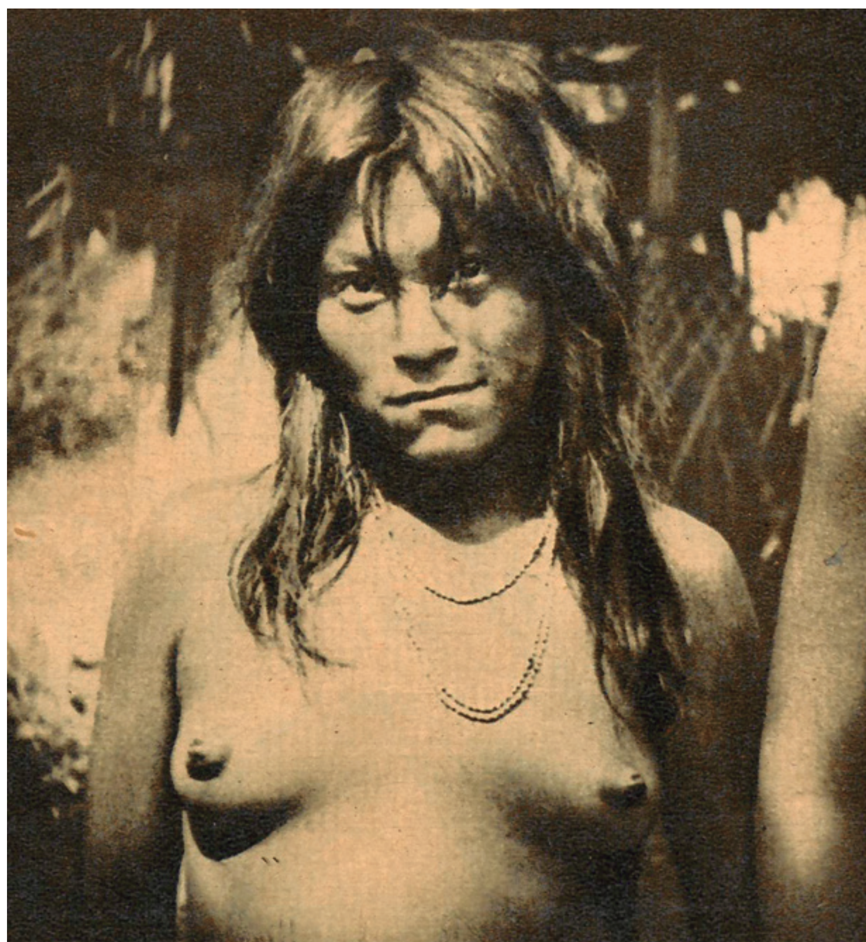
928 – O nosso guia Josef, índio oiampi com sua mulher.



929 – Mãe oiampi. Rio Ooiapoque.
Cine major Tomás Reis



930 – Índia oiampi.



931 – A esposa do nosso guia.
Cine major Tomás Reis



932 – Índio oiampi.



933 – Índia oiampi.
Cine major Tomás Reis



934 – Salto Manoa, rio Oiapoque



935 – Rio Jaué. O cacique oiampi "Josef" antes da pescaria.
Foto Dr. B. Rondon



936 – Frutos exóticos brotam das árvores de Couroupita guianensis.



937 – Não são comestíveis – apenas decorativos.
Cine major Tomás Reis.



938 – Os frutos chamados rabo-de-arara



939 – Uma bela musácea da flora equatorial.
Cine major Tomás Reis



940 – Filha de Maria Lisette, índia oiampi. Barra do Camopi.
Foto Dr. B. Rondn



941 – Índia oiampi Maria Lisette com sua filinha.
Foto Dr. B. Rondon



942 – Índio oiampi sentado na beira do rio.





943 e 944 – O nosso guia oiampi.
Cine major Tomás Reis



945 – Rio Camopi.
Cine major Tomás Reis



946 – Densas matas de matérias-primas sombreiam as águas.



947 – Índio oiampi flechando.



948 – Aninga, planta paludícula muito característica do rio Amazonas e seus afluentes.
Fotos Dr. B. Rondon



949 – O nosso piloto oiampi não deixa passar os frutos de jeniparana.



950 – Neste paraíso verde não faltam as frutas proibidas com cores lindas, mas a jeniparana apresenta apenas uma cor cinzenta.
Cine major Tomás Reis



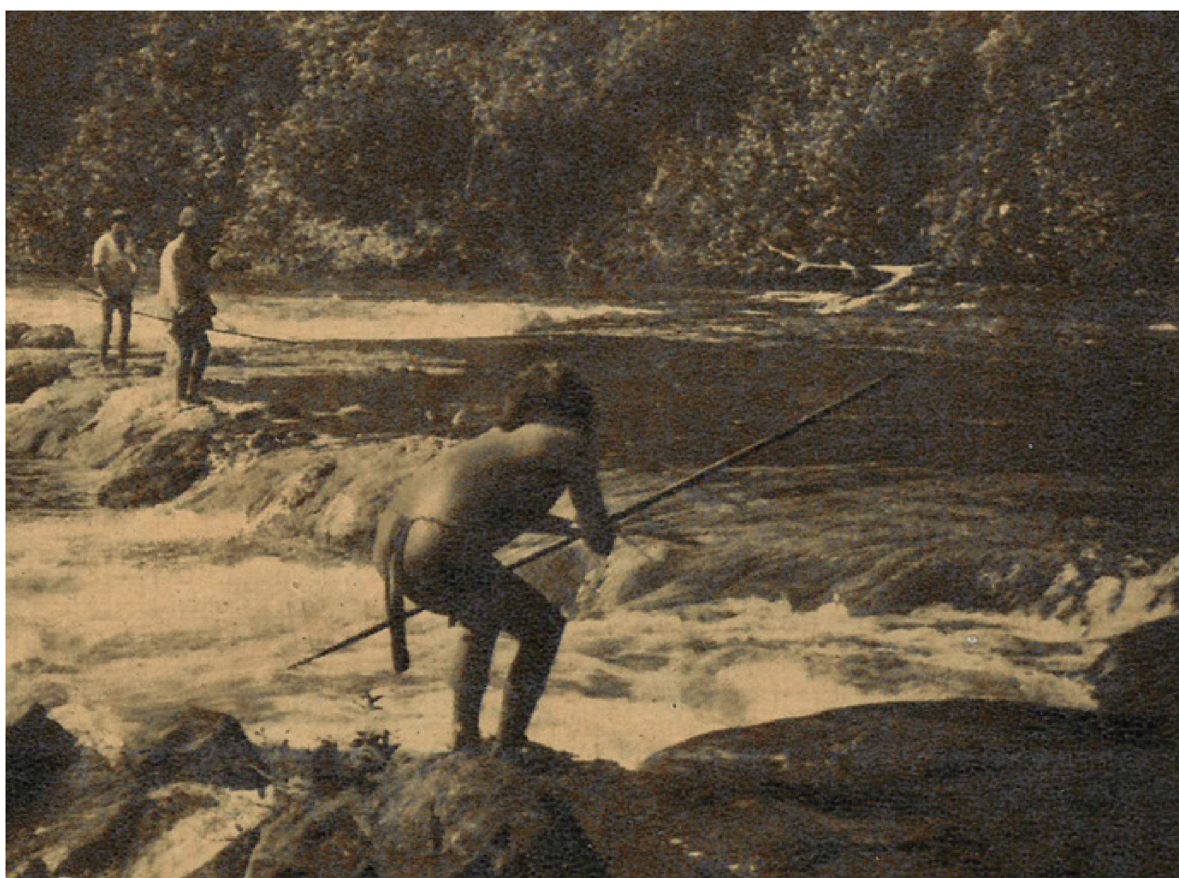
951 – Nos rápidos piscosos Josef tentava fisgar algum peixe.



952 – O índio oiampi em guarda.
Cine major Tomás Reis



953 – Índio oiampi em guarda.



954 – Outro aspecto.
Cine major Tomás



955 – Flechando.
Cine major Tomás Reis



956 – Com alegria ele mostra o resultado de sua pescaria.



957 – Rio Oiapoque, Índia iarupi repousando na canoa.



958 – Rapidamente passa uma outra canoa com índias iarupis na nossa frente.
Cine major Tomás Reis



959 – O capitão Ten Ten, índio iarupi com sua família.



960 – Índios iarupis, rio Oiapoque.
Cine major Tomás Reis



961 – Índio iarupi com sua casa.



962 – Índios iarupis, rio Oiapoque.
Cine major Tomás Reis



963 – Na aldeia dos índios iarupis.



964 – Outro aspecto da aldeia.
Cine major Tomás Reis



965 – Mulher iarupi trabalhando na sua cozinha. No lado esquerdo se vê o tipiti, um cilindro, feito de talas, elástico, em que se mete a massa de mandioca para retirar o líquido e assim, seca, enviar à fabricação da farinha.



966 – Esta criancinha iarupi ajuda a mãe cuidando do fogo, no qual acaba de fritar beiju, o pão dos índios.
Cine major Tomás Reis



967 – Índios iarupi.



968 – Mulher iarupi com panelas de cerâmicas e cabaças feitos de casca de plantas.
Fotos Dr. B. Rondon



969 – O capitão Ten Ten dos índios iarupis. Rio Oiapoque
Foto Dr. B. Rondon.



970 – Salto Trois Sauts. Rio Oiapoque.
Foto Dr. B. Rondon



971 – Para acampar é preciso abrir um claro na mata.
Cine major Tomás Reis.



972 – Acampamento de Manoa.
Cine major Tomás Reis



973 – Rio Oiapoque. A turma que chegou a Trois Sauts.
Foto Dr. B. Rondon



974 – O general Rondon explicando o funcionamento de um relógio aos índios caianã.
Foto Dr. B. Rondon

Índice

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPOS LINGUÍSTICOS	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Aimoré	Índios do Brasil	18	Jê	Aimoré		Florestas do rio Doce	–
Anauquá	Os anauquás	30 a 32	Caraíba	Anauquá		Curso superior do rio Curisevu, afl. rio Xingu	132
Arumá	Outras tribos	18	Caraíba (classificação Dr. Roquette Pinto)	Arumá		Vale do rio Xingu	–
Auêti	Outras tribos	19 e 20	Tupi	Aueti		Rios Curisevu e Tamita-toala, afl. do rioXingu	109 a 120
Bacairi	Tribos do rio San-gue. Os bacairis e cajabis	29 33 a 36	Caraíba	Bacairi		(Rio Novo, afl. do rio Arinos, alto rio Parana-tinga, afl do Teles Pires)	51 a 73
Barbado	V. Vol. I	119	Alófilo	Umutina		Cab. do rio Paraguai	Vol. I 209 a 219
Benaré ou Banaré	Os emerenhóns	269	Tupi	Oiampi		Rio Oiapoque e Barra do Camopi	283 a 287 290 a 292 296 a 298
Botocudo	V. Vol. I	341 a 343	Jê	Botocudo		Estado do Paraná	–
Caianã	–	–	Alófilo	Caianã		Rio Parumã, Fronteira Guiana Francesa	338 a 340
Caimã	Os emerenhóns	291	Tupi misto c. caraíba	Emerenhóm	Caimá	Posto Luís Horta, alto Oiapoque na confluênia do rio Muripi	–
Caiapó	Outras tribos carajás e javaés	20 178 e 179	Jê	Caiapó		Rio das Mortes e cabec. do Xingu e Paranatinga	–
Cajabi	Os bacairis e os cajabis	33 a 36	Tupi	Cajabi		Rio Teles Pires e rio Ver-de, afl. do rio Juruena	41 a 48
Calapalo	Outras tribos	18, 20	Caraíba	Anauquá	Calapalo	Rios Curisêvu e Culuene, afl. do rio Xingu	–
Camaiurá	Outras tribos	19 a 22	Tupi	Camaiurá		Rio Curisevu, afl. do rio Xingu	126 a 131
Canela	–	–	Jê	Carajá		Barra do Corda, rio Tocantins	240
Carajá	Carajás e javaés	158 a 178	Jê	Carajá		Rio Araguaia, desde a foz do rio das Mortes, até o seu curso superior	190 a 233
Canoeiro	Carajás e Javaés	167 a 168	Jê	Canoeiro		Ilha do Bananal, rio Araguaia	–

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Caripuma	Os emerenhóns	256 e 257	Aruaque	Caripuna		Rio Curupi, afl. do rio Uaçá	303
Craô	–	–	Jê	Craô		Cab. pedra Branca Cab. grossa rio Tocantins	241 a 243
Crenaque	Outras tribos	18	Jê	Horda Aimoré	Crenaque	Estado do Espírito Santo. Alto rio Doce	245 e 265
Cuicuro	Outras tribos	18 a 20	Caraíba	Anauquá	Cuicuro	Rio Curisevu, afl. do rio Xingu	124 a 125 133
Custenau	Outras tribos	18	Aruaque	Custenau		Rio Tamitatoal afl. do rio Xingu	
Emerenhóm	Os emerenhóns	249 a 254	Tupi misto c. caraíba	Emerenhons		Entre as nascentes dos rios Aproague, Marroni e Oiapoque	–
Galibi	Os galibis	254 a 256	Caraíba	Galibi		Rio Uaçá, afl. do rio Oiapoque	266 a 270
Gavião	Outras tribos	16 a 17	Jê	Gavião		Margem direita do rio Tocandins, entre Boavista e Imperatriz	289
Guajajara	–	–	Tupi	Guajajara		Barra do Corda, rio Tocantins. Rios Pindaré e Caru	244
Iarupi	–	–	Tupi	Iarupi		Rios Oiapoque e Camopi	329 a 335
Jaruma	Outras tribos	18	Caraíba (classificação Dr. Roquette Pinto).	Jaruma		Rio Culuene	–
Javaé	Carajás e javaés	158 a 178	Jê	Carajá	Javaé	Margem esquerda do rio Araguaia (Bananal)	–
Manitsauá	Outras tribos	18	Tupi	Manitsauá		Manitsauamisu, pequeno afl. do rio Culuene	–
Meinaco	Outras tribos	19, 20, 22, 23	Aruaque	Meinaco		Rio Curisevu, afl. do rio Xingu.	121 a 124
Naravti	Outras tribos	18	Caraíba	Anauquá		Rio Curisevu, afl. do rio Xingu	–
Nhambiquara	Os nhambiquaras	Vol. I 5, 6, 9 a 14	Nhambiquara	Nhambiquara		Entre os rios Juruena e Roosevelt	Vol. I 15 a 69

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS PÁGINAS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Oiampi	Os emerenhóns	249	Tupi	Oiampi		Rios Araguari, Pirauiri e Cue, alto Oiapoque	283 a 287 290 a 292 296 a 298
Paricura	Pariucur-iene͠	257 a 262	Aruaque	Paricura		Rio Urucauá	271 e 272
Saramacá	–	–	–	Negros		Rio Oiapoque	275 a 277
Suiá	Outras tribos	19 e 20	Jê	Suiá		Curso superior do rio Xingu	–
Tapirapé	Os carajás e javaés	160	Tupi	Tapirapé		Rio Tapirapé, afl. do rio Araguaia	–
Trumãe	Outras tribos	19	Alófilo	Trumãe		Rio Curisevu, afl. do rio Xingu	132
Ualapiti	Outras tribos	19	Aruaque	Ualapiti		Rio Culuene, afl. do rio Xingu	108
Uará	Outras tribos	19 e 20	Aruaque	Uaurá		Rio Tamitatoala, formador do rio Xingu	106 e 107 133 a 137
Vaiano	Os emerenhóns	249	Caraíba	Vaiano ou Urucuiana		Rio Jari, afl. do rio Amazonas	–
Xavante	Índios xavantes	151 a 155	Jê	Xavante		Entre os rios Fresco e das Mortes, afl. do Xingu e Araguaia	234 a 236
Xerente	Os carajás e javaés	168 a 171	Jê	Xerente		Rio Piabanha, afl. do rio Tocantins. Entre Piabanha e Carolina; Somaré e Araguaia	–

Índice Geográfico

GRAVURAS

ASPECTO E EPISÓDIOS HISTÓRICOS DO SERTÃO

ÍNDICE DOS TRAÇOS CULTURAIS

AGRICULTURA E CRIAÇÃO DE GADO

ALIMENTAÇÃO

ARTE, ARTEFATOS E OFÍCIOS INDÍGENAS
ARMAS, APARELHOS DE CAÇA E PESCA

CANÇÕES E FOLCLORE

CERÂMICA

IARUPI	Índio iarupi com sua casa.	301
	Na aldeia dos iarupis.	302 e 303
	Mulher iarupi com panelas de cerâmica e cabaças feitas de casca de plantas cucurbitáceas.	304
MEINACO	No porto dos meinacos, veem-se algumas cerâmicas	123

CONSTRUÇÃO DE CASAS E CANOAS

ANAUQUÁ	Casa em construção	132
CAMAIURÁ	Canoas.	102
CARAJÁ	Canoas.	226
	Interior de uma maloca.	226
	Maloca.	218
	Ocara.	225, 228
CRAÔ	Vistas parciais de uma maloca.	241
GALIBI	Aldeia	269
IARUPI	Canoas	272
	Aldeia	271
UALAPITI	Canoa	108
UAURÁ	Maloca	136

ENFEITES INDÍGENAS OU ÍNDIOS COM ENFEITES CARACTERÍSTICOS BEM VISÍVEIS

ANAUQUÁ	Índio com enfeite de penas para as orelhas	143
AUETI	Os auetis raspam os cabelos, em coroa, no alto da cabeça.	113
CAIANÃ	Índio e índia com colares e bracelete.	339 e 340
CAJABI	Enfeites de penas para a cabeça.	46 a 48
	Enfeites para a cabeça, colares feitos de sementes, dentes e conchas.	48
CAMAIURÁ	Índia com um bonito colar.	105
CANELA	Índios canelas em grande gala com enfeites de penas grandes para a cabeça.	240
CARAJÁ	Crianças com colares.	191, 211
	Índios com tatuagem característica.	203, 206, 225, 227
	Índios com adornos para a festa Aruanã.	212 a 217
	Máscaras.	218 a 220
	Chefe carajá com colar e enfeite de lábio.	221 a 225
	Criança em grande gala.	229
CRENÁQUE	Índios com discos de madeira na boca.	245
IARUPI	Índio com tanga e colar.	304 e 305
ÍNDIOS DO XINGÚ	Índio com enfeie para a cabeça.	127
MEINACO	Índios com colares de conchas e enfeites de pernas para as orelhas.	126, 130
OIAMPI	Mulher com braceletes e colar.	285
	Índio com colar e tanga.	304 e 305
	Índia com muitos colares.	286
SARAMACÁ	Negro com tatuagem	277
UAURÁ	Índio com enfeite de penas para as orelhas.	133, 137
	Uaurá com colar de conchas.	133, 140
	Havia um tipo originalíssimo de uaurá com os característicos de suiá.	106
	Outro uaurá com o mesmo sinal.	137

VOCABULÁRIO DAS PALAVRAS INDÍGENAS USADAS

BACAIRI	Kêri-Kame	Significa: A história do começo do mundo, Segundo as suas crenças.	
CAJARI	Akil	Vem	
	Apinacó	Machado	
	Apinim	Facão	
	Muié	Para mim	
CAMAIURÁ	*Maricumate*	Danças das mulheres camaiurás ao cair do sol nos dias de casamento na tribo, acompanhado de uma infinidade de canções, que lembram o dia de casamento de cada uma delas.	18
CANELA	*Kehê Tuagê*	Nome de uma festa dos canelas	240
CARAJÁ	Aragas	Rio Araguaia.	
	Aricocó	Cachimbo.	205
	Aruanã	Festa principal dos carajás. Nome de um peixe, sagrado, quase um deus para esta tribo.	212
	Aturi	Nome individual de um pequeno índio carajá, batizado pelo presidenem da República Getúlio Vargas com o nome de Getulinho.	228
	Auô	Canoa carajá. Ubá, feito de um só toro, e de uma perfeição artística admirável.	226
	Beorocan ou Berô-hôcan	O grande rio, neste caso o Araguaia.	
	Boró	Arraia.	232
	Cabororó	Jacaré.	232
CARAJÁ	Calugi	Refeição. Um composto de peixe, ovos de tartaruga, carne deste mesmo quelônio, do tracajá ou de outros reptis semelhantes, de aipim, molho, verduras – tudo cozinho ao mesmo tempo.	
	Cobei	Nome individual do grande chefe legendário dos carajás.	
	Comantari	Nome individual	
	Coti	Fumo.	
	Cotu	Tracajá *Poducuenys cayennensis.*	
	Cotuni	Tartaruga *Poducuenys expansa.*	231
	Cunhã	Mulher (termo tupi-guarani)	
	Curé	Iguana.	230
	Inã	Nação carajá.	
	Inxã	Aldeia carajá.	228
	Matucari	Homem velho, conselheiro e educador de jovens	
	Ocara	Choupana dos índios.	225
	Reris	Feiticeiros.	
	Taul	Nome próprio do chefe carajá atual.	227
	Tóris	Gente civilizada, os brancos.	
	Tori-bina	Cristão mau.	
	Uachuré	Nome individual	
	Ua-nadioriore	Moça solteira.	
GALIBI	Benaré ou Banaré	Amigo	
	Uarucamã	Uma estrela que os índios galibis consideram o espírito e a força maior de um deus.	
EMERENHÓM	Apecá	Banco do pajé emerenhóm, representando tanto o animal totêmico do pajé, sempre com duas cabeças, uma para cada lado.	

Araruaí	Enfeite de penas de arara para os braços.
Arimaru	Pássaro não classificado
Bapan	Borboleta.
Bericucu	Índia vaiano, grupo étnico caraíba recusa a dança porque não é permitido danças com um emerenhóm, grupo étnico tupi. Ela é bericucu e foi excluída, embora esposa do chefe emerenhóm.
Beru	O nó com o qual o pajé marca os acontecimentos no fio de algodão na festa Turé.
Comixá	Tanga.
Canetara	Enfeite de cabeça dos índios emerenhóns.
Caranarui	Chegada de grande quantidade de formigas.
Carará	Ave ribeirinha *Plotus anhunga*
Caçuru	Pulseira de miçangas das mulheres.
Caxiri	Bebida fermentada dos índios
Cumaru	*Prochilodus* – Peixe.
Cunauaru	Sapo cunauaru, portador de felicidade. Sapo escuro, de olhos vermelhos.
Cutaca	Saracura, galinha-d'água (*Aramites publea*).
Dioiticora	Espécie de rã não classificada.
Egara	Canoa, tipo piroga, feito de um só tronco, cavado a ferro e fogo.
Etu	Cachoeira
Guariba	Macaco *(Alouata seniculus).*
Kãen	Garrafa com pimenta.
Kukuá	Fio de algodão usado na cintura.
Laquerê	Jacaré *(Alligator lucius).*
Maracá	Chocalho.
Marrami	Juriti, espécie de rola ou variedade de pomba *(Leptotila rufaxilla).*
Meiu	Beiju, feito de mandioca e que serve de pão.
Mucura	Gambá. Mucura. Quadrúpede marsupial.
Ourã	Fim das danças cerimoniais na festa Turé.
Pacuita	Remo.
Paracaru	Pássaro não classificado.
Parapi	Prato esmaltado.
Pequi	Marreca *(Dendrocygma fulva* GM*).*
Peticoã	Chincoã *(Coccyzus melanocoryphus).*
Puanuni	Fase de uma dança, na qual os índios levantam os braços e rodam em sentido contrário.
Queixada	Porco-do-mato *(Tayassu).*
Quitô	Rã *(Rana esculanta.)*
Sequiua	*Índio oiampi.*
Sipari	Arraia *(Condropterigio rigidas).*
Soire	Panela de ferro ou de ferro esmaltado.
Tacuru	As três pedras, na cozinha emerenhom, para acender o fogo.
Tapacurá	Franja de algodão, fiada na tribo, para enfeite nas pernas.
Tatu Ete	Barraca pequena, a casa dos emerenhons.
Tauato	Gavião-real *(Morphnus guianensis).*

	Topocó	Caranguejo
	Tucan	Tucano *(Rhamphastus tucanus).*
	Tuiudju	Jabiru. Ave. *(Ciconídeo. Jabiru americanus).*
	Turê	Festa principal dos emerenhons. Música evocativa com as buzinas.
	Uanatu	Pássaro não classificado.
	Uará	Guará. Ave *(Eudocimus ruber L).*
	Uarukamã-Karinã	Canção com qual o pajé começa a festa Turé.
	Udamiaca	Pássaro não classificado.
	Uramicique	Andorinha. Passarinho.
	Urufri	Longo banco do grupo étnico nu-aruaque, representando sempre, como animal totêmico, um jacaré com duas caudas. Às vezes serve aos índios emerenhons na festa Turé para se sentarem e tomar o caxiri.
	Uru-Rauere	Chapéu de penas, só usado pelo pajé.
	Zauara	Onça.
	Zaeiri	Cena da chegada de um tuxaua estranho, da tribo Oiampi e que é recebido pelo chefe.
PARIUCUR	Atiti	Garrafa com pimenta.
	Biu Yaparra	Nome individual.
	Cançará	Pequena tanga dos meninos
	Camuiu-Ienẽ	Um dos clãs dos pariucuras.
	Canharo	Suco de mandioca com pimenta, seca ao sol. ou ao fogo.
	Carumairá	O espírito ou deus que manda e fez o mundo, na crença dos pariucuras.
	Cauacupuc-Ienẽ	Um dos clãs dos pariucuras.
	Ciparipá	Esteira, tecido de junco confeccionado por eles mesmos e sobre os quais dormem.
	Coieru	Colher.
	Cueiu	Tanga de barro, das que usavam os índios da ilha do Marajó.
	Curaúta	*Ananas sativus*
	Datcare	Nome individual.
	Epti	Banco longo e estreito
	Hun-Hon-Ucré	O deus dos brancos. Um homem velho branco, com barba branca.
	Imaprifti	As três pedras que servem de fogão. Significa: *Ima – peixe*, *prifti* – no moquém.
	Iramre	Pajé eleito por aclamação.
	Mabiuru	Preguiçoso.
	Mauropce	Preguiça.
	Meurucá	Paneiro com pratos de barro ou de ferro esmaltado.
	Paraucamã	Panela de barro, ou lugar onde vão buscar a argila com que fabricam os pães de barro.
	Pariucur-Ienẽ	Gente pariucur.
	Ron-uá	Peneira.
	Solieru	Panela de ferro.
	Tucurauá	Muiraquitã, delicada escultura de alto valor estimativo.

	Uacapuni-Ienẽ	Um dos clãs pariucur.	
	Uadarriu-Ienẽ	Um dos clãs pariucur.	
	Uaipri-Ienẽ	Um dos clãs pariucur.	
	Uascare	Caxiri. Bebida fermentada dos índios	
	Uassiri-Ienẽ	Um dos clãs dos pariucur.	
	Urati	Beiju, o pão dos índios.	
	Urumre-uni	O grande rio, neste caso, talvez o Amazonas.	
XERENTE	Uaposum-uará	Cachorro preto, raposa.	

GLOSSÁRIO: FAUNA, FLORA E DIVERSOS

ANINGA	Planta paludícula *(Montrichardia arborescens* Schot*)* Fam aracea.	294
ANTA	Tapir. mampi *(Tapirus americanus).*	97
ANDORINHA	Pássaro de arribação da fam. Fissirostros.	
ARRAIA	Peixe *(Coudropterigio rigidas).* Rio Araguaia.	
BABAÇU	Palmeira *(Orbignia Martiana* Rodr.).	
BAMBU	Gramicácea (*Bambusa arundimácea* Wild).	
BANZEIRO	Vento forte. Diz-se do mar que se agita brandamente.	
BATATA-DOCE	Planta, cujas rizomas tuberculosas são alimentícias.	
BATUQUE	Dança especial entre os negros de Angola.	
BORDUNA	Arma dos índios, espécie de tacape grosso e pesado, Feito de madeira.	229
BUBUIA	Boiando ao sabor da correnteza *(Termo tupi-guarani)*	
BUGIO	Macaco, também denominado guariba.	
BURITI	Palmeira. (*Mauritia vinifera* Mart.).	
CAPIVARA	Mamífero roedor do Brasil *(Hydrochoerus capubara).*	
CARÁ	Planta semelhante ao inhame e de raiz farinácea *(Alocasia).*	
CARANGUEJO	Animal crustáceo, o mesmo que anhinga (*Plotus anhinga* L).	
CARDUME	Bando de peixe	
CASTANHEIRA	Árvore, cujas sementes têm grande valor comercial no mundo inteiro. Castanhas-do-pará *(Bertholletia excelsa).*	
CAXIRI	Bebida alcoólica fabricada pelos índios.	
CHINCOÃ	Pássaro *(Coccyzus melanocoryphus).*	
CIGARRA	Inseto hemíptero, que durante o tempo calmoso emite ruídos estridentes e monótonos.	
CORUJA	Ave noturna, de rapina, pertence à fam. *Strigidae*.	
CAMARU	Peixe *(Prochilodus).*	
GAFANHOTO	Inseto verde-amarelo, da ordem dos ortópteros saltadores.	
GAMBÁ	Quadrúpede marsupial. Animal mamífero, cuja fêmea tem sob o ventre uma espécie de bolsa, em que conduz os filhos *(Didelphis aurita).*	
GAVIÃO-REAL	Ave *(Morphnus guianensis).*	
GUARÁ	Ave pernalta *(Eudocimus ruber L.)* Fam. Ibidirae.	
GUARIBA	Designação dos macacos do gênero *Alouatta*, antigamente conhecido por *Mycetes*. É no norte do Brasil o mesmo que no sul: bugio	

IGUANA	*(Iguana delicatissimo tuberculata?)* Réptil semelhante à lagartixa, porém de tamanho maior.	230
JACARÉ	Espécie de crocodilo *(Alligator sclerops).*	232
JACUMÃ	Pequeno remo que serve de leme.	
JATOBÁ	Árvore *(Hymenaea stilbocarpa e Hymenaea Courbaril)* cujas cascas resinosas os índios usam para a fabricação de canoas.	
JAÚ	O maior peixe de água doce.	
JENIPAPO	Árvore, rubiácea. *(Genipa americana* L.*)* cujas frutas os índios usam na alimentação e para pintura do corpo com uma cor preto-azulada.	
JIBOIA	Grande serpente, a maior do Brasil *(Boa constrictor).*	
JUÇARA	Palmeira. A mesma do açaizeiro *(Euterpe edulis* Mart.*).*	
MANDIOCA	Planta euforbiácea, cuja raiz é alimentícia *(Manihot utilíssima).*	
MANGABEIRA	Árvore apocinácea do Brasil.	
MARIBONDO CABA	Inseto dos maiores de sua espécie cujas picadas são muito dolorosas e que tem coloração avermelhada e preta.	
MARISCO	Peixe. Diz-se de uma variedade de truta.	
MEZINHA	Remédio caseiro.	
MUIRAQUITÃ	Ou pauraquitã, delicada escultura em nefrite ou jadeíte, que constitui amuleto de alto valor estimativo, venerado pelos índios.	
MUTUCA	Espécie de mosca grande, que persegue o gado, e cuja moderdura é muito dolorosa.	
ONÇA	Pequeno jaguar *(Felix uncia).*	
PAJÉ	Sacerdote, curandeiro ou feiticeiro entre os indígenas.	
PEQUIZEIRO	Grande árvore sapindácea, de excelente madeira para construção naval. Seus frutos excessivamente aromáticos, servem para a fabricação de um licor especial e são também cozidos e comidos com arroz em Mato Grosso.	
PIABA	Espécie de peixe de água doce.	
PIRANHA	Peixe do Amazonas e seus afluentes, de dentes anavalhados e mordedura perigosa.	
ARPIRARA	Peixe grande (*Pirarara bicolor* Spix).	
PIRARUCU	Peixe do norte do Brasil, muito apreciado e de grandes dimensões, semelhante ao bacalhau.	
QUEIXADA	Porco-do-mato. Pertence a uma família própria do Brasil. *(Tayassudidae).*	
RÃ	Espécie de batráquio *(Rana esculanta).*	
SAÚVA	Formiga *(Oecodoma cephalotes)* muito nociva aos pomares e a outras culturas.	
TACACÁ	Iguaria picante do Norte do Brasil, espécie de caldo grosso de mandioca.	
TACAPE	Arma dos índios para a festa e para a guerra, feito de madeira leve e pintada para as festas.	227
TAJÁ	O mesmo que *taioba*. Planta arácea.	
TANGA	Envoltório, com que os índios velam o corpo, desde o ventre até as coxas.	

TARTARUGA	Quelônio, abundante nos rios do interior do Brasil, especialmente em Mato Grosso e na Amazônia.	231
TAUARI	Árvore. Lecitidácea *(Couratari tauari)*. Os índios usam as fibras têxteis para a confecção de máscaras e usam a palha também para embrulhar o tabaco, formando grandes cigarros, que mais parecem charutos.	
TIPITI	É um cilindro, feito de talas, elástico, em que se mete a massa de mandioca para retirar o líquido e assim, seca, enviar à fabricação da farinha.	293
TOCANDIRA	Formiga, cuja picada é dolorosíssima e muito venenosa *(Dinoponera grandis)*.	
TUCANO	Ave *(Rhamphastus)*. Distingue-se de todas as aves por seu bico enorme, que é quase tão comprido e tão grosso como o corpo destes animais.	
TUCUPI	Molho de manipueira. Suco de raiz de mandioca *(Língua tupi)*.	
TUIUIÚ	Grande ave ribeirinha do Brasil, que se alimenta de peixes. Ord. ardeiformes. Fam. ciconiidae. O mesmo é conhecido por *jabiru*.	
UBIM	Palmeira *(Geonoma)*. Há muitas espécies.	
URBE	Vila, cidade pequena.	
URUBU-REI	Ave grande, formosa, e rara *(Sarcoramphus papa)*. É um urubu de penas brancas.	
URUCUM	Substância tintorial extraída de uma polpa avermelhada que reveste as sementes do arbusto *(Bixa Orellana)*.	
VICTÓRIA-RÉGIA	Planta da fam. das ninfáceas *(Victoria regia,* Ldl.*)* que se encontra no Estado de Mato Grosso e na bacia do Amazonas e seus tributários.	

NOTA: As páginas 230, 238 a 240 deste Tomo II.º do álbum *Índios do Brasil*, encontram-se alguns tópicos das descrições publicadas no Livro de Willy Aureli: *Roncador*, págs. 17 e 32.

Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque,
de Cândido Mariano da Silva Rondon, foi composto em Garamond,
corpo 13/15, e impresso em papel polen soft 80 g/m², nas oficinas da
Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em julho de 2019, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes, encontram-se fotografias de índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos bandeirantes – como é o caso típico dos aritis, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de parecis pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Ariti", conforme verificamos, estudando a sua língua e os seus costumes – assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os nhambiquaras, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que trancrevemos a fls. 49 de nosso modesto trabalho: "'Etnografia' – Anexo nº 5 – Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas", no qual tratamos resumidamente dos aritis e dos nhambiquaras (edição há muito inteiramente esgotada).

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se for preciso; matar, nunca!"

Cândido Mariano da Silva Rondon
General, presidente do CNPI –
Conselho Nacional de Proteção aos Índios


9 788570 189509 >

SENADO FEDERAL 